Igreja Emocionalmente Saudável

Uma estratégia de discipulado que realmente transforma vidas





Peter Scazzero
e Warren Bird

Prefácio *de* Leighton Ford

SUMÁRIO

Prefácio
Prefácio *Edição expandida*
Parte 1
O elo perdido do discipulado
introdução
Como anda o líder, assim anda a igreja
Algo está extremamente errado

Parte 2

Bases bíblicas para um novo paradigma de discipulado

A nova fronteira do discipulado — Saúde emocional

Questionário sobre maturidade espiritual/emocional

Parte 3

Os sete princípios de uma Igreja emocionalmente Saudável

Princípio 1: olhe abaixo da superfície

Princípio 2: Quebre o poder do passado

Princípio 3: Viva em quebrantamento e vulnerabilidade

Princípio 4: receba o dom do limite

Princípio 5: Aceite o luto e a perda

Princípio 6: Faça da encarnação o seu modelo de amor

Princípio 7: Desacelerar para liderar com integridade

Parte 4

Para onde vamos daqui?

Próximos passos em direção à nova fronteira do discipulado

Anexo: igreja New Fellowship, equipe Pastoral — regra de Vida. *Nossas diretrizes para convivência.*

Bibliografia

Agradecimentos



PREFÁCIO

Em uma noite fria de inverno, nosso telefone tocou. um jovem pastor que eu conhecia e admirava havia alguns anos ligou inesperadamente. Sua voz estava tensa, e ele logo despejou a história da crise pela qual estava passando tanto no ministério como no casamento. escutei, disse algumas palavras de encorajamento e conselho e orei com ele.

Antes de desligarmos, eu disse a ele: "Não creio que este seja o fim do seu ministério. Apesar da dor pela qual você está passando, talvez esta seja a melhor coisa que poderia ter acontecido a você neste momento". Às vezes, quando parece que chegamos ao fim, nossa verdadeira missão está apenas começando!

Aquele jovem pastor era Peter Scazzero, e aquela crise era uma "graça disfarçada". Foi por causa dela que Pete alcançou um senso mais forte do seu chamado e da sua identidade, um amor mais profundo no casamento, uma congregação mais saudável e cheia de vida e este útil e belo livro.

Espero que *Igreja emocionalmente saudável* seja lido e levado a sério por muitos pastores e líderes cristãos. Creio que Peter Scazzero foi muito preciso ao escrever que "a saúde geral de qualquer igreja ou ministério depende principalmente da saúde emocional e espiritual da sua liderança".

Sabemos que igrejas saudáveis precisam de líderes saudáveis. A novidade está na insistência de Scazzero de que isso deve incluir saúde emocional. Por muito tempo, tem-se exigido que os líderes preservem a sua vitalidade espiritual, pratiquem exercícios físicos e tenham crescimento intelectual. mas pouca ênfase tem sido dada ao bem-estar emocional.

Em boa parte do ensino evangélico que ouço, as emoções têm sido desconsideradas. Fomos ensinados sobre "fatos, fé, e sentimentos" — nesta ordem. A fé deveria se basear nos fatos da mensagem cristã (com certeza,

uma ênfase essencial), mas não deveríamos confiar nos sentimentos porque eles são incertos, secundários e indignos de confiança. Por certo, há verdade nessas afirmações. os sentimentos com certeza são instáveis — os meus, sem dúvida, são!

Entretanto, embora nossas emoções possam ser instáveis, não deixam de ser importantes!

A Bíblia não omite o quociente emocional da nossa humanidade. Suas personagens — os irmãos de José com sua rivalidade; moisés e a sua ira; Paulo em seu triste anseio por uma visita de timóteo, seu filho na fé — eram pessoas reais com emoções reais. mesmo nosso Senhor teve uma forte vida emocional como um homem que podia chorar de tristeza, podia se enfurecer e ainda experimentar plenitude de alegria.

Em parte, nossa relutância em lidar honesta e abertamente com as nossas emoções tem sido causada por uma visão inadequada da encarnação. Afirmamos que nosso Senhor Jesus era Deus em carne, mas, ao mesmo tempo, lá no fundo do nosso ser, assumimos que a natureza humana de Jesus não era de fato real, mas, sim, um tipo de disfarce. Além disso, a Bíblia nos ajuda a compreendermos a nós mesmos, e foi isso que Peter Scazzero aprendeu tanto com a dor vivida por ele e pela esposa, Geri, como com sua releitura das escrituras que agora compartilha conosco.

Ao ler *Igreja emocionalmente saudável,* pude identificar-me com muito do livro. Vivi experiências semelhantes e momentos em que fui emocionalmente testado. e o mesmo acontece com a maior parte dos jovens pastores e líderes cristãos que aconselho espiritualmente. A história de Peter Scazzero, uma história de crescimento por meio da dor até chegar à saúde pessoal e congregacional com o auxílio do espírito de Cristo, traz esperança a todos nós!

Leighton Ford
Presidente do ministério Leighton Ford
Charlotte, Carolina do Norte



PREFÁCIO

DA EDIÇÃO EXPANDIDA

Depois de vários anos vivendo os princípios de *Igreja emocionalmente saudável* na igreja local que pastoreio, escrevi estes princípios na primeira edição deste livro. minha intenção era falar especialmente a pastores, presbíteros, diáconos, ministros e líderes de grupos. mal sabia eu que sua mensagem se espalharia muito além de líderes de igrejas, alcançando inúmeras pessoas que lutam para integrar a saúde emocional e a espiritualidade bíblica. Ainda mais surpreendente foi a centralidade dessa questão não apenas para a igreja na América do Norte, mas em todo o mundo.

Nesses sete anos desde a primeira edição, meu entendimento dos seis princípios que constroem igrejas emocionalmente saudáveis foi aguçado, aprofundado e ampliado. Cresci teologicamente ao encontrar novas aplicações do material para a minha vida pessoal e para a liderança. Por isso, cada capítulo foi edita-do, expandido e atualizado.

Além disso, essa jornada levou-me a acrescentar um indispensável sétimo princípio: liderar com integridade. o ritmo da minha vida desacelerou consideravelmente quando comecei a integrar saúde emocional ao discipulado. Leva tempo — muito tempo — para sentir, ouvir, refletir, dar atenção ao que está acontecendo ao nosso redor e em nós. isso mudou radicalmente minhas prioridades em casa e no trabalho. A saúde emocional também criou um desejo de comunhão mais profunda com Deus em Geri e em mim, o que por sua vez levou à exploração de práticas espirituais contemplativas, culminado em um período sabático de quatro meses em 2003-2004. Nosso objetivo era estudar as riquezas da tradição contemplativa e suas aplicações para uma igreja de missões como a nossa. essa imersão em disciplinas espirituais como silêncio e solidão

transformaram-nos e acabaram transformando nossa igreja. reflexões sobre essas experiências estão espalhadas por todo o livro.

Embora a contemplação tradicional tenha ajudado consideravelmente os meus esforços para liderar com integridade, eu ainda precisava aplicar a saúde emocional à liderança, o que se mostrou uma tarefa complexa e desafiadora. Descrevo os desdobramentos dessa tarefa no capítulo "Diminua o ritmo para liderar com integridade". uma última nota: resista à tentação de passar rapidamente pelas páginas deste livro. este não é um livro para ser lido em uma ou duas sentadas. Não é simplesmente a última ideia fascinante para incorporar nas suas conversas sobre Deus com seus colegas ou membros da sua igreja. Convido-o a lutar profundamente com estas verdades, refletindo sobre como se aplicam a sua vida interior e sua liderança. Você poderia passar a vida toda perscrutando a profundidade de cada uma — dos limites, ao quebrantamento, ao pesar, a aprender a amar como devemos. Por favor, leia devagar, em oração e meditação. enquanto lê, pergunte-se: "o que Deus está querendo me falar com isso?". Você pode anotar as aplicações pessoais em um caderno ou no final do livro, citando o número da página para referência futura.

Certifique-se de compreender a mensagem central: saúde emocional e maturidade espiritual são inseparáveis. Não é possível ser maduro espiritualmente e permanecer emocionalmente imaturo. Quando você entender isso, entrará em uma nova etapa da sua jornada espiritual. Poucos retornam a um discipulado superficial que enfatiza exageradamente as atividades, mas não transforma profundamente de dentro para fora. Pela graça de Deus, você nunca mais será o mesmo. Você embarcará em uma jornada emocionante em direção a uma vida que tocará todos ao seu redor — em sua família, igreja, lugar de trabalho e em seu bairro.



PARTE 1

O ELO PERDIDO DO DISCIPULADO



INTRODUÇÃO

Há alguns anos, minha esposa, nossas quatro filhas e eu fomos convidados para participar de um acampamento cristão para a família durante uma semana no Colorado. Acreditávamos que aquela seria uma viagem inesquecível.

Aterrissamos no Aeroporto internacional de Denver e seguimos de carro para as montanhas por mais umas quatro horas. enquanto dirigia, comecei a ficar muito cansado e pensei que o voo e a falta de cafeína poderiam ter contribuído para a minha sonolência. Pedi a minha esposa, Geri, que dirigisse, mas ela estava apavorada com a estrada estreita e cheia de curvas.

Em determinado momento, porém, minha visão escureceu subitamente, e eu saí da pista. Parei o carro. Como já havíamos saído das montanhas, Geri assumiu a direção. Atribuímos o lapso momentâneo à fadiga.

Quando chegamos ao acampamento, cerca de 2.700 metros acima do nível do mar, fizemos o registro e nos preparamos para uma semana maravilhosa nas montanhas rochosas. A vista era de tirar o fôlego; as montanhas, um reflexo impressionante da glória de Deus.O roteiro da semana incluía atividades apropriadas para cada faixa etária das crianças, que tinham entre 6 e 15 anos na época, e também para nós, adultos.

Não consegui dormir naquela primeira noite. talvez fosse o travesseiro diferente. orei para que não estivesse gripado. Participei das atividades do dia e tentei esquecer as dores. A segunda noite foi uma repetição da primeira, apenas por uma tosse que não parava. Sim, eu estava com gripe, não havia dúvida.

Geri, as crianças e eu oramos para que Deus me curasse e eu pudesse aproveitar essa oportunidade única. Deus pareceu não ouvir. um médico do meio-oeste também estava participando do acampamento com a sua família.

Aproximei-me dele no café da manhã e disse-lhe que estava com sintomas de gripe e tossindo. Será que ele se importaria de receitar-me alguma coisa para que eu pudesse dormir à noite? “Sem problemas”, respondeu ele. “Vou dar a você o remédio mais forte para tosse disponível e um antibiótico.”

No terceiro e no quarto dias, entretanto, eu piorei. Nesse ponto, Geri já não estava falando comigo. ela deduziu que eu trabalhara demais antes da viagem e exaurira o corpo. o seu sonho de aproveitarmos essa viagem maravilhosa como casal e família se desvanecera. ela estava decepcionada, para dizer o mínimo. tossi a noite inteira, por isso ela foi dormir no outro quarto com nossas duas meninas mais velhas. No quinto dia, nós trocávamos olhares, mas poucas palavras.

Ela estava triste e brava. eu me sentia culpado. A história parecia estar se repetindo, eu doente nas férias e nos feriados.

O mais estranho para mim era que cada dia que passava eu parecia estar pior. No quinto dia, eu mal conseguia andar para ir jantar e começara a cuspir um muco vermelho. “Deve ser o remédio vermelho para tosse”, disse a mim mesmo. eu não conseguia comer e quase terminara com o vidro de remédio, e a tosse só se tornava mais implacável. Com certeza havia algo em meu peito.

Na sexta e última noite, eu ainda não dormira. Comecei a ficar com medo. Levantar da cama estava ficando difícil. Levei trinta minutos para ir da cama ao banheiro.

Era óbvio que eu estava com problemas. Precisava ver um médico.

Na manhã seguinte, disse a Geri que precisava de ajuda. estava piorando.

As crianças estavam tendo as melhores férias da vida, e estávamos muito longe das ruas de Nova York, portanto aguentei durante o almoço e tentei me despedir de todos da melhor forma possível.Então entramos no carro para ir ver um médico do texas que estava nas montanhas do Colorado para servir num acampamento de jovens ali perto.

Ele verificou meus sintomas, escutou o peito e sugeriu que eu estava com pneumonia. em seguida, a enfermeira colocou um monitor em meu dedo para verificar o nível de oxigênio e viu que eu estava com dificuldade para respirar.

Talvez eu estivesse tendo um ataque do coração. Quem poderia saber?

Nesse momento eles ficaram alarmados e recomendaram-me ir a um hospital tratar a pneumonia.

O hospital mais próximo ficava a quase duas horas dali. Geri dirigiu. eu sentia a minha vida esvaindo-se e comecei a perder a consciência.

Passamos por uma série de cidadezinhas. Nenhum hospital. Onde estavam os hospitais? Como sentia falta de Nova York!

Um conselho errado que quase arruinou a minha vida

Finalmente chegamos a nosso destino, onde um amigo de um amigo iria nos emprestar a sua casa. Fomos deixar as crianças, e uma das vizinhas me viu deitado na parte de trás da *minivan*. Geri descreveu os meus sintomas, e, agitada, a mulher disse a ela: “Leve-o à clínica médica descendo a rua imediatamente. ele está com ePrA”.

Não sabíamos do que ela estava falando, mas Geri voltou para o carro com um olhar de compaixão. isso ajudou.

A enfermeira da clínica olhou para mim e passou-me na frente das pessoas da sala de espera. eles me colocaram num monitor que media o nível de oxigenação e viram que eu estava respirando com menos de 44% da capacidade.

Imediatamente outra médica entrou correndo e colocou-me em uma máscara de oxigênio. Disseme, então, que sem auxílio médico em poucas horas eu entraria em coma e na manhã seguinte teria morrido. eu estava chocado. A radiografia revelou que meus pulmões estavam cheios de líquido.

eu tinha edema pulmonar relacionado à altitude elevada (ePrA), uma forma severa de mal de altitude, popularizada no filme *Limite vertical.* É relativamente incomum que uma pessoa desenvolva e PrA entre 2.500 e 4.000 metros.

A equipe médica pensou em transferir-me, imediatamente, por via aérea, para uma altitude mais baixa, mas respondi bem ao oxigênio. em cerca de vinte minutos dormi pela primeira vez em quase uma semana.

Passei a semana seguinte ligado a um cilindro de oxigênio. Levou quase três semanas para que meus pulmões ficassem limpos e eu conseguisse andar sem sentir falta de ar.

Muitos médicos, inclusive alguns do Colorado, não estão familia-rizados com a ePrA. Como poderiam estar? mas, mesmo assim, o Colorado tem as

maiores altitudes dos estados unidos continental.

Os dois primeiros médicos que me viram deram um diagnóstico errado. Para ser sincero, na primeira vez eu me diagnosticara, e o médico simplesmente concordou. mas quase morri.

Os outros médicos não estavam preparados para aconselhar pacientes doentes nas montanhas do Colorado. o conselho errado deles quase acabou com a minha vida terrena. igualmente, percebi que nós, pastores e líderes, com frequência damos conselhos inadequados às pessoas espiritualmente doentes que enchem nossas igrejas. Nosso treinamento é inadequado para tratar das profundas necessidades das pessoas.

Ao longo da minha jornada de crescimento como cristão, recebi ensino e treinamento que me fizeram muito bem, mas infelizmente a maioria das soluções era temporária. As prescrições falhavam em arrancar os padrões e hábitos pecaminosos da minha vida.

Nosso conselho errado mantém as pessoas espiritualmente imaturas

> "Infelizmente, muitas pessoas permaneceram doentes, e algumas chegaram a "morrer" sob minha liderança."

Preciso admitir que, assim como aqueles médicos, já diagnostiquei errado pessoas que vieram me pedir ajuda. Quando alguém tinha problemas de relacionamento ou questões emocionais, eu aplicava todos os remédios espirituais que conhecia. Infelizmente, muitas pessoas permaneceram doentes, e algumas chegaram a "morrer" sob minha liderança. Por exemplo:

- Um casal vem conversar comigo depois de o marido ter admitido ter tido um relacionamento extraconjugal de um ano com uma amiga da família cinco anos atrás. estou agradecido pela convicção do espírito Santo em sua vida. oro por eles e recomendo à esposa um livro sobre casamento que tem um excelente capítulo sobre perdão. exorto-os a buscarem a Deus de todo o coração. oro e espero pelo melhor.
- Um músico talentoso une-se a nossa igreja para usar os seus dons para Deus. ele é carismático e experiente. A congregação o ama. ele pede a muitos de nós para orarmos por sua esposa a fim de que Deus ponha o coração dela nas coisas certas. Nós oramos. oro e espero pelo melhor. mais tarde, ficamos sabendo que o atrito não é pequeno. o conflito já tem anos, ela se mudou e vive a 800 quilômetros de distância, e ele inegavelmente é parte do problema.
- Armstrong é um amigo e líder no ministério. Ele serve sempre que há uma necessidade. o único problema é que ele é temperamental, imprevisível e mal-humorado. todos ficam atentos perto dele. oro e espero pelo melhor.
- Larry tem 40 anos, é solteiro e está desempregado novamente. Seu currículo tem quatro páginas. ele raramente fica mais de poucos meses em um emprego ou em um relacionamento com o sexo oposto. Nós

oramos por ele e o encorajamos a afirmar a sua identidade em Cristo além de pedirmos a Deus para abrir novas portas para ele. oro e espero pelo melhor.

Hoje, deixei de simplesmente orar e esperar pelo melhor. Cada uma das cenas acima exigia um nível de discipulado que vai além de um ajuste rápido e superficial. mais tarde, cada um deles se subme-teu a um tratamento sério e com muita oração das questões mais profundas que vou destacar neste livro. Contudo, em primeiro lugar, eu como líder precisava passar por uma revolução na minha forma de compreender e trabalhar com o discipulado.

Espiritualidade desequilibrada

A triste verdade é que há pouca diferença, em termos de maturidade emocional e de relacionamentos, entre o povo de Deus dentro da igreja e aquelas pessoas lá fora que afirmam não ter um relacionamento com Jesus Cristo. Ainda mais alarmante, quando vamos além do louvor e da adoração de nossos grandes encontros e convenções e entramos nas casas e pequenas reuniões do povo de Deus, é que geralmente encontramos um vale atulhado de relacionamentos quebrados.

Alguma dessas pessoas se parece com alguém em sua igreja?

1. o membro do conselho que nunca diz “eu estava errado” nem “Sinto muito”.
2. o líder do ministério infantil que está sempre criticando os outros.
3. o líder de grupo controlador que não tolera pontos de vista diferentes.
4. o homem de meia-idade, pai de duas criancinhas, que é secretamente viciado em pornografia.
5. o marido de 35 anos sempre ocupado servindo à igreja, mas inconsciente da solidão da sua esposa em casa.
6. o líder de louvor que interpreta qualquer sugestão como um ataque e uma rejeição pessoal.
7. o professor da escola Bíblica Dominical que luta contra sentimentos de amargura e ressentimento para com o pastor, mas tem medo de conversas sobre o assunto.
8. o “servo” exemplar, voluntário incansável em quatro ministérios diferentes, mas que raramente separa um tempo para cuidar de si mesmo.
9. Dois intercessores que usam as reuniões de oração para escapar da realidade dolorosa do casamento deles.
10. A pessoa do seu grupo que nunca é transparente sobre as suas lutas e dificuldades.

Eles podem se apresentar como pessoas maduras, mas há um terrível desequilíbrio na espiritualidade deles. A triste realidade é que muitas pessoas em nossas igrejas estão presas a um estágio de imaturidade espiritual que os modelos atuais de discipulado não tratam.

"A triste realidade é que muitas pessoas em nossas igrejas estão presas a um estágio de imaturidade espiritual que os modelos atuais de discipulado não tratam."

Muitos são "supostamente maduros", mas permanecem bebês, crianças ou adolescentes emocionalmente. eles demonstram pouca habilidade para processar a raiva, a tristeza ou a dor. eles choramin-gam, reclamam, distanciam-se, cul-pam os outros e são sarcásticos — exatamente como crianças pequenas quando não conseguem o que querem. Altamente defensivos a críticas ou diferenças de opinião, eles esperam que os outros cuidem deles e com frequência tratam as pessoas como objetos para suprir as suas necessidades.

A resposta é o assunto deste livro. A raiz do problema está em uma espiritualidade defeituosa, que tem a sua origem em uma teologia bíblica defeituosa. muitos cristãos receberam treinamento útil em determinadas áreas essenciais do discipulado, tais como oração, estudo bíblico, adoração, descoberta de dons espirituais ou aprender a expor o evangelho a outras pessoas. entretanto, os seguidores de Jesus também precisam de treinamento e habilidade para ver além da superfície do *iceberg* na sua vida, para quebrar o poder do passado de influenciar o presente, para viver em quebrantamento e vulnerabilidade, para conhecer os seus limites, para aceitar a perda e a dor, para tornar a encarnação o seu modelo para amar e para desacelerar a fim de liderar com integridade. Amar a Deus e aos outros como devemos é o clímax e o objetivo de todo este livro.

Apesar de toda a ênfase que há hoje na formação espiritual, líderes de igrejas raramente examinam a maturidade espiritual no que se relaciona à

saúde emocional. Por essa razão, nossas igrejas estão cheias de pessoas que permanecem emocionalmente inconscientes e socialmente imaturas. infelizmente, posso me lembrar de inúmeros não cristãos que são mais amorosos, equilibrados e educados do que muitos membros de igrejas que conheço (inclusive eu mesmo).

O elo entre saúde emocional e maturidade espiritual é uma grande área inexplorada do discipulado. Acredito que precisamos desesperadamente reexaminar toda a escritura — e a vida de Jesus em especial — para compreender a dinâmica dessa relação.

Embora eu acredite no papel importante dos conselheiros cristãos profissionalmente treinados para trazer perícia à igreja, também acredito que a igreja de Jesus Cristo é o principal veículo para nosso crescimento em direção à maturidade espiritual e emocional. infelizmente, por muito tempo, na igreja, temos delegado questões "emocionais" ao escritório do terapeuta e assumido responsabilidade somente por problemas "espirituais". essas duas áreas são inseparáveis e ambas são essenciais para um discipulado bíblico pleno.

"O elo entre saúde emocional e maturidade espiritual é uma grande área inexplorada do discipulado."

Creio de todo o coração que o Senhor Jesus e a sua igreja são a esperança do mundo. estou comprometido com a escritura como Palavra de Deus e autoridade sob a qual devemos viver como igreja de Deus. eu tenho ensinado a escritura por toda a minha vida adulta e permaneço comprometido com a indispensabilidade da escritura, oração, comunhão, adoração, fidelidade no uso dos dons espirituais, grupos caseiros e vida em comunidade, mordomia de nossos recursos e com a centralidade do evangelho em toda a nossa vida. Mas, a menos que integremos a maturidade emocional como foco do discipulado, corremos o risco de perder completamente o foco de Deus — o amor.

Escrevo como pastor, não como terapeuta ou conselheiro profissional. Sou pastor presidente de uma grande igreja internacional e multiétnica com pessoas de mais de 65 nacionalidades diferentes. Portanto, escrevo com um profundo amor pela igreja de Jesus Cristo. Também estou muito ciente de que o "centro de gravidade no mundo cristão mudou inexoravelmente em direção ao sul, para a áfrica, ásia e América Latina. Hoje, as maiores comunidades cristãs do Planeta estão na áfrica e na América Latina."[Nota 1] minha oração é para que este livro contribua para o desenvolvimento de pais e mães espirituais na fé para essas igrejas e outras em todo o mundo.

Aceitar a verdade acerca das minhas emoções dá lugar a nada menos do que uma revolução em minha compreensão de Deus, da escritura, da natureza da maturidade cristã e do papel da igreja. Não posso mais negar a verdade de que a maturidade emocional e espiritual são inseparáveis.

A misericórdia de Deus permitiu que eu sobrevivesse e contasse esta história. Se você gostaria que Deus transformasse você e sua igreja, convido-o a continuar lendo.

Nota 1 - Jenkins, Philip. The Next Christendom: The Coming of Global Christianity. New York: Oxford Univ. Press, 2002. [A próxima cristandade: a chegada do cristianismo global. São Paulo: Record, 2004.] [Voltar]



COMO ANDA O LÍDER, ASSIM ANDA A IGREJA

A saúde geral de qualquer igreja ou ministério depende principalmente da saúde emocional e espiritual da sua liderança. De fato, a chave para uma liderança espiritual bem-sucedida está muito mais relacionada à vida interior do líder do que a sua experiência, dons ou competência. Levei muito tempo para perceber que mais um seminário sobre liderança ou mais informações não eram a chave para uma liderança da igreja "bem-sucedida". Na verdade, minha jornada em direção a liderar uma igreja espiritual e emocionalmente saudável não foi desencadeada em um seminário nem em um livro. Para dizer a verdade, essa jornada iniciou em casa com uma conversa muito dolorosa.

Minha esposa já não podia aguentar

— Pete, vou deixar a igreja — murmurou minha esposa, Geri, calmamente.

Fiquei quieto, atordoado demais para responder.

— Não aguento mais todo esse estresse, as crises constantes — continuou ela.

Geri tinha sido mais do que paciente. Ano após ano, eu trazia para casa toda pressão e tensão da igreja. Agora, a mulher a quem eu prometera amar como Cristo amava a igreja estava exausta.

Nós vivêramos oito anos de estresse incessante.

— Eu não vou continuar assim — concluiu ela. — esta igreja não é mais vida para mim. É morte.

Quando um membro diz "estou deixando a igreja", a maioria dos pastores não se sente muito bem. mas, quando sua esposa há nove anos diz isso, seu mundo vira de cabeça para baixo.

Nós estávamos no quarto. Lembro-me muito bem daquele dia.

""Esta igreja não é mais vida para mim. É morte.""

— Pete, eu o amo, mas estou deixando a igreja — resumiu ela, com muita calma. — eu não respeito mais a sua liderança.

Eu estava visivelmente abalado e não sabia o que dizer ou fazer. Sentia-me envergonhado, sozinho e furioso.

Tentei levantar a voz para intimidá-la: — isso está fora de questão — vociferei. — tudo bem, eu cometi alguns erros.

Ela, porém, continuou calmamente: — Não é tão simples assim. Você não tem coragem para liderar, para confrontar as pessoas que precisam ser confrontadas. Você não lidera. Você tem medo de que as pessoas saiam da igreja. tem muito medo do que elas vão pensar a seu respeito.

Eu estava indignado.

— Estou tratando disso! — respondi na defensiva. — estou me esforçando. (Durante os últimos dois anos, eu realmente estivera tentando, mas por algum motivo ainda não conseguira.) — Bom para você, mas não posso esperar mais — ela respondeu.

Um longo silêncio se seguiu. em seguida, ela pronunciou as palavras que mudaram o nosso casamento para sempre: — Pete, eu desisto.

Costuma-se dizer que a pessoa mais poderosa do mundo é aquela que não tem nada a perder. Geri não tinha mais nada a perder. ela estava morrendo interiormente, e eu não ouvira nem respondera a seus pedidos de socorro.

Ela prosseguiu calmamente: — eu o amo, Pete. mas a verdade é que seria mais feliz separada do que casada. Pelo menos, você ficaria com as crianças no final de semana. talvez, então, você escutasse!

— Como você pode dizer isso? — reclamei. — Nem pense nisso.

Ela estava calma e permanecia resoluta em sua decisão. eu estava furioso. uma boa esposa cristã, casada com um homem cristão (e um pastor devo acrescentar), não faz isso. Naquele momento entendi como um marido podia ter um ataque de fúria e matar a esposa que ama.

Ela estava se impondo. estava me forçando a escutá-la.

Eu queria morrer. isso ia exigir que eu mudasse.[Nota 1]

O início desta confusão

Como nós chegamos a esse ponto?

Oito anos antes, minha esposa e eu recebemos uma visão de implantar uma igreja entre as classes trabalhadoras do Queens, Nova York, que treinaria líderes para implantarem outras igrejas tanto em Nova York como em todo o mundo.

Talvez seja mais preciso dizer que eu tinha uma visão e Geri a seguiu. Segundo a Bíblia, não era assim que se deveria tomar grandes decisões em um casamento?

Agora, depois de quatro filhos, ela estava desgastada e queria uma vida e um casamento. Naquele momento, eu tive de concordar.

O problema era o meu senso de responsabilidade para edificar a igreja e as outras pessoas. Sobrava pouca energia para cuidar das nossas filhas e estar com Geri. eu tinha ainda menos energia para desfrutar da "vida", seja lá o que fosse isso! mesmo quando estava fisicamente presente, por exemplo, assistindo a um jogo de futebol de uma das nossas quatro filhas, minha mente geralmente estava focada em alguma coisa relacionada com a igreja.

Lembro-me de ter ficado imaginando: "Será que preciso viver uma vida tão miserável e ser tão pressionado para que outras pessoas possam desfrutar de Deus?" . Com certeza, era isso que eu pensava.

Semanas se transformaram em meses. meses, em anos. os anos já estavam chegando a uma década, e a crise agora estava prestes a estourar. A dura realidade é que durante esses nove anos eu separara pouco tempo para as alegrias de ser pai e do casamento. eu estava preocupado demais com as incessantes exigências de pastorear uma igreja. (Sei muito bem que nunca conseguirei recuperar aqueles anos.)

Jesus realmente nos chama para morrermos para nós mesmos. "Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e

> “Jesus realmente nos chama para morrermos para nós mesmos. [...] O problema é que tínhamos morrido para as coisas erradas.”

siga-me” (marcos 8.34). o problema é que nós havíamos morrido para as coisas erradas. Pensamos, de forma equivocada, que morrer para nós mesmos por causa do evangelho significava morrer para o cuidado de si mesmo, para sentimentos de tristeza, raiva, pesar, dúvida, desafios, sonhos e desejos saudáveis e para paixões que tínhamos antes do casamento.

Geri sempre amou a natureza e estar ao ar livre. ela valoriza a sua grande família estendida. ela ama a área da recreação, de criar oportunidades para as pessoas se divertirem. raramente havia tempo para esses prazeres.

Viciado em trabalhar para Deus

Nós estávamos muito ocupados em nome de Deus. Nossas vidas estavam repletas de servir, fazer e tentar amar as outras pessoas. Às vezes, parecia que não deveríamos fazer algumas das coisas que me dariam energia e alegria, para que outros pudessem ter esses sentimentos. Na realidade, nós morrêramos para algo que Deus nunca pretendeu que morrêssemos (vou explicar isso mais tarde).

Lembro-me de, sentado à mesa de jantar com meu cunhado, ele ter compartilhado como era divertido ser árbitro e técnico dos times de basquete das meninas.

"Deve ser legal", resmunguei para mim mesmo. "Pena que não posso ter tal liberdade."

Quando me tornei cristão aos 19 anos, vivi uma profunda experiência da graça de Deus em Jesus Cristo. o seu amor me encheu com uma paixão por servir-lhe. Com o passar do tempo, porém, essa paixão se transformou em peso. As intermináveis exigências de implantar uma igreja na cidade de Nova York, além da negligência da dimensão emocional da espiritualidade, lentamente transformaram a minha alegria em "dever". A minha vida deixou de ser equilibrada, e lentamente comecei a crer na mentira de que, quanto mais sofresse por Cristo, mais ele me amaria. Comecei a me sentir culpado por tirar muito tempo de descanso e desfrutar de lugares como a praia.

Finalmente meu fundamento espiritual estava sendo revelado: madeira, feno e palha (1Coríntios 3.10-15). eu fora manco por tantos anos que mancar agora parecia normal.

"Eu fora manco por tantos anos que mancar agora parecia normal."

Aquele passo corajoso de Geri naquela fria noite de janeiro me salvou. Deus interveio dramaticamente por meio das palavras de Geri: "eu desisto".

Provavelmente esse foi o ato de serviço mais amoroso e corajoso que ela já fez por mim. A atitude dela me forçou a buscar ajuda profissional para resolver a minha crise "vocacional". inconscientemente, eu esperava que o conselheiro endireitasse Geri para que eu pudesse seguir com minha vida e com a igreja. mal sabia eu o que vinha pela frente!

Deus me forçou a lançar um longo e doloroso olhar sobre a verdade — a verdade sobre mim mesmo, o nosso casamento, a nossa vida e a igreja. Jesus disse: "e conhecerão a verdade, e a verdade os libertará" (João 8.32). Foi desmoralizante ter de admitir finalmente que a intensidade do meu envolvimento em disciplinas espirituais não trouxe maturidade espiritual para a minha vida.

Por quê? eu ignorava os componentes emocionais do discipulado.

A vida antes dessa crise de intimidade

Cresci em um subúrbio de Nova Jersey, em uma família ítalo-americana, a pouco menos de 2 quilômetros dos arranha-céus de manhattan.

Fui para a faculdade em 1974, comecei a participar de um estudo bíblico no *campus* e tornei-me um seguidor de Jesus Cristo no segundo ano da faculdade. essa experiência lançou-me em uma jornada espiritual que incluiria pelos próximos seis anos o movimento carismático católico; uma igreja protestante bilíngue espanhol-inglês no centro da cidade; uma igreja afro-americana; o pentecos-talismo e o evangelicalismo.

Depois de lecionar inglês para o ensino médio por um ano, uni-me à equipe da InterVarsity Christian Fellowship, um ministério internacional que auxilia grupos cristãos em *campus* de universidades e faculdades. trabalhei por três anos na universidade rutgers e em outras faculdades de Nova Jersey. Depois, saí para cursar uma pós-graduação no Seminário teológico de Princeton e no Seminário teológico Gordon-Conwell.

Durante aqueles anos na faculdade, conheci e me tornei bom amigo da jovem que mais tarde se tornaria minha esposa. em 1984, Geri e eu nos casamos e entramos em um redemoinho — sem nem mesmo perceber que os ventos não eram nada normais. No nosso quinto mês de casados, terminei os meus estudos no seminário e no dia seguinte partimos para a Costa rica. Durante um ano, estudamos espanhol preparando-nos para regressar à cidade de Nova York. Geri retornou para a casa dos pais com oito meses de gravidez, e eu voltei da Costa rica duas noites antes de nosso primeiro bebê nascer.

Um mês depois, nós três nos mudamos para o bairro Queens em Nova York. Passei um ano como pastor-assistente em uma igreja de imigrantes latinos e lecionando em um seminário hispânico. essas oportunidades nos possibilitaram aperfeiçoar o espanhol e discernir a vontade de Deus para o nosso futuro. Aquele ano também nos iniciou no mundo dos 2 milhões de

imigrantes ilegais de todo o mundo que enchem grandes cidades como Nova York. Fizemos amizade com pessoas que fugiram de esquadrões da morte em el Salvador, cartéis de drogas na Colômbia, guerra civil na Nicarágua e pobreza implacável no méxico e na república Dominicana.

O início do sonho?

Então, em setembro de 1987, inauguramos a New Life Fellowship Church em uma área multiétnica de Queens composta principalmente por imigrantes da classe trabalhadora. (Dos 2 milhões e meio de moradores de Queens, mais de 2/3 é de estrangeiros.) Corona e elmhurst, regiões vizinhas ao local atual onde nossa igreja se reúne, incluem pessoas de mais de 123 nações. A revista *National Geographic* considera elmhurst 11373 como o CeP com mais diver-sidade étnica dos estados unidos.[Nota 2] roger Sanjek escolheu Corona-elmhurst, no Queens, Nova York, para o seu estudo intitulado *O futuro de todos nós*, referindo-se à região como "talvez a comunidade mais etnicamente misturada de todo o mundo" e observando a sua rápida mudança de 98% de brancos em 1960, 67% em 1970, 34% em 1980 e 18% em 1990.[Nota 3]

Nosso primeiro culto começou com 45 pessoas. Deus se movia poderosamente naqueles primeiros anos. Depois de pouco mais de um ano, havíamos crescido para 160 pessoas. No final do terceiro ano, inaugurei uma congregação hispânica. No fim do sexto ano, havia 400 pessoas na congregação em inglês e mais 250 pessoas em nossa primeira congregação hispânica. muitas dessas pessoas se con-verteram na New Life.

Meus dias interdenominacionais na InterVarsity Christian Fellowship ensinaram-me as habilidades práticas do ministério, tais como conduzir um estudo bíblico, compartilhar o evangelho e responder às perguntas que os incrédulos geralmente fazem. minha educação no seminário proporcionaram-me as ferramentas intelectuais de que necessitava — grego, hebraico, história da igreja, hermenêutica, entre outras.

Infelizmente, nenhuma das minhas experiências preparou-me para implantar uma igreja em Queens. Fui imediatamente lançado em rota de colisão, estava prestes a compreender o que Paulo queria dizer quando

afirmou que o evangelho não vem com “palavras per-suasivas de sabedoria, mas [...] de demonstração do poder do espírito” (1Coríntios 2.4).

Durante aqueles primeiros anos da New Life, Deus nos ensinou muito sobre oração e jejum, sobre curar os enfermos, a realidade dos demônios, guerra espiritual, os dons do espírito Santo e ouvir a voz de Deus. tudo o que eu aprendia, ensinava à congregação.

As pessoas estavam se convertendo, centenas estavam iniciando um relacionamento pessoal com Jesus Cristo. os pobres estavam sendo servidos de formas novas e criativas. estávamos preparando líderes, multiplicando grupos nas casas, alimentando os desabrigados e iniciando novas igrejas. mas, abaixo da superfície, nem tudo estava bem, principalmente no nível da liderança.

Parecia que sempre tínhamos coisas demais para fazer em tempo de menos. embora a igreja fosse um lugar estimulante para estar, não era uma alegria ocupar a liderança — principalmente para minha esposa Geri e para mim. Havia uma grande rotatividade de funcionários e líderes, e acabávamos atribuindo isso à intensa guerra espiritual da cidade de Nova York. talvez essas fossem as dores naturais de crescimento e as reações adversas de qualquer corporação ou empresa grande. mas nós não éramos uma empresa. Éramos uma igreja, uma família.

“Estávamos ganhando o mundo inteiro realizando uma grande obra para Deus e ao mesmo tempo perdendo a nossa alma.”

Contudo, Geri e eu sabíamos que alguma coisa estava faltando. Nosso coração estava assustado. A liderança da igreja parecia ser um fardo pesado. estávamos ganhando o mundo inteiro realizando uma grande obra para Deus e ao mesmo tempo perdendo a nossa alma (v. marcos 8.35).

Alguma coisa estava muito errada. Secretamente, eu sonhava com a aposentadoria e ainda não tinha 40 anos. Apesar dos exames espirituais contínuos — sem imoralidade, sem falta de perdão, sem cobiçar e assim por

diante —, não conseguia definir a causa da minha falta de alegria. o fundamento do meu desenvolvimento e temperamento pessoal não poderia sustentar a igreja que estávamos edificando. era um fundamento instável, prestes a ruir.

Caminhando em direção à crise

Nessa época, Geri se sentia como uma mãe solteira, carregando sozinha todas as responsabilidades de cuidar de nossas quatro filhas pequenas. ela estava cansada da pressão de viver em um centro urbano. estava desgastada por causa do estresse da igreja que eu insistia em levar para casa toda semana.

Ela esperava mais de um casamento. ela esperava mais de uma família. ela queria ter uma vida.

Nosso chão começou a ruir quando, em 1993-1994, nossa congregação hispânica sofreu uma divisão, e relacionamentos que eu considerava sólidos como uma rocha se desintegraram. Deus estava começando a chamar a minha atenção, e parecia que cada vez ele me empurrava mais para o fundo do poço. Aproximei-me do fundo esperneando e gritando. Parecia que eu estava experimentando o inferno. e realmente estava.

Mal sabia eu que o fundo ainda estava dois anos à frente.

O acontecimento que Deus inicialmente usou para colocar-me no poço foi uma espécie de traição de um dos pastores-assistentes da congregação de língua espanhola. Durante meses, ouvi rumores de que ele não estava satisfeito e queria sair da New Life Fellowship e começar uma igreja nova, levando a maioria das pessoas com ele.

“Isso é impossível”, eu dizia para mim mesmo. “ele é como um irmão para mim. Afinal já nos conhecemos há dez anos.”

Quando perguntei a ele sobre os rumores, ele negou categorica-mente: “Pete, nunca”.

Nunca me esquecerei do choque que levei na tarde em que fui para o culto da igreja hispânica e 200 pessoas estavam faltando. Havia apenas 50 pessoas ali. todos os outros haviam ido com ele para iniciar uma nova congregação.

Durante as várias semanas que se seguiram, uma onda parece que varreu os membros restantes daquela congregação. Ligações telefônicas os exortavam a sair da casa de Saul (eu) e ir para a casa de Davi (a coisa nova que Deus estava fazendo). Pessoas que eu condu-zira a Cristo, discipulara e pastoreara por anos haviam ido. eu nun-ca mais veria muitos deles.

Quando conversamos em particular, mais de dois anos depois, esse pastor-assistente disse: "Você prometeu me discipular, mas suas palavras não significaram nada. Você não merecia liderar essas pessoas".

Quando aconteceu a separação, não me defendi. eu tentei seguir o modelo de Jesus e ser como uma ovelha indo para o matadouro (isaías 53.7).

"Aguente, Pete; Jesus aguentaria", repetia para mim mesmo.

Na realidade, eu me sentia como se tivesse deixado abusarem de mim.

Aceitei toda a culpa pela destruição. embora me sentisse profundamente traído, boa parte da responsabilidade era minha. esse pastor-auxiliar tinha uma queixa legítima: eu estava sobrecarregado. eu pastoreava duas igrejas em crescimento, uma em inglês e outra em espanhol, e estava muito ocupado fazendo a "obra" e apagando incêndios. Faltava-me flexibilidade e horas para cumprir minha promessa de lhe dar tempo, amizade ou treinamento.

Mesmo assim, eu o amava como a um irmão. Assim como o salmista, vivenciei a realidade de ter alguém "com quem partilhava agradável comunhão enquanto íamos [...] para a casa de Deus" (Salmos 55.14), para depois descobrir que "aquele homem se voltou contra os seus aliados, violando o seu acordo" (Salmos 55.20). eu não acreditava que tal traição pudesse acontecer na igreja.

Talvez, mais importante de tudo, eu estava fascinado por seus dons e habilidades. A congregação hispânica admirava suas qualidades de liderança dinâmica. Será que realmente importava que ele não era

quebrantado e contrito de coração (Salmos 51.16,17)? Será que de fato importava que seu caráter fosse deficiente em algumas áreas?

Sim.

O problema principal era que me faltavam a coragem e a maturidade para confrontá-lo.

A triste verdade é que minha "santa reação de ovelha" estava pouco relacionada à imitação de Jesus e muito mais ligada a questões não resolvidas e à bagagem emocional que eu carregava do meu passado.

Contudo, a minha visão do inferno foi mais profunda do que a separação da congregação. De repente, percebi-me vivendo uma vida dupla. o Pete exterior tentava encorajar as pessoas desanimadas que permaneciam na New Life. "Não é incrível como Deus usa nossos pecados para expandir o seu reino? Agora temos duas igrejas em vez de uma", eu proclamava. "Agora mais pessoas podem ter um relacionamento pessoal com Jesus. Se alguém deseja ir para a nova igreja, que as bênçãos de Deus estejam sobre vocês."

Eu estava mentindo.

Estava determinado a ser como Jesus (pelo menos o Jesus que eu imaginava), mesmo que isso me matasse. e matou — meu ser interior.

Meu inferno era que interiormente eu estava profundamente ferido e bravo. esses sentimentos deram lugar ao ódio. meu coração não havia perdoado. estava cheio de ira, e eu não conseguia me livrar disso.

Quando estava sozinho no carro, apenas pensar sobre o que acontecera provocava uma explosão de raiva, causava um nó na garganta. em poucos segundos, maldições se seguiam, jorrando quase involuntariamente de meus lábios: "Você é um @#%%" e "Você está cheio de $%&*".

Meu primeiro pedido de socorro

Por fim, reconheci a situação desesperadora em que estava tanto na igreja como em casa. “tornar-me pastor foi a pior decisão que já tomei”, disse a Deus em oração.

Procurei por ajuda, desesperado. Finalmente, um pastor amigo meu me falou sobre um conselheiro cristão. Geri e eu fomos vê-lo. Era março de 1994.

Eu me sentia totalmente humilhado. Cada parte do meu ser desejava sair correndo. Sentia-me como uma criança indo para a sala do diretor. “Aconselhamento é para pessoas confusas”, reclamei para Deus (hoje não penso mais assim). “Não é para mim. Não sou um desajustado!”

Depois do nosso encontro inicial de dois dias, o conselheiro fez três observações: 1) a igreja me consumia; 2) Geri estava deprimida e solitária; 3) faltava intimidade em nosso casamento.

Não sabíamos ao certo o que era intimidade marital, por isso comprei um livro sobre casamento para Geri. ela compreendeu muito bem. e eu voltei a trabalhar na igreja.

Parar e refletir sobre o estado da minha alma era ao mesmo tempo assustador e libertador. Naquela época, eu pensava que todos os meus problemas eram fruto do estresse e da complexidade da cidade de Nova York. eu culpava o bairro, a minha profissão, as nossas quatro crianças pequenas, Geri, a guerra espiritual, outros líderes, a falta de cobertura de oração e até mesmo o nosso carro (o carro quebrou sete vezes em três meses). Cada vez eu estava certo que tinha identificado a raiz do problema. mas não tinha.

A raiz do problema estava dentro de mim. mas eu não conseguia — ou não iria — admitir ainda.

Os dois anos seguintes foram marcados por uma lenta descida em direção ao abismo. eu sentia como se um buraco negro infinito estivesse ameaçando

me devorar. eu clamava a Deus por ajuda, pedindo que ele me transformasse. Parecia que Deus fechara os céus para os meus gritos em vez de responder.

> “A raiz do problema estava dentro de mim. Mas eu não conseguia — ou não iria — admitir ainda.”

As coisas iam de mal a pior.

Continuei pregando semanalmente e servindo como pastor principal. mas minha confiança para liderar de forma produtiva fora completamente abalada pela divisão da congregação hispânica. Contratei uma equipe adicional e pedi que ela liderasse, o que fez. eu não havia falhado miseravelmente? Crendo que a equipe certamente podia fazer melhor, deixei que ela começasse a reconstruir a igreja.

Logo a igreja não se parecia mais com a igreja da visão original que tínhamos quando a iniciamos. enquanto isso, eu lutava para ser honesto na forma em que apresentava a situação para os outros. eu tinha o terrível hábito de embelezar ou editar a verdade por receio de que as pessoas se aborrecessem. (Deus chama isso de mentira; eu o renomeei como “olhar sob o melhor ângulo”.) Lutei para ser sincero comigo mesmo a respeito dos meus sentimentos, prestando atenção principalmente aos sentimentos que não considerava adequados a um cristão, como raiva, amargura e tristeza.

Também lutei para ser honesto com as outras pessoas. o progresso era lento e difícil. Lutava contra a ideia de estar me desviando da fé. As questões que levantava e os sentimentos que experimentava eram considerados proibidos na maioria dos círculos cristãos em que vivera nos últimos vinte anos.

eu não deveria ser mais que vencedor em Jesus Cristo (romanos 8.37)? Por que parece haver tantas patologias sob um verniz de espiritualidade? Como pessoas que são cristãs há muito tempo podem julgar tanto e serem tão críticas?

Eu estava absolutamente certo de que Deus me conduzia por um novo caminho. mas onde estavam todos os outros? eu lutava contra essas ideias.

— Como vão as coisas, Pete? — perguntava um bom amigo.

— Oh, está tudo bem. Sinto que Deus está quebrando o solo duro e plantando novas sementes para o futuro — eu respondia com otimismo.

Um único problema: essas palavras eram apenas uma porção muito pequena da verdade.

A ideia de que pessoas estavam bravas comigo fazia-me retrair e adiar as coisas para outro dia. eu temia que, se dissesse a diversos líderes da igreja como eu os via honestamente — como pessoas arrogantes, que não aprendem e, às vezes, como falsos —, eles fossem embora. Depois da divisão da igreja hispânica, que já ocorrera há mais de um ano e meio, tal ideia era dolorosa demais para suportar.

Eu preferia ficar quieto e esperar que os problemas da igreja desaparecessem por si mesmos.

Eles não desapareceram.

Participei de conferências sobre liderança para aprender sobre guerra espiritual e como alcançar toda uma cidade para Deus. Participava de "reuniões de renovação" em outras igrejas. Se houvesse uma forma de mergulhar mais em Deus, eu queria conhecê-la.

Participei de uma conferência profética em outro estado na qual recebi várias profecias de encorajamento pessoal. intensifiquei as reuniões de oração cedo pela manhã na New Life. repreendi os demônios que queriam destruir minha vida. estudei a história dos reavivamentos. Busquei conselho em diversos líderes de igrejas conhecidos nacionalmente.

Uma das minhas anotações em minha agenda nessa época resume bem a situação em que estava: Senhor, posso ver a terra prometida do outro lado do mar Vermelho — integridade, um casamento e uma família felizes, alegria em te servir, desempenhar o papel que tens para mim na liderança —, mas não sei como abrir o mar Vermelho e chegar lá. tu sabes, Deus? Se sabes, poderias, por favor, abrir para mim?

Geri deixa a igreja

Eu sentia que estava progredindo pessoalmente. talvez externamente ainda não fosse visível, mas algo estava acontecendo. Pelo menos era o que eu pensava. Contudo, para Geri, as coisas estavam como haviam sido durante todo o nosso casamento — infelizes.

Na segunda semana de janeiro de 1996, Geri me disse que estava deixando a igreja.

Finalmente cheguei ao fundo do poço. Notifiquei os presbíteros sobre o meu dilema. eles concordaram que precisávamos nos afastar por uma semana e buscar alguma ajuda profissional para ver se Geri e eu podíamos resolver a situação.

No dia 13 de fevereiro de 1996, fomos para um centro de aconselhamento cristão. A nossa esperança era sair da nossa crise e ter objetividade em relação à igreja. esperava resolver a dor rapidamente.

Passamos os cinco dias seguintes com dois conselheiros. essa pequena "comunidade cristã" temporária era segura o suficiente para que permitíssemos a nós mesmos falar um ao outro sobre os nossos sentimentos secretos.

O que não esperávamos era uma autêntica experiência espiritual com Deus. Para mim, começou de uma forma muito estranha. Geri e eu conversamos até tarde da noite. Lá pelas duas horas da manhã, ela me acordou, sentou na cama e, em poucas palavras cuidadosas, contou como se sentia. Pela primeira vez, contou-me a verdade brutal sobre como se sentia sobre mim, nosso casamento e a igreja.

Descobrimos a peça que faltava

De alguma forma, a explosão de Geri, embora dolorosa, foi uma experiência libertadora para nós dois. Por quê? Porque ela se despira do sufocante verniz espiritual de "ser uma boa pessoa", mas que a impedia de olhar diretamente para a verdade sobre o nosso casamento e a nossa vida.

Eu escutei. ela escutou.

Olhamos para a vida e para o casamento dos nossos pais. olhei para a New Life Fellowship com honestidade. A igreja refletia claramente a minha família de origem de formas significativas.

Nenhum de nós pensara "ter permissão para se sentir" dessa forma antes.

A triste realidade que descobrimos foi que Jesus havia penetrado apenas superficialmente em nosso ser — embora fôssemos cristãos havia quase vinte anos.

Essa experiência, que a princípio soava como morte, provou ser o início de uma jornada e a descoberta de um relacionamento que iria mudar a minha vida, o meu casamento, a minha família e, por fim, a igreja. Pela primeira vez, descobri o poder persistente das famílias em que nascêramos. Nós as deixamos quando nos casamos, mas, de alguma forma, elas ainda moldavam a nossa vida.

Paulo ensina que, uma vez que uma pessoa vem para a fé em Cristo, "as coisas antigas já passaram; eis que surgiram coisas novas" (2Coríntios 5.17). Nunca imaginei que influentes padrões de pecado, passados de geração a geração em minha família, ainda estavam agindo. uma vez que cria que o poder de Cristo podia quebrar qualquer maldição, eu evitava a ideia de que ainda era moldado por um lar que deixara muito tempo atrás.

"Jesus havia penetrado apenas superficialmente em nosso ser — embora fôssemos cristãos havia quase vinte anos."

Examinar o meu coração revelou uma mistura de motivações. em parte, a minha paixão era glorificar a Deus, mas outras áreas eram movidas por um complexo conjunto de motivações que eu não tinha as ferramentas nem o tempo para separar. Começamos a olhar debaixo da superfície da nossa vida e encontramos áreas inteiramente novas.

Em minhas orações, disse a Deus que sentia muito. eu fora sincero a respeito de me entregar totalmente para servir a Deus e a seu reino. Quem sonharia que a minha entrega resultaria em tais decepções? Com toda a minha fundamentação na oração e na Bíblia, era um choque perceber que existiam camadas emocionais da minha vida que Deus ainda nem tocara. elas se tornaram as sementes dos sete princípios de igrejas emocionalmente saudáveis.

Novos olhos?

Depois dessas revelações, parecia que Deus me havia concedido novos olhos para ler as escrituras. Verdades que eu entendia apenas intelectualmente, em pouco tempo passaram a fazer parte da minha experiência com Deus.

Pude ver Jesus expressando suas emoções livremente, sem se envergonhar: • Ele chorou (Lucas 19.41).
• Ele ficou cheio de alegria (Lucas 10.21).
• Ele ficou profundamente triste (Marcos 14.34).
• Ele se irou (Marcos 3.5).
• Ele se entristeceu (Mateus 26.37).
• Ele sentiu compaixão (Lucas 7.13).
• Ele sentiu (João 11.35).
• Ele se admirou (Marcos 6.6; Lucas 7.9).
• Ele se angustiou (Marcos 3.5; Lucas 12.50).

Jesus não se parecia nem um pouco com um messias sem emoções.

Ao mesmo tempo, pude observar como Jesus era capaz de separar-se das expectativas das multidões, da sua família e dos seus discípulos. Seu relacionamento com o Pai o libertava da pressão das pessoas a seu redor. ele não tinha medo de viver sua vida e missão singulares, nem se importava com os planos que outras pessoas tinham para ele.

Senti, junto com a companheira da minha vida, Geri, que ainda tínhamos uma longa estrada pela frente, tanto como dois indivíduos separados quanto como casal. o objetivo não era mudar a igreja, mas mudar a nós mesmos — ou melhor, deixar Deus nos transformar. Entretanto, imediatamente percebemos que estávamos em terreno inexplorado, em uma jornada que nos levaria além do treinamento cristão que recebêramos nos últimos vinte anos. estávamos num percurso que somente Deus poderia controlar. Éramos

levados para longe do porto seguro da nossa compreensão de Deus e do relacionamento com os outros. A caixa rígida e apertada em que, sem perceber, colocáramos Deus fora aberta.

Uma parte de nós mal podia esperar para ver o que Deus faria em seguida. mas outra parte estava assustada. Deus desejava claramente que abríssemos para seu espírito as profundezas do nosso interior que apenas agora estávamos descobrindo. Parecia que isso seria muito san-grento — uma espécie de morte.

> "O objetivo não era mudar a igreja, mas mudar a nós mesmos — ou melhor, deixar Deus nos transformar."

Nossa compreensão da insepa-rabilidade da saúde emocional e da maturidade espiritual seria um processo, muito semelhante a nosso relacionamento diário com Deus. As pessoas recebem Jesus como Salvador pessoal e Senhor em um momento específico, mas, antes disso, quase todas as pessoas passam por um período de muitos meses ou até anos em que Deus está trabalhando na vida delas.

Igualmente, foram necessários repetidos encontros ao longo de dois anos para Deus arrancar a visão limitada que tinha dele e da vida cristã.

Por exemplo, Deus estava falando comigo claramente por meio da dádiva da depressão, de uma esposa infeliz e de uma vida que periodicamente fugia ao controle. minha única resposta a essas duras realidades era: "Deus, por favor, remova-as o mais rápido possível para que eu possa continuar trabalhando!".

O único problema era que eu não estava disposto a ouvir Deus falar ou agir em minha vida daquela forma. meu paradigma incluía Deus falando por meio da escritura, oração (uma voz interior), sermões, uma palavra profética e, às vezes, por meio das circunstâncias — mas certamente não dessas!

O beneficiário inesperado — New Life Fellowship

> “Pela primeira vez, entendi o que significava ministrar pelo que se é, não do que se faz.”

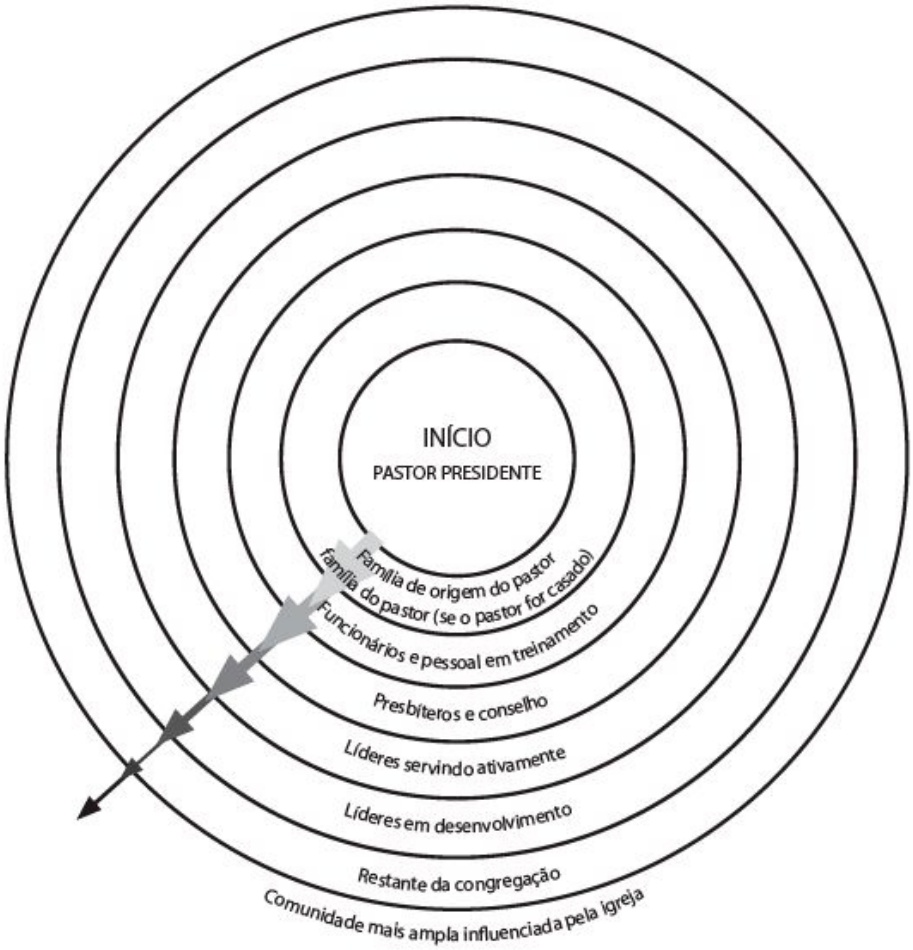
O que Deus fez em nossa vida atingiu a igreja imediatamente, a começar por nossa equipe, depois os presbíteros e, por fim, o resto da liderança. Pela primeira vez, entendi o que significava ministrar pelo que se é, não do que se faz. minha descoberta foi contagiante. Deixamos de ser “humanos que fazem” e passamos a ser “seres humanos”. O resultado foi uma onda que muito lentamente varreu toda a igreja. A começar por nossa equipe e pelos presbíteros, ministros e líderes de grupos e a congregação em geral — direta e indiretamente —, inte-gramos intencionalmente os princípios descritos neste livro em toda a igreja.[Nota 4] (Veja o gráfico.)

Juan e Marta

Um dia antes de iniciarmos um período sabático de três meses longe da igreja, Geri e eu nos sentamos à mesa da cozinha com Juan e marta, um casal que veio para Cristo em nosso ministério. Naquela época, eles estavam pastoreando uma das congregações hispânicas da New Life.

Em seus primeiros anos na liderança, Juan e marta eram cristãos alegres e animados. Juan aceitara a Cristo na New Life. Agora, sete anos depois, eles estavam exaustos e sentindo-se culpados por negli-genciarem seus dois filhos. estavam sobrecarregados com tudo o que viam pela frente — problemas, crises, exigências e as imensas necessidades de uma grande congregação de imigrantes.

CÍRCULOS CONCÊNTRICOS DE APLICAÇÃO DA SAÚDE EMOCIONAL



Depois de ouvi-los por três horas, sentime envergonhado. Juan e marta eram frutos do nosso ministério — e eles eram exatamente como os seus mestres!

Será que esse legado de liderança frenética, triste e desequilibrada seria sempre o fruto produzido por ministérios cristãos? mais tarde, admiti para Geri que uma parte de mim estava triste por tê-los conduzido a Cristo e por ser o seu pastor. Que vida difícil com tantos sofrimentos infrutíferos eles suportavam!

Eu e Geri pedimos perdão a eles.

Paulo

Paulo jejuava e orava regularmente. trabalhava como técnico de computadores em manhattan e passava as suas férias participando de conferências sobre oração e ministério profético em todo o país. Logo ele estava jejuando e orando com mais e mais frequência. Durante as reuniões de grupo, ele lia a Bíblia para receber palavras pessoais de Deus para o grupo. Frequentemente, transmitia palavras proféticas pessoais para qualquer um — quer a pessoa quisesse, quer não.

Alguém precisava dizer alguma coisa para ele. mas com certeza não seria eu! o que eu poderia fazer? eu lutava para jejuar durante uma refeição. o que dizer de longos períodos!

A verdade, porém, era que Paulo não queria ser ensinado e tratava com superioridade o resto das pessoas que não eram tão espirituais como ele. Para mim, parte de tornar-me emocionalmente maduro significou confrontá-lo com amor, mostrar-lhe como era conviver com ele e, sendo o seu pastor, fazer observações honestas. Disselhe a verdade com amor sobre o seu espírito crítico e o orgulho que fluía das suas “revelações insuperáveis”. eu pelo menos tentei.

Logo depois, ele sentiu que Deus o estava direcionando para outra igreja.

Como anda o líder...

De acordo com alguns estudiosos, os quatro presidentes que antecederam Abraham Lincoln eram "líderes acomodados", que não estavam dispostos a confrontar as difíceis questões da escravidão entre o Norte e o Sul. Abraham Lincoln, ao contrário, era um líder maduro que sabia quem era. Quando entrou na Casa Branca, sabia no que acreditava e valorizava não obstante as consequências. A força e a maturidade do seu caráter e das suas convicções forçaram a nação de muitas maneiras a confrontar a realidade abominável da escravidão. A Guerra Civil veio logo depois.

O ponto inicial da mudança em qualquer país, igreja ou ministério sempre foi o líder: como anda o líder, assim anda a igreja.

Contudo, não é suficiente que o líder mude.

Deus também quer libertar outras pessoas — sejam cristãos há um ano ou há quinze, sejam casados ou solteiros, seja qual for o lugar que ocupem na igreja (novo membro, líder ou pastor). Quando você começa o trabalho duro de se tornar um discípulo de Jesus Cristo emocional e espiritualmente maduro, o impacto é sentido a seu redor.

"O ponto inicial da mudança em qualquer país, igreja ou ministério sempre foi o líder: como anda o líder, assim anda a igreja."

Os capítulos seguintes apresentam um novo paradigma do que significa ser um seguidor de Jesus de forma que a sua história se assemelhe mais ao plano dele para a sua vida.

Nota 1 - Visite <www.emotionallyhealthy.org> para assistir a um vídeo com a história completa de Pete e Geri. [Voltar]

Nota 2 - National Geographic. All the World Comes to Queens. September, 1998. [Voltar]

Nota 3 - Sanjek, Roger. The Future of Us All. Ithaca, NY: Cornell Univ. Press, n.1 1998. p. 395. [Voltar]

Nota 4 - Um dos excelentes materiais que ajudou a New Life Fellowship ao longo do caminho foi a obra de Edwin H. Friedman, Generation to Generation: Family Process in Church and Synagogue. New York: Guilford, 1985. Nas páginas 2 e 3, Friedman explica que o aspecto mais importante para transformar uma organização está em quem é o líder. Ele acertadamente enfatiza que a definição de quem se é tem mais influência do que a habilidade na liderança. [Voltar]



ALGO ESTÁ EXTREMAMENTE ERRADO

Algo está extremamente errado com a maioria das igrejas de hoje. Há muitas pessoas apaixonadas por Deus e por sua obra que ainda permanecem desconexas das próprias emoções e das pessoas ao redor. essa combinação é mortal, tanto para a igreja como para a vida pessoal do líder.

Nossa equipe pastoral reuniu-se em uma cafeteria perto do cine-ma. estávamos abalados, e não havia muito a ser dito. Havíamos acabado de assistir ao filme *O apóstolo*. todos nós compartilhávamos o desagradável sentimento de que o filme acendera um holofo-te brilhante nas falhas do nosso próprio passado cristão. ele também retratava visualmente as complicações dolorosas de um discipulado cristão inadequado e limitado.

Nessa mesma época do lançamento do filme, Deus revelara as complicações de separar saúde emocional de espiritualidade.

O apóstolo abordava diretamente essa questão. As feridas do nosso passado ainda estavam em carne viva. *O apóstolo,* lançado em 1997, é um filme impactante sobre um líder cristão — o reverendo Eulis "Sonny" Dewey, interpretado por Robert Duvall. O filme se passa na década de 1980, na zona rural do texas e inicia-se com Sonny e a sua mãe dirigindo em uma autoestrada quando chegam a um acidente com múltiplos carros.

Esgueirando-se entre os policiais rodoviários, Sonny se aproxima de um dos carros envolvidos e encontra um jovem ensanguentado, semiconsciente no banco do motorista, e sua namorada morta a seu lado. Sonny, apaixonado por Jesus, sussurra no ouvido do rapaz que, se ele convidar Jesus para entrar em seu coração ali mesmo, Deus perdoará os pecados dele, e ele poderá ir para o céu. um policial tenta arrastar Sonny para longe do carro destruído, mas o pregador o empurra para o lado com o braço

enquanto termina a sua missão de conduzir o jovem moribundo a Cristo. Sonny volta para o carro e relata para a sua mãe a boa obra que Deus acabara de realizar.

Sonny passa a maior parte do seu tempo na estrada liderando avivamentos. uma paixão espiritual permeia a sua vida. ele ama os filhos — seus "queridinhos" — como os chama. entretanto, sua bela, mas sofrida esposa, Jessie, cansa-se dos adultérios do marido e de estar sozinha e pede o divórcio.

Acontece que ela também está tendo um caso com o pastor de jovens da igreja. ela e o pastor usam o regimento da igreja para tirar de Sonny o controle da congregação.

Em um momento de raiva e ciúmes, Sonny embebeda-se e ataca o pastor de jovens com um taco de beisebol quando o pastor está atuando como técnico em um jogo do filho dele. o pastor de jovens acaba morrendo.

Enquanto isso, Sonny deixa a cidade, destrói a sua antiga identidade e parte para encontrar uma nova vida. ele para o carro no meio de um cruzamento, ajoelha-se na estrada e pergunta: "Qual caminho eu sigo, Deus? Qual caminho?".

Algum tempo depois, ele reaparece em uma pequena comunidade em Louisiana. Depois de buscar Deus com sinceridade em oração e jejum, Sonny percebe um novo chamado e direção de Deus e começa a usar um título e um novo nome, "o apóstolo e. F.". Com encantadora sinceridade, ele batiza a si mesmo em um lago ali perto como uma forma de celebrar o seu recomeço.

Com a ajuda de um respeitado pastor local afro-americano, Sonny abre uma nova igreja. Ele precisa ter vários empregos para poder pagar a reforma de um antigo prédio de igreja que está fechado e em ruínas. Sonny inicia um ministério no rádio, conserta um ônibus escolar e começa a pegar pessoas para irem à igreja — tanto afro-americanos como brancos.

O seu relacionamento com Deus é contagiante. A igreja cresce. Pessoas vêm para a fé em Cristo. ele alimenta os famintos. A comunidade está impactada. A pequena congregação multirracial ama o seu zelo e a sua pregação.

Contudo, por baixo da sua fé comovente permanecem falhas grosseiras que transparecem em sua estrutura espiritual. Ao mesmo tempo que abria a nova igreja, ele conhece toosie, uma mulher que trabalha na estação de rádio. ela o atrai romanticamente. Sonny também entra em uma briga com um encrenqueiro que questiona sua integridade.

Por fim, as autoridades descobrem o erro trágico do passado de Sonny. Ele é preso pela polícia e mandado para a prisão. Mas, mesmo na prisão, vemos Sonny conduzindo com entusiasmo uma gan-gue em uma canção cristã para que eles também possam conhecer o poderoso Senhor Jesus que transforma vidas.

Sonny é temperamental. Ele é um conquistador e abusa do álcool. também matou um homem em um momento de ira. Ao mesmo tempo, não se pode negar a evidência de que Sonny verdadeiramente crê em Jesus Cristo. ele prega sobre o novo nascimento e é comprometido com o poder do espírito Santo a fim de viver uma vida sobrenatural.

Sonny, como a maioria de nós, é um indivíduo complexo. Ele é um cristão comprometido, zeloso, que admiramos e, mesmo assim, também é terrivelmente inconsistente. o mais doloroso, talvez, seja sua falta de consciência do mal que vem de parecer ser mais do que realmente se é. De certa forma, ele é um impostor. ele facilmente separa sua fé e espiritualidade da totalidade da sua humanidade. A maior parte de nós que está na liderança cristã e na igreja pode se ver nele mais do que gostaria de admitir.

“Ele é um cristão comprometido, zeloso, que

As falhas na vida cristã de Sonny sabotam a sua mensagem e liderança.

admiramos e, mesmo assim [...] ele é um impostor.”

Gostaria que isso acontecesse apenas em Hollywood. Mas não.

Infelizmente, exemplos semelhantes a esse são abundantes na vida real.

Bob Pierce e a Visão Mundial

Em 1950, Bob Pierce fundou o que se tornaria a Visão mundial (www.worldvision.org), a maior agência cristã do mundo em auxílio e desenvolvimento. Hoje essa organização serve a mais de 100 milhões de pessoas por ano em aproximadamente 100 países. Apaixonado por Jesus e por um mundo sem fome e doenças, Bob Pierce começou humildemente a ajudar crianças órfãs da Guerra da Co-reia. Cada doação em que tocava crescia em tamanho e alcance. Com uma visão e energia impossíveis de barrar, ele sonhou o impossível e então fez tudo que podia para realizá-lo.

Livros e reportagens de revistas foram escritos sobre ele. os amigos dele diziam: “ele é um homem incansável por ganhar almas”; “Nunca conheci uma pessoa com uma paixão maior que a dele”; e “ele é um verdadeiro samaritano cristão que literalmente entregou a sua vida pelos ‘pequenos’ necessitados do mundo”.

Bob orava com frequência: “Que o meu coração seja partido pelas coisas que partem o coração de Deus”. esse zelo o levou aos confins da terra e o caracterizou por uma aparente inexaurível paixão por suprir necessidades espirituais e humanas onde quer que estivessem.

Infelizmente, a sua abordagem teve consequências desastrosas para a sua família. Como afirmou educadamente um amigo da família, a esposa de Bob, Lorraine, “conheceu um tipo diferente de provação daquela vivida pelas pessoas a quem seu marido ministrava”.

A absoluta realidade é que ele abandonou completamente a própria família. ele sistematicamente colocava oportunidades de expansão e maior impacto do ministério à frente da sua esposa e dos seus filhos. Por exemplo, quando uma das suas filhas lhe telefonou quando estava em uma viagem transoceânica dizendo-lhe que precisava de que ele voltasse para casa, ele se negou, sem compreender a desesperadora necessidade dela. A sua

esposa, que estava com ele, implorou que ele voltasse com ela. em vez disso, ele preferiu voar para o Vietnã.

Quando a sra. Pierce chegou em casa, ficou chocada ao encontrar a filha deles recuperando-se de uma tentativa de suicídio. “eu só precisava sentir os braços de papai a meu redor”, ela explicou e acrescentou: “eu sabia que ele não viria”. Alertados a respeito da batalha emocional da filha, os Pierce tentaram conseguir ajuda, mas os seus esforços tardios falharam. Dois anos depois, ela se suicidou.

O relacionamento de Bob com a sua esposa também deteriorou com o tempo. Chegaram a ponto de ficar anos sem se falar. Seu relacionamento com os dois filhos restantes também era igualmente tenso. embora Deus tenha proporcionado à família uma noite de reconciliação antes da sua morte, Bob Pierce viveu muitos dos últimos anos da sua vida distante da sua família direta.

Anos de trabalho em excesso, comida inadequada e constantes diferenças de fuso horário esgotaram gradualmente as reservas emocionais de Bob e o deixaram suscetível a todo tipo de dificuldades físicas. um biógrafo escreveu: “o temperamento que ele tentara controlar durante toda a vida começou a tomar controle dele, e a mente que antes operava com a precisão de um computador começou, ocasionalmente, a entrar em curto-circuito, levando a uma crescente instabilidade de comportamento.

O desejo que Bob mencionava com frequência, “Quero apenas ser consumido por Deus”, estava se cumprindo de maneira triste.

O relacionamento de Bob com o conselho da Visão mundial também teve um final infeliz, cheio de tensão. em 1963, o conselho da Visão mundial posicionou-se contra ele pela primeira vez, votan-do a favor do cancelamento da transmissão do seu programa de rádio semanal, alegando motivos financeiros. mais tarde, naquele mesmo ano, o conselho o colocou em licença médica; como de costume, ele estava em outro continente e

preferiu permanecer recuperando-se lá — longe da família. ele acabou se recuperando, mas as tensões com a Visão mundial não.[Nota 1]

Em 1967, em uma tensa reunião do conselho, Bob Pierce de-mitiu-se. os documentos legais do contrato foram-lhe enviados no dia seguinte, e Bob abriu mão do trabalho de toda a sua vida.

Bob Pierce morreu de leucemia em 1978. Poucas semanas depois, a sua filha marilee Pierce Dunker começou a escrever um livro, *Man of Vision, Woman of Prayer* [Nota 2] [Homem de visão, mulher de oração] , contando tanto os milagres do outro lado do oceano como o "lado negro" da dolorosa vida familiar deles. Histórias como essas de relacionamentos destruídos e reconciliações ocasionais são exceções limitadas apenas a pessoas extraordinariamente dotadas? infelizmente, não. eu poderia contar dezenas de histórias de pessoas em nossa igreja e literalmente milhares em todo o país. Provavelmente você também poderia.

Roger e seus dons

Se existe algo como uma "criança que nasceu na igreja", então roger era uma delas. Seu pai, seu sogro e outros 12 membros da família estão no ministério. roger frequentou uma faculdade cristã e um seminário por duas vezes, uma vez quando criança, enquanto o seu pai frequentava a faculdade, e dezoito anos mais tarde quando ele mesmo frequentou as mesmas instituições.

> "Histórias como essas de relacionamentos destruídos e reconciliações ocasionais são exceções limitadas apenas a pessoas extraordinariamente dotadas? Infelizmente, elas não."

"De certa forma, as cartas estavam marcadas", diz roger hoje. "tudo que conheci desde criança foram a igreja e o ministério. eu tinha profundo amor por ambos, mas, como acabei descobrindo mais tarde, isso não se traduzia necessariamente em uma paixão por Cristo — e certamente não significava intimidade com ele."

Logo no início do ministério, roger soube que alguma coisa estava errada. ele não apenas se sentia incompleto em uma pequena paróquia tradicional, mas também estava mais uma vez passando por uma depressão, exatamente como acontecera na faculdade e no seminário. o departamento vocacional da denominação aconselhou-o a abandonar o ministério em razão da sua falta de convicção, ausência de limites emocionais e presença de um forte espírito em-preendedor que não se adequava à igreja tradicional. ele ignorou o conselho. em vez disso, foi para uma igreja tradicional e teologicamente liberal no Queens, na qual se sentia chamado para ser um agente de mudança.

Foi difícil desde o princípio. roger começou a propor mudanças na adoração, acrescentou programas novos e reorganizou as prioridades do conselho para promover o crescimento da igreja. Vários membros aceitaram

Cristo em uma cruzada de Billy Graham, e novos convertidos uniram-se à igreja. em pouco tempo, roger e a esposa começaram a receber cartas indecentes e viraram assunto de controvérsia e fofoca na igreja.

O número de pessoas na igreja dobrou; por causa desse aumento significativo, a arrecadação triplicou; e o pastor sucumbiu.

"Naquela época, eu não sabia, mas estava agindo nos dons, sem nenhuma graça", admitiu roger. "Não conseguia enxergar o meu próprio vazio e caos emocional." Depois de cada reunião mensal do conselho, ele chorava e tremia fisicamente.

Passados cinco anos, roger sentia que estava chegando ao limite.

Ele se afastou durante o verão — sem receber salário — em total desespero, mas não adiantou nada. "Foi um verão perdido. eu não busquei o Senhor. Não procurei ajuda. eu nem sabia para onde olhar", diz ele hoje.

As coisas continuaram a piorar para roger. o número de pessoas crescia, e havia muitas pessoas que o apoiavam, mas as finanças estavam apertadas, e o relacionamento com o conselho da igreja pio-rava. "Cada crítica ou mal-entendido acertava-me pessoalmente como um golpe fatal", diz ele.

O problema de roger finalmente exauriu as suas forças. As pressões o levaram a anunciar a sua demissão, sem previsão de salário, sem indenização, sem aviso prévio, sem aconselhamento e sem força emocional restante. ele saiu como um fracassado, uma desgraça.

O que deu errado? roger era emocionalmente imaturo. As mudanças frequentes da família o ensinaram a travar conhecimento com as pessoas, mas não a se relacionar com elas. Sempre que buscava um nível mais profundo de discipulado, ele se sentia rejeitado — com poucas exceções — e lhe diziam: "A esta altura, a sua vida já deveria estar organizada". então ele permitia que os recintos secretos do seu coração ficassem maiores, mais escuros e mais distantes de todos, incluindo, por fim, a própria esposa.

"Aprendi a esconder os meus problemas profundamente", admite ele. "eu não era saudável emocionalmente. Para mim, a igreja sempre foi um lugar

em que sentia que devia esconder o que havia de mais profundo e sombrio a meu respeito. Nunca foi um lugar seguro."

A triste realidade é que nem sua vida, nem a igreja à qual servia, nem mesmo seus relacionamentos em casa eram saudáveis. Creio que um dia roger retornará a uma liderança pastoral significativa, mas no momento ele está fazendo a coisa certa, convidando Deus para por as coisas em ordem — pessoalmente, em casa e nos relacionamentos próximos com outras pessoas.

Modelos errados da casa para a igreja

Recordo-me de quando fazia parte da equipe da InterVarsity em um *campus* de universidade e mais tarde quando viajava pelo país pregando em conferências de crescimento da igreja e ficava impressionado com a vida interior de muitos líderes e pastores de nossas igrejas. era muito comum encontrar rejeição, orgulho, atitudes defensivas, agendas frenéticas, vício por trabalho, cobiça por igrejas mais impactantes (o que é idolatria; v. Colossenses 3.5) e um rastro de esposas solitárias. Parecia que era um fardo pesado demais para carregar. Naqueles dias, eu acreditava que isso era uma aberração, uma ocorrência rara. Com o passar do tempo, percebi que era a norma.

Decidi que seria diferente. o único problema é que não sabia como!

Praticamente todos os lares da América do Norte são emocionalmente instáveis. Na época em que escrevi este livro, quase a metade dos casamentos nos estados unidos acabava em divórcio.[Nota 3] talvez o mais chocante seja que o índice de divórcio em vários estados tradicionalmente conhecidos como o Cinturão da Bíblia esteja entre os mais altos do país. [Nota 4] George Barna documentou que o índice de divórcio entre pessoas que se dizem cristãs é ainda mais elevado do que o da população como um todo.[Nota 5]

Mesmo entre líderes cristãos, o colapso dos lares é assustadora-mente alto. Ainda mais surpreendente é a frequência com que líderes cristãos são flagrados em adultério, descobertos com uma prostituta, viciados em pornografia ou em uma situação igualmente destrutiva e fora de controle. e muitos seguem em frente como se nada tivesse acontecido.

A fim de ter uma ideia do que pode ser destruído em situações como essas, reflita sobre o exemplo de alguém que decidiu falar honestamente sobre o seu mundo interior. em janeiro de 2002, o homem amplamente reconhecido como o pai dos ministérios com casamentos cristãos — Ray

Mossholder, do Marriage Plus Ministries — assinou um pedido de divórcio da esposa com quem estava casado havia quarenta e dois anos e anunciou os seus planos de se casar novamente. esse líder cristão muito respeitado, cujo ministério recebe o crédito de ter salvado mais de 11 mil casais do divórcio, foi ouvido por milhões de pessoas em seus programas de rádio e televisão.

Esse homem anunciou o fim do seu casamento em uma carta a seus patrocinadores, referindo-se à "história do sapateiro que estava tão ocupado que a sua esposa não tinha sapatos". ele acrescentou: "tenho sido esse sapateiro. eu reconheço isso." .

Entretanto, nem sua esposa nem seus filhos conseguiram impedi-lo de anunciar os seus planos de casar-se com outra mulher assim que o processo de divórcio chegasse ao fim. ele insistiu que não estava dando as costas para Deus; estava simplesmente abandonando a sua esposa cristã de quarenta e dois anos de casamento.

A declaração mais triste de todas foi algo que incluiu na carta a seus doadores. ele reconheceu "geralmente ser hipócrita quando falava sobre como [nosso casamento] era maravilhoso. o que eu ensina va era verdade; contudo, parece que nunca conseguimos aplicar ao nosso casamento".[Nota 6]

Por quê? Acredito que declarações como as de mossholder e exemplos como *O apóstolo,* Bob Pierce e roger da New Life Fellowship derivam de um paradigma (ou modelo) falho de discipulado cristão.

O pequeno grupo caseiro "amoroso" que desmoronou

Quando começamos a New Life Fellowship em setembro de 1987, estávamos comprometidos em desenvolver pequenos grupos como parte integrante do nosso discipulado e estratégia para edificação. investimos muita energia em treinamento de líderes em habilidades como conduzir um estudo bíblico, estimular a adoração, edificar a comunidade, alcançar os vizinhos e orar eficazmente, bem como conferir e compreender os ciclos de um pequeno grupo. Desenvolvemos manuais de consulta para "líderes de grupos caseiros" e "treinadores" (supervisores) desses grupos. Agora, ao olhar para trás, vejo que todas as habilidades eram "superficiais". elas falhavam em capacitar as pessoas em habilidades emocionalmente saudáveis de base, tais como falar com clareza, sem rodeios, com honestidade e respeito; ouvir sem fazer suposições; e resolver conflitos com maturidade. A seguinte história demonstra os limites e as falhas da nossa abordagem.

No início da década de 1990, Bob e Carol, um casal com um grande dom de hospitalidade, estavam liderando um dos nossos grupos caseiros. o pequeno grupo florescia com uma média de 15 pessoas participando todas as sextas-feiras à noite. os participantes adoravam. Oravam uns pelos outros. eles estudavam as escrituras. Passavam tempo juntos além das reuniões de grupo. Compartilhavam uma refeição todas as semanas. "No início, eu o teria descrito como um grupo muito amoroso", comentou Bob.

Os problemas começaram a aparecer quando, uma noite, millie, que era membro do grupo, comentou com outras duas mulheres sobre um "suposto" caso entre outras duas pessoas de outro grupo caseiro da New Life. elas estavam legitimamente preocupadas e ansiosas e queriam ajudar. essas mulheres contaram isso aos maridos, que acabaram informando Bob. ele ficou abismado em saber que um rumor desses estava circulando ao mesmo

tempo que o grupo estudava sobre tiago 3 e o poder da língua para o bem ou para o mal.

Bob conversou com millie e com os outros, supondo que a fofoca, então, iria parar. Na realidade, ela apenas foi varrida para baixo do tapete, sem que ninguém falasse direta e honestamente sobre a suposta indiscrição moral.

A rachadura aumentou, e tudo desabou quando millie informou a Bob que outro membro do grupo estava convencido de que a esposa de Bob estava tendo um caso. esse membro do grupo caseiro confiara em millie e acreditava que ela não iria contar a Bob.

Nessa época, surgiram inúmeros conflitos entre os membros do grupo. e conflitos se alastram como câncer se não forem tratados. o câncer desse grupo estava se espalhando de forma rápida e mortal.

Bob, horrorizado com as acusações e com o fato de serem tratadas de forma não bíblica, ficou profundamente abalado. esse acontecimento não apenas revelou a falta de maturidade do grupo, mas também falhas em sua própria vida e em seu casamento que precisavam ser tratadas. Bob percebeu, por exemplo, que ele exagerara em ajudar pessoas depois do trabalho e ficara emocionalmente indisponível para sua própria família. Levaria quase dois anos para que seu casamento fosse curado.

“Eu pensava que estava edificando pessoas na Palavra de Deus”, lamentou Bob. “Acabei percebendo que não edificara nada. As pessoas pediam perdão e depois desapareciam. Nós falávamos sobre a Bíblia, mas não sabíamos viver o que aprendíamos.”

““Eu pensava que estava edificando pessoas na Palavra de Deus”, lamentou Bob. “Acabei percebendo que não edificara nada.””

Em apenas três meses, esse “amoroso” grupo foi dizimado pelas feridas não tratadas. As pessoas se dispersaram; millie e o marido saíram da igreja e, logo depois, mudaram de estado.

Bob e Carol, desiludidos, também deixaram a igreja. Anos se passariam antes

que eles retornassem e confiassem nos cristãos novamente. em relação ao que aconteceu, Bob refletiu mais tarde: “Nós não sabíamos o que estávamos fazendo”.

Ele estava certo. eles, assim como todos nós na liderança superior, não tinham a maturidade emocional e espiritual, nem o treinamento para ir além da superfície para ajudar esse pequeno grupo caseiro.

Identificando os componentes emocionais da maturidade espiritual

Apesar do nosso investimento significativo no treinamento da liderança dos grupos caseiros, não compreendíamos o papel fundamental da saúde emocional na maturidade espiritual para viver na comunhão cristã. Nosso modelo de discipulado falhou em reconhecer o crescimento emocional — o progresso da infância ou adolescência para a fase adulta emocional. Por exemplo, não sabíamos que resolver conflitos não se tratava simplesmente de aplicar uns poucos passos tais como aqueles apresentados em mateus 18.15-18. Somente mais tarde, percebemos a necessidade de aplicar uma série de outras verdades bíblicas para resolver conflitos com competência e maturidade. isso inclui ter consciência de como a família costumava resolver conflitos; que estilo de conflito domina uma pessoa (por exemplo, fuga, ataque, abstração, fechar-se em si mesmo); desenvolver uma consciência saudável de suas falhas; e a capacidade de ver as coisas da perspectiva de outra pessoa de forma cristã.

Naquela época, a única coisa que sabíamos com certeza era que algo estava errado com o nosso desenvolvimento da liderança de grupos caseiros e o projeto de edificar comunidades saudáveis. mesmo assim, como afirmei no início do capítulo 1, como anda o líder, assim anda a igreja. Não podemos cultivar uma igreja emocionalmente saudável se nós mesmos não estamos tratando de questões mais profundas da nossa vida.

Vamos seguir para a Parte 2 e examinar as bases bíblicas para um novo paradigma de discipulado, tão necessário hoje.

> "Resolver conflitos não é simplesmente aplicar uns poucos passos tais como aqueles apresentados em Mateus 18.15-18."

Nota 1 - Para mais informações, consulte Engstrom, ted W.; Larson, robert C. Integrity. Waco, tx: Word, 1987. p. 98-100. [Voltar]

Nota 2 - Dunker, marilee P. Man of Vision, Woman of Prayer. Nashville: Nelson, 1980. [Voltar]

Nota 3 - Waite, Linda J.; Gallagher, maggie. The Case for Marriage: Why Married People are Happier, Healthier, and Better Off Financially. New York: Doubleday, 2000. [Voltar]

Nota 4 - Harden, Blaine. Bible Belt Couples “Put Asunder” more, Despite Concerned efforts of Church and State. New York Times. A1 and A14, National Section, 21 mai. 2001. [Voltar]

Nota 5 - V.<www.barna.org/barna-update/article/15-familykids/42-new-marriage-and-divorce--statistics-released>. [Voltar]

Nota 6 - Charisma News Service Update,16 jan. 2002, <www.strang.com>. [Voltar]



PARTE 2

BASES BÍBLICAS PARA UM NOVO PARADIGMA DE DISCIPULADO



A NOVA FRONTEIRA DO DISCIPULADO — SAÚDE EMOCIONAL

Com um sopro, Deus nos fez seres humanos. entretanto, por algum motivo, hoje nós desprezamos a parte emocional de quem somos e a consideramos suspeita, irrelevante ou de importância secundária. modelos de discipulado contemporâneo geralmente valorizam mais o componente espiritual do que os componentes físicos, sociais e intelectuais que nos constituem. entretanto, não existe uma boa teologia bíblica que sustente tal divisão.

A tão necessária revolução de Copérnico

Durante pelo menos mil e quatrocentos anos, foi universalmente aceito e "matematicamente provado" que a terra era o centro do universo. Afinal, Ptolomeu, o grande astrônomo da Grécia antiga, não demonstrou isso? todos aceitavam como fato que o Sol e o universo giravam ao redor da terra. então, Copérnico, um cientista polonês que viveu nos anos 1500, desafiou essa teoria, seguido mais tarde por Galileu. eles viram os problemas e as inconsistências dessa antiga visão de mundo e apresentaram um paradigma radicalmente novo. Segundo as suas análises, a terra era simplesmente um dos muitos planetas que orbitavam o Sol em um vasto universo. Galileu foi ainda mais longe, dizendo que mesmo o Sol é apenas um pequeno participante em um incontável número de galáxias.

Esse novo paradigma abalou a forma com que a sociedade e a igreja viam a si próprias. era muito desagradável admitir que as pessoas eram uma particulazinha em uma vasta galáxia. Por ver o universo de forma tão sacrílega e por suas implicações na fé das pessoas, Galileu foi chamado a roma, acusado de ser "veemente-mente suspeito de heresia" e acabou sendo condenado à prisão domiciliar pelo resto da vida. ele também foi proibido de publicar os seus estudos. (ele escapou com uma pena bem leve para os padrões da época!) A mudança da visão de mundo de Ptolomeu para a visão de Copérnico foi resultado de evidências de que o antigo modo de ver as coisas já não era adequado. Quanto mais Galileu estudava o movimento das estrelas e planetas à luz do sistema de Ptolomeu, mais claro ficava que aquilo não era verdadeiro. A partir daquele momento, todos começaram a olhar para o universo com novos olhos. todos os tipos de informações e dados anteriores agora podiam ser estudados e analisados de novas maneiras. uma mudança como essa em direção a um novo modelo ou paradigma pode ser considerada um tipo de conversão.

Estou empregando o termo “paradigma” propositadamente.Esse termo foi popularizado por Thomas Kuhn em seu livro *The Structure of Scientific Revolutions* [Nota 1] [estruturas das revoluções científicas] . ele define paradigma como uma forma de ver e pensar a realidade; são as lentes, o filtro através do qual interpretamos os dados e as informações da nossa vida. Para Kuhn, a revolução no pensamento científico só pode acontecer quando as pessoas são capazes de quebrar um antigo padrão de ver e pensar e trocar por um novo.

Ainda hoje, usamos a expressão “revolução copernicana” para descrever um modo completamente novo de ver a vida, um modo que abala os fundamentos de como sentimos, pensamos, ou vemos algo. Creio que a tese deste livro — que saúde emocional e saúde espiritual são inseparáveis — corresponderá a uma revolução copernicana para muitas pessoas da comunidade cristã.[Nota 2] Não é possível que um cristão seja espiritualmente maduro e ao mesmo tempo permaneça emocionalmente imaturo.

“Não é possível que um cristão seja espiritualmente maduro e ao mesmo tempo permaneça emocionalmente imaturo.”

Contudo, por algum motivo, a grande maioria dos cristãos, hoje, vive como se esses dois conceitos não tivessem relação. Nosso padrão do que significa ser “espiritual” ignora completamente as evidentes inconsistências. Precisamos aprender a aceitar que:

- Você pode ser um pregador dinâmico e talentoso e não ser um esposo e pai afetuoso em casa.
- Você pode ser membro do conselho da igreja ou ser pastor e mesmo assim não estar disposto a aprender, ser inseguro e se manter sempre na defensiva.
- Você pode memorizar livros inteiros do Novo testamento e ainda não ter consciência da sua depressão e raiva, a ponto de transferi-las para as

outras pessoas.

- Você pode jejuar e orar um dia na semana durante anos como uma disciplina espiritual e criticar os outros constantemente, justificando a atitude como discernimento.
- Você pode liderar centenas de pessoas no ministério cristão e ser levado por uma profunda necessidade pessoal de compensar um persistente senso de fracasso.
- Você pode orar para ser liberto do reino demoníaco quando na realidade está simplesmente evitando conflitos, repetindo um padrão inadequado de comportamento que vem do lar no qual você cresceu.
- Exteriormente você pode cooperar na igreja, mas inconscientemente tentar minar ou derrotar o seu supervisor chegando sempre atrasado, esquecendo com frequência das reuniões, esquivando-se e sendo apático ou ignorando o verdadeiro motivo de estar ferido e zangado.

Platão na igreja

De onde tiramos a ideia de que a maturidade espiritual pode ser conquistada sem integrar os aspectos emocionais de quem somos?

De onde veio essa tendência sutil de valorizar o espiritual acima dos aspectos físicos, emocionais, sociais e intelectuais do nosso ser?

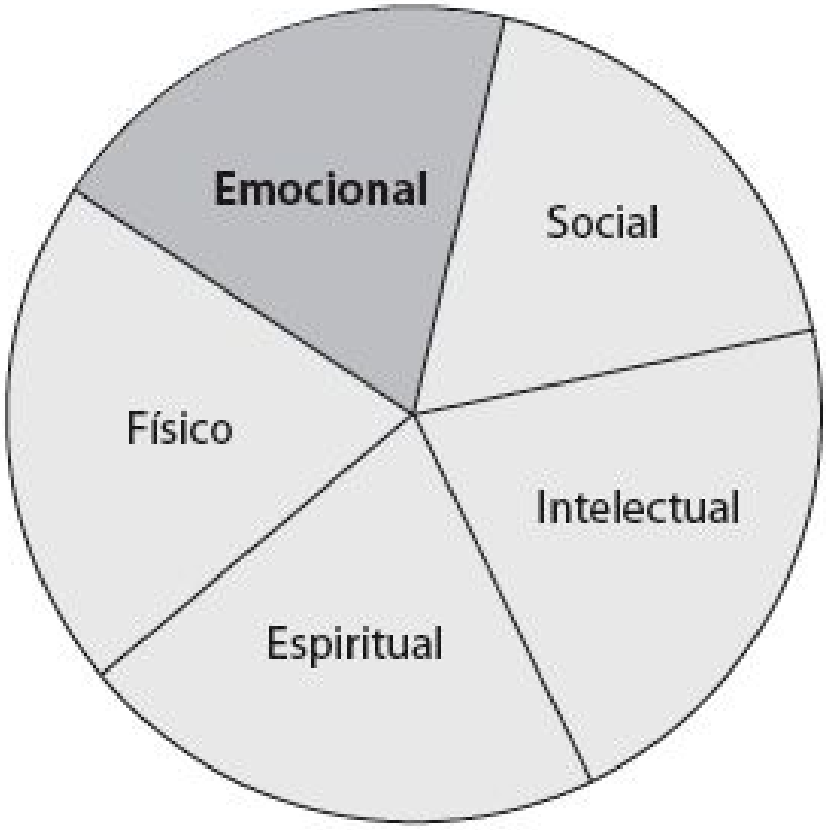
> "Infiltrou-se em nossas igrejas uma mensagem sutil de que ser humano, ser emocional, é de certa forma pecado — ou, no mínimo, é menos do que ser espiritual."

A resposta é complexa, mas pode ser resumida simplesmente como sendo a influência de um fi-lósofo grego que viveu vários séculos antes de Cristo, chamado Platão. A influência dele sobre diversas pessoas da história da igreja (tais como Agostinho) continua a nos atingir hoje.

A mensagem velada em muitas das nossas igrejas é: "o corpo é ruim; o espírito é bom". De alguma forma, infiltrou-se em nossas igrejas, uma mensagem sutil de que ser humano, ser emocional, é pecado ou, no mínimo, é menos do que ser espiritual. essa ideia vem muito mais do platonismo e do gnosticismo do que das escrituras Sagradas.[Nota 3]

Quando se pergunta o que significa ser criado à imagem de Deus (Gênesis 1.26,27; 5.1; 9.6; Salmos 8.5; romanos 8.29; 1Coríntios 11.7; 15.49; efésios 4.24; Colossenses 1.15; 3.11; 1João 3.2), a maioria das pessoas foca somente o espiritual. Pensamos em moldar a nossa vida à semelhança de Jesus em áreas como oração, leitura da Palavra, servir aos outros, dizimar e adorar.

O único problema é que somos mais do que seres espirituais. Deus nos fez pessoas completas, à sua imagem (v. Gênesis 1.27). Isso inclui dimensões físicas, espirituais, emocionais, intelectuais e sociais. reflita sobre o seguinte gráfico:



Negar qualquer aspecto do significado de um ser humano completo criado à imagem de Deus leva a consequências catastróficas e de longo prazo — em nosso relacionamento com Deus, com os outros e com nós mesmos. Desdobramentos prejudiciais são inevitáveis quando deixamos de nos ver como pessoas completas, criadas à imagem de nosso Deus Criador. Contudo, por algum motivo, exaltamos o aspecto espiritual acima dos outros aspectos básicos que fazem de nós seres humanos. Nós ignoramos o aspecto:

- *físico:* "Quem tem tempo de fazer exercícios, alimentar-se corretamente ou dormir o suficiente? Nosso corpo vai perecer mesmo".
- *social:* "Não se preocupe com os seus amigos. trabalhar para o reino é o que realmente importa. Você terá tempo para estar com os seus amigos no céu".

• *intelectual*: “tenha cautela em desenvolver a mente ou estudar demais, ou Deus não terá espaço em seu coração”.
• *emocional:* “Parece que, quando você entra em contato com os seus sentimentos, você fica mais confuso e distante de Deus. tenha cuidado para não explicar o evangelho em termos psicológicos!”.

“Com o passar do tempo, esse paradigma não bíblico levou-nos a considerar sentimentos e emoções como opostos ao Espírito.”

Com o passar do tempo, esse paradigma não bíblico levou-nos a considerar sentimentos e emoções como opostos ao espírito (principalmente a ira que passou a ser um dos sete pecados capitais, apesar do ensino das escrituras que diz “irai-vos e não pequeis” e seja “tardio para se irar”). Hoje, muitos pensam que a repressão dos sentimentos e das emoções foi elevada ao *status* de virtude ou a ser espiritual. Negar a ira, desprezar a dor, ignorar a depressão, fugir da solidão, evitar dúvidas que confundem e afastar a sexualidade tornou-se uma forma de exercício da vida espiritual.

Em *The Cry of the Soul* [o clamor da alma] *,* Dan Allender e tremper Longman iii descrevem porque é tão importante dar ouvidos a nossas emoções e cuidar delas:

> Ignorar nossas emoções é dar as costas para a realidade; dar ouvidos a nossas emoções conduz-nos à realidade. e é na realidade que nos encontramos com Deus... *As emoções são a linguagem da alma*. elas são o clamor que dá voz ao coração... Contudo, com frequência ficamos surdos — por meio da negação, distorção ou desconexão emocional. expulsamos qualquer coisa perturbadora para conseguir um tênue controle de nosso mundo interior. Sentimos medo e vergonha de que vaza para nossa consciência. *Ao negligenciarmos nossas emoções mais intensas, somos falsos conosco mesmos e perdemos uma grande oportunidade de conhecer a Deus.*

Esquecemos que a mudança vem por meio de completa honestidade e vulnerabilidade diante de Deus[Nota 4]. (grifo nosso)

Jesus — Deus e homem

Durante toda a minha jornada cristã, confessei constantemente o Deus chamado Jesus. o problema é que, no que diz respeito ao assunto, eu raramente pensava no homem chamado Jesus — ou em minha própria humanidade. As anotações e orações que escrevi con-firmavam que o Jesus que adorei e segui nos primeiros dezessete anos de vida cristã não era muito humano. tampouco eu era.

Uma das heresias do início da igreja era o docetismo, a crença de que Cristo não se tornara realmente humano em virtude da insuperável diferença entre o mundo divino e o humano. Alguns, portanto, pensavam que Jesus apenas parecia ser humano, mas que na verdade nunca abriu mão da sua natureza ou essência divina.[Nota 5] Embora eu não acreditasse intelectualmente em tal ideia antibíblica, a minha vida em Deus não confirmava o que eu profes-sava. eu ignorava os meus limites humanos e estava sempre ocupado fazendo mais e mais para Deus. também considerava os sentimentos negativos como ira ou depressão contrários a Deus, por isso os evitava. Caí na armadilha de pensar que passar o dia inteiro em oração e com a Palavra era mais espiritual do que limpar a casa, lavar roupas ou cuidar das crianças.

No Concílio de Calcedônia em 451 d.C., os líderes da igreja declararam que Jesus era plenamente Deus e plenamente homem — uma interpretação histórica e muito difundida da escritura que eu também confesso. o concílio afirmou que Deus visitou nosso planeta quando a Palavra se fez carne e viveu entre nós (João 1.14). Eles definiram a relação entre as duas naturezas de Cristo como relacionadas, mas sem confusão ou divisão.[Nota 6]

O Jesus que eu adorava, ao contrário, tinha muito de Deus e muito pouco de homem. Nunca entendi, por exemplo, o relato de Jesus no Getsêmani. Ali vemos um Jesus plenamente humano — emocionalmente deprimido, mentalmente confuso e espiritualmente sobrecarregado. ele estava sendo

levado ao limite humano. Nós o vemos prostrado no chão e “estando angustiado, ele orou ainda mais intensamente; e o seu suor era como gotas de sangue que caíam no chão” (Lucas 22.44). eu nunca havia contemplado Jesus sob esse tipo de estresse emocional. Não surpreende que algumas pessoas rejeitem esse Jesus de carne e osso, humano, que se debate e que nem sempre está 100% certo da vontade de Deus.[Nota 7]

“O que me preocupa é que muitos líderes cristãos que conheço estão emocionalmente entorpecidos.”

O que me preocupa é que muitos líderes cristãos que conheço estão emocionalmente entorpecidos. Não estão cientes de nada que se possa chamar de sentimentos ou emoções. Quando perguntamos a eles como se sentem, podem usar o termo “eu sinto”, mas na realidade apenas relatam um fato ou fazem uma declaração sobre o que pensam. As emoções estão congeladas. A sua linguagem corporal, o tom de voz e as expressões faciais indicam que as emoções estão presentes, mas eles não estão atentos o suficiente para identificá-las. Mesmo aqueles que são do tipo “sentimental”, com frequência não têm consciência da profundidade por trás das suas emoções.

Nosso mundo exterior e nosso mundo interior

Eu era um impostor e não sabia disso. Assim como a maioria das pessoas que estão na liderança cristã, eu me esforçava muito para ser um cristão dedicado e amoroso. eu labutava servindo às pessoas, perdoando-as, humilhando-me e sendo alegre. o problema é que na maior parte do tempo sentia-me miserável e não era capaz de admitir isso para ninguém, nem para mim mesmo.

Eu não conseguia acreditar nisso. meu mundo interior não estava em sincronia com o comportamento exterior. A Bíblia tem um termo para essa disparidade, um termo que Jesus usava repetidamente em relação aos líderes religiosos: hipocrisia (v. mateus 23), que literalmente significa "representar".[Nota 8] o mais assustador é que essa "representação", com frequência, é ensinada e até esperada em nossas igrejas. o resultado é que muitas pessoas ignoram totalmente a dicotomia entre o seu mundo exterior e seu mundo interior.

Por mundo exterior, refiro-me às pessoas com quem nos relacionamos e às coisas que acontecem a nosso redor. Nosso mundo interior é aquilo que se passa dentro de nós. o interior representa o que sentimos, valorizamos, honramos, estimamos, amamos, odia-mos e cremos.

Amar verdadeiramente a Deus com todo o coração, com toda a alma, com toda a mente e com toda a força exige que conheçamos não apenas Deus, mas também o nosso interior — a natureza do nosso coração, da nossa alma e da nossa mente. Compreender esse mundo de sentimentos, pensamentos, desejos e esperanças com toda a sua riqueza e complexidade é um trabalho duro. também exige tempo — muito tempo.

Durante anos, o meu grande dilema foi que eu estava muito ocupado edificando uma igreja maior e procurando maneiras de causar mais impacto. Quem teria tempo para esse tipo de introspecção mórbida? um tempo de reflexão não iria retardar a obra de Deus? o que resultaria de bom para Deus

e os outros se eu penetrasse em meus desejos, medos e esperanças inconscientes e desconhecidos?

"É preciso empenho, energia, inconveniência, tempo, coragem, solidão e uma sólida compreensão da graça de Deus no evangelho para crescer à semelhança de Cristo."

É doloroso lançar o primeiro olhar profundo e demorado para dentro do coração. Jeremias 17.9 afirma: "o coração é mais enga-noso que qualquer outra coisa, e sua doença é incurável. Quem é capaz de compreendê-lo?". o motivo disso remonta à queda de Adão e eva no jardim do Éden. Desde então, fomos separados de Deus, afastados uns dos outros e divididos internamente. Vergonha, solidão, fuga, autoproteção, mentira e outras dores emocionais marcaram Adão e eva em Gênesis 3, e desde então essas formas de reagir também caracterizam cada pessoa que já viveu.

Por isso é preciso empenho, energia, inconveniência, tempo, coragem, solidão e uma sólida compreensão da graça de Deus no evangelho para crescer à semelhança de Cristo. Acredito que essas coisas contribuíram para que a fronteira da saúde emocional fosse tão ignorada na maioria dos discipulados, formações espirituais e modelos de mentoreamento em nossas igrejas e em nossos seminários. Por isso estamos pagando o alto preço do crescimento mirrado e de discípulos superficiais em nossas igrejas.

Uma segunda "conversão"

A princípio, eu pensara que minha conversão a Jesus Cristo como Salvador e Senhor era minha entrega completa. mal sabia eu que era apenas o início.

Eu já era cristão há dezessete anos quando descobri a ligação entre saúde emocional e saúde espiritual. Sentime como um bebê começando a engatinhar novamente. estava usando músculos que nem sabia que possuía e explorando um território interno que até então permanecera intocado.

Eu ignorara os componentes emocionais em minha busca por Deus. As abordagens de discipulado espiritual das igrejas e dos ministérios que moldaram a minha fé não tinham uma linguagem, teologia ou um treinamento que me ajudassem nessa área. Não importava quantos livros lesse ou de quantos seminários participasse em outras áreas — física, social, intelectual, espiritual. Não importava quantos anos se passassem, quer outros dezessete quer mais cinquenta. eu permaneceria emocionalmente um bebê até que o componente emocional da imagem de Deus em mim fosse exposto e transformado em Jesus Cristo. o fundamento espiritual sobre o qual construíra a minha vida (e que ensinara a outros) estava rachado. Não havia como esconder isso das pessoas mais próximas.

A minha falha em prestar atenção em Deus e no que estava acontecendo em meu interior fez-me perder muitos dons. Deus em seu amor veio e falou comigo em meio à minha dor, convidando-me a mudar, mas eu simplesmente não ouvia. Nunca esperei que Deus me encontrasse em meio a sentimentos como tristeza, depressão e ira.

Quando finalmente descobri a ligação entre saúde emocional e saúde espiritual, começou uma revolução copernicana em mim — e foi assustador. Sentia-me como se estivesse traindo os pais que me moldaram espiritualmente. o navio deixara o porto, e eu não sabia para onde estava indo. mas não havia como voltar atrás.

Esse paradigma revolucionário — de que a saúde emocional e a saúde espiritual são inseparáveis — era uma nova fronteira para o meu desenvolvimento pessoal e para a New Life Fellowship Church. Isso afetou todas as áreas da vida da igreja, dos sermões às reuniões da liderança, ao mentoreamento, às reuniões do conselho e aos cultos de domingo. Aquelas coisas que geralmente são consideradas pequenas e imperfeitas lentamente começaram a ocupar o centro, deixando de lado o que era grande e espetacular. os frutos eram de tirar o fôlego.

Redescobri o amor e a graça de Deus em um nível inteiramente novo. A minha vida espiritual com Jesus floresceu. Geri e eu começamos a investir em nosso casamento como a prioridade número um do nosso discipulado. em pouco tempo, estávamos transbordando de alegria e deleite recém-descobertos em nosso relacionamento. Experimentamos a glória de Deus e comprometemo-nos a liderar a igreja com base na qualidade do nosso casamento. os últimos quinze anos foram um sonho realizado. Nossas quatro filhas, bem como toda a congregação da New Life, naturalmente se beneficiaram com um pai e pastor presidente que estava caminhando de forma mais autêntica e honesta. Por fim, a alegria de liderar e servir a Cristo retornou. Aprendi que o jugo de Jesus é suave e seu fardo, leve — mesmo para pastores e líderes! De fato, há uma forma diferente de liderar a igreja.

"Esse paradigma revolucionário — de que a saúde emocional e a saúde espiritual são inseparáveis — era uma nova fronteira para o meu desenvolvimento pessoal e para a New Life Fellowship Church."

Será que todos os cristãos têm coragem de permitir que o poder do evangelho penetre nos aspectos emocionais da sua personalidade a fim de expor as áreas intocadas do seu *iceberg*? Será!? Você tem? Vire a página e analise as qualidades bíblicas que indicam se você emocionalmente é um bebê, uma criança, um adolescente ou um adulto.

Notas do Capítulo

Nota 1 - Kuhn, Thomas. The Structure of Scientific Revolutions. 3. ed. Chicago: Univ. of Chicago Press, 1996. [Estrutura das Revoluções Científicas. São Paulo: Perspectiva, 2010.] [Voltar]

Nota 2 - Essa é uma questão complexa quando lidamos com indivíduos mentalmente doentes ou incapacitados em que a mensuração da maturidade emocional precisará levar em consideração fatores neurobiológicos. Para uma excelente introdução a fim de melhor compreender a estrutura básica e a química do cérebro e como ele afeta as nossas emoções e o nosso comportamento, recomendo o excelente livro de John Ratey, A User's Guied to the Brain: Perception, Attention and the Four Theaters of the Brain. New York: Vintage Books of Random House, 2001. [Voltar]

Nota 3 - Foster, Richard. Streams of Living Water: Celebrating the Great Traditions of Christian Faith. San Francisco: HarperSanFrancisco, 1998. p. 406. [Rios de água viva: práticas essenciais das seis grandes tradições da espiritualidade cristã, Editora Vida, 2008.] [Voltar]

Nota 4 - Allender, Dan B.; Longman III, Tremper. The Cry of the Soul. Dallas: Word, 1994. p. 24-25. [Voltar]

Nota 5 - Koester, Helmut. History, Culture and Religion of the Hellenistic Age. Minneapolis: Fortress, 1995. p. 414. [Voltar]

Nota 6 - Bettenson, Henry (Ed.). Documents of the Christian Church. 2. ed. London: Oxford, 1963. p. 51. [Documentos da igreja cristã. 2 ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1983.] [Voltar]

Nota 7 - Foster, op.cit., p. 277-279. Para um comentário especialmente criterioso, consulte também o escritor luterano D. Frederick Bruner, Matthew: A Commentary. 2 v. Dallas: Word, 1990. v. 2. p. 983. [Voltar]

Nota 8 - Brown, Colin (Ed.). New International Dictionary of New Testament Theology. Grand Rapids: Zondervan, 1976. v. 2. p. 468-470. [Voltar]



QUESTIONÁRIO SOBRE MATURIDADE ESPIRITUAL/EMOCIONAL

O capítulo anterior apresentou uma base bíblica para um novo paradigma de discipulado que inclua maturidade emocional. o instrumento de diagnóstico a seguir é uma ferramenta simples para ajudar você a determinar seu nível de maturidade espiritual/emocional.

> "Pare e ore por um momento para que Deus oriente as suas respostas e lembre-se de que você pode ser honesto porque ele o ama terna e incondicionalmente."

Passe alguns minutos refletindo sobre este questionário a fim de aperceber-se de onde se encontra como discípulo de Jesus Cristo, tanto como indivíduo como na igreja. ele o ajudará a perceber se seu discipulado atingiu os aspectos emocionais da sua vida e, se atingiu, em qual profundidade. também o desafiará a refletir se é emocionalmente um bebê, uma criança, um adolescente ou um adulto. Cada um dos estágios de maturidade emocional é descrito no final do capítulo.

É natural sentir-se apreensivo ou desconfortável com algumas das perguntas. tente ser o mais vulnerável e aberto possível. Lembre-se de que o questionário não revelará nada a seu respeito que Deus já não saiba. Pare e ore por um momento para que Deus oriente as suas respostas e lembre-se de que você pode ser honesto porque Deus o ama terna e incondicionalmente.

Dadas as limitações de espaço, resumi ao máximo a Parte A. Suspeito que a maior parte dos leitores estará bem mais familiarizada com os conceitos indicados na Parte A do que na Parte B.

Questionário sobre saúde espiritual/emocional

Por favor, responda às perguntas com o máximo de honestidade. Use o método de contagem como indicado.

Legenda do Questionário

1	Não muito verdadeiro
2	Às vezes verdadeiro
3	Geralmente verdadeiro
4	Muito verdadeiro

PARTE A: Formação geral e discipulado

1. estou seguro de que fui adotado por deus e sou seu filho/a e raramente questiono se ele me aceita, se é que questiono.
2. amo adorar a deus sozinho e também com outras pessoas.
3. Passo regularmente tempo de qualidade com a Palavra de deus e em oração.
4. tenho consciência da maneira única com que deus me capacitou individualmente e estou usando ativamente meus dons espirituais em seu serviço.
5. sou participante ativo da comunidade junto com outros cristãos.
6. Meu dinheiro, meus dons, meu tempo e minhas habilidades estão completamente ao dispor de deus, não a meu dispor.
7. integro com coerência a minha fé no ambiente de trabalho e no mundo.

PARTE B: Componentes emocionais do discipulado *Princípio 1: Olhe abaixo da superfície* 1. É fácil para mim identificar o que estou sentindo (Lucas 19.41-44; João 11.33-35).

2. estou disposto a explorar áreas do meu ser antes desconhecidas ou inaceitáveis, permitindo que Cristo me transforme completamente (romanos 7.21-25; Colossenses 3.5-17).

3. tenho prazer em estar em tranquila refexão com deus (Marcos 1.35; Lucas 6.12).
4. Posso compartilhar livremente sobre as minhas emoções, a minha sexualidade, as minhas alegrias e a minha dor (salmos 22; Provérbios 5.18,19; Lucas 10.21).
5. sou capaz de lidar com a ira de forma que gere crescimento nos outros e em mim (efésios 4.25-32).
6. sou honesto comigo mesmo (e com algumas pessoas significativas) sobre os meus sentimentos, as minhas crenças, dúvidas, dores e feridas que estão abaixo da superfície da minha vida (salmos 73; 88; Jeremias 20.7-18).

Princípio 2: Quebre o poder do passado 7. resolvo os confitos de modo claro, direto e respeitoso, diferente talvez do que tenha aprendido em minha família, como críticas, fugas, tensões crescentes ou buscar um terceiro em vez de falar com a pessoa diretamente (Mateus 18.15-18).

8. estou esforçando-me deliberadamente para resolver acontecimentos inesperados que moldaram o meu presente, tais como a morte de um membro da família, uma gravidez inesperada, o divórcio, um vício ou um desastre financeiro (Gênesis 50.20; salmos 51).
9. Posso agradecer a deus por todas as experiências que já vivi e vejo como ele as usou para me moldar em quem sou (Gênesis 50.20; romanos 8. 28-30).
10. Vejo como certos “pecados familiares” passaram para mim por causa da minha história familiar, incluindo falhas de caráter, mentiras, segredos, formas de lidar com a dor e maneiras prejudiciais de relacionar-me com os outros (Êxodo 20.5; v. Gênesis 20.2; 26.7; 27.19; 37.1-33).
11. não preciso da aprovação dos outros para me sentir bem (Provérbios 29.25; Gálatas 1.10).
12. assumo a responsabilidade por minha vida passada em vez de culpar os outros (João 5.5-7).

Princípio 3: Viva em quebrantamento e vulnerabilidade 13. Geralmente admito quando estou errado e peço perdão prontamente aos outros (Mateus 5.23,24).

14. Posso falar livremente sobre as minhas fraquezas, os meus fracassos e erros (2Coríntios 12.7-12).
15. outras pessoas facilmente me descreveriam como acessível, gentil, aberto e transparente (Gálatas 5.22,23; 1Coríntios 13.1-6).
16. aqueles que estão mais perto de mim diriam que não me ofendo nem me magoo com facilidade (Mateus 5.39-42; 1Coríntios 13.5).
17. estou sempre aberto a ouvir e aplicar críticas construtivas e comentários que os outros tenham a meu respeito (Provérbios 10.17; 17.10; 25.12).
18. raramente critico ou julgo os outros (Mateus 7.1-5).
19. outras pessoas me descreveriam como tardio para falar, pronto para ouvir e que tenho facilidade para ver as coisas da perspectiva delas (tiago 1.19,20).

Princípio 4: Receba o dom do limite 20. nunca fui acusado de tentar fazer tudo sozinho ou de ter mais olhos que barriga (Mateus 4.1-11).

21. sou capaz de dizer não com frequência a pedidos e oportunidades em vez de arriscar ficar sobrecarregado (Marcos 6.30-32).
22. reconheço as diferentes situações em que a minha personalidade única e dada por deus pode ser um auxílio ou empecilho para responder apropriadamente (salmos 139; romanos 12.3; 1Pedro 4.10).
23. Para mim, é fácil distinguir quando devo ajudar a carregar o fardo de alguém (Gálatas 6.2) e quando deixar que as pessoas levem os seus próprios fardos (Gálatas 6.5).
24. Conheço a minha capacidade emocional, física, espiritual e de relacionamento e retiro-me para descansar e recarregar o “tanque” (Marcos 1.21-39).
25. as pessoas mais próximas diriam que equilibro com facilidade e de forma bíblica a família, o descanso, o trabalho e o lazer (Êxodo 20.8).

Princípio 5: Aceite a dor e a perda 26. admito abertamente os meus fracassos e decepções (salmos 3.5).

27. Quando passo por uma decepção ou perda, refito sobre como estou me sentindo em vez de fingir que nada está errado (2samuel 1.4,17-27; salmos 51.1-17).
28. tiro tempo para lamentar as minhas perdas, assim como davi (salmos 69) e Jesus fizeram (Mateus 26.39; João 11.35; 12.27).
29. Pessoas que estão passando por dor e sofrimento tendem a me procurar porque veem que não negligencio as perdas e as tristezas da minha própria vida (2Coríntios 1.3-7).
30. sou capaz de chorar e experimentar depressão ou tristeza, examinar as razões por trás disso e permitir que deus trabalhe em mim nessa situação (salmos 42; Mateus 26.36-46).

Princípio 6: Faça da encarnação o seu modelo para amar 31. sou capaz de regularmente entrar no mundo e nos sentimentos das outras pessoas, conectando-me profundamente com elas e gastando tempo para imaginar como é viver a vida delas (João 1.1-14; 2Coríntios 8.9; Filipenses 2.3-5).

32. as pessoas próximas a mim descrevem-me como um ouvinte compreensível (Provérbios 10.19; 29,11; tiago 1.19).
33. Quando confronto alguém que me magoou ou agiu de forma errada comigo, falo mais na primeira pessoa (“eu” E “mim”) sobre como estou me sentindo do que em tons acusadores (“você” ou “eles”) a respeito do que aconteceu (Provérbios 25.11; efésios 4.29-32).
34. não tenho interesse em julgar os outros ou dar opiniões rápidas sobre eles (Mateus 7.1-5).
35. as pessoas me descreveriam como alguém que tem como objetivo principal “amar como se deve” (João 13.34,35; 1Coríntios 13).

Princípio 7: Desacelere para liderar com integridade 36. Passo tempo suficiente com deus para sustentar o meu trabalho para deus.

37. regularmente separo um período sabático de vinte e quatro horas para parar, descansar, alegrar-me e contemplar deus.
38. aqueles mais próximos a mim diriam que o meu casamento e os meus filhos estão acima do ministério da igreja e dos outros.
39. não tenho medo de fazer perguntas difíceis e desconfortáveis a mim mesmo ou aos outros quando necessário.
40. não divido a minha liderança em categorias como sagrada/secular. trato as questões executivas e de planejamento da liderança como sendo tão significativas como orar e preparar sermões.

Resultados do questionário Para cada grupo de perguntas das páginas 82 a 86: • Some as suas respostas para chegar ao total daquele grupo. Escreva o total na parte de cima da página 88, como mostra o exemplo da página seguinte.

• Em seguida, marque as suas respostas e ligue os pontos para criar um gráfico na parte do meio . Mais uma vez, siga o exemplo

• Finalmente, veja as páginas para interpretar o seu nível de saúde emocional em cada área. Que padrões você percebe?

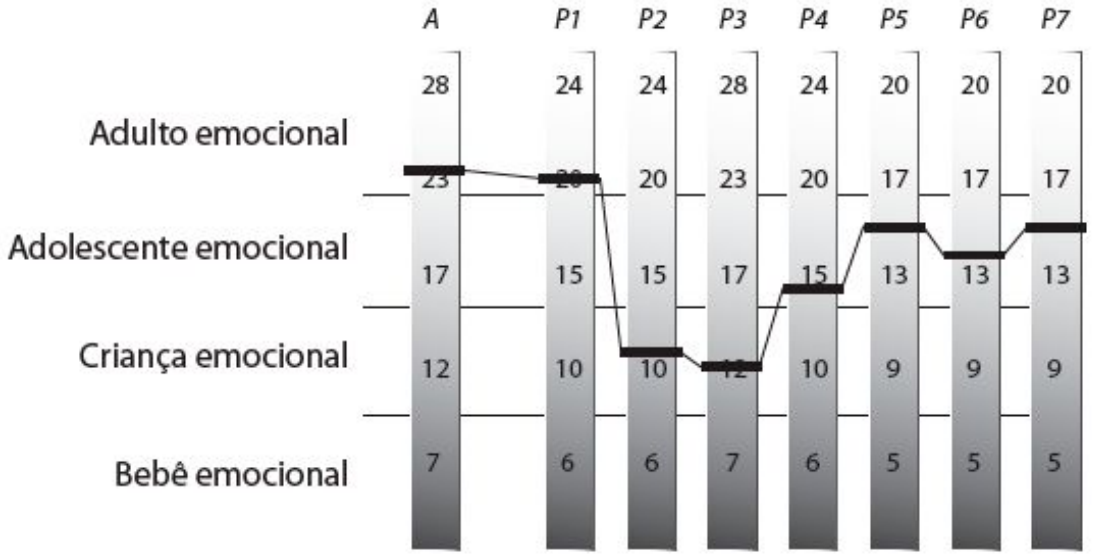
EXEMPLO

PARTE A

Formação geral e discipulado

PARTE B

Princípio 1 — **olhe abaixo da superfície**
Princípio 2 — **Quebre o poder do passado**
Princípio 3 — **Viva em quebrantamento e vulnerabilidade**
Princípio 4 — **receba o dom do limite**
Princípio 5 — **aceite a dor e a perda**
Princípio 6 — **Faça da encarnação o seu modelo para amar**
Princípio 7 — **desacelere para liderar com integridade**

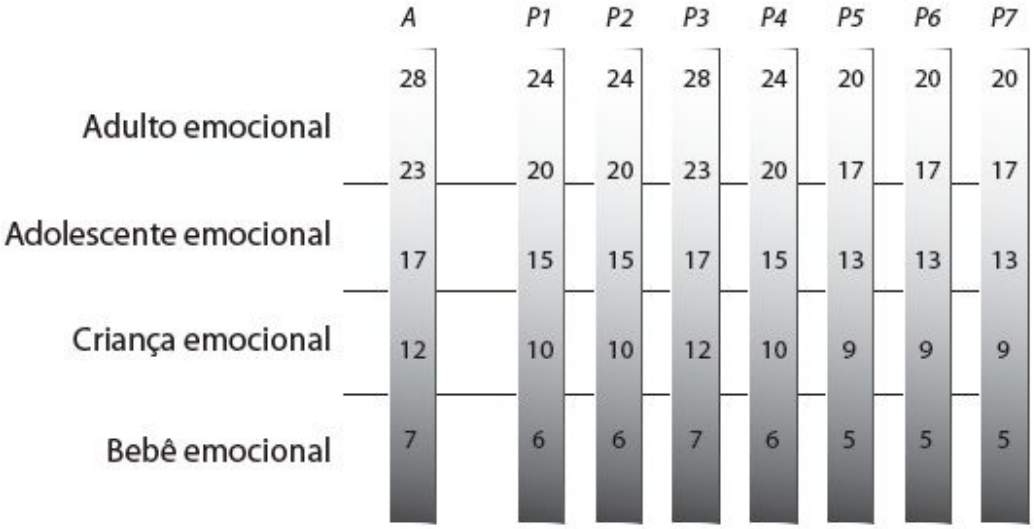


PARTE A

Formação geral e discipulado

PARTE B

Princípio 1 — **olhe abaixo da superfície**
Princípio 2 — **Quebre o poder do passado**
Princípio 3 — **Viva em quebrantamento e vulnerabilidade**
Princípio 4 — **receba o dom do limite**
Princípio 5 — **aceite a dor e a perda**
Princípio 6 — **Faça da encarnação o seu modelo para amar**
Princípio 7 — **desacelere para liderar com integridade**



GUIA DE INTERPRETAÇÃO: NÍVEIS DE MATURIDADE EMOCIONAL

Bebê emocional. espero que as outras pessoas cuidem de mim emocional e espiritualmente. tenho dificuldade em descrever e viver os meus sentimentos de forma saudável e raramente entro no mundo emocional dos outros. sou guiado constantemente por uma necessidade de gratificação instantânea e, muitas vezes, uso as outras pessoas para suprirem as minhas necessidades. Às vezes as pessoas me consideram desatencioso e insensível. não me sinto à vontade no silêncio nem sozinho. Quando surgem desafios,

dificuldades ou privações, tenho vontade de desistir de deus e da vida cristã. Por vezes sinto a presença de deus na igreja e quando estou com outros cristãos, mas raramente quando estou no trabalho ou em casa.

Criança emocional. Quando as coisas estão andando do jeito que gosto, estou contente. Contudo, assim que uma decepção ou um estresse entram em cena, rapidamente o meu interior se desfaz. Geralmente as situações me atingem de forma pessoal, interpreto críticas e opiniões diferentes como uma ofensa pessoal. Quando não consigo as coisas do meu jeito, tenho um acesso de raiva, retiro-me, manipulo, bato os pés, sou sarcástico ou planejo vingança. Com frequência, acabo vivendo a espiritualidade de outra pessoa porque estou sobrecarregado e confuso demais. a minha vida de oração é principalmente falar com deus, dizendo a ele o que fazer e como resolver os meus problemas. a oração é um dever, não uma alegria.

adolescente emocional. não gosto quando os outros me questionam.

Com frequência, emito julgamentos e interpretações rápidos sobre o comportamento das pessoas. não perdoo aqueles que pecam contra mim, evitando-os ou cortando relações quando fazem algo para me machucar. inconscientemente guardo registros do amor que doo. tenho dificuldades para realmente ouvir sobre as dores, decepções ou necessidades de outra pessoa sem começar a me preocupar comigo mesmo. Às vezes, fico muito ocupado para passar um tempo adequado nutrindo a minha vida espiritual. Frequento a igreja e sirvo a outras pessoas, mas desfruto de poucas alegrias em Cristo. a minha vida cristã ainda é principalmente fazer, não estar com ele. as orações continuam sendo eu falando e pouco silêncio, quietude e escutar a deus.

adulto emocional. respeito e amo as outras pessoas sem ter de mudá-las nem julgá-las. Valorizo as pessoas pelo que são, não pelo que me podem dar nem pela forma que se comportam. assumo a responsabilidade por minhas ideias, por meus sentimentos, objetivos e por minhas ações.

Posso expor as minhas crenças e os meus valores para aqueles que discordam de mim — sem me tornar um adversário. sou capaz de autoavaliar com precisão os meus limites, a minha resistência e as minhas fraquezas.

estou profundamente convencido de que sou inquestionavelmente amado por Cristo e, por isso, não olho para os outros buscando aprovação. sou capaz de integrar *fazer* coisas para deus e *estar* com ele (Marta e Maria). a minha vida cristã é mais do que simplesmente servir a Cristo; é amá-lo e desfrutar de comunhão com ele.



PARTE 3

OS SETE PRINCÍPIOS DE UMA IGREJA EMOCIONALMENTE SAUDÁVEL



PRINCÍPIO 1:
OLHE ABAIXO DA SUPERFÍCIE

Em igrejas emocionalmente saudáveis, as pessoas olham longa-mente para dentro do coração e se perguntam: “o que Jesus está tentando mudar?”. essas pessoas compreendem que a vida é como um *iceberg,* a maior parte do nosso ser está muito abaixo da superfície. Elas pedem que Deus traga à consciência e transforme essas camadas que estão abaixo da superfície e que impedem que se pareçam mais com Jesus Cristo.

Olhando para todos os lados, menos para o interior

Em *The Poisonwood Bible* [A Bíblia envenenada] *,* um romance fascinante de Barbara Kingsolver, Nathan Price está entusiasmado e determinado a levar a Palavra de Deus ao Congo Belga. o ano era 1959, e o país africano estava passando por tumultos políticos, mas ameaças de guerra não assustavam Nathan. Durante os três meses em que lu-tara na Segunda Guerra mundial, ele perdera muitos amigos na famosa marcha da morte de Bataan e voltara da guerra determinado a salvar mais almas do que as que pereceram na península de Bataan.

Seu domínio da Palavra de Deus e o compromisso que tinha para com ela eram claros e intransigentes. Apesar das dúvidas da sua esposa em relação às dificuldades da empreitada, Nathan leva a mulher e os quatro filhos para uma pequena aldeia da África. *A Bíblia envenenada* revela a trágica história da família Price nos trinta anos seguintes do ponto de vista de orleanna e dos quatro filhos. todos eles acabam vítimas do fracasso de Nathan em olhar para o seu interior com profundidade e seriedade.

O mais impressionante na história é a falta de noção do pregador — com ele mesmo, com sua esposa, com cada um dos quatro filhos e com os próprios congoleses. Por exemplo, ele nunca presta atenção ao medo que as pessoas nativas têm de batizar os filhos no rio porque ele é infestado de crocodilos. também nunca lhe ocorreu que na língua nativa, em que o significado das palavras está relacionado à entonação, a palavra que significa "glorioso, precioso e querido", quando pronunciada adequadamente, mas quer dizer "árvore envenenada" quando é pronunciada com o sotaque americano. No final de cada pregação, ele gritava: "Jesus é envenenado!" em vez de dizer corretamente "Jesus é glorioso!". No final do romance, a filha Adah afirma: "Sou filha de um homem que cria que não podia dizer nada a não ser a verdade e, ao mesmo tempo, sempre falou sobre a Bíblia envenenada".

O livro vai além das duras condições de vida e da revolucionária situação política, ele traça a verdadeira história da sobrevivência dessa família ao cristianismo (e a péssima teologia) do pai que o impedia de realmente amar as pessoas. ele era uma máquina. Vivia para Deus no piloto automático, mas era zeloso por ganhar almas e fazer a obra de Deus.

Orleanna fora treinada para se submeter obedientemente ao marido e era impotente para aliviar o sofrimento dessa nova vida no Congo. ela não conseguia proteger os filhos das consequências do comportamento do marido. Por fim, o mais novo acaba morrendo porque Nathan não estava disposto a mandá-la de volta, apesar das súplicas da família e de outros missionários. No final do livro, tragicamente, o casamento de Nathan se desfaz enquanto ele continua a realizar a obra de Deus. esse foi o padrão desde o início do casamento, como lamenta orleanna:

> Nathan costumava negligenciar-me. Se eu reclamava sobre nossa vida, ele continuava mastigando o jantar com o olhar distante, como alguém ignora uma criança que quebrou propositadamente todos os brinquedos e agora reclama que não tem nada com que brincar. *Para manter a sanidade, aprendia a contornar as dificuldades e tentar focar seus pontos positivos!*

Nathan é um caso extremo, e a autora desse romance foi acusada de atacar a igreja de forma injusta. o problema é que me pareço com Nathan. Na verdade, muitos de nós, na liderança, podemos nos parecer mais do que gostaríamos de admitir com o seu fracasso em olhar profunda e seriamente para o seu interior. A falta de profundidade interior dele se revela com o passar do tempo, principalmente quando as crianças crescem e a esposa finalmente o abandona. Tragicamente ele continua não olhando para o interior, mesmo quando o mundo exterior desmorona.

Além da superfície do iceberg

O mais assustador é a facilidade com que permanecemos em uma ilusão confortável e distorcida da nossa vida. Algo pode não ser verdadeiro, mas estamos tão acostumados que parece ser certo. Pessoas que vivem e trabalham perto de nós geralmente conseguem perceber algumas das nossas incoerências e dos nossos artifícios defensivos. Contudo, poucas têm coragem e capacidade de apontá-los de forma madura e amorosa.

Durante os primeiros quinze anos da minha vida como cristão (e os dezenove anos anteriores que vivi longe de Jesus), eu raramente tirava tempo para olhar com profundidade para meu interior, meu coração, minha alma ou as profundezas do meu ser (como o salmista alternadamente se refere). Sim, eu passava uma média de duas ou três horas por dia com Deus orando, lendo as escrituras, ouvindo a voz de Deus, confessando os meus pecados e escrevendo os meus pensamentos. eu passava regularmente um dia em oração e jejum em um centro de retiro jesuíta perto da minha casa — e ainda passo.

Durante os primeiros quinze anos da minha vida como cristão (e os dezenove anos anteriores que vivi longe de Jesus), eu raramente tirava tempo para olhar com profundidade para meu interior, meu coração, minha alma ou as profundezas do meu ser

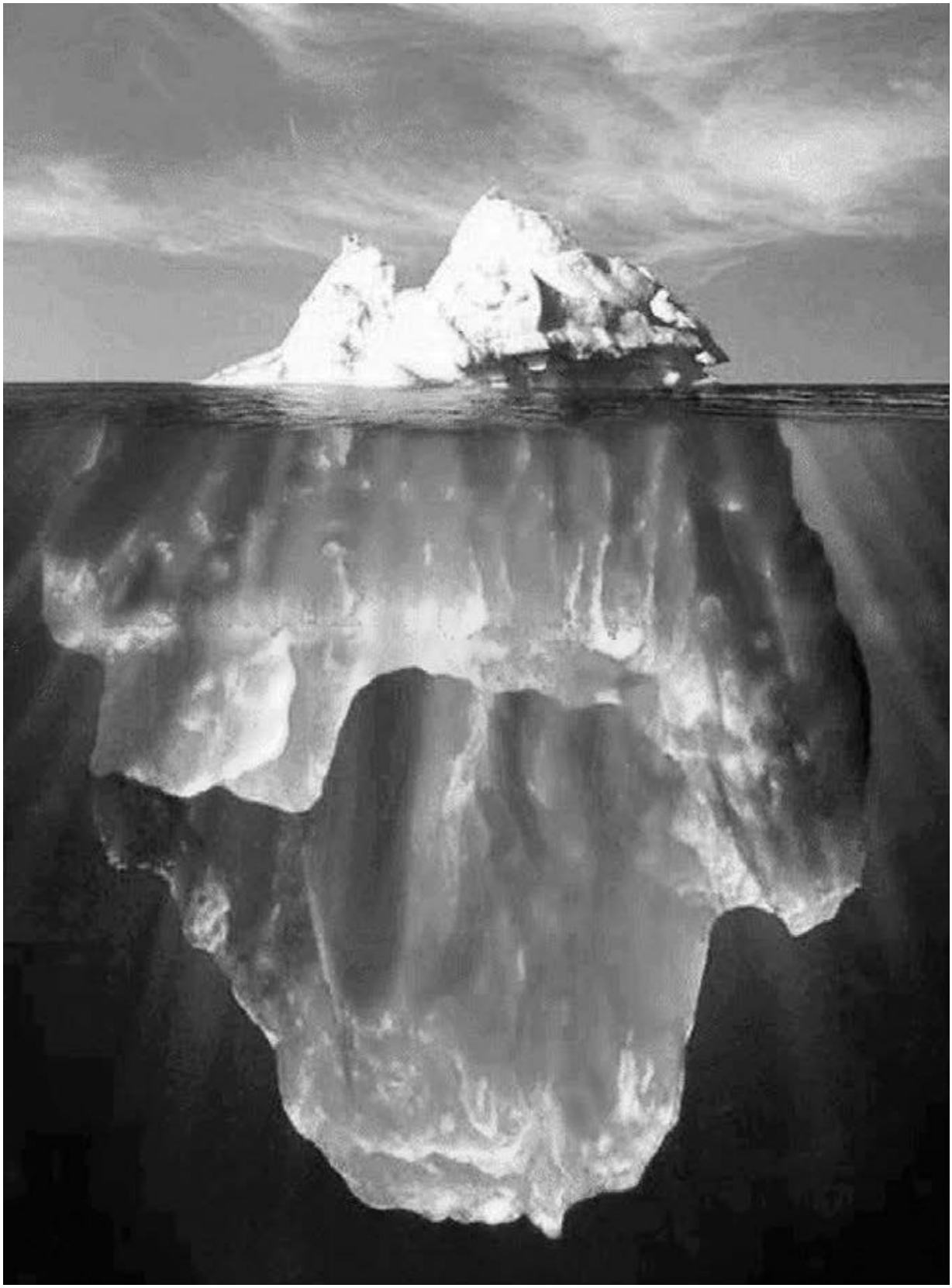
Mesmo assim, posso dizer com convicção que não olhava para o meu interior com seriedade e profundidade. Queria pregar mensagens poderosas e ungidas. o meu foco era para cima e para fora — o crescimento da nossa igreja, alcançar pessoas para Cristo, desenvolver líderes, comprar um prédio. mas um relacionamento autêntico com Cristo também nos leva para as profundezas — para as sombras, fortalezas e trevas profundas dentro da nossa alma que precisam ser purificadas. entregar-se a essa

(como o salmista alternadamente se refere).

jornada para dentro e para baixo é difícil e doloroso.

Depois que um dos nossos grupos caseiros se desfez alguns anos atrás, Geri e eu levamos um dos líderes do grupo para tomar um café. Nosso objetivo era conversar com amor sobre o seu comportamento pouco serviçal durante as nossas reuniões. era um momento importante de aconselhamento. mas, depois que Geri compartilhou algumas questões específicas, comecei a me sentir desconfortável e excessivamente sensível para com os sentimentos dele. talvez ele estivesse sentindo-se mal. Comecei, então, a mentir, dizendo a ele como era bom tê-lo em nosso grupo.

Geri olhou incrédula para mim. mais tarde naquela noite, tivemos uma conversa interessante! Alguns dias depois, pedi desculpas ao líder por não o amar e respeitar o suficiente para ser verdadeiro. O interessante foi que ele gostou da minha sinceridade.



Os seres humanos, assim como os icebergs, têm muitas camadas abaixo da superfície.

Como algo assim podia acontecer? Afinal, eu não estava dando a Deus a oportunidade de examinar o meu coração?

Minha grande preocupação com o chamado para um "olhar sério e profundo do interior" é que a maioria das pessoas acredita que já está fazendo isso. eu acreditei durante anos. A triste realidade, porém, é que eu não permitira que Jesus transformasse as camadas profundas abaixo da superfície. A minha vida era como um *iceberg*, com muitas porções mais pesadas abaixo da superfície da água. embora estivessem abaixo da superfície, elas dominavam a parte visível da minha vida.

Assim como mostra a fotografia acima, cerca de apenas 10% de um *iceberg* é visível na superfície. essa é a parte da nossa vida de que temos consciência. Lembre-se, contudo, de que o titanic afundou porque colidiu com uma parte dos 90% submersos de um *iceberg*. A maioria dos líderes naufraga ou vive de forma incoerente por causa de forças e motivações que estão abaixo da superfície da vida que eles nem mesmo cogitavam.

Salomão disse com sabedoria: "Acima de tudo, guarde o seu coração, pois dele depende toda a sua vida" (Provérbios 4.23). Confiar na graça e no amor de Deus para poder olhar para dentro com profundidade pode ser assustador. e muitos de nós não sabem como fazer isso. eu não sabia.

O falecido Dag Hammarskjöld, ex-secretário-geral das Nações unidas, sugeriu que nos tornamos competentes em explorar o universo, mas não desenvolvemos habilidades semelhantes na exploração do nosso universo interior. ele escreveu: "A jornada mais longa de uma pessoa é a jornada ao seu interior". muitos de nós se sentem muito mais habilitados a manipular objetos, controlar situações e "fazer" coisas do que ingressar nessa longa jornada interior.

Dolorosamente honesto

O assunto sobre o qual estou falando exige uma honestidade dolorosa e descoberta. Jesus disse que a verdade nos libertará (João 8.32). A honestidade exige que olhemos para toda a verdade, e eu a chamo de "descoberta" porque, assim como Adão e eva, nós preferimos nos esconder da verdade e proteger a nós mesmos do que nos apresentar-mos descobertos, nus, diante de Deus. Desde o começo dos tempos, esse tem sido um problema do pecado (Gênesis 3.1-19). É "doloroso" porque, embora a verdade acabe por nos libertar e nos aproximar de Deus, a princípio é algo que preferimos evitar.

Uma das batalhas de *As crônicas de Nárnia, A Viagem do peregrino da alvorada,* de C. S. Lewis, retrata como é seguir Deus e olhar profunda e seriamente para o interior. eustáquio, um menino, transforma-se em um dragão grande e feio em consequência do seu egoísmo, da sua teimosia e da sua incredulidade. ele quer mudar e voltar a ser um menino, mas não consegue fazer isso. Por fim, o grande leão Aslan (representando Jesus) aparece para ele e o guia a uma bela nascente para se banhar. mas, como ele é um dragão, não pode entrar na nascente.

Aslan diz a ele para se despir. eustáquio se lembra de que pode tirar a pele como uma cobra. ele tira uma pele sozinho, joga no chão e sente-se melhor. então, quando vai em direção à fonte, percebe que ainda há mais uma camada dura, áspera e escamosa sobre ele. Frustrado, sentindo dor e ansiando entrar naquele belo banho, ele pergunta a si mesmo: "Quantas peles preciso despir?".

Depois de três camadas, ele desiste, percebendo que não consegue. então Aslan diz: "Deixe que eu tire a sua pele". Ao que eustáquio diz:

> *Tinha muito medo daquelas garras, mas, ao mesmo tempo, estava louco para ver-me livre daquilo. Por isso me deitei de costas e deixei*

> *que ele tirasse a minha pele.* A primeira unhada que me deu foi tão funda que *julguei ter me atingido o coração*. e, quando começou a tirar-me a pele, senti a pior dor da minha vida. [...] tirou-me aquela coisa horrível, como eu achava que tinha feito das outras vezes, e lá estava ela sobre a relva, muito mais dura e escura do que as outras. e ali estava eu também, macio e delicado. [...] Nessa altura agarrou-me [...] e atirou-me dentro da água. A princípio ardeu muito, mas em seguida foi uma delícia. Quando comecei a nadar, reparei que a dor do braço havia desaparecido completamente. Compreendi a razão. tinha voltado a ser gente. [...] *Depois de certo tempo, o leão me tirou da água* [...]*e com suas patas vestiu-me com uma roupa nova, esta aqui*.

C. S. Lewis descreve muito bem: Ao seguirmos nessa direção radicalmente nova, é como se as garras de Deus nos penetrassem tão profundamente que cortam até o próprio coração.

Dor — o estímulo para ir além da superfície

Deus muitas vezes usa a dor para nos fazer mudar. A minha experiência como pastor, trabalhando com pessoas por mais de vinte e dois anos, convenceu-me de que, a menos que haja desconforto e angústia suficientes, a maioria de nós não se entrega ao trabalho duro de olhar para o interior com seriedade e profundidade. e parece que isso se aplica especialmente aos homens e às mulheres de meia-idade. Como se diz acertadamente: "mudamos o nosso comportamento quando a dor de permanecer igual passa a ser maior do que a dor da mudança".

Geralmente a ânsia pela mudança se desenvolve mediante a dor. Nós dizemos: "Preciso ter isso. Alguma coisa precisa mudar na minha vida. Não posso continuar 'brincando de igreja' ". Por um lado, tenho visto jovens em treinamento para serem líderes responderem de forma brilhante e experimentar mudanças significativas em sua vida quando expostos a um modelo de discipulado que integra maturidade emocional e espiritual. eles não estão em crise nem dor extrema, mas mesmo assim crescem e amadurecem. Por outro lado, parece que alguns de nós que já estamos na igreja há muito tempo, precisamos de uma crise ou necessidade extrema para mudarmos.

Parece que há uma correlação direta entre a intensidade do nível de angústia nas pessoas e o nível de intensidade com que olharão honestamente abaixo da superfície da sua vida. Conheço muitas pessoas que iniciaram essa nova jornada na vida cristã apenas depois de o cônjuge ter se recusado a prosseguir com a vida presente ou depois de estarem presas pelo vício ou fracasso moral. outros apenas começaram o árduo trabalho de olhar para o seu interior quando praticamente não havia outra opção, como foi o meu caso.

Às vezes, é uma divisão ou crise na igreja que levará a liderança de uma congregação a olhar em unidade para dentro do coração de uma forma nova

e profunda.

Resumindo, se estou disposto a alcançar as partes mais profundas do *iceberg* do meu ser, preciso estar disposto a sofrer o desconforto e a dor de desbravar novas partes do meu interior, o bom, o ruim e o feio. Pessoas em igrejas emocionalmente saudáveis examinam o coração regularmente quando algo lhes barra o caminho em sua jornada com Cristo.

> [...] tenho visto jovens em treinamento para serem líderes responderem de forma brilhante e experimentar mudanças significativas em sua vida quando expostos a um modelo de discipulado que integre maturidade emocional e espiritual.

Há dois anos, mais uma vez eu sentia que estava parado na New Life, por isso precisei olhar abaixo da superfície da minha vida, e foi um processo doloroso.

Comecei a ver quanto a minha vida era motivada pela aprovação exterior que recebia de outras pessoas, dizendo que eu estava bem. Como os voluntários e os membros da equipe não se aproximavam de mim depois de conversas difíceis sobre a atuação deles, eles se distanciavam, por vezes eu evitava reuniões que seriam difíceis. Preferia não fazer perguntas difíceis nem falar com ousadia quando havia algo claramente errado.

Descobri que as habilidades de liderança nesta nova fase não eram difíceis de aprender. A dificuldade real estava em tirar tempo, meditar cuidadosamente “diante do Senhor”, reunir coragem para conversas difíceis e em seguir todo o processo.

Contudo, o que exatamente significa olhar abaixo da superfície da nossa vida e dos outros? Há quatro elementos principais:

1. Consciência do que se está sentindo e fazendo
2. Perguntar-se “por quê?” (motivação)
3. unir o evangelho e a saúde emocional
4. Livrar-se das “imagens reluzentes”

1. Desenvolvendo uma consciência do que estou sentindo e fazendo

Jesus sabia muito bem o que ele estava fazendo. Na noite antes de ser preso, ele assumiu o papel de servo e começou a lavar os pés dos 12 discípulos, até mesmo os de Judas. o apóstolo João observa: “Jesus sabia que o Pai havia colocado todas as coisas debaixo do seu poder, e que viera de Deus e estava voltando para Deus” (João 13.3). Ele tinha plena consciência de quem era e do que estava fazendo. tal consciência permitiu que ele não ficasse preso às expectativas da sua família, dos amigos, dos discípulos e da cultura religiosa mais ampla e que seguisse o plano especial de Deus para a vida dele. igualmente, a consciência profunda do que estamos sentindo e fazendo dá-nos a coragem de começar a viver uma vida diferente (e, espera-se, mais alinhada à vontade de Deus) e a desenvolver novos padrões de relacionamento mais saudável.

A Escritura retrata Jesus como alguém que passava por fortes experiências emocionais e era capaz de expressar as emoções aos outros com liberdade e desembaraço.

A escritura retrata Jesus como alguém que passava por fortes experiências emocionais e era capaz de expressar as emoções aos outros com liberdade e desembaraço. ele não reprimia nem projetava seus sentimentos nos outros. em vez disso, vemos Jesus vivenciando com responsabilidade toda a gama de emoções humanas ao longo do seu ministério terreno. Como se diz nos dias atuais, ele seria considerado *emocionalmente inteligente,* um termo popularizado por Daniel Goleman

- Ele ficou agitado em espírito e perturbou-se (João 11.33).
- Ele chorou no túmulo de Lázaro e sobre a cidade de Jerusalém (João 11.33-36; Lucas 19.41).
- Ele se indignou com os discípulos (Marcos 10.14).

• Ele ficou furioso com o comércio no templo (João 2.13-17).
• Jesus ficou admirado (Mateus 8.10).
• Ele tinha uma necessidade emocional de estar com os 12 Apóstolos (Lucas 22.15).
• Ele sentia compaixão pelas viúvas, pelos leprosos e pelos cegos (mateus 20.34; marcos 1.41; Lucas 7.13).

Jesus vivia dessa forma consigo mesmo, mas também com os outros. Lendo, é possível observar inúmeros incidentes nos evangelhos em que Jesus discerne o que está abaixo da superfície nas atitudes das pessoas e então age de acordo. Por exemplo, depois da purificação do templo no início do seu ministério, Jesus não confiou naqueles que criam nele por causa dos milagres (João 2.23-25), pois ele sabia o que havia no *iceberg* do coração deles. Vemos Jesus constantemente tentando levar as pessoas, principalmente a pequena comunidade dos 12 discípulos, para abaixo da superfície a fim de transformá-los do seu interior.

Para alguns de nós, um exercício simples para começar o processo de prestar atenção às emoções é atentar para as reações físicas do corpo em situações de estresse, como sentir um nó no estômago, dor de ca-beça por tensão, ranger os dentes, braços ou mãos cruzadas, suor nas palmas das mãos, ficar batendo o pé no chão ou insônia. Pergunte a você mesmo: “o que o meu corpo pode estar me dizendo sobre os meus sentimentos agora?”. Para muitos, tomar consciência do corpo é um grande passo na direção certa. Separe um tempo para estar em silêncio ouvindo ao Senhor todos os dias. Você poderá se surpreender com o que ele revelar do seu *iceberg*.

O ministério vazio de Bill

muitos líderes de igrejas funcionam no piloto automático, ocupados demais para separar algum tempo a fim de refletir sobre o que está acontecendo dentro deles e ao redor. Creio que a maioria dos cristãos é excessivamente consciente da aparência ou do comportamento, mas não tem consciência dos próprios sentimentos. estamos mais preocupados com o que as outras pessoas pensam de nós do que em lutar com os nossos sentimentos e motivações.

Bill se converteu por meio de um ministério na universidade e depois se formou em um seminário conservador influente. Ao voltar para Nova York, sua cidade natal, conseguiu um emprego como consultor de informática a fim de unir os seus conhecimentos e os dons administrativos para que dessem fruto na igreja. Na época, ele era casado e tinha quatro filhos pequenos.

Creio que a maioria dos cristãos é excessivamente consciente da aparência ou do comportamento, mas não tem consciência dos próprios sentimentos.

Entretanto, o problema de Bill é que, com todos os seus dons e habilidades, o seu ministério era vazio. estava faltando alguma coisa. ele ensinava a Bíblia e conduzia um pequeno grupo caseiro, mas não compartilhava dele mesmo.

Quando lhe perguntaram pela primeira vez qual era a importância de ter consciência dos sentimentos, ele reagiu com firmeza: “Não podemos confiar nas emoções. Não podemos deixar que elas nos dominem!”.

Contudo, quando a esposa lhe disse que não sabia se ainda o amava e que ela estava infeliz no casamento, o mundo de Bill desabou. “De repente, eu sentia como se a minha vida fosse uma grande ferida aberta”, diz ele.

Ele e a esposa, Ashley, sofreram bastante quando crianças, principalmente por causa das crianças da vizinhança. “eu vivia muito

sozinho quando criança", diz Bill. "Sempre que eu ia para fora brincar com as crianças da vizinhança, elas fugiam. eu queria ter amizades, mas tudo que conseguia era rejeição." Por causa disso, ele desenvolveu uma dura concha exterior, permitindo que poucas pessoas realmente conhecessem o "verdadeiro" Bill.

"eu não compartilhava o que estava acontecendo dentro de mim com ninguém, nem com a minha esposa", admite Bill. Finalmente, o sofrimento no casamento o forçou a considerar o que poderia estar abaixo da superfície da sua vida e por que ele era tão superficial em suas emoções.

Com o tempo, Bill percebeu que na realidade ele construíra muros para afastá-lo da dor e da confusão do mundo exterior. "eu funcionava como uma engrenagem lubrificada rodeada de concreto", diz ele. "era como um buraco negro emocional em que os sinais emocionais se perdiam em meu pensamento altamente racional."

O que mais me impressionou ao observar Bill é como o seu ministério com os outros se ampliou e aprofundou ao mesmo tempo que ele trabalhava abaixo da superfície do seu próprio *iceberg*.

O seu ensino e liderança no pequeno grupo nos anos que se seguiram surpreenderam os membros do grupo. Bill passou a ser transparente e aberto, compartilhando suas fraquezas e batalhas para viver as escrituras em casa, no trabalho e na igreja. em vez de tentar resolver os problemas das outras pessoas, ele agora se relacionava com elas em amizade como mais um ser humano quebrantado. Boa parte da sua atitude crítica se dissipou.

A metamorfose foi tão significativa que um homem casado de cerca de 40 anos que frequentava o grupo disse-me recentemente: "imagino que, se Deus pôde mudar um cara como Bill e fazer dele o homem humilde e temente a Deus que é hoje, acho que posso tentar também".

Consciência versus introspecção autocentrada

Algumas pessoas pensam que prestar atenção ao que sentimos e fazemos é cobiça e egoísmo. em meus primeiros anos como cristão, ouvi poucas discussões, se é que ouvi alguma, sobre a consciência dos sentimentos como chave do discipulado. Há muitas outras questões importantes relacionadas à maturidade em Cristo, mas um exame honesto das emoções e dos sentimentos é essencial. esse olhar interior não procura encorajar uma introspecção autocentrada que alimenta o narcisismo. o seu propósito fundamental é permitir que o evangelho transforme todo o seu ser, tanto a ponta como a parte de baixo do *iceberg*. o resultado final será que você e eu ama-remos mais a Deus e às outras pessoas.

É quase impossível penetrar com profundidade nas experiências de vida de outras pessoas sem se dar ao trabalho de tomar consciência de nossos sentimentos e ações. Como alguém pode entrar no mundo de outra pessoa se não entrou no seu próprio mundo?

Quando leio a história de Jó discutindo com Deus, da angústia de Jeremias, dizendo que a palavra "era como se um fogo ardesse em [seu] coração" (Jeremias 20.9), as lutas de moisés no deserto ou a angústia de Davi, sentindo-se abandonado por Deus, vejo com honestidade brutal e dolorosa líderes instituídos por Deus lutando com as suas emoções, sentimentos e as realidades a seu redor. É por isso que a história de vida deles fala conosco de forma tão poderosa.

Como alguém pode entrar no mundo de outra pessoa se não entrou no seu próprio mundo?

2. Pergunte-se "Por quê?" ou "O que está acontecendo?"

Ao encontrar a mulher samaritana no poço (João 4), Jesus confrontou-a diretamente perguntando-lhe "por quê?". ele foi além das ações superficiais a fim de alcançar as questões mais importantes da vida: Por que você está no poço ao meio-dia? Por que tem vergonha? Por que passa de um marido para outro? Que vazio você está tentando preencher?

Ela tentou desvirtuar a conversa, mantendo-se na superfície, por isso perguntou a Jesus qual era o melhor lugar para adorar (João 4.20). Jesus, em vez disso, chamou-a para examinar a sua vida abaixo da superfície do *iceberg* e refletir sobre o seu estilo de vida imoral que indicava a sua insaciável sede de amor.

Jesus também se dirigiu a outras pessoas perguntando "por quê?". uma vez, ele corrigiu os fariseus e mestres da lei que se exaltavam com questões de comportamento exterior, mas não estavam fazendo o trabalho duro em seu interior. "Jesus chamou novamente a multidão para junto de si e disse: 'ouçam-me todos e entendam isso: Não há nada fora do homem que, nele entrando, possa torná-lo 'impuro'. Ao contrário, o que sai do homem é que o torna 'impuro'. Se alguém tem ouvidos para ouvir, ouça!' " (marcos 7.14,15). Jesus tentou reorientar as pessoas ao coração, aos "porquês" dos seus comportamentos e motivações (7.21).Uma vez que começo a ter consciência do que estou fazendo, de como estou me sentindo e como isso atinge os outros, preciso fazer uma pergunta difícil: "por quê?". Por exemplo:

- Por que estou sempre com pressa? Por que sou tão impaciente?
- Por que sou tão ansioso?
- Por que me preocupo tanto que os outros achem que sou um bom líder ou mestre?
- Por que fiquei tão arrasado quando Malita disseme depois do culto de domingo que não aproveitou nada do meu sermão?

• Por que temo a reunião de hoje às 2 horas da tarde? Por que sou invadido de tal forma pelo medo?
• Por que me preocupo tanto em ser bem-sucedido no ministério?
• Por que evito confrontar pessoas difíceis da igreja?
• Por que sinto essa necessidade de responder imediatamente a todos os *e-mails* e ligações telefônicas? ou: Por que evito responder a certas ligações telefônicas, *e-mails* e mensagens de textos?

Lutar com esse tipo de pergunta investigativa a respeito das profundezas do nosso coração é, no mínimo, uma experiência desagradável!

No passado, eu gastava horas com Deus, suplicando que ele abençoasse os meus planos e que me ajudasse a alcançar os meus objetivos. Contudo, agora passo muito mais tempo com Deus, orando para que seja feita a vontade dele, não a minha. e eu descanso em seu amor, lutando com os "por quês" de forma aberta e receptiva diante dele.

É preciso coragem para perguntar a mim mesmo: o que realmente estou sentindo nesta situação? o que pode estar acontecendo aqui? o rei Saul não sabia o que estava acontecendo dentro dele. O que ele "fazia" para Deus não era fruto de "estar" com Deus. Podemos vê-lo repetidamente cego para seus ciúmes, seu medo, seu ódio e sua ira. Diferentemente de Davi, não o vemos cultivando um relacionamento com Deus. Por fim, suas escolhas o destroem (v.1Samuel 1.17-31).

Blaise Pascal escreveu: "todos os sofrimentos do homem derivam de não poder sentar-se sozinho em um lugar tranquilo".

Essa atitude envolve pegar os meus sentimentos e pensamentos sobre por que estou me sentindo dessa forma e levá-los a Deus com honestidade. Pergunto: "o que isso representa? o que tu, Deus, podes estar me dizendo? o que aprendo sobre mim nesta situação? E sobre a vida? e sobre outras pessoas?".

3. Unindo o evangelho e a saúde emocional

Quando começamos a olhar abaixo da superfície da nossa vida (e da de outras pessoas), encontramos um abismo de podridão que pode ser assustador. Como disse um sábio puritano: “Se Deus nos permitisse ver mais do que 1% do nosso pecado, cairíamos mortos!”.

Ir abaixo da superfície da nossa vida pode ser como caminhar na corda bamba a 15 metros de altura sem cinto de segurança. o evangelho é como a rede de proteção. Só ele nos dá segurança para pisarmos na corda bamba a fim de explorar as profundezas interiores.

O evangelho diz que somos mais pecaminosos e imperfeitos do que podemos imaginar. mesmo assim, somos mais aceitos e amados do que poderíamos esperar porque Jesus viveu e morreu em nosso lugar. Quando pomos a nossa confiança e fé em Jesus Cristo, ocorre uma grande troca. “Deus tornou pecado por nós aquele que não tinha peca-do, para que nele nos tornássemos justiça de Deus” (2Coríntios 5.21).

Regularmente, nossa igreja faz reuniões de Liderança para líderes de grupos caseiros, líderes dos ministérios e seus aprendizes. Passamos dois anos juntos estudando e integrando o evangelho e a saúde emocional. estudamos Gálatas e romanos com profundidade, seguido por uma seção sobre formação pessoal (por exemplo, limites, mapeamento da família, limitações etc.) e uma seção sobre desenvolvimento de habilidades. Ao longo desses anos, surgiram inúmeras outras situações em que relacionamos o evangelho e a saúde emocional, tais como grupos caseiros e estudos.

Permita-me compartilhar a história de duas pessoas, em suas próprias palavras, para ilustrar como o evangelho cruza o processo de olhar abaixo da superfície.

John

Amo o evangelho. Antes de realmente entendê-lo, embora fosse cristão havia mais de dez anos, eu me escondia da minha infelicidade, da minha atitude defensiva, das áreas destruídas, até mesmo do abuso que sofri quando era criança. Na verdade, eu estava sempre me escondendo, escondendo minha ira, meus ciúmes, minha arrogância, meu amor condicionado, meu egoísmo, meu quebrantamento, meus erros, minhas fraquezas e inadequações. Essas coisas eram inaceitáveis nos círculos cristãos que eu conhecia, principalmente entre os líderes. eu pensava que não iriam gostar de mim nem permitir que eu liderasse se não fosse forte e emocionalmente estável. Quem me iria dar ouvidos? tinha de provar que era capaz, forte, perfeito e confiante.

Sou perfeitamente amado e aceito por Deus por causa da vida, morte e ressurreição de Cristo por mim [...]. Posso sair do esconderijo!

No passado, quando tinha dificuldade para amar alguém, começava a desesperar-me. “Sou cristão e não me sinto capaz de cumprir a própria essência do cristianismo”, eu argumentava. então, percebi que estava dependendo da minha justiça própria para alcançar o favor de Deus. inconscientemente, eu tinha a mentalidade de margarida, como dizem as pessoas — “ele me ama, ele não me ama” — baseado em como estava a minha vida espiritual.

A partir de um estudo de Gálatas, recebi uma nova e poderosa compreensão do evangelho de Jesus Cristo. Não preciso provar nada para ninguém, que era como, inconscientemente, costumava viver. Sou perfeitamente amado e aceito por Deus por causa da vida, morte e ressurreição de Cristo por mim. Amo saber que não preciso provar mais nada porque sou valorizado, amado e aceito por Jesus Cristo. Posso, na verdade, ser livre para ser eu mesmo. Posso sair do esconderijo!

Sou livre para falhar, para compartilhar as minhas fraquezas e necessidades com outros, para admitir que também tenho lutas, para dizer “eu estava errado. Por favor, perdoe-me”, para reconhecer que não tenho todas as respostas e para relaxar, sem achar que tenho de cuidar de todos.

Susan

Os anos que passei na New Life ajudaram-me a aceitar a verdade do evangelho e ser liberta por ela. Ver a justiça de Cristo como um glorioso vestido de noiva que me faz absolutamente maravilhosa para Deus é uma imagem encantadora que me influenciou como mulher. Ao meditar sobre a verdade de que, por causa do sacrifício de Cristo, sou realmente "santa, inculpável e livre de qualquer acusação" (Colossenses 1.22), a verdade do evangelho começou a tocar-me em um nível emocional.

Lembro-me de haver deparado com uma passagem de isaías 62.5 que diz que "assim como o noivo se regozija por sua noiva, assim o seu Deus se regozija por você". meu primeiro pensamento foi: "Será que isso pode ser verdade? Deus me ama tão apaixonada-mente?". então, lembrei-me de que, por causa da morte de Cristo, tornei-me a sua amada. A crucificação é o fundamento sobre o qual posso apoiar toda a minha vida. Sou totalmente amada até o mais profundo do meu ser. meu Deus me ama em um sentido pessoal e emocional.

O conhecimento de que estou diante de Deus como a sua amada, por causa de Cristo, libertou-me para explorar alguns aspectos escuros e perturbadores do meu ser.

O conhecimento de que estou diante de Deus como a sua amada, por causa de Cristo, libertou-me para explorar alguns aspectos escuros e perturbadores do meu ser. Posso encarar a verdade de que tenho um problema com controle, por exemplo. Posso refletir sobre isso honestamente, orar e conversar com liberdade com outras pessoas sobre a questão. Sei que o meu problema com o controle e todos os meus outros padrões de pecado não surpreendem Deus nem ameaçam minha posição nele. ele me chama de amada por cauda da perfeição de Cristo, não da minha. Uma vez que a

justiça de Cristo é o fundamento da minha autoimagem, não preciso mais "manter as aparências" para mim mesma, para Deus nem para os outros.

A graça de Deus

martinho Lutero, no prefácio do seu comentário sobre Gálatas, disse que o evangelho nunca seria ensinado, recomendado e repetido o suficiente. ele escreveu que a justiça de um cristão não tem nenhuma relação com o que fazemos, "pois não fazemos nada para alcançá-la, e não entregamos nada por ela, apenas recebemos e permitimos que outro trabalhe em nós, ou seja, Deus".

Deus nos deu o evangelho a fim de criar um ambiente seguro para olharmos abaixo da superfície. Não preciso provar que sou amável ou admirável. Não preciso estar sempre certa. Posso ser vulnerável e ser eu mesma, ainda que as outras pessoas não me aceitem. Posso até mesmo correr riscos e fracassar. Por quê? Porque Deus vê os 90% do *iceberg* que estão abaixo da superfície e ele me ama por completo em Cristo.

Na New Life, temos um ditado que repetimos com frequência: "Você pode ser você mesmo porque não há mais nada para provar". O fator determinante em nosso relacionamento com Deus não é o nosso desempenho ou trajetória passada ou presente. É a trajetória passada de Jesus que foi creditada em minha conta como um presente.

A revelação da graça de Deus nos dá coragem de enfrentar a dolorosa verdade a nosso respeito. Ao pisarmos na corda bamba para descobrir as coisas desagradáveis a nosso respeito, temos uma rede de proteção abaixo de nós, o evangelho de Jesus Cristo.

Um casamento iminente — um sintoma de imaturidade espiritual

Jill e Joshua frequentavam a New Life havia poucos meses. eles eram estudantes de medicina que fugiram para casar, mas, depois, planejaram casar-se formalmente alguns meses mais tarde no estado natal de Joshua. A mãe e o pai dele queriam uma grande recepção, por isso empenharam-se para reservar um bufê, escolher o menu, decidir a cor das flores e da decoração e definir as disposições das mesas. e, então, Jill e Joshua receberam uma conta de 10 mil dólares, referentes à metade dos custos da recepção.

Jill procurou a mim e à minha esposa, incomodada com a situação.“Nós pensamos que eles pagariam pela recepção. Foi ideia deles. Entretanto, nós nunca de fato conversamos sobre quem iria pagar. A minha futura sogra escolheu todas as cores das mesas e a decoração. eu gosto muito de vermelho, mas ela escolheu rosa”, reclamou ela com um sorriso. “ela já pensa que sou cabeça-dura. Na verdade, parte do problema é que ela é chinesa, e eu sou indonésia. orem por mim. orem por ela.”

O problema, porém, é que essa situação exigia uma espiritualidade que integrasse maturidade emocional. oração é importante, mas havia muitas outras questões para Jill tratar. Até aqui, ela estivera olhando para os 10% visíveis do *iceberg*, o que significaria que seria preciso aconselhá-la ao longo de um processo de voltar-se para o que está abaixo da superfície.

Geri e eu sentamos com Jill e a questionamos sobre a falta de honestidade em relação ao casamento. ela não estava sendo autêntica, e a sua honestidade precisava ser trabalhada em três áreas gerais. Primeiro, Jill precisava ser honesta com ela mesma. o que realmente estava se passando dentro dela? o que ela, de fato, sentia, queria, desejava? essas coisas estavam muito abaixo da superfície, e parte do nosso tempo com eles se focou em ajudá-la a reconhecer isso.

Em segundo lugar, pedimos que ela fosse honesta com o seu noivo, Joshua. ela também não conversara honestamente com ele. o que ela, realmente, queria e sentia? e quais eram os sentimentos e desejos dele? Passamos um tempo ensinando-lhes algumas habilidades básicas em relação a falar e ouvir a fim de facilitar o processo.

Em terceiro lugar, perguntamos e examinamos a questão de por que eles fugiram sem o conhecimento ou a bênção dos pais. Será que a fuga era um sintoma de problemas maiores abaixo da superfície? o nosso objetivo era que eles se colocassem no lugar dos pais. Queríamos ser uma terceira parte objetiva para ajudá-los a compreender o que estava correto e o que não estava no que dizia respeito ao envolvimento dos pais.

também era importante rever o ensino bíblico sobre a natureza do casamento e o que significa honrar os pais, amar e construir um casamento saudável.

Nós os encorajamos a realmente escutarem os pais de Joshua, convidá-los a compartilharem os seus sentimentos e as suas decepções sobre a fuga. imagine Jill e Joshua maduros o suficiente, quebrantados o suficiente para não ficarem na defensiva ao ouvir os sonhos dos pais para o casamento.

Eles se mudaram de Nova York logo depois dessas conversas, por isso nosso tempo com eles era curto. mas, se tivéssemos tempo, iríamos esboçar um genograma da família com cada um deles para ajudá-los a compreender como os problemas passados da família atingiram o presente (isso será introduzido no capítulo seguinte). Recomendamos fontes de estudo como o livro *Boundaries* [Limites] de Henry Cloud e John Townsend.

Não havia outra opção para Jill se ela queria amar a sogra, o marido e a si mesma como deveria, a menos que permitisse que Deus alcançasse os recessos profundos do seu ser e enfrentasse as complexidades da situação. É dessa forma confusa e maravilhosa que Deus nos molda à imagem do seu filho (Gálatas 4.19).

Na verdade, uma igreja comprometida com a saúde emocional é um lugar confuso. “esqueletos” saem dos armários, e encaramos os problemas e as tensões direta e honestamente em vez de ignorá-los, esperando ou fingindo que desaparecerão de alguma forma.

4. Livrando-se da "imagem reluzente"

O romance *Glittering Images* [imagens reluzentes] de Susan Howatch traça a jornada espiritual de Charles Ashworth, um clérigo da igreja da inglaterra. ele é um viúvo de quase 40 anos, leal à igreja, honrado, respeitado e amado por aqueles que são autoridade sobre ele. Além disso, é amigo do arcebispo de Cantuária, que lhe pediu que fosse para a paróquia do bispo Jardine de Starbridge a fim de investigar uma suposta fraqueza ou escândalo moral na vida de Jardine.

As descobertas de Charles sobre Jardine, um homem carismático de 58 anos, e sobre o seu relacionamento com a esposa doente e com a bela assistente dela, Lyle Christie, levantam sérias suspeitas. Acontece que Jardine está vivendo uma vida dupla e convenceu a si mesmo de que a sua vida dupla é da vontade de Deus. uma vez que a esposa é doente e não tem desejo por sexo, o bispo casou-se com Lyle Christie. E fez isso com a bênção da esposa. Antes de Charles Ashworth aparecer, o bispo e Lyle já viviam secretamente como marido e mulher havia cinco anos.

A complexidade e o estresse da situação leva Charles ao limite, e ele acaba terrivelmente bêbado na porta de um diretor com profundo discernimento espiritual chamado reverendo Darrow.

Durante o tempo que passa com Darrow, Charles lentamente começa a escavar abaixo da superfície da pessoa pública que ele apresenta a todos, a "imagem reluzente" que está sempre distinta e refinada. ele começa a ter consciência e a reconhecer os sentimentos negativos que tem negado e as inconsistências do seu comportamento com as pessoas. Por exemplo, ele tentou beijar a bela assistente Lyle quando a conhecia a menos de vinte e quatro horas. Ele mente em nome de Deus para fazer a obra de Deus. Secretamente, ele bebe demais para amortecer sua dor.

Quando Darrow lhe pede para ser brutalmente honesto e ir além da superfície do *iceberg* da sua vida, ele retruca que não pode. outras pessoas,

como o seu pai, exerceram “uma influência tremenda-mente controladora sobre mim”, explica ele.

— Quem é esse eu? — pergunta Darrow.

— meu verdadeiro ser... a imagem reluzente.

— Ah, sim — diz Darrow —, e é claro que esse é o único Charles Ashworth que o mundo tem permissão de conhecer. mas agora você não está no mundo, está? e eu sou diferente de todos os outros porque sei que há dois de você. estou começando a me interessar por esse seu outro eu, o eu que ninguém conhece. Gostaria de ajudar você a sair de trás da imagem reluzente e largar esse fardo terrível que o tem atormentado por tanto tempo.

— ele não pode vir para fora.

— Por que não?

— Você não gostaria dele, tampouco o aprovaria.

Charles Ashworth finalmente reconhece e confronta o poder que a imagem reluzente exerce sobre sua vida. ele começa a perceber a enorme quantidade de tempo e energia que devotou para conseguir que todos gostem dele e o aprovem. Com a ajuda de um conselheiro espiritual maduro, ele começa a escavar as raízes de por que e como criou essa pessoa falsa que vive como uma “imagem reluzente”. uma parte crítica de ser liberto envolve olhar para a história da sua vida com objetividade e ver como essa história contribuiu para que você seja a pessoa que é hoje. ele também se beneficia de forma significativa por ter um amigo confiável com quem compartilhar esse processo. essa influência de experiências prévias nos conduz ao capítulo seguinte, que é o segundo princípio de uma igreja emocionalmente saudável: quebrar a influência negativa que o passado exerce sobre o presente.



PRINCÍPIO 2:
QUEBRE O PODER DO PASSADO

Em igrejas emocionalmente saudáveis, as pessoas percebem como o passado afeta sua capacidade de amar a Cristo e aos outros hoje. elas perceberam com a ajuda das escrituras e da vida que existe uma relação intricada e complexa entre o tipo de pessoas que são hoje e seu passado. inúmeras forças externas podem moldar-nos, mas a família em que crescemos é a principal delas e, exceto em raras situações, é o sistema mais poderoso para nos moldar e influenciar.

Nu no vento gelado

Lembro-me de quando li *Glittering Images* (veja o capítulo anterior) como se fosse ontem. um bom amigo recomendou-me o livro depois que compartilhei com ele a luta pela qual estava passando. Pela primeira vez, eu estava começando a me perguntar se o meu passado e a minha família tiveram impacto na pessoa que sou hoje.

Depois que Charles Ashworth está sob a direção espiritual de Darrow, ele confronta, pela primeira vez, seu relacionamento com o próprio pai e a dinâmica da família em que foi criado.

Charles passara a vida toda buscando aprovação e elogios do pai. Ele frequentara as melhores escolas, recebera as melhores oportunidades que a classe média da inglaterra da época poderia ter e repetidamente ouvia que devia viver "uma vida boa e decente". moralidade, dever, eficiência e retidão eram enfatizados.

Uma grande discussão familiar ocorre entre Charles e o pai, e o pai acaba batendo fisicamente no rosto da esposa. mais tarde, Charles se oferece para levar a mãe embora, mas ela fica horrorizada. então, a mãe verbaliza uma regra familiar que não é mencionada, mas que governa a família deles. "o que os outros iriam pensar?", pergunta ela. "Precisamos manter as aparências. Ninguém deve ficar sabendo."

Em seguida, ela chora novamente, mas finalmente diz: "Nós, na verdade, somos muito felizes; ele apenas é um pouco difícil de vez em quando".

Nessa época, Charles já terminara o doutorado em teologia e é professor e assistente do arcebispo de Cantuária. ele está crescendo na igreja da inglaterra da década de 1930. entretanto, ignora completamente como os padrões inadequados do passado impedem que ele viva uma vida livre em Cristo no presente.

Charles ao mesmo tempo ama e odeia o pai. ele se despreza por não amar o pai. ele é confuso e até mesmo se desespera em busca de aceitação e

amor. Depois de finalmente abrir essa área da vida, ele descreve a experiência como “estar nu em um vento gelado”.

Quando terminei de ler o romance, comecei a escrever sobre eventos significativos em minha infância que podem me afetar hoje. Refleti sobre o meu relacionamento com a minha mãe e o meu pai, os meus irmãos e a minha irmã. Pela primeira vez, pensei com seriedade se poderia haver alguma bagagem emocional ou questão mal resolvida do passado afetando minha liderança ou casamento hoje.

Eu estava “nu no vento gelado”. Cada parte do meu ser desejava escapar desse novo caminho que conduzia para a morte com Jesus.

Até esse momento minha teologia decretava que eu era uma nova criação em Cristo. o velho ficara para trás (2Coríntios 5.17). Cristo transformara a minha vida em muitos aspectos quando me tornei cristão aos 19 anos. Assim como Paulo explica em romanos, Gálatas e efésios, no momento em que me tornei cristão, Deus me declarou perdoado, legalmente livre da punição do pecado. Fui adotado com todos os direitos de herdeiro, e o espírito Santo me foi dado para me capacitar a viver essa maravilhosa adoção.

Pela primeira vez, pensei com seriedade se poderia haver alguma bagagem emocional ou questão mal resolvida do passado afetando minha liderança ou casamento hoje.

Sim, minha infância teve os seus altos e baixos. todos tiveram, não é mesmo? eu com certeza não era do tipo de ficar culpando os meus pais por todos os problemas da minha vida. Quando procedemos de uma família em que nos sentíamos amados, um lar razoavelmente estável e sadio, geralmente leva bem mais tempo para identificarmos padrões de comportamento que não pertencem à família de Deus.

A minha atitude era a seguinte: “estou na família de Deus. As escrituras são a minha autoridade, e agora o meu caminho é guiado pelo meu compromisso com o senhorio de Jesus e com o crescimento da obra de seu

reino na terra. estou fazendo tantas coisas de forma diferente da minha família nuclear e estendida. Por exemplo, não guardo ofensas contra as pessoas. eu lavo a louça. Ajudo a cuidar das crianças. Sigo ativamente Jesus. trabalho com pessoas de diversas culturas".

Essa lista na verdade é superficial. eu estava cego para quanto a família em que cresci dominava a minha vida diária, principalmente a minha liderança na família espiritual chamada New Life Fellowship.

A verdade, porém, era que eu resistia a voltar ao passado e refletir sobre como ele poderia estar afetando negativamente a minha capacidade de amar as pessoas.

Ouço com frequência: "Pete, talvez a minha família não fosse perfeita, mas com certeza era muito mais estável do que muitas outras". essa não é a questão. todas as famílias foram prejudicadas.

Assim como todos na raça humana, eu também faço parte da árvore genealógica de Adão e eva. Depois de desobedecer a Deus, o plano deles era se proteger e defender de Deus e um do outro. esse objetivo de proteger-se de Deus e dos outros manifesta-se de diferentes maneiras — autoritarismo, medo, reclusão, solidão, ansiedade, frustração, ressentimento, culpa ou ignorar, negar, pacificar, entre outros.

Geri, eu e o nosso casamento

Nunca me esquecerei da primeira vez em que Geri e eu fizemos um genograma simples, examinando o nosso casamento à luz dos nossos pais. um genograma é um modo de desenhar uma árvore genealógica e buscar informações sobre os membros da família e os seus relacionamentos nas duas ou três gerações anteriores. Cada um de nós descreveu o seu pai, a sua mãe e algumas características gerais do relacionamento deles. Como eles resolviam os conflitos? Como expressavam a raiva? Como compreendiam os papéis de cada sexo? Como educavam os filhos? Que questões emocionais os afetaram profunda e intensamente, tais como a morte de um dos pais quando eram crianças, ou um irmão que necessitava de cuidados médicos?

Geri e eu recostamos na poltrona e olhamos um para o outro, demonstrando com a nossa expressão facial algo que não podíamos negar depois de quase dez anos de casamento. Havia contribuições positivas em nossa vida provindas do casamento dos nossos pais, mas estávamos surpresos com os padrões prejudiciais que inconscientemente também havíamos imitado. embora Cristo fizesse parte da nossa vida, ele não transformara, pelo menos não de modo substancial, a forma de nos relacionarmos como casal.

Percebemos que o poder transformador de Jesus não havia alcançado grandes áreas da nossa vida, áreas que este livro denomina de “saúde emocional”. uma vez que não conseguíamos integrar e aplicar a escritura em muitas áreas da vida, a não ser em um nível superficial, tornou-se evidente por que pessoas que estávamos aconselhando na igreja também não estavam progredindo em muitas áreas da vida. todos os

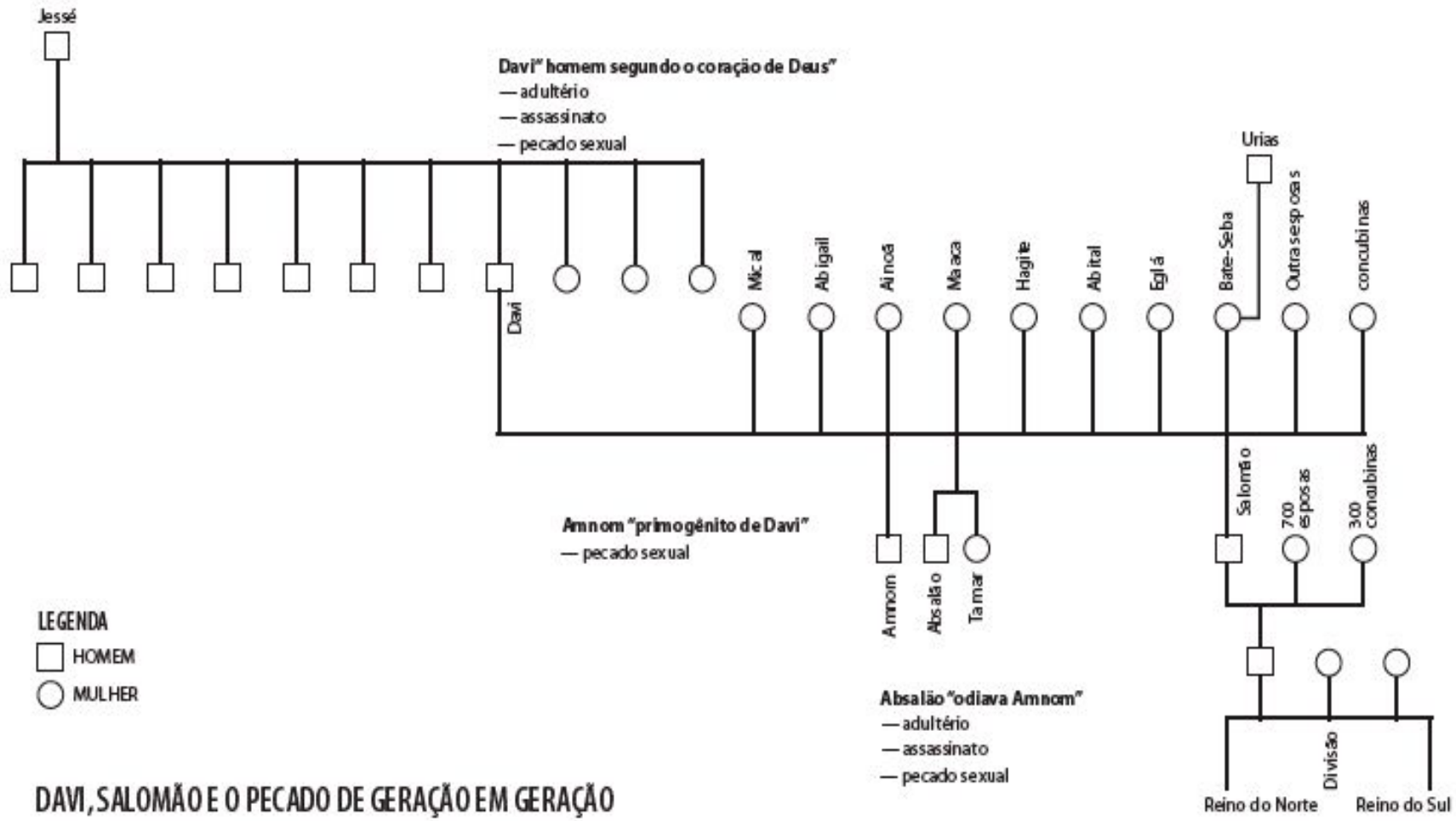
Embora Cristo fizesse parte da nossa vida, ele não transformara, pelo menos não de modo substancial, a forma de nos relacionarmos como casal.

estudos bíblicos, oração e jejum ou as reuniões de grupo caseiro não mudariam isso.Eu me sentia como um imperador despido.

Sim, era verdade. Por causa do modelo que estabeleci, a New Life Fellowship tinha 2 mil metros de comprimento, mas apenas 2 centímetros de profundidade. A minha resistência em olhar para o meu próprio passado e combater suas influências no presente afetaram profundamente toda a família da igreja. Poucas pessoas estavam olhando para as questões mais profundas. menos pessoas ainda estavam olhando para o seu passado a fim de ver como ele afetava o presente. olhando para trás, envergonho-me de pensar como pude achar que um líder imaturo (eu) com um casamento imaturo (nós) poderia cultivar uma congregação madura.

O rei Davi e a família dele

Os Dez mandamentos contêm uma declaração provocativa de Deus: “[...] porque eu, o Senhor, o teu Deus, sou Deus Zeloso, que castigo os filhos pelos pecados de seus pais até a terceira e quarta geração daqueles que me desprezam, mas trato com bondade até mil gerações aos que me amam e obedecem aos meus mandamentos”(Êxodo 20.5,6). Felizmente, o legado positivo da nossa família estende-se por mil gerações! entretanto, Deus diz claramente que os pecados daqueles que vieram antes de nós são passados a nossos filhos, nossos netos, nossos bisnetos e até nossos tataranetos. Presumindo que cada uma das minhas filhas case e tenha filhos e assim prossiga e que cada um deles viva 80 anos, a influência das minhas escolhas hoje perdura até o ano 2318! isto é, quatro gerações.



DAVI, SALOMÃO E O PECADO DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO

Se examinarmos o genograma da página 124, não podemos deixar de notar que pelo menos três temas se destacam de geração em geração. o primeiro relaciona-se a ter um coração voltado para Deus. o pai de Davi, Jessé, era claramente temente a Deus, embora não tenhamos muita informação sobre ele (1Samuel 16). Davi é considerado “um homem segundo o coração de Deus”. ele se destaca como uma das grandes figuras espirituais da escritura, escreveu salmos magníficos e músicas para o povo de Deus usar na adoração por gerações. Contudo, com cerca de 40 ou 50 anos ele compromete o seu relacionamento com Deus, cometendo adultério com a bela Bate-Seba e assassinando o marido dela. em vez de arrepender-se imediatamente, ele escolhe um caminho de engano, mentiras e abuso de poder. essa decisão reverberou em sua família e na nação de israel por gerações. o seu caráter parece corroer-se lentamente, provavelmente com o passar de vários anos, levando por fim a um colapso monumental de julgamento.

Salomão, filho de Davi, realmente constrói um templo para Deus, mas o seu coração é descrito como não completamente devotado a Deus. ele mistura a adoração do Deus de israel com os deuses das nações vizinhas. Na terceira geração, esse declínio espiritual chega ao limite. roboão, o filho de Salomão, ignora o Deus de israel e se envolve com idolatria e práticas detestáveis de outras nações.

Um segundo tipo de pecado sexual também se destaca no genograma. Assim como os reis pagãos do antigo oriente médio, Davi colecionava esposas. ele também comete adultério com Bate-Seba. O seu filho mais velho, Amnom, estupra a meia-irmã tamar e a desgraça para sempre. Salomão segue o mesmo caminho e leva adiante os pecados sexuais do pai, acumulando 700 esposas e 300 concubinas. Por sua vez, roboão, filho de Salomão, teve 18 esposas e 60 concubinas (2Crônicas 11.21). o casamento era um modo comum de formar alianças políticas no antigo oriente médio,

mas também era um ato de rebelião contra os mandamentos de Deus (Deuteronômio 17.17).

Em terceiro lugar, em cada geração também há intensa divisão familiar e rivalidade entre irmãos. Havia certa tensão entre Davi e os seus irmãos (1Samuel 16—17). um dos seus filhos, Absalão, assassina o irmão Amnom como vingança por este ter estuprado a sua irmã. Por causa disso a família fica terrivelmente dividida. Absalão acaba amargurado e autoproclama-se rei, conquista Jerusalém e determina-se a matar o próprio pai. inicia-se uma guerra civil, e 20 Mil homens morrem (2Samuel 18.7).

Roboão, filho de Salomão, leva adiante esse padrão, e a família se desintegra. Por fim, as 12 tribos de israel, uma vez tão unidas, separam-se em um reino no Norte com dez tribos e um reino no Sul com duas. Agora, é apenas uma questão de tempo até que a "família dividida" seja levada para o exílio.

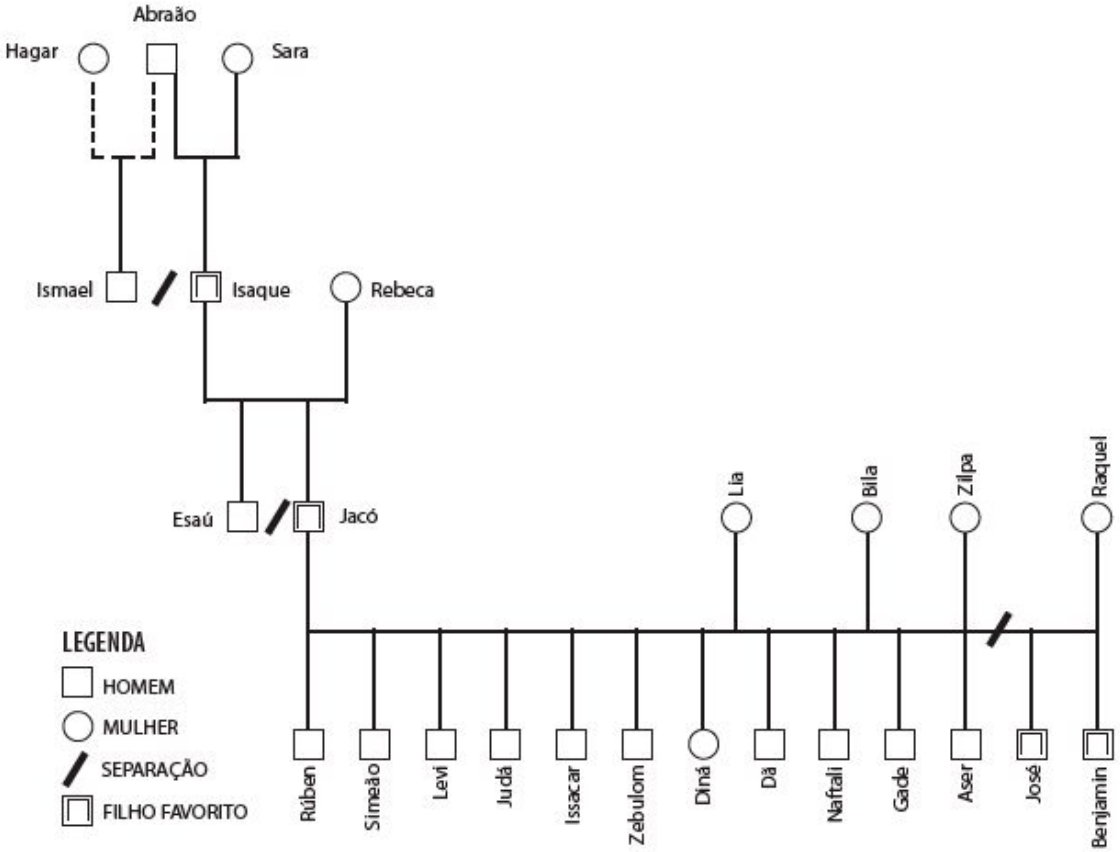
É impossível ajudar as pessoas a serem livres do passado sem compreender as famílias em que cresceram.

O pecado passou de geração em geração. Deus permitiu que essa história fosse registrada para nos incentivar a olhar o nosso interior com seriedade (veja 1Coríntios 10.6). As implicações para a igreja são claras. É impossível ajudar as pessoas a serem livres do passado sem compreender as famílias em que cresceram. A menos que percebamos o poder que o passado exerce sobre nós hoje, iremos, inevitavelmente, reproduzir esses padrões nos relacionamentos dentro e fora da igreja.

Abraão, Isaque e Jacó

A história familiar de Abraão, isaque e Jacó em Gênesis 12—50 é outro exemplo poderoso de bênçãos e padrões de pecado que passam de geração em geração. As bênçãos são tão significativas que chegam a nós hoje! Contudo, poucos leitores percebem os pecados e a imaturidade emocional que também são passados de geração em geração.

Mais uma vez, pelo menos três padrões repetitivos ficam evidentes ao olharmos o genograma. em primeiro lugar, evidencia-se um padrão de mentira em todas as quatro gerações que aumenta em intensidade em cada uma delas. temeroso, Abraão mente duas vezes sobre Sara, negando que ela seja sua esposa. o casamento de rebeca também é dominado por mentiras e enganos (Gênesis 27). Jacó, o filho deles, segue também o padrão de manipulação, mentindo de forma constante a quase todas as pessoas com quem se relaciona. Além disso, o próprio nome dele significa “enganador”. Na quarta geração, dez dos filhos de Jacó fraudam a morte do irmão mais novo deles, José. eles passam por todas as emoções de um período de velório, funeral e luto para manter tal mentira.



ABRAÃO, ISAQUE, JACÓ E O PECADO DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO

Fonte: veja Gênesis 12.37

Um segundo padrão que se repete é a forma com que pelo menos um dos pais em cada geração tem um filho "favorito". Abraão favorece ismael, mas Sara quer que ele deixe a família. isaque favorece esaú e quer que ele receba a poderosa bênção familiar. e Jacó favorece José e, mais tarde, Benjamim, o mais novo dos 12 filhos.

Em terceiro lugar, rivalidade e relacionamentos problemáticos entre irmãos causam tensões que se manifestam em três gerações sucessivas. o atrito entre ismael e isaque por fim os leva a separarem-se um do outro. (A divisão e tensão continua até hoje no oriente médio com o conflito entre árabes e judeus.) Esaú e Jacó tornam-se inimigos declarados quando Jacó rouba a bênção de esaú. Por fim, José é separado dos seus dez irmãos mais velhos durante grande parte da sua vida adulta.

1. Identificando como sua família moldou você

Parte do nosso mentoreamento, desenvolvimento de liderança e discipulado na New Life Fellowship inclui, agora, conduzir as pessoas a fazerem um genograma simples da família em que Deus as colocou. exceto em casos raros, a nossa família é o grupo com mais poder e influência sobre quem somos hoje.

As perguntas seguintes são do tipo que fazemos para tentar enxergar com mais profundidade como o passado pode estar afetando o presente. Pedimos que a pessoa complete o genograma com os olhos da sua infância (como se tivesse entre 8 e 12 anos de idade).

1. Descreva cada membro da família com dois ou três adjetivos (pais ou responsáveis, avós, irmãos, crianças).
2. Descreva o casamento dos seus pais (ou de quem cuidava de você) e dos seus avós.
3. Como eram tratados os conflitos na família nas duas ou três gerações anteriores? e a raiva? e os papéis de cada sexo?
4. Quais eram os temas recorrentes (por exemplo, vícios, casos amorosos, perdas, abuso, divórcio, depressão, doença mental, filhos fora do casamento etc.)?
5. A sua família conversava sobre os sentimentos?
6. Conversava-se ou não sobre sexualidade? Quais eram as mensagens implícitas?
7. Havia “segredos” familiares (tais como uma gravidez fora do casamento, incesto ou um escândalo financeiro)?
8. o que era considerado “sucesso” em sua família?
9. Como se lidava com o dinheiro? e as questões espirituais?

E as feridas? e os relacionamentos com a família mais ampla?

10. Quanto a etnia da sua família o influenciou?

11. Havia algum herói ou heroína na família? ou bodes expiatórios? "Perdedores"? Por quê?
12. Que tipos de vícios existiam em sua família, se é que existiam?
13. Houve perdas traumáticas no passado ou presente, tais como uma morte súbita, doença prolongada, abortos/natimortos, falência ou divórcio?

Esse exercício, embora doloroso, leva-nos a três perguntas essenciais para podermos conduzir outras pessoas com integridade.

1. Que padrão ou padrões podem surgir do impacto que a sua família teve sobre quem você é hoje?
2. em que áreas você pode estar moldando sua vida e seu ministério de acordo com o seu passado, não com a família de Cristo?
3. Que "trabalho árduo de discipulado" pode estar esperando por você?

Cada uma das pessoas a quem servimos precisa fazer essas perguntas difíceis para ser livres em Cristo. Contudo, isso subentende que nós como líderes/mentores já fizemos essas perguntas a nós mesmos e Deus agiu em nossa vida.

2. Discernindo as principais influências em sua vida

Além da família de origem, é importante levar em consideração quais são as outras influências mais importantes na vida da pessoa. Por exemplo, eu fui muito influenciado pelo cristianismo evangélico na faculdade. isso me levou a ter uma grande consideração pela graça de Deus no evangelho. Ao mesmo tempo, reforçou um diligente modo de vida ascético caracterizado pelas palavras de Jesus: "Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome diariamente a sua cruz e siga-me" (Lucas 9.23).

Outras pessoas são moldadas por eventos significativos como um divórcio, abuso sexual ou emocional, um vício, um longo período de desemprego, uma traição ou uma amizade. A pergunta é: "Que acontecimentos ou pessoas que moldaram quem eu sou hoje me ajudarão a compreender o que 'me motiva' "?

Vamos dar uma olhada em alguns exemplos:

- Compreender que certa rejeição na escola foi um momento decisivo importante para o discipulado de Joan. esse fato levou-a ao vício nas drogas. os Narcóticos Anônimos tiveram grande participação em sua recuperação.
- Charlotte e Nathan foram impactados pelo trauma da guerra no país onde nasceram. Ataques de pânico e acessos de raiva são apenas duas consequências dessa experiência que precisaram ser tratadas no discipulado.
- A experiência de Pierre de ter sido erroneamente classificado como "incapacitado mental" em vez de disléxico afetou sua autoimagem, o que dificultou sua confiança em Deus e nos outros.

A pergunta é: "Que acontecimentos ou pessoas que moldaram quem eu sou hoje me ajudarão a compreender o que 'me motiva' "?

- A participação de Ken como soldado no Vietnã amargurou seu coração para com as autoridades.
- A batalha de Ron para sobreviver como músico profissional no difícil mundo do *jazz* contribuiu para o seu implacável perfeccionismo consigo mesmo e os outros. ele tem dificuldade para receber a graça e o amor incondicional de Cristo.
- Os doze anos que Ted passou em um internato na Nova Inglaterra dificultaram a sua vida e a intimidade familiar, mesmo já estando na meia-idade.
- O filho autista de Kathy a tornou sensível a famílias com um membro deficiente.

todas essas pessoas estão em diferentes etapas da sua jornada com Cristo, mas uma parte essencial para alcançar a maturidade em Cristo é tratar dessas questões e do impacto na vida da pessoa hoje, tanto positiva quanto negativamente.

O novo nascimento em uma família espiritual

É importante lembrar de que, embora possamos ter uma disposição para certo comportamento, há outra possibilidade e realidade de "reparentalização" hoje: uma família espiritual.

Jesus descreve o tornar-se cristão como um novo nascimento (veja João 3.3-5). imagine-se como uma macieira que gostaria muito de dar pêssegos. Você pode ser podado, ou alguém pode prender pêssegos com arames em seus galhos, mas as maçãs continuariam a nascer. Se você quer pêssegos, precisa arrancar a macieira e plantar um pessegueiro.

Para novos frutos são necessárias novas raízes. tudo o que fazemos quando tomamos resoluções e comprometemo-nos a orar mais, ir à igreja com mais frequência ou parar com um comportamento ruim é podar a mesma árvore. A raiz precisa ser arrancada. É necessária uma árvore nova.

[...] apenas por uma intervenção direta de Deus, você e eu podemos ser transformados. É preciso uma mudança completa da raiz ou do fundamento de quem somos.

Jesus declara que apenas por uma intervenção direta de Deus você e eu podemos ser transformados. É preciso uma mudança completa da raiz ou do fundamento de quem somos. o novo nascimento pode ser descrito como a ação de Deus pela qual a sua nova vida e o poder são implantados na base do coração para que a raiz seja transformada. A semente então cresce, floresce e produz fruto dessa nova semente sobrenatural. Nós recebemos um novo coração, uma nova natureza e um novo espírito (ezequiel 36.25-27).

A família mais chegada de Jesus

o Novo testamento descreve o tornar-se cristão como um novo nascimento espiritual por meio do qual somos adotados em uma nova família — a família de Jesus. uma vez que isso acontece, tornamo-nos irmãos e irmãs em uma família mundial que cruza barrei-ras raciais, culturais, econômicas e de sexo (veja Gálatas 3.28). Nascemos em uma nova árvore genealógica.

Em certo episódio, a mãe e os irmãos de Jesus chegaram a uma casa na qual ele estava ensinando. Quando a multidão que estava sentada ao redor de Jesus lhe disse que a sua família estava do lado de fora, ele retrucou: " 'Quem é minha mãe, e quem são meus irmãos?'.

Então, olhou para os que estavam assentados a seu redor e disse: 'Aqui estão minha mãe e meus irmãos! Quem faz a vontade de Deus, este é meu irmão, minha irmã e minha mãe' " (marcos 3.33-35).

A igreja para o cristão torna-se a "família mais chegada". De fato, a família é a metáfora mais significativa usada nas escrituras para descrever a igreja. Anderson e Guernsey dizem bem: A igreja é a nova família de Deus. [...] Por meio do nascimento espiritual, cada um de nós se torna irmão ou irmã de Jesus Cristo ao ser adotado na família de Deus. Consequentemente, somos irmãos e irmãs uns dos outros. marido e esposa são antes de tudo irmãos em Jesus Cristo antes de ser marido e mulher. Filhos e filhas também são irmãos e irmãs dos seus pais, mesmo antes de ser filhos e filhas.

3. Ser "reparentalizado" pela igreja

Paulo ilustra o evangelho usando a verdade profunda da adoção romana em que uma criança era retirada do seu *status* prévio e colocada em um novo e permanente relacionamento com o seu novo pai. Dívidas antigas eram canceladas. A criança recebia estabilidade, garantia, segurança e autoridade absolutas com sua nova filiação. Ele ou ela poderia agora usar a palavra "Abba" (paizinho), uma palavra forte, mas íntima, usada apenas pelos filhos com o pai.

O fator essencial que determina de forma significativa a minha nova identidade como cristão não é o sangue da minha família biológica, mas o sangue de Jesus. recebemos um novo nome (cristão), uma nova herança (liberdade, glória, esperança, recursos centuplicados) e um novo poder (o espírito Santo) para viver essa nova vida. tornamo-nos participantes da natureza divina (2Pedro 1.4), capazes de desfrutar de segurança e estabilidade absolutas, intimidade e confiança na oração (Lucas 11.5-13) como filhos na família de Deus. Existe uma nova dinâmica em minha vida interior, a vida de Jesus.

Sem hesitar, Jesus chamou homens e mulheres para um compromisso com ele maior do que com a família biológica, acrescentando que "Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim [...]" (mateus 10.37).

O mundo do Novo testamento não pode conceber uma vida familiar saudável à parte do contexto de uma vida saudável na igreja. A igreja local torna-se o lugar onde sou, em um sentido muito real, "reparentalizado".

A igreja local torna-se o lugar onde sou, em um sentido muito real, "reparentalizado".

A pergunta, então, é, por que isso não está acontecendo? Por que, na maioria, as pessoas em nossas igrejas parecem ser radicalmente diferentes de seus vizinhos em alguns aspectos — elas oram, leem a Bíblia,

vão à igreja, dão o dízimo —, mas em aspectos mais profundos são semelhantes a eles?

A importância do processo

Aceitar Cristo, ser adotado na família de Deus e ser chamado de “cristão” não apaga o passado. Deus não nos deixa com amnésia nem faz uma cirurgia reconstrutiva emocional/espiritual de emergência. Deus de fato perdoa o pecado, mas ele não o apaga. Nós recebemos um novo começo, começamos como bebês tomando leite, mas espera-se que morramos dia a dia para os aspectos da nossa vida que não honram Deus e que sigamos Jesus.

todos chegamos na família de Jesus com ossos quebrados, feridas e pernas baleadas na guerra da vida. A intenção de Deus é curar o que está quebrado e sarar nossas feridas, mas ele permite que as cicatrizes e fraquezas permaneçam. Depois devemos ir e curar os outros como curadores feridos.

O discipulado, portanto, deve incluir uma reflexão honesta sobre o impacto positivo e negativo da nossa família de origem, bem como de outras influências importantes em nossa vida. esse é um trabalho duro. Seguir Jesus é um processo que leva tempo. mas quanto podemos retroceder e compreender como o passado nos moldou, determinaremos, em larga escala, nosso nível de consciência e nossa capacidade de quebrar padrões destrutivos, passar legados construtivos e crescer no amor para com Deus e as pessoas.

O convite de Deus é para que o acolhamos nessas áreas a fim de sermos livres para viver de modo alegre e desimpedido como ele pretende que vivamos.

Trabalhando por meio da igreja

Para trabalhar este princípio por meio do discipulado da igreja, bem como todos os outros em uma igreja emocionalmente saudável, os líderes precisam começar a integrá-los à própria vida.

Como pastor presidente, precisei começar a quebrar o poder do passado em meu presente olhando seriamente para trás. em seguida, esse processo foi seguido por nossa equipe e pelo conselho.

As palavras de um velho rabino hassídico em seu leito de morte são verdadeiras:

> Quando eu era jovem, estava determinado a mudar o mundo. Ao ficar mais velho, percebi que era muita ambição. então, determinei-me a mudar o meu estado. Quando envelheci ainda mais, percebi que isso também era muita ambição. então, decidi mudar a minha cidade. Quando percebi que nem isso eu podia fazer, tentei mudar minha família. Agora que sou um homem velho, sei que deveria ter começado mudando a mim mesmo. Se tivesse começado comigo mesmo, lograsse êxito em mudar a minha família, a cidade ou até mesmo o estado e, quem sabe, talvez até o mundo!

Fazer um genograma familiar simples para ajudar a pessoa a tomar consciência das questões críticas do seu passado tornou-se parte do nosso desenvolvimento e mentoreamento da liderança. Classes de formação e trajetória pessoal passaram a fazer parte do processo de equipar a igreja.

Toda semana, quando prego as escrituras, pergunto-me constantemente: “De que forma isso difere da maneira em que fui moldado, tanto na família em que cresci como por outras influências?”. Por exemplo, em uma série de pregações sobre tiago, uma das mensagens estava relacionada a mostrar parcialidade (tiago 2.1-13). Como parte da aplicação do texto, refleti sobre como a família em que cresci hierarquizava as pessoas. Como víamos as

pessoas muito ricas ou que estudaram muito? e as pessoas pobres e que estudaram pouco? Como falávamos e tratávamos as pessoas de diferentes culturas, raças, grupos étnicos ou convicções políticas? Como essas práticas se diferenciavam da forma com que Deus vê ricos e pobres e pessoas de diferentes classes sociais, culturas ou raças? Agora que estou na família de Deus, o que precisa mudar em minha forma de ver e tratar as pessoas? esse autoexame mostra o papel correto que a Palavra de Deus deve desempenhar em nossa vida, "reparentalizando-nos" de acordo com os caminhos de Deus.

Nossa igreja não apenas oferece grupos de crescimento e seminários sobre as escrituras, mas também acerca de habilidades e relacionamentos emocionalmente saudáveis. Focamos tópicos como falar e ouvir, lidar com a ira de forma construtiva, discutir de forma adequada (resolução de conflitos), pensamentos errados, expectativas e sobre quebrar o poder do passado (genogramas). reconhecemos que tanto as práticas espirituais (oração, estudo da Bíblia, oferta, comunhão) e práticas emocionalmente saudáveis (ouvir, falar, discutir de forma adequada) são essenciais se quisermos amadurecer em Cristo.

Na New Life, trabalhamos bastante com casais e noivos. Assim como em muitas igrejas, temos famílias de origens bastante diferentes. em todos os retiros, aconselhamentos e grupos de casais, a questão de como a família de origem moldou o entendimento desses casais sobre casamento e família é, sem dúvida, a mais importante e poderosa a ser tratada. Aplicamos esse princípio também aos solteiros, principalmente no que se refere ao relacionamento deles com o sexo oposto.

Na New Life, temos pessoas provenientes de todas as regiões da ásia, europa, áfrica e oriente médio, sem mencionar muitos outros grupos étnicos dos estados unidos. Alguns vêm de famílias hindus, muçulmanas ou budistas. em nosso discipulado, é importante ajudá-las a conscientizar-se de como suas famílias e culturas encaram a lealdade aos pais, tanto a lealdade

declarada como a subentendida. Que dívidas os filhos têm para com os pais e a família? Que legados positivos eles trazem para a família da igreja que queremos absorver? Que aspectos da sua filiação étnica contraria o chamado do evangelho (mateus 10.21)?

Finalmente, quando discernimos a possível presença de um componente biológico (tal como depressão severa, distúrbio bipolar, vício em álcool ou drogas, grave desordem de personalidade ou abuso), indicamos conselheiros profissionais que podem conduzi-las a trabalhar o passado de uma forma que extrapola nossa prática como igreja local.

4. Liderando a família da igreja como a minha própria família

É preciso muita coragem para começar a olhar para a sua família de origem com objetividade. Para mim, sei que foi extremamente difícil começar a perceber áreas de fraqueza em nossa família ítalo-americana. Há uma lealdade profunda entre nós, e questionar regras implícitas da família que retrocedem a gerações parecia uma traição. uma vez que iniciei essa jornada, porém, tornou-se óbvio que o passado estava afetando de forma negativa a família da igreja que eu liderava. Descobri três áreas de maior impacto.

Em primeiro lugar, durante toda a minha infância, eu e meus ir-mãos fomos os confidentes da minha mãe que parecia muito infeliz com sua vida e no casamento. Passei muitos daqueles anos desejando nada mais, a não ser que ela encontrasse a felicidade de que meu pai parecia tê-la privado. era quase como se eu fosse o pai amoroso dela, sonhando com o dia glorioso em que ela seria completamente cresci-da e viveria feliz para sempre. eu internalizara um senso de responsabilidade para resolver todos os problemas da família.

Acostumara-me com esse papel; e, quando me tornei pastor, encaixou-se perfeitamente. Agora, eu resolveria as dificuldades de todos e tornaria a vida deles melhor e mais feliz. De fato, aprendi muito sobre como cuidar e ouvir os outros com minha família. mas sabia pouco sobre como deixar os outros cuidarem de mim e como cuidar adequadamente de mim mesmo.

Surpreende que eu assuma responsabilidades demais pelas pessoas da igreja? Quando alguém tinha uma dificuldade na igreja, eu considerava o meu dever “fazer aquela pessoa se sentir melhor”. Depois que tomei consciência de que agi assim durante grande parte da minha infância, ficou muito mais fácil mudar. também fui capaz de alterar a minha semana de trabalho para cinco dias e 50 horas por semana, permitindo que o descanso da igreja funcionasse de forma mais equilibrada.

Em segundo lugar, meu pai, que era padeiro, amava seu trabalho. ele sustentava a família desde os 12 anos quando o pai dele morreu de repente durante a Grande Depressão. o trabalho era sua vida. ele trabalhava intensamente e era um dos melhores padeiros italianos na região de Nova York. Seu alvo para os quatro filhos era que recebêssemos o estudo superior que lhe fora negado.

Portanto, ele passou para mim uma paixão pelo trabalho, por ser o melhor, por "vencer" na América. eu também iniciei o casamento com pouco tempo para o lazer e a família. meu trabalho também se tornou minha vida. Acredito que seria assim quer eu tivesse ido para o direito, quer para a medicina, quer para o ensino ou a liderança da igreja. Aonde quer que eu fosse, eu estava seguindo as pegadas dele.

transmiti à liderança da nossa igreja uma paixão por crescer, melhorar e ficar mais forte a cada ano. o ritmo era exaustivo, assim como o do meu pai. eu atribuía isso às oportunidades de expandir o reino de Deus. Na verdade, eu estava procurando valor e mérito na igreja, não em Cristo. No processo, negligenciei as pessoas mais próximas — exatamente como o meu pai.

Na verdade, eu estava procurando valor e mérito na igreja, não em Cristo.

Apenas mediante o compromisso de refletir seriamente sobre a minha história familiar à luz dos valores do evangelho pude abandonar o ritmo acelerado de trabalhar e produzir. em vez disso, lentamente, estou aprendendo a segui-lo em descanso sabático, contentamento, alegria, paz (romanos 14.17), oração e reflexão.

Em terceiro lugar, e talvez a mais importante, carreguei comigo para a liderança um medo de ser abandonado. Lutei contra questões de rejeição desde criança e, portanto, isso estava impregnado nos fundamentos do meu ser. Por isso, quando as pessoas não estavam satisfeitas ou deixavam a igreja (uma ocorrência comum para qualquer pastor de igreja local), eu ficava devastado.

Esse poder do passado em minha vida causou muita confusão na família da New Life. A visão dos outros tornava-se a minha visão. Eu sabia que se falasse o que realmente queria fazer, algumas pessoas partiriam. Durante anos, disfarcei a verdade. Pior do que isso, eu raramente confrontava as pessoas a respeito das suas deficiências, inadequações e pecados, principalmente se pensava que não seriam receptivas. eu evitava conflitos e alegremente assumia toda a culpa por algo errado, desde que todos estivessem felizes e pudéssemos seguir em frente. esse padrão produziu o fruto terrível descrito no capítulo de abertura, quando o pastor hispânico saiu em divisão.

O conflito faz parte da vida normal, e as pessoas tendem a resolvê-lo de cinco maneiras: aumentando-o, retraindo-se, atacando, supondo que as coisas são piores do que na realidade são ou criando um triângulo (por exemplo, em vez de A ir falar com B para resolver um conflito, A fala com C para aliviar a ansiedade). Na família em que cresci, eu tinha a tendência de me retrair. Aprendi a internalizar os conflitos e tentar aplainar as diferenças. e carreguei esse padrão para a família da igreja, algo que Cristo nunca desejou.

O conflito faz parte da vida normal [...]. Aprendi a internalizar os conflitos e tentar aplainar as diferenças.

Ao mesmo tempo, a família em que cresci, embora manchada pela Queda como todas as famílias, passou-me muitas qualidades pelas quais sou eternamente grato. Por meio delas, Deus me tornou muito sensível para com as outras pessoas. Consigo sentir com facilidade a dor delas e expressar sincera compaixão. também aprendi a consolar outras pessoas de modo significativo, sem indiferença. Deus também usou a minha família para me dar um amor por ler e aprender, uma paixão pelas pessoas e um amor pela música e pelas artes. Deus usou todo o meu passado — os

aspectos positivos e negativos — para moldar de forma única o meu modo de servir e liderar como pastor hoje.

Deus ordena que honremos os nossos pais. Como adulto, creio que isso significa respeitar e agradecer a Deus por eles. Posso ampliar e incluir agradecer a Deus por nossa história, nosso passado e pelo lugar, pela época e família em que nascemos.

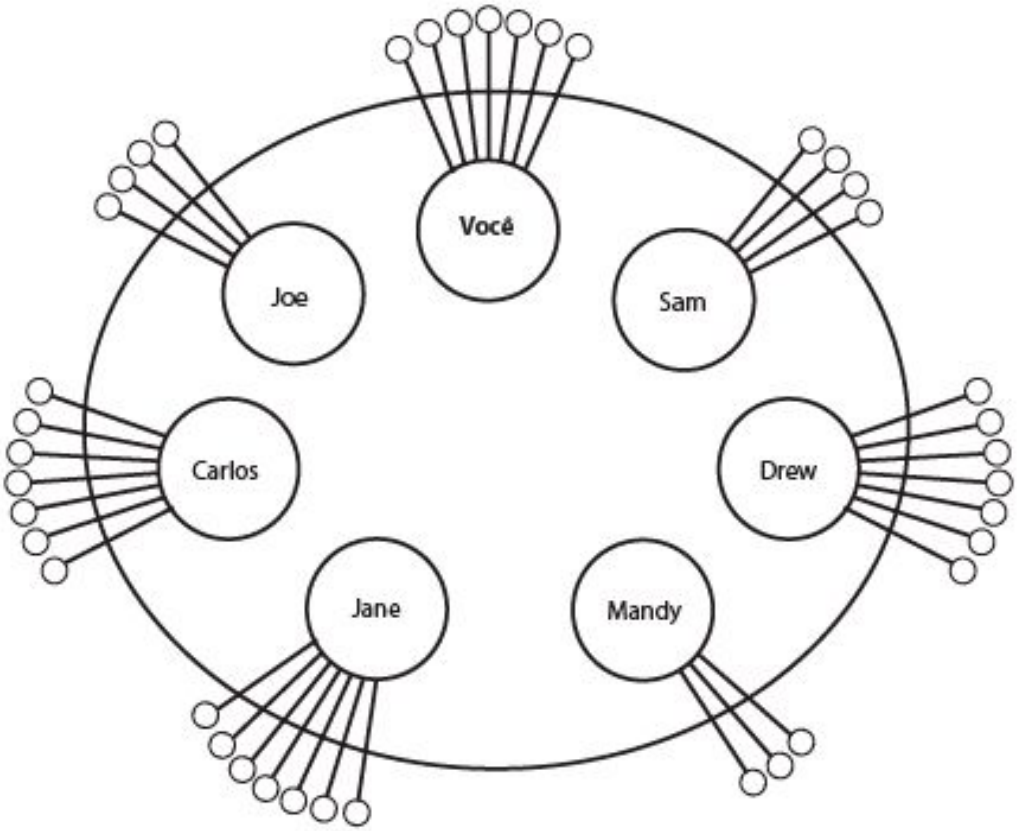
Contudo, por mais difícil que seja, cada um de nós na liderança deve perguntar-se repetidas vezes diante de Deus: Quanto da história da minha família pode estar conduzindo a igreja ou o ministério que Deus confiou aos meus cuidados?

5. Lembre-se de quantas pessoas estão à mesa

Com frequência, perguntam-me por que é importante ter maturidade em questões familiares para receber autoridade pastoral em uma igreja, seja em um conselho de pastores, seja em um ministério de grupos, seja em questões administrativas. Parte da resposta envolve a ideia de "reparentalização". Não importa que tipo de ministério lidere, a maioria das pessoas envolvidas trará a "bagagem" emocional da sua família. Quando você está em uma reunião com outras seis pessoas, há na verdade muitas outras pessoas invisíveis sentadas à mesa.

Abaixo, apresento um gráfico de uma reunião de um conselho que está tratando da difícil questão de contratar ou não um assistente executivo para você que é o pastor presidente. Você solicitou que o conselho autorize o salário, iniciando em duas semanas. isso dificultará a situação financeira do orçamento do resto do ano por causa de outros compromissos financeiros assumidos pelo conselho. Cada uma das seis pessoas na reunião provêm de um sistema familiar com certas regras, valores e modos de agir subentendidos.

Joe, o presidente do conselho, é um executivo bem-sucedido, dono de uma empresa de *software*. ele gosta de correr riscos e já decidiu que irá trabalhar mais para compensar a diferença no orçamento. ele não dirá nada sobre a sua decisão para o resto do conselho para não parecer orgulhoso. A esposa dele não vai gostar, mas ela está sempre reclamando mesmo.



EXPERIÊNCIAS DOS RELACIONAMENTOS FAMILIARES DE CADA PESSOA

SETE FAMÍLIAS PARTICIPAM DA REUNIÃO DO CONSELHO

Carlos dirige com esforço a loja de *hardware* da família na cidade. Ele pensa que contratar um assistente executivo para o pastor é temerário. ele não gosta da ideia de a igreja não ter dinheiro no banco. Ele nunca conduziria seus negócios dessa forma. No momento, ele está lutando com a possibilidade de um grande competidor abrir uma loja na cidade e acabar com seu negócio. ele sente um vazio no estômago enquanto ouve o pastor falar. ele pensa que tal precipitação faria seu pai se revirar no túmulo. Com medo de ser honesto sobre os seus verdadeiros sentimentos, Carlos sugere que o grupo ore para receber uma palavra de Deus sobre esse passo de fé.

Jane é formada em direito e atualmente fica em casa com os dois filhos. ela está constrangida e envergonhada. está fumando quase duas carteiras de cigarros por dia (ninguém no conselho sabe disso), e seu filho mais velho

recentemente abandonou a escola. A família de um membro do conselho não deveria estar em ordem? ela se sente sozinha e precisa de todos os amigos que tiver. “o que você achar melhor, pastor”, aconselha ela confiantemente.

Mandy é solteira, uma pediatra com uma clínica próspera. Agora ela tem três outros médicos e cinco enfermeiras trabalhando com ela. recentemente eles compraram um prédio e estão expandindo a clínica. ela entrou para o conselho no ano anterior a pedido do pastor, mas deixou claro que, se aceitasse, esperava crescimento e mudanças. Mandy, que gosta de correr riscos, é a primeira mulher em sua família a conseguir um diploma superior. ela também venceu um processo de assédio sexual enquanto estava na faculdade de medicina. ela está tão feliz que o pastor está finalmente tomando uma iniciativa para fazer essa igreja crescer!

Drew tem dois cargos. ele é um dos pastores assistentes e também é presbítero. essa posição lhe confere muito poder. e ele gosta disso. entretanto, está insatisfeito com o pastor presidente, pois acha que ele recebeu tudo em bandeja de prata. Drew foi criado por uma mãe solteira e foi obrigado a trabalhar em tempo integral durante a faculdade e o seminário. ele está bravo porque o pastor está trazendo outro empertigado. ele está sentado à mesa, pensando: “Deus, será que nada pode ser do meu jeito? Por que esse cara consegue tudo o que quer?”.

Por fim, Sam está sentado à mesa, bravo. o pastor pareceu ter dado uma indireta para as pessoas solteiras durante um sermão três semanas atrás, principalmente para os homens solteiros. Por que ele não teve coragem de falar comigo cara a cara? Sam fica imaginando. Sam não conversou com o pastor sobre seus sentimentos. em vez disso, está pensando em sair da igreja no próximo verão. É assim que sempre resolveram os conflitos em sua família. Você “queima as pontes” com o passado e segue em frente. Sam não é favorável a essa despesa.

Nem precisa dizer que, se você como líder quer trazer uma liderança espiritual madura àquela mesa, precisa considerar pelo menos três questões:

1. Você precisa olhar profundamente para as próprias motivações, justificativas, os próprios alvos, planos e a dinâmica familiar (passada e presente) ao dar esse passo de expansão. Você precisa saber o que está sentindo e pensando e ser capaz de expressar suas ideias de forma clara, direta e respeitosa para o conselho.
2. Você precisa liderar os membros do grupo de forma que eles possam expressar honestamente suas preocupações e seus sentimentos. Há muita coisa abaixo da superfície nessa reunião. eu sugeriria que o conselho esperasse e fizesse uma reunião em que conversassem sobre o que se passa dentro de cada um deles e em seus relacionamentos. o líder precisa liderar com firmeza e dar a direção nessa reunião. ele precisa criar um ambiente seguro para que eles compartilhem com honestidade. isso provavelmente incluirá estabelecer algumas diretrizes e limites para a conversa. Por exemplo, cada um deve falar usando “eu”, não “você” ou “eles”. Pode ser apropriado perguntar a cada membro do grupo o que mais está afetando a vida dele no momento. Dê dez minutos para cada pessoa... e orem uns pelos outros.
3. Você precisa se reunir com o conselho de forma individual ou como grupo para ajudá-los a amadurecerem em sua caminhada com Deus. Lembre-se de que Jesus, embora conduzisse multidões, concentrava-se em 3, depois em 12 doze pessoas em quem investia a sua vida. Comecei entregando-me à equipe e aos presbíteros da igreja a fim de trazer mudança para a igreja como um todo.

Pode ser massacrante pensar na igreja como um lugar em que todos os indivíduos estão trazendo suas histórias familiares com eles. Contudo, essa é uma imagem bem precisa. isso também nos ajuda a compreender a complexidade que é liderar uma igreja.

A igreja nunca será mais madura que a sua liderança. mas podemos esperar que seja um modelo e siga um estilo de vida em que primeiro se tira a trave que está no próprio olho (mateus 7.1-5) e trabalhe os próprios problemas.

Gustavo e Nancy

A New Life Fellowship deu um grande salto quando percebemos que havia uma relação entre a família em que crescemos e a nossa vida cristã atual. Vi inúmeras pessoas amadurecerem por terem percebido a influência que o passado tinha sobre o presente. A história a seguir é um desses exemplos.

Gustavo e Nancy estavam em um grupo de crescimento havia quatro anos. Gustavo veio de uma família em que a mãe, a mais nova de dez filhos, estava determinada a que cada um de seus filhos fosse o melhor da classe, sempre estivesse certo e sempre soubesse mais do que os outros. eles trabalhariam tão duro quanto pudessem. Compartilhar emoções e fraquezas não era permitido. Se alguém tinha um contratempo ou fracassava em algo (tal como cair da bicicleta), a resposta era: “Levante-se. Não fique parado aí, siga em frente”. Não se vivenciavam os sentimentos nem se compartilhavam emoções.

Além disso, Gustavo fora falsamente acusado em seu emprego anterior e despedido em descrédito, fazendo que confiasse ainda menos sua vida interior aos outros.

Imagine Gustavo trazendo esse modelo de relacionamento para a equipe que estava liderando no trabalho e para o grupo da New Life. raramente ele se apresentava vulnerável ou fraco, e o amor e a unidade em sua equipe eram superficiais. ele ensinava bem o conteúdo da Bíblia, mas com frequência carregava ressentimentos porque raramente era honesto ou positivo. ele não conseguia dizer não a novos projetos e oportunidades de crescimento no trabalho e sempre dizia sim para novos serviços na igreja. ele estava exausto.

Nancy, ao contrário, veio de uma família amorosa e generosa. Ela servia ao lado de Gustavo, sempre esperando o melhor deles como casal. ela também tinha dificuldade para estabelecer limites e dizer não. era a mais

velha de três filhos e muito próxima do pai, identificando-se com a sua ira, culpa, preocupação e dor. ela assumiu a responsabilidade de fazer que o pai se sentisse melhor. Se parecesse que ele não estava se recuperando dos seus sentimentos negativos, ela se sentia culpada. ela tentaria resgatá-lo, sempre tentando “fazer a coisa certa”.

Naturalmente, Nancy transferiu essa forma de se relacionar para o seu casamento e serviço para Cristo na igreja. ela era a grande cuidadora, corrigindo todos e verificando se estavam indo bem. Sobrava pouco tempo para Nancy sentir, pensar ou ser ela mesma como pessoa. ela estava exausta, cansada e solitária.

Eles só foram capazes de fazer algumas mudanças dramáticas quando olharam honestamente para o impacto dos seus antigos sistemas familiares sobre os seus relacionamentos presentes no trabalho, em casa e na igreja. inicialmente foi difícil, pois ambos consideravam suas famílias muito bem ajustadas, principalmente quando comparavam com outras.

Entretanto, a triste verdade é que a dinâmica familiar em que eles cresceram tinha mais domínio sobre a vida diária deles do que sua nova família — a família de Jesus. eles viviam como se sua lealdade fosse em primeiro lugar aos pais e depois ao reino de Deus.

Foi necessário que Gustavo negasse a ele mesmo (Lucas 9.23) para que pudesse expressar sua fraqueza aos outros no trabalho e no grupo caseiro. Para ele, foi um passo de fé em Deus começar a demonstrar a sua insatisfação quando algo o incomodava, começar a sentir em vez de funcionar como uma máquina.

Também foi necessária uma dolorosa negação para que Nancy parasse de se sentir responsável por todos em casa ou na igreja, para deixar que cada um carregasse o seu fardo (Gálatas 6.5) e reconhecer que ela não precisa suprir as necessidades de todo mundo. Cuidar de si mesma como uma filha de Deus infinitamente valorosa, descansar e divertir-se fizeram que ela se

sentisse (pelo menos no início) como se estivesse traindo uma regra subentendida da sua família. Para Nancy, isso foi como uma morte.

> [...] precisamos ter certeza de que estamos morrendo para as coisas certas.

Contudo, a boa notícia é que, quando morremos no reino de Deus, isso gera vida. então precisamos ter certeza de que estamos morrendo para as coisas certas.

Nunca deixamos de voltar ao passado

Às vezes as pessoas me dizem: “Já fiz um genograma. Sei tudo sobre a minha família”. Quando ouço essas palavras, percebo que não entenderam. Cada ser humano é infinitamente complexo e singular. Nunca compreenderemos completamente toda a profundidade do nosso *iceberg*.

Não voltamos ao passado apenas para voltar ao passado. Voltamos quando estamos empacados, incapazes de seguir em frente.

Como mencionei no capítulo anterior, eu estava empacado na liderança da New Life Fellowship Church. Parecia que não conseguia ir adiante. Nossa igreja estava crescendo, e eu evitava uma série de questões importantes para a liderança. evitava tomar decisões pessoais, gerenciar a equipe e voluntários, escrever descrições de funções, tirar tempo para planejar as reuniões ou levar adiante detalhes de projetos. eu queria que outra pessoa fizesse essas coisas.

“Isso é administração”, dizia a mim mesmo. “outra pessoa deveria fazer isso. essas coisas não são para mim.” Verdade seja dita, eu tinha medo de ser mal interpretado, perder amizades ou que pessoas saíssem da igreja.

Finalmente, cheguei a um ponto de profunda frustração. o trabalho interno da nossa equipe não refletia as mensagens que eu pregava. mas o problema não eram eles; era eu. Precisei quebrar duas dinâmicas da minha família de origem para poder seguir em frente.

Primeiro, a família da minha mãe possui um negócio desde 1923. Esse negócio é marcado por confusão, é um caos. Simplesmente, presumi que eu também não possuía as habilidades executivas para conduzir bem uma grande organização. Nunca investi tempo em aprender. eu tinha medo de não conseguir, por isso sempre delegava aos outros. Finalmente rompi com o *script* que minha família me entregou e decidi aprender a habilidades da liderança. esse processo de crescimento foi maravilhoso, tanto para mim como para a igreja.

Em segundo lugar, meu pai ítalo-americano dá muito valor à lealdade familiar. Lembro-me de o meu pai repetidamente me colocar sentado e dar um sermão sobre o assunto. então, quando chegou a hora de mandar embora algumas pessoas que trabalhavam na igreja, foi muito difícil. eu estava traindo um mandamento familiar que dizia: “uma vez que trabalha para mim, você é da família. Você está aqui por toda a vida!”. entretanto, como pastor presidente, meu papel, junto com o conselho de presbíteros, é administrar os recursos da igreja para cumprir a nossa missão. As necessidades e os desejos da igreja podem mudar com o tempo. Por isso, a nossa posição como empregados está sujeita à direção de Deus para a igreja, a seus recursos e à eficácia da equipe técnica.

Tenho trabalhado em meu genograma há catorze anos e continuo a descobrir coisas novas à medida que enfrento situações novas em minha jornada com Cristo. Lembre-se de que você nunca deixará de voltar ao passado.

O próximo capítulo leva-nos ao que acontece quando alguém olha profundamente para o seu interior, principalmente para dentro da sua própria história. A pessoa se torna vulnerável, transparente e quebrantada.



PRINCÍPIO 3:
VIVA EM QUEBRANTAMENTO E VULNERABILIDADE

Em igrejas emocionalmente saudáveis, as pessoas vivem e lideram por meio do quebrantamento e da vulnerabilidade. elas compreendem que a liderança no reino de Deus vem de baixo para cima, não é controladora, nem avarenta, tampouco quer dominar os outros. É liderar com base no fracasso e na dor, nas dúvidas e lutas — é um servir que liberta. É, notoriamente, um modo de vida diferente daquele exibido com frequência no mundo e, infelizmente, em muitas igrejas.

Viva à prova de tempestade

No ano 1900, no final de semana do Dia do trabalho, muitos moradores de Galveston island, texas, tentavam aliviar o calor daquele setembro excepcionalmente quente banhando-se nas águas frescas do golfo do méxico. Ninguém suspeitava de que quase a metade dos 37 mil moradores estava prestes a morrer ou ficar instantaneamente desabrigados ao ser atingidos pelo furacão mais mortal de que se tem registro. No entanto, mais tarde, naquela fatídica noite de sábado, um furacão com ventos constantes de mais de 200 km/h e rajadas de mais de 300 km/h abateu-se diretamente sobre Galveston. Na linguagem usada hoje pelo National Weather Service, o furacão que os atingiu seria considerado um furacão com extremo poder de destruição.

A previsão oficial no noticiário de Galveston dissera: “Chuva no sábado, com ventos fortes do norte; domingo de chuva, seguida por melhora no tempo”. Contudo, de repente, a tempestade apareceu. Cerca de 13h, a chuva transformou-se em tempestade, às 17h os ventos atingiram velocidade de furação e às 20h30 o nível da água estava 6 metros acima do nível normal. Durante esse curto período de tempo, a maioria das casas da ilha ou já estava submergida, ou mal se conseguia ver, ou fora levada pelo vento.

No início daquela semana, a agência meteorológica de Galveston recebera informações sobre uma tempestade tropical distante, mas a notícia não causou muito alarme. “os sinais usuais que anunciam a aproximação de furações não estavam presentes nesse caso”, escreveu isaac m. Clive, um funcionário graduado do departamento meteorológico. o próprio Isaac vivia a três quadras da praia, mas não achou que houvesse necessidade de retirar da área a esposa grávida (que se afogou), o irmão e nenhuma das crianças da família.

Por quê? o próprio isaac Cline previra que nenhum furacão poderia prejudicar seriamente a cidade. “um delírio absurdo” foi como caracterizou

o medo de que o furacão apresentasse uma ameaça mais séria à próspera cidade de Galveston.

Galveston rejeitara a proposta de erigir um muro de contenção, com base, em parte, na opinião especializada de Cline, que considerava uma despesa desnecessária. Por isso, muitas pessoas naquela bela cidade estavam confiantes de que poderiam resistir a qualquer tempestade. eles nunca imaginaram rajadas de vento de 300 km/h que equivalem a 30 toneladas batendo contra a parede de uma casa e desintegrando-a como se a construção fosse feita de palitos de fósforos. eles não esperavam ondas de 15 metros de comprimento e 3 Metros de altura e pesando cerca de 35 mil quilos. Havia ondas com poder destrutivo além de qualquer medida. Ao mover-se a 50 km/h, geravam uma força de cerca de 900 mil quilos, poderosas o suficiente para deslocar uma plataforma de artilharia.1 tantas pessoas se afogaram que, durante meses, apareceram corpos na praia. isaac Cline, o homem do tempo, nunca previra uma tempestade de tal intensidade.

Da mesma forma que isaac pensava haver construído uma casa estável e segura que podia suportar tempestades, eu também me esforcei preparando-me para a liderança da melhor forma que pude. Acumulei conhecimento, habilidades e experiência de uma grande variedade de ambientes cristãos. A minha esperança era que nenhuma pessoa, nenhum desafio, nenhuma dificuldade ou circunstância poderiam derrotar-me, não importava quão forte fosse o furação. Procurei viver na realidade de que o mesmo poder que ressuscitou Jesus dentre os mortos agora habitava em mim (efésios 1.19-23). Lembrava-me de que maior é aquele que está em mim do que o que está no mundo (1João 4.4). eu orava como Davi, “Contigo posso avançar contra uma tropa, com o meu Deus posso transpor mura-lhas” (2 Samuel 22.30).

Estava determinado a permanecer estável, firme, constante e fiel. Deus me concedera

A minha preparação deixou de lado [...]

zelo, talentos e muita experiência. eu seria um guerreiro, um soldado e um servo de Deus em sua igreja.

A minha preparação, porém, tanto formal como informal, deixou de lado um dos caminhos bíblicos mais importante para crescer em autoridade espiritual e liderança — quebrantamento e fragilidade. Por isso, quando as tempestades realmente fortes me atingiram, eu não estava preparado.

quebrantamento e fragilidade. Por isso, quando as tempestades realmente fortes me atingiram, eu não estava preparado.

1. Desenvolvendo uma teologia de fragilidade

Depois que Adão e eva pecaram no jardim do Éden, Deus foi em busca deles com amor e preparou um caminho para que voltassem para ele e um para o outro. ele saiu à procura deles e "andava pelo jardim quando soprava a brisa do dia" (Gênesis 3.8). ele os vestiu com roupas para cobrir a sua vergonha (3.21) e prometeu que um dia iria derrotar a serpente em cujas mentiras eles acreditaram (3.15).

Por causa da Queda, Deus também insere a maldição dos "espinhos e ervas daninhas" (Gênesis 3.18) na tapeçaria da vida como a conhecemos hoje. Deus explica como a vida daquele ponto em diante seria dolorosa, difícil e frustrante. ele divide a maldição em duas áreas principais: nossos relacionamentos (3.16) e nosso trabalho (3.17-19).

Deus declara que os relacionamentos serão marcados por dor e divergências. Nós nos decepcionaremos com as pessoas no casamento, na família, na igreja e no trabalho. A intimidade será substituída por manipulação, lutas pelo poder, humilhação, sedução, atitudes defensivas e interrupção dos relacionamentos. A solidão reinará.

Fomos criados para ocupar a terra e trabalhar, mas agora a frustração e o fracasso serão a nossa porção. resumindo, o solo será duro. espinhos e ervas daninhas marcarão nosso trabalho. Podemos alcançar nossos objetivos e conseguir as coisas, mas nunca nos sentiremos completamente satisfeitos. uma sensação de inexorabilidade e imperfeição sempre acompanhará o nosso trabalho na terra. Nesta vida, todas as sinfonias permanecem inacabadas.2

Por que Deus faz isso? ele lança a maldição para que nos prostremos e o busquemos, a fim de que reconheçamos a nossa necessidade de um Salvador (Gálatas 3.21-25). o problema é que, em vez de

Ele lança a maldição para que nos prostremos e o busquemos, a fim de que reconheçamos a nossa

sermos quebrantados pelos espinhos e pelas ervas daninhas da vida e assim nos voltarmos para Cristo, nós ou fugimos, ou lutamos, ou nos escondemos.

necessidade de um Salvador.

A. **Fugir.** Alguns de nós fogem, enterrando a dor em alguma forma de vício, evitando a vida ao focar apenas uma pequena parte dela. muitos cristãos sofrem, mas fogem da dor ou a anestesiam. Quantos pastores amortecem as dores da vida, viciando-se em edificar a igreja? Quantas pessoas investem zelosamente sua energia em um ministério da igreja como forma de evitar certos relacionamentos desagradáveis em casa? Quantas mulheres mergulham no cuidado dos filhos para não ter de encarar com honestidade outras áreas destruídas da vida? Quantos homens concentram toda sua energia em serem bem-sucedidos na profissão e falham miseravelmente em casa?

b. **Lutar.** outras pessoas ficam iradas, amarguradas e/ou violentas porque a vida não é o que gostariam. Quantos cristãos precisam lidar com uma ira que está perto da alma, mas, em vez disso, põem o verniz da espiritualidade — "uma indignação justa como a de Jesus" como erroneamente a descrevem? eles descontam a ira em políticos equivoca-dos e cristãos doutrinariamente imperfeitos. em vez de serem quebrantadas pelas dificuldades da vida, conheci muitas pessoas em nossas igrejas que estão bravas com Deus por ele não ter respondido a suas orações ou por não governar o mundo de uma forma aparentemente sábia.

c. **Esconder-se.** Ainda outros edificam a vida com o intuito de cobrir quão defeituosos, falhos, quebrados, frágeis, limitados e imperfeitos são. Foi isso que fiz durante anos. O exemplo mais pungente ocorreu vários anos atrás quando, por um curto período, viajei a diversas partes dos estados unidos e preguei em conferências sobre crescimento da igreja. eu falava sobre os sucessos da nossa igreja, focalizando o que eu fazia de certo. eu transmitia um senso de perícia e controle sobre como liderar uma igreja e

edificar uma estrutura de grupos caseiros. eu era o centro das atenções, compartilhando a minha experiência livremente nos intervalos e nas refeições.

Contudo, evitava falar das decepções e contratempos, tanto pessoais como na igreja. eu também exagerava os fatos mais do que gostaria de admitir. Superficialmente parecia que eu estava conseguindo. Alguns dos feitos eram verdadeiros. mas, como mais tarde compreendi, focalizar o sucesso era a minha forma de evitar encarar com honestidade quão defeituoso, falho, imperfeito e limitado eu realmente era. Além disso, essa atitude também me dava uma falsa sensação de importância e valor que me deixava vazio.

Lembro-me de ter recebido um convite para falar em uma conferência sobre crescimento da igreja no tennessee porque um pregador ficara doente e eles precisavam de alguém para ocupar o lugar dele. o honorário era significativo. mas eu sabia que não podia mais seguir em frente. Algo morria em minha alma quando eu pregava nessas conferências. eu tinha um sentimento desagradável de que não estava falando toda a verdade. Deus fizera muitas coisas maravilhosas, mas a história tinha outro lado, e eu também. todos somos inconstantes, defeituosos, falhos e imperfeitos. São características comuns a toda a humanidade — mesmo daqueles que negam essa realidade.

Dois tipos de igrejas

A tabela a seguir descreve duas formas muito diferentes de uma igreja viver sua espiritualidade. A primeira, por falta de um termo melhor, caracteriza-se pelo orgulho e pela atitude defensiva; a segunda é marcada por quebrantamento e vulnerabilidade. Qual coluna descreve melhor você e sua igreja?

ORGULHOSO & DEFENSIVO	QUEBRANTADO & VULNERÁVEL
1. Tenho uma atitude cautelosa e defensiva em relação a minhas falhas e imperfeiçoes.	1. Sou transparente e vulnerável; exponho-me às pessoas apropriadas.
2. Focalizo minhas áreas “positivas”, fortes e bem-sucedidas.	2. Estou ciente das áreas fracas, necessitadas e limitadas de meu ser e admito as minhas falhas abertamente.
3. Ofendo-me com facilidade e fico na defensiva.	3. Sou acessível e aberto a contribuições.
4. Eu naturalmente foco em primeiro lugar as falhas, os erros e os pecados dos outros.	4. Estou consciente da minha própria fraqueza. Tenho compaixão e sou tardio em julgar os outros.
5. Sempre dou a minha opinião, mesmo quando não me perguntam.	5. Sou tardio para falar e pronto a escutar.
6. Não me aproximo das pessoas.	6. Sou aberto, flexível e interessado nos outros.
7. Não deixo que as pessoas percebam o que realmente está acontecendo em meu interior.	7. Tenho prazer em mostrar vulnerabilidade e fraqueza para que o poder de Cristo possa ser visto.
8. Gosto de controlar a maioria das situações.	8. Sei relaxar e dar oportunidade para que as pessoas ganhem a minha confiança.
9. Preciso estar certo para me sentir forte e bom.	9. Compreendo que a força de Deus se revela em admitir erros, fraquezas e em declarações do tipo “Eu estava errado”.
10. Eu culpo os outros.	10. Assumo minha responsabilidade e falo principalmente usando “eu”, não “você” ou “eles”.
11. Com frequência guardo rancores e raramente peço perdão.	11. Não mantenho as pessoas em débito comigo e sou capaz de pedir perdão quando

	necessário.
12. Quando me sinto ofendido, desisto das pessoas.	12. Quando me sinto ofendido, faço perguntas para analisar o que aconteceu.
13. Nego, evito ou afasto-me de realidades dolorosas.	13. Encaro honestamente a verdade por trás das aparências, mesmo quando isso fere.
14. Dou respostas ou explicações para os que estão sofrendo, tentando consertá-los ou transformá-los.	14. Estou presente na dor das pessoas e sinto-me à vontade com o que não entendo e para dizer “Eu não sei”.
15. Preciso provar que estou certo quando erram comigo.	15. Posso deixar para lá.
16. Sou exigente.	16. Reivindico meus direitos com respeito e gentileza.
17. Sou extremamente consciente de mim e preocupo-me em como os outros me veem.	17. Estou mais preocupado com Deus e os outros do que com a impressão que causo.
18. Vejo as pessoas como recursos para serem usados por Deus.	18. Vejo as pessoas como presentes para serem amadas e apreciadas.

A fraqueza e a autoridade espiritual de Paulo

o apóstolo Paulo é, sem dúvida, o maior cristão que já viveu. ele escreveu quase a metade dos livros do Novo testamento e expandiu o cristianismo no século I de uma forma que ainda hoje não foi superada. mesmo assim, a autoridade de Paulo e sua posição como apóstolo foram seriamente questionadas em mais de uma ocasião. O principal motivo relacionava-se a sua compreensão de fraqueza e quebrantamento.

Um exemplo relevante é o de Corinto. “Superapóstolos” haviam chegado à igreja com um ministério de sinais e maravilhas que sobrepujava o de Paulo. eles também falavam de revelações e experiências com Deus que faziam Paulo parecer comum. Chegaram com uma retórica extraordinária. Gradualmente, alegando uma autoridade única e especial, atraíram para si mesmos a lealdade da congregação, afastando o apóstolo Paulo. Assumir a fraqueza e a imperfeição não fazia parte do plano deles do desenvolvimento de qualidades da liderança.

As pessoas em Corinto eram muito parecidas com as de hoje. essa cidade grega localizava-se estrategicamente no mar egeu e transformara-se em uma das maiores e mais importantes cidades do mundo. As pessoas iam para lá ganhar a vida na cidade grande. Densamente povoada, multiétnica, sexualmente livre de costumes tradicionais, era uma combinação de Nova York, Las Vegas e Los Angeles.

A cultura do século xxi mede forças em termos de poder. Se você for uma celebridade, um padrão de beleza física ou de riqueza, um atleta profissional, um advogado talentoso, um médico ou um político bem-sucedido, então será considerado forte. Pessoas brilhantes nos fascinam com suas habilidades intelectuais e verbais. A cultura da igreja contemporânea trouxe muito da definição de poder e força do mundo. Nós olhamos para os prédios, as finanças, o número de pessoas e grandes

receitas para demonstrar a força e o sucesso das nossas igrejas e dos nossos ministérios.

Paulo defende a autenticidade da sua liderança apelando [...] para a sua fraqueza!

Entretanto, em 2Coríntios 12, Paulo defende a autenticidade da sua liderança apelando não para as suas visões e revelações de Deus, não para os seus sucessos e dons, mas, pelo contrário, para a sua fraqueza! ele escreve sobre Deus ter permitido um "espinho na carne" para que permanecesse humilde. os estudiosos não têm certeza se esse "espinho" era uma enfermidade física (tal como um problema nos olhos, defeito na fala ou epilepsia), se era a angústia de enfrentar oposição e de ser mal compreendido ou se uma tentação espiritual (talvez uma tendência à amargura ou um temperamento difícil). Nos tempos antigos, colocavam-se espinhos no solo durante as batalhas para atrasar o progresso do inimigo. esse espinho atravessava Paulo no âmago do seu ser.

Seja lá o que fosse, ele "atormentava" Paulo; ele o desencorajava. Mesmo assim, Paulo referiu-se a ele como um dom, dizendo:

> Três vezes roguei ao Senhor que o tirasse de mim. mas ele me disse: "minha graça é suficiente para você, pois o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza". Portanto, eu me gloriarei ainda mais alegremente em minhas fraquezas, para que o poder de Cristo repouse em mim. Por isso, por amor de Cristo, regozijo-me nas fraquezas, [...] nas necessidades, [...] nas angústias. Pois, quando sou fraco é que sou forte (2Coríntios 12.8-10).

Para Paulo, a sua maior fraqueza era também o seu sinal do aposto-lado e da autoridade recebida de Deus — a ponto de ele se gloriar nela, sustentando que era por ela que o poder e a glória de Jesus fluíam dele. Ela o fazia sentir-se tão fraco que o forçava a depender de Deus.

Se Paulo estivesse pregando em uma conferência de pastores e recebesse a oportunidade de falar sobre o seu trabalho como líder apostólico, ele não falaria em primeiro lugar sobre como fundou 21 igrejas na ásia menor. tampouco sua mensagem de abertura seria intitulada “Seis passos para levantar líderes da igreja”. talvez, em primeiro lugar ele falasse sobre Deus não ter respondido a suas orações por cura pessoal. ele descreveria quanto era fraco, difícil, partido e quebrantado. “Há uma mensagem aqui, amigos”, poderia acrescentar. “Se Deus pode me usar, ele pode usar qualquer um! o importante é Jesus em nós, não nossas habilidades e nossos talentos. o reino de Deus se trata do poder e força dele, não nossos! Animem-se!”

Paulo não queria liderar por meio da fraqueza. repetidamente ele dizia a Deus: “Não aguento”. Deus sabia que ele seria insuportável sem esse “espinho”. Você consegue imaginar como ele poderia ter sido? Sem dúvida, o fluir do poder de Deus por meio dele seria gravemente diminuído se Paulo fosse arrogante ou cheio de si.

O importante é Jesus em nós, não nossas habilidades e nossos talentos.

2. Aceitando o dom da deficiência

Qual pode ser o seu "dom de um obstáculo" concedido por Deus? (É assim que *A Mensagem* traduz "espinho na carne".) um filho com necessidades especiais? uma batalha contra o vício que o força a vigiar todos os dias e participar de reuniões regularmente? Fragilidade emocional com uma tendência à depressão, à ansiedade, ao isolamento severo ou à solidão por ser solteiro ou viúvo? Cicatrizes na alma em razão de um passado de abusos? Padrões da infância para relacionar-se com os outros que o tornam desesperado por mudança? uma incapacidade física? Câncer? A tentação muito forte de se irar, odiar, ressentir-se ou emitir juízos?

O nosso mundo trata fraqueza e fracasso como doença terminal. ele diz: "Você é um perdedor". Deus diz: "esta é uma experiência humana universal que atinge todas as eras, culturas, raças e classes sociais. É um dom especialmente moldado por mim para que você possa liderar por meio da fraqueza e do quebrantamento, não por sua força e pelo seu poder".

Eu pensava que Deus queria curar completamente o meu quebrantamento e vulnerabilidade. Poucos consideram o quebrantamento como desígnio e vontade de Deus para a vida!

O crescimento de Paulo em Cristo é proporcional a seu crescente senso de fraqueza e pecaminosidade.

- Em Gálatas 2.6, escrito em 49 d.C., depois de ser cristão por catorze anos, Paulo escreve sobre os apóstolos da seguinte forma: "Quanto aos que pareciam influentes — o que eram então não faz diferença para mim". ele parece orgulhoso e cabeça-dura.
- Seis anos depois, em 55 d.C., ele escreve aos coríntios com mais humildade: "Sou o menor dos apóstolos" (1Coríntios 15.9).
- Cinco anos depois disso, em cerca de 60 d.C. e vinte e cinco anos depois de se tornar cristão, ele declara, "[Sou] o menor dos menores de todos os santos" (efésios 3.8).

• Finalmente, dois anos antes da sua morte e, talvez, depois de andar com Cristo por trinta anos, ele é capaz de ver claramente, “eu sou o pior [de todos os pecadores]” (1timóteo 1.15).

O que aconteceu? Paulo crescera na compreensão do amor de Deus no evangelho. ele ficara mais forte em Cristo ao se tornar mais fraco: “Pois, quando sou fraco é que sou forte” (2Coríntios 12.10).

Seja um vaso rachado

Ouvi uma história que ilustra essa verdade contracultural.

Havia um carregador de água na índia que usava dois vasos grandes para a tarefa. ele apoiava uma vara no pescoço e prendia um vaso em cada ponta da vara. um dos vasos tinha uma grande rachadura, enquanto o outro vaso estava perfeito. o vaso perfeito sempre chegava à casa do senhor cheio de água da fonte, enquanto o vaso rachado chegava pela metade todos os dias.

Durante dois anos, esse carregador de água fez a mesma jornada. O vaso perfeito começou a orgulhar-se dos seus feitos. o vaso rachado tinha vergonha da sua imperfeição e sentia-se infeliz por conseguir realizar apenas a metade do que fora designado a fazer. Finalmente, um dia, quando estava à beira do rio, o vaso rachado falou com o seu dono sobre o seu amargo fracasso:

— tenho vergonha de mim e quero me desculpar por entregar apenas a metade da água a sua casa. Há uma rachadura de um lado de onde a água pinga. Por causa das minhas falhas, você não recebe toda a recompensa do seu esforço".

Então o carregador de água respondeu sorrindo:

— enquanto voltamos à casa do senhor, quero que você observe as lindas flores ao longo do caminho.

Durante aquele trajeto de volta, o vaso rachado olhou ao redor.

— Você percebeu que só há flores do seu lado do caminho, mas não há no lado do outro vaso? — perguntou o carregador. — isso é porque eu sempre soube da sua falha e tirei vantagem dela. Plantei sementes do seu lado do caminho, e todos os dias quando passávamos por estes lugares você os regava. Agora, já por dois anos posso colher aquelas belas flores que decoram a mesa do senhor. Se você não fosse do jeito que é, não teria esta beleza para enfeitar a casa dele.

É assim que Deus trabalha.

O caminho de Lou até a humildade

Muitas pessoas leem livros sobre humildade, mas não são humildes. outras pregam e fazem estudos bíblicos sobre o tema, mas permanecem intocáveis. Assim como eu, Lou, um dos pastores da minha equipe, era uma dessas pessoas.

Eu estava sentado à mesa da cozinha com a minha esposa e tentávamos impedir que o casamento de Lou e sua esposa, Susan, desmoronasse. tentávamos, desesperadamente, ajudá-los a ouvir um ao outro com respeito. em determinado momento da conversa, Lou, frustrado, desabafou: “entendo que não é apenas Susan quem tem problemas; eu também tenho. mas meus problemas se parecem mais com uma perna quebrada, e os problemas de Susan são como um câncer”.

Era fácil, quase natural, para Lou enxergar e focalizar os defeitos de caráter da sua esposa. mas era difícil, quase impossível, para ele enxergar as próprias falhas e fraquezas. A combinação fatal do temperamento inato de Lou com a sua origem familiar, o treinamento inicial de discipulado (através de um ministério universitário que se orgulhava de praticar “o básico”) e a cultura da igreja fazia que fosse quase impossível para ele enxergar o próprio quebrantamento. Lou amava livros e sempre acreditou que conhecimento e mais conhecimento era a resposta para tudo.

Tentamos, sem sucesso, fazer que Lou ouvisse a esposa. ele podia consertar, resolver, arrumar e controlar praticamente tudo. Se você estivesse com problemas, Lou poderia “ensinar” a você a solução. mas ele não podia controlar o desespero e a infelicidade de Susan no casamento. eu o aconselhei a procurar um conselheiro matrimonial profissional.

“ Quem? eu?” *,* pensou Lou. “isso é ridículo!” ele estava envergonhado e arrasado. Gradualmente, pela primeira vez na vida, ele encarou sua incapacidade de resolver os problemas com a esposa. Lentamente ele começou a expor as áreas do seu ser que estavam totalmente quebrantadas.

Lou não tem mais tantas respostas como costumava ter. ele diz “eu não sei” com muito mais frequência. o seu ensino na New Life já não tem a qualidade autossuficiente e “estável” que tinha anteriormente. ele recebe correções com humildade. mais importante, talvez, seja como as pessoas estão começando a procurá-lo quando a vida delas está desmoronando. De fato, Lou está se transformando em uma pessoa “segura”. um dos seus pontos fortes agora na New Life é a sua habilidade de ouvir e aconselhar pessoas que estão sofrendo. o seu ministério de ensino também leva o aroma do quebrantamento que antes nunca estava presente.

3. Tornando-se uma igreja baseada na fraqueza

Começou comigo

uma mudança sísmica iniciou-se na New Life quando, depois de quase oito anos liderando pela minha "força" e pelos meus "sucessos", admiti para a congregação (não meramente para o conselho) que a minha vida pessoal e o meu casamento estavam em dificuldades. em seguida, decidi, junto com a minha esposa, levar a público a nossa luta e jornada de cura e restauração.

Comecei a falar livremente sobre os meus erros, a minha vulnerabilidade e os meus fracassos. Agora, nas reuniões, eu conseguia dizer "Não sei o que fazer". Falava abertamente sobre as minhas inseguranças, decepções e meus sonhos destruídos. Compartilhava sentimentos de ira, ciúmes, depressão, tristeza e desespero dos quais anteriormente me envergonharia.

Comecei a falar livremente sobre os meus erros, a minha vulnerabilidade e os meus fracassos.

Se você ouvir a gravações dos meus sermões antes e depois de 1996, notará uma diferença gritante. Antes de 1996, posso ter admitido alguma fraqueza em mim ou compartilhado alguma luta. Fiz isso porque soava bem e encaixava-se bem na questão que estava abordando no sermão. Fingimento e proteção ainda caracterizavam a minha liderança.

Em 1996, durante um período sabático de três meses, decidi que começaria a pregar com base em meus fracassos, minhas fraquezas e lutas, em vez de baseado em meus sucessos. essa vulnerabilidade, embora desconfortável a princípio, revolucionou as minhas pregações na New Life Fellowship. Comecei a lutar com os textos e com as minhas dificuldades em obedecer-lhes antes de aplicá-los aos outros. Agora eu compartilhava essas

lutas abertamente em meus sermões. Agora todos estávamos no mesmo pé, lutando para obedecer à Palavra de Deus em nossa vida.

Lembro-me de Geri e eu em nosso primeiro retiro de casais compartilhando detalhes dolorosos da nossa história como casal. uma pessoa deixou a sala chorando e dizendo: “Nunca esperei ver alguém, muito menos o meu pastor, tão exposto assim!” (Com isso ela quis dizer “vulnerável”.) uma onda de quebrantamento tal atingira a nossa vida que não tínhamos mais nada a esconder.

[...] comecei a sentir o amor de Deus em Cristo e o poder do Espírito Santo de forma totalmente nova.

Com isso, não me senti pior, como inicialmente temera; pelo contrário, em anos não me sentia tão vivo e limpo. minhas simulações e autoproteção estavam dissipando-se, e comecei a sentir o amor de Deus em Cristo e o poder do espírito Santo de forma totalmente nova.

Isso se espalhou pela liderança

uma das qualidades excepcionais da New Life é que os líderes, em todos os níveis, compartilham as suas fraquezas livremente e falam muito da misericórdia de Deus. recentemente um dos nossos pastores disse: "É muito difícil você ser desligado da equipe, a não ser que se recuse a ser quebrantado e humilde". espera-se que você seja ensinável, corrigível e disposto a trabalhar as próprias dificuldades. Aqui não há heróis cristãos. Apenas pessoas comuns.

Líderes de grupos, de adoração e de ministérios são incentivados a falar sobre suas fraquezas e seu quebrantamento ao liderarem outros.

talvez essa seja a qualidade indispensável para servir com sucesso na New Life.

Adam é um líder jovem e dotado que se mudou para a cidade de Nova York alguns anos atrás. A história a seguir é o relato, nas palavras dele, do seu choque cultural e de sua jornada.

> Aprendi que liderança não se trata de ser sempre o mais forte; pelo contrário, é ser o mais fraco que é feito forte somente por Deus.

Eu tinha a minha vida toda planejada. ministério? também tinha tudo planejado. eu era jovem e confiante; era invencível. era cristão havia pouco mais de uma década e, na minha cabeça, não tinha questão complexa demais ou circunstância difícil demais para me derrubar do alto do corpo de Cristo. Disseram-me que eu tinha muitos dons, inúmeras qualidades naturais de liderança e aptidão para influenciar. em consequência, eu era um cristão defensivo, irascível, que, frequentemente, não queria aprender e que se fantasiava de herói humilde. eu ouvia as pessoas, mas não de verdade. Com frequência, era impaciente com os outros e tinha a tendência de dar conselhos a todos, simplesmente porque pensava que era o meu dever e "dom" para servir-lhes. Valorizava mais a força do que a fraqueza, mais o

dogma do que a graça, mais a perfeição do que o quebrantamento. estava confiante nas qualidades que Deus me dera. Vivia com base no conselho que recebera dos meus pais quando criança: “Você pode ser bagunceiro; apenas não mostre isso aos outros”. Chegar à New Life e ouvir sobre vulnerabilidade e quebrantamento era perturbador. Parecia arriscado demais — belo o suficiente para soar bonito e idealístico —, mas, ao mesmo tempo, perigoso demais e muito improvável. Para ser sincero, era um tanto assustador. mas era libertador. Apresentou-me uma forma nova, inusitada, de ver o evangelho, de compreender a graça e de admirar e adorar o rei humilde como nunca antes. Aprendi a confiar nele, mesmo quando não tinha resposta para tudo e aprendi a ouvir. Aprendi a dizer “eu não sei” quando realmente não sabia. Aprendi a ver as pessoas com novos olhos, olhos de graça e simpatia, olhos de compaixão e humildade. Aprendi que liderança não se trata de ser sempre o mais forte; pelo contrário, é ser o mais fraco que é feito forte somente por Deus. Percebi que muitas vezes podia aprender muito com as outras pessoas se não fosse tão insistente em estar certo. Resumindo, aprendi que não era tão íntegro como pensava ser. De forma estranha e misteriosa, aprendi que apenas poderia me tornar íntegro como líder, amigo e estudante sendo quebrantado, fraco e vulnerável diante de Deus... e, também, diante dos outros. isso também foi libertador.

Infiltrar-se na cultura geral

Usamos todas as oportunidades para que as pessoas testemunhem sobre como Deus as socorre em seus fracassos e fragilidades. Queremos que as pessoas reconheçam as rachaduras da sua alma, quer venham para a igreja como resultado de seus pecados, quer dos pecados cometidos contra elas. Portanto, usamos cultos dominicais, retiros de casais e solteiros, grupos caseiros, batismos e outros eventos para dar oportunidade às pessoas de contarem suas histórias.

É comum ouvir no mesmo culto a história de um viciado em *crack* e heroína em recuperação que agora lidera a adoração e de um pai de três filhos, respeitável, de classe média e aparentemente virtuoso, que luta contra a pornografia. Convidamos um ex-travesti para contar sua história em uma manhã de domingo (mostrando fotos da sua vida antes de conhecer Cristo, posso acrescentar). o mesmo tema repete-se na história de cada pessoa. Somos todos problemáticos; cada um de nós compensa isso de formas diferentes. Lembramos às pessoas constantemente de que o único tipo de pessoa que Deus usa é aquele que não depende dos próprios recursos ou talentos.

• Moisés era gago.
• A armadura não serviu em Davi.
• João Marcos desertou da viagem missionária com Paulo.
• Timóteo tinha úlceras.
• A mulher de Oseias era uma prostituta.
• O único treinamento de Amós era a agricultura.
• Jacó era mentiroso.
• Davi teve um caso amoroso, assassinou e abusou do poder.
• Noemi era viúva.
• Paulo era um perseguidor.
• Moisés era assassino.

• Jonas fugiu da vontade de Deus.
• Gideão e Tomé duvidaram.
• Jeremias era deprimido e suicida.
• Eliseu era esquentado.
• João Batista era indiscreto.
• Marta era preocupada demais.
• Noé ficou bêbado.
• Salomão era rico demais; e Jesus, pobre demais.
• Abraão era velho demais; e Davi, jovem demais.
• Pedro tinha medo de morrer; e Lázaro estava morto.
• Moisés era pavio curto (assim como Pedro, Paulo e muitos heróis da Bíblia).

Deus sempre usou vasos rachados "para mostrar que este poder que a tudo excede provém de Deus, e não de nós" (2Coríntios 4.7).

Esquecemos que Davi, um dos amigos mais amados de Deus, usou o seu poder como rei para assegurar que os detalhes do seu fracasso colossal (adultério e assassinato) fossem publicados nos livros de história para gerações futuras! De fato, Davi escreveu um cântico sobre o seu fracasso para ser cantado nos cultos de adoração de israel e publicado no manual de adoração, Salmos. Davi sabia que "os sacrifícios que agradam a Deus são um espírito quebrantado; um coração quebrantado e contrito, ó Deus, não desprezarás" (Salmos 51.17).

Isso não significa que encorajamos as pessoas a permanecerem como estão. Contudo, admitir a verdade a nosso respeito é o ponto de partida para a mudança. A minha esposa e eu com frequência comentamos que o dia em que admitimos que não éramos pessoas amorosas foi o dia em que começamos a demonstrar amor pelas outras pessoas.

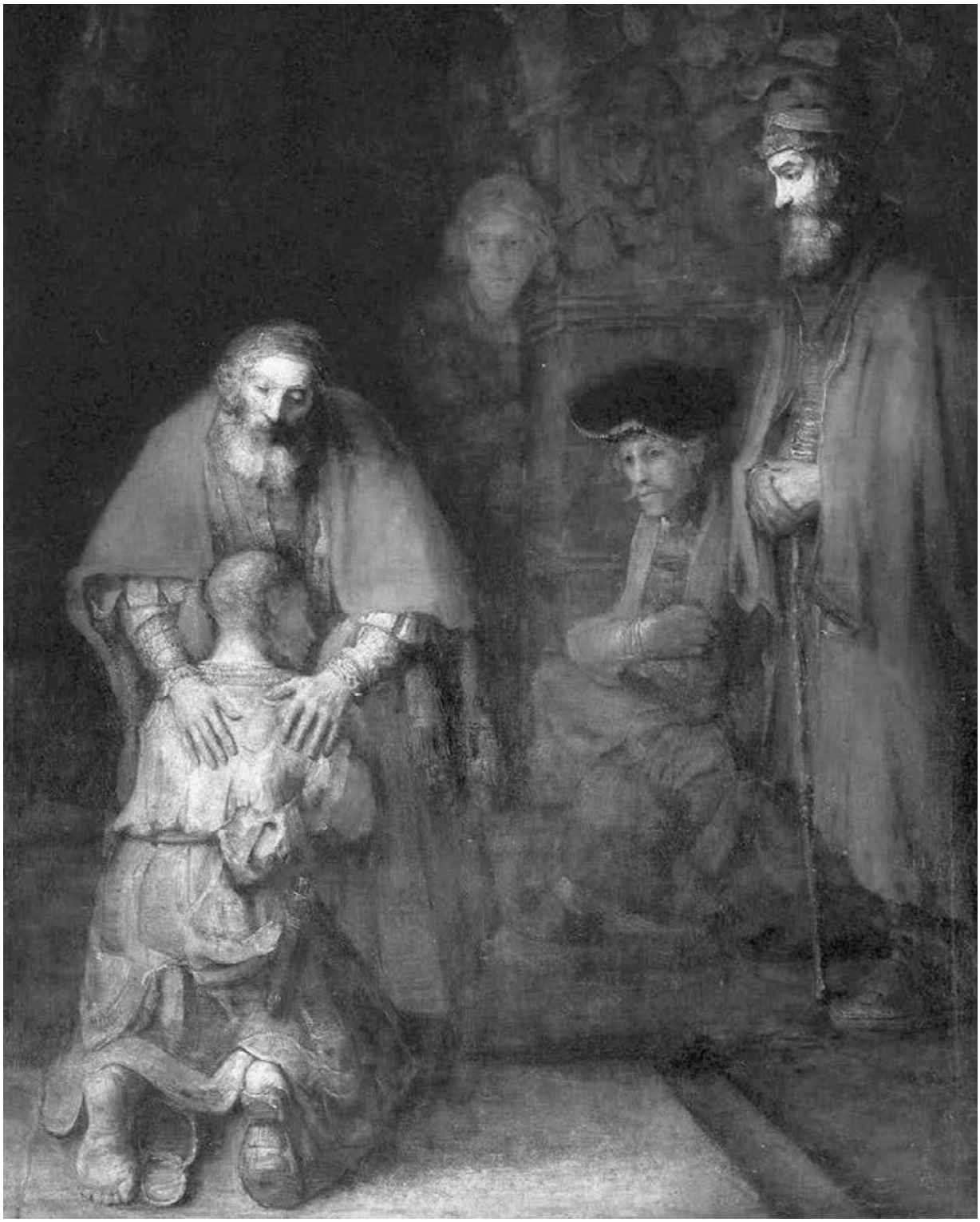
4. Seguindo o exemplo do filho pródigo

Um momento decisivo para a mudança da cultura da nossa igreja foi quando preguei uma série de sete mensagens sobre o filho pródigo de Lucas 15.11-32. enquanto pregava sobre esse texto, projetei a pintura de rembrandt chamada "retorno do filho pródigo" em uma grande tela. Deus nos abençoou de forma extraordinária.

A pintura de rembrandt foi tirada da parábola de Jesus em Lucas 15 e é um excelente auxílio visual para nos ajudar a escolher o caminho que leva ao quebrantamento, à fraqueza, humildade e vulnerabilidade. o filho mais novo está ajoelhado, apoiando a cabeça no peito do pai. ele está careca e desalinhado, parece exausto e enfraquecido, está sem capa e veste apenas um calçado gasto. ele é a imagem de uma vida que foi quebrantada.

> O filho mais novo [...] é a imagem de uma vida que foi quebrantada.

De acordo com a parábola, o filho mais novo exigiu a sua parte da herança (um terço) e foi embora de casa. Na cultura tradicional do oriente médio, um filho pedir sua herança enquanto o pai ainda está vivo é o mesmo que dizer: "Pai, espero que você morra logo. Quero viver como se você estivesse morto".



A pintura de Rembrandt do retorno do filho pródigo mostra o extraordinário amor do pai.

Ele envergonhou o pai e desgraçou a família. mas as coisas vão mal para ele, e ele acaba cuidando de porcos. Para um ouvinte judeu dos dias de Jesus, o filho mais novo desceu ao nível mais degradante. Judeus que tocavam em porcos estavam quatro vezes mais impuros do que aquele que visitava uma prostituta.

Por fim, ele "cai em si" (Lucas 15.17) e volta para casa. ele se levanta e vai. Segue, envergonhado, em direção a casa, o pai corre para ele (a palavra grega usada para se referir à corrida do pai é um termo esportivo). o pai não bate o pé e diz: "espero que ele tenha uma boa desculpa". também não fica simplesmente esperando no portão. ele corre e lança-se sobre o filho antes que ele possa terminar o discurso ensaiado. Na verdade, ele o interrompe e declara: "Você é meu filho" (Lucas 15.20-22).

Então o inimaginável acontece. "[ele o] beijou" (Lucas 15.20). Nenhuma outra religião possui um Deus assim. ele restaura a posição de autoridade do filho ao despi-lo das vestes velhas, rasgadas e malcheirosas, veste-o com a melhor roupa, dá-lhe um anel de autoridade legal e calça-o com os sapatos de um homem livre que pertence à casa. Depois o pai prepara uma festa com música e dança.

A mensagem é poderosa porque o pai representa nosso Pai celestial. Deus dança com o seu filho quebrantado e destruído.

O filho mais novo — reconhecendo a sua necessidade

Pare um momento, mais uma vez, e olhe a pintura da página 169. o quebrantamento do filho mais novo é o retrato da vida cristã. Preciso viver nessa posição intencionalmente, do contrário acabo sendo o filho mais velho de pé, à direita.

A palavra-chave é "intencionalmente". Aquele filho ajoelhado e desgrenhado, descansando no peito do pai que coloca suas grandes mãos sobre ele, é o seu e o meu chamado para irmos contra as forças que lutam para que não escolhamos esse caminho. ele está ajoelhado porque não pode viver por si mesmo. ele é seriamente dependente. Ele é muito, mas muito necessitado. todos nós somos. Com frequência, esquecemos essa verdade quando as coisas estão indo bem.

Henri Nouwen, em sua obra clássica sobre a pintura de rembrandt chamada "o retorno do filho pródigo", descreve o sair de casa como deixar o lugar do amor de Deus, no qual ouço em meu interior: "Você é o meu filho amado, em você me agrado". Nouwen escreve:

> Mesmo assim, muitas vezes, eu saí de casa. escapei das mãos que abençoam e corri para lugares distantes em busca de amor! essa é a grande tragédia da minha vida e da vida de muitos que conheci na jornada. De alguma forma, fiquei surdo à voz que me chama de amado [...]. Há muitas outras vozes. As vozes de trevas do mundo que me rodeia tentam me persuadir de que não sou bom e de que só posso conquistar esse ser bom "vencendo na vida" e alcançando o sucesso.

O resultado disso é que muitos de nós na liderança estão esforçando-se para agradar as pessoas, alcançar sucesso e sermos reconhecidos. E acabamos perdidos.

Quando fico deprimido depois que alguém, graciosamente, corrige um comentário meu em um sermão, ou quando percebo que estou invejando o

sucesso de outra pessoa, ou quando não consigo dizer não sem me sentir culpado, percebo que estou perdido. Saio do meu lugar de descanso no qual sou envolvido pelo amor de Deus por mim em Cristo. estou procurando por amor incondicional onde não posso encontrar.

Quando sou levado por jogos, manipulações, ilusões pessoais, lutas pelo poder e distorções e esqueço a voz do Pai que me diz “Você é meu filho, Pete, a quem amo”, então sei que saí de casa. Estou perdido e preciso fazer a longa e dura jornada de volta.

Quando tento exercer controle e poder ao deixar de cumprimentar um membro da igreja que me desprezou, desgarrei-me do abraço do Pai.

Quando disciplino os meus filhos não pelo desejo de ajudá-los a crescer, mas porque me envergonham diante dos meus amigos, estou perdido.

Quando tento exercer controle e poder [...] desgarrei-me do abraço do Pai.

Quando minha visão é desafiada e sinto-me ameaçado e, então, defendo-me vigorosamente, em vez de dizer “Vou refletir sobre o que você me disse”, estou perdido.

Quando preciso ter um ministério de determinado tamanho, certa posição ou determinado salário para me sentir valorizado, estou perdido.

Tenho duas cópias da pintura de rembrandt. uma está em minha casa acima do piano; outra está em nossa sala na igreja. reconheço que sou o irmão mais novo, sempre fugindo de casa. essa pintura me mantém centrado, focado.

O irmão mais novo, ajoelhado com a cabeça reclinada sobre o peito do pai e recebendo o abraço caloroso das mãos calejadas do pai é a posição em que quero viver. Quando isso acontece, plenamente ciente de quão quebrantado e frágil sou, posso vislumbrar “a largura, o comprimento, a altura e a profundidade, e conhecer [por experiência] o amor de Cristo que excede todo conhecimento” (efésios 3.18,19).

O filho mais novo volta para casa e recebe o amor do pai. ele não é julgado nem enxotado. ele não é humilhado. ele recebe vida.

Quanto estou sensível à minha “perdição” e ao meu quebrantamento é a medida com que compreendo a glória do evangelho e quanto posso deleitar-me no amor do Pai.

O irmão mais velho — Retrato da perdição

O que acontece quando me afasto da fraqueza e do quebrantamento? o irmão mais velho nos revela. ele é o clímax da parábola para aqueles a quem Jesus está falando. Na pintura de rembrandt, ele está bem vestido, com uma roupa bordada de ouro como a do pai, está aborrecido, fazendo julgamentos, desprezando a recepção calorosa do irmão mais novo que desgraçou a família e desperdiçou a fortuna familiar.

Entretanto, ele está mais perdido do que o seu irmão mais novo. Por quê? Porque não consegue ver a sua perdição! A sua respeitabilidade e moralidade o cegaram.

Ele vive com o pai, mas está longe dele. ele serve como advertência para mim de que é possível obedecer às ordenanças de Deus e estar perdido. Posso estar na liderança da igreja, orando, lendo a Bíblia, servindo e testemunhando e, ainda assim, estar perdido. Ao trabalhar para Deus, posso parecer estar perto dele e, na verdade, estar muito distante.

A resposta do irmão mais velho ao amor caloroso do pai pelo irmão mais novo que estava perdido foi: “olha! todos esses anos tenho trabalhado como um escravo ao teu serviço” (Lucas 15.29). Ele não compreende o que o pai está fazendo.

Como saber se sou o irmão mais velho perdido?

É importante mantermos sempre diante de nós o irmão mais velho dessa parábola. Quando deixo de liderar intencional e resolutamente por meio da fraqueza e do quebrantamento, torno-me como ele.

Eu presto atenção em três sinais.

Primeiro, quando me apego à ira em vez de processá-la, sou o irmão mais velho perdido. Não há comemoração no coração do ir-mão mais velho. ele está irado, o que é compreensível. o seu irmão mais novo humilhou a família, desperdiçou grandes somas de dinheiro e provavelmente criou mais trabalho para ele, o irmão mais velho, ao longo daqueles anos. A questão é o que ele faz com isso.

Ele não domina a sua ira, não luta contra ela nem a conduz humildemente ao pai. Alguns de nós guardam a ira e acabam explodindo. Guardamos uma ofensa aqui, outra ali, até que não aguenta-mos mais e começamos a bater portas, atirar coisas, revidar ou acertar as contas. outros de nós levam a ira de um lugar para outro, tal como do escritório ou de casa para a igreja. Quantas vezes direcionei minha ira com o trânsito engarrafado da cidade de Nova York para minhas filhas "demoradas" que demoravam tanto tempo para ir para a cama?

Às vezes guardamos tanta ira em nosso interior que somos forçados a engoli-la até que se transforme em depressão, úlcera, insônia ou dores de cabeça tensionais. Ainda outros são passivo-agressivos. Inconscientemente tentamos derrotar a pessoa com quem estamos aborrecidos chegando atrasados, esquecendo aniversários ou deixando de amar ou respeitar.

A ira é uma emoção importante e complexa, especialmente para quem está na liderança. Há tantas pessoas e situações que vêm a nós que às vezes nem tenho certeza de por que estou bravo ou incomodado. A chave é ajoelhar-me diante do Pai e perguntar humildemente: "Que ira toda é essa? De onde ela vem? ela me faz lembrar de algo do passado? Para mim, o que

significa ser assertivo, mas não agressivo; intencional, mas não impulsivo; disposto, mas não apressado para falar com a pessoa que despertou esses sentimentos de ira?”.

A ira é uma emoção importante e complexa, especialmente para quem está na liderança.

Em segundo lugar, quando me surpreendo murmurando e reclamando muito, sou como o irmão mais velho perdido. o filho mais velho reclama ao pai: “este teu filho”. ele não admite que o irmão mais novo é o seu irmão que está de volta à família. ele age com superioridade, é orgulhoso e repreensivo. Quando minha postura e meu coração para com as pessoas não são como o pai da pintura, sei que me afastei de casa.

Há um lugar para o irmão mais velho processar sua tristeza e decepção com seu irmão mais novo. mas percebemos nessa parábola que ele sente apenas ressentimento e raiva.

O irmão mais velho escuta a música e imediatamente responde: “Por que eu não fui informado? o que está acontecendo?”. ele tem medo de ser excluído. Falta-lhe alegria e espontaneidade. ele é nervoso, “esquentado”, irritável e descontente.

Quando percebo que estou rabugento e invejando os outros, é um sinal de que troquei a posição de humildade do filho mais novo pela posição de orgulho do filho mais velho.

Em terceiro lugar, quando tenho dificuldade para perdoar ofensas, é um sinal claro de que estou agindo como o irmão mais velho perdido. o perdão é um processo que discutirei mais profundamente no capítulo seguinte sobre o sofrimento. Contudo, o fundamento para seguir adiante é perceber o tamanho da minha dívida, que é muito maior do que eu poderia imaginar. mais uma vez, corro para o Pai e me prostro diante dele.

Tornando-me o pai

o maior fruto de escolher o caminho impopular e contracultural do quebrantamento e da fraqueza é que as pessoas serão atraídas a nós, assim como eram atraídas a Jesus. ele nunca abriu mão da santidade, daquilo em que acreditava, nem do que defendia. ele não media as palavras e nunca pecou. mesmo assim, os refugos da sociedade, como prostitutas e vilões financeiros (chamados de coletores de impostos), sabiam que Jesus os amava, mesmo quando ainda estavam vivendo em pecado. eles desejavam estar com Jesus. ele recebia essas pessoas com alegria.

Gaste alguns minutos meditando sobre a figura do pai na pintura. Observe as mãos dele, sua expressão, seu amor incondicional, o que isso lhe custou em termos de lágrimas e amor. essa parábola me ensina muito sobre o amor de Deus, que trata cada um de nós como se fosse o favorito. mas ela também aponta para o tipo de homem e mulher que ele deseja que sejamos.

A igreja está cheia de filhos mais novos que vão embora cada vez que Deus ou outra pessoa não corresponde às expectativas delas. também está cheia de irmãos mais velhos que estão irados e mal-humorados. eu sei. Sou ambos. entretanto, a grande necessidade dos nossos dias é que você e eu nos esforcemos para ser mães e pais na fé.

As pessoas estão desesperadas por estarem com pessoas que vivem o amor de Deus de forma prática, que façam o que o pai faz na pintura: abraçar, amar, estar presente e perdoar livremente. É um amor sem restrições, algo que o mundo conhece muito pouco. É sobrenatural.

O maior fruto de escolher o caminho impopular e contracultural do quebrantamento e da fraqueza é que as pessoas serão atraídas a nós, assim como eram atraídas a Jesus.

Uma vez que comecei a compartilhar e liderar por meio da minha vulnerabilidade, muito mais pessoas descobriram que podiam confiar em mim. Por quê? Não

havia nada que me pudessem dizer que iria me surpreender. elas sentiam isso.

Eu me identificava com todos os que estavam com o coração desesperado. Como? eu começara a conhecer o meu coração.

Minha luta não é contra minha orientação sexual, entretanto posso simpatizar com as pessoas da congregação que lutam contra isso. Não tenho um filho com deficiência, mesmo assim posso simpatizar com aqueles que têm. Não passei vinte anos na rua usando heroína, contraindo o vírus HiV, entretanto eu compreendo. Não estuprei, nem assassinei, nem cometi adultério com o meu corpo, mas conheço o meu coração adúltero e assassino (mateus 5.27-30).

Uma oração

Esta é uma oração que Deus usou para encorajar-me nesta nova jornada de quebrantamento e vulnerabilidade:

> Pedi força a Deus para que pudesse realizar coisas; fui feito fraco para aprender humildemente a obedecer.
> Pedi saúde para fazer grandes coisas; recebi enfermidade para fazer coisas melhores.
> Pedi riqueza para que pudesse ser feliz; recebi pobreza para poder ser sábio.
> Pedi poder quando era jovem para receber louvores dos homens; recebi fraqueza para que pudesse sentir a minha necessidade de Deus.
> Pedi muitas coisas para poder desfrutar da vida; recebi vida para desfrutar de tudo.
> Não recebi nada do que pedi, mas tudo que ansiava.
> Quase apesar de mim, minhas orações não pronunciadas foram respondidas.
> Sou, dentre todas as pessoas, muitíssimo abençoado.

Aceite a sua humanidade

A escolha de viver em quebrantamento e vulnerabilidade nos desafia profundamente a deixar de lado o que as outras pessoas pensam e render-nos ao amor e à misericórdia de Deus. tenho a tendência de ser perfeccionista e não gosto de errar. Gosto de "acertar" de primeira.

O problema é que sou humano. muito humano. eu realmente cometo erros. Não estou acima do restante da raça humana. Posso ser honesto e confiável e mostrar muita integridade. também posso ser um mentiroso, não cumprir o que digo e violar a minha integridade em um piscar de olhos. Ambas as afirmações são verdadeiras. Sou um santo e um pecador. Você também é.

Na verdade, depois de seguir Jesus por trinta anos, agora vejo a profundidade do meu pecado com muita clareza. o buraco em minha alma é muito mais profundo e assustador do que jamais percebera. Entretanto, desse abismo brotam sementes de potencial e nova vida.

Agora percebo que poucos de nós descem àquele buraco negro por medo de nunca mais voltar. eu teria preferido que Deus me tivesse feito um anjo, isento do caos da minha humanidade. Suspeito que muitos de vocês escolheriam a mesma coisa.

todavia, nossa luz como líder brilha mais intensamente contra o pano de fundo do nosso quebrantamento e da nossa vulnerabilidade. esse é nosso maior dom para as pessoas a quem servimos. Podemos ajudar a criar um ambiente de segurança para que outras pessoas saiam do esconderijo e sejam elas mesmas. Assim, nossas igrejas se tornam verdadeiramente comunidades da graça. então podemos todos nos gloriar, assim como Paulo, de que o poder de Deus realmente se aperfeiçoa na fraqueza (2Coríntios 12.9). esse quebrantamento nos leva a aceitarmos o dom dos nossos limites que é o tema do capítulo seguinte.



PRINCÍPIO 4:
RECEBA O DOM DO LIMITE

Pessoas emocionalmente saudáveis compreendem os limites que Deus estabeleceu para elas. elas recebem alegremente um, dois, sete ou dez talentos que Deus distribuiu graciosamente. Por isso não são agitadas nem ambiciosas, tentando viver uma vida que Deus não planejou para elas. essas pessoas são marcadas por contentamento e alegria.

Igrejas emocionalmente saudáveis também aceitam os seus limites com a mesma alegria e contentamento e não tentam se parecer com outras igrejas. elas têm a confiança de que a "boa mão" de Deus está sobre a igreja "para um momento como este" (ester 4.11-14).

O dilema da ponte

O rabino edwin Friedman conta a história de um homem que meditara muito sobre o que queria da vida. Depois de tentar muitas coisas, ter sucesso em algumas e fracassar em outras, ele finalmente decidiu o que queria.

Um dia ele recebeu a oportunidade de viver exatamente o tipo de vida com o qual sonhara. mas a oportunidade só estaria disponível por um curto período de tempo. ela não esperaria, nem se repetiria.

Ansioso por aproveitar essa oportunidade que se abrira, o homem iniciou a jornada. A cada passo, seguia mais e mais rápido. Cada vez que pensava sobre o seu alvo, o coração batia mais rápido, e, a cada visão do que havia pela frente, o seu vigor se renovava.

Enquanto seguia apressadamente, chegou a uma ponte que cruzava uma cidade. A ponte passava por cima de um rio perigoso.

Quando estava atravessando a ponte, notou alguém vindo na direção oposta. o estranho parecia estar vindo em sua direção para cumprimentá-lo. À medida que o estranho se aproximava, o homem pôde perceber que eles não se conheciam, mas, surpreendentemente, eram muito parecidos. eles até vestiam as mesmas roupas. A única diferença era que o estranho tinha uma corda que dava várias voltas em sua cintura. Se fosse desenrolada, a corda mediria talvez 9 metros.

Enquanto andava, o estranho começou a desenrolar a corda. Exatamente quando os dois estavam prestes a se encontrar, o estranho disse:

— Por favor, você faria a gentileza de segurar a outra ponta da corda para mim?

O homem concordou, sem pensar, e pegou a corda.

— obrigado — disse o estranho. e acrescentou: — Com as duas mãos e, lembre-se, segure firme.

Nesse momento, o estranho saltou da ponte.

O homem na ponte sentiu um puxão abrupto na corda que agora estava espichada. ele automaticamente segurou com força, e quase foi arrastado sobre a mureta da ponte.

— O que você está tentando fazer? — gritou ele para o estranho lá embaixo.

— Apenas segure firme — respondeu o estranho.

“Isto é ridículo”, pensou o homem. ele começou a puxar o outro homem. entretanto, não tinha força suficiente para trazê-lo para cima em segurança.

Mais uma vez, ele gritou na beirada: — Por que você fez isso?

— Lembre-se — respondeu o outro —, se você soltar, eu estou perdido.

— Mas não consigo puxá-lo para cima — o homem gritou.

— Sou sua responsabilidade — disse o outro.

— Não pedi isso — ele retrucou.

— Se você soltar, estou perdido — repetiu o estranho.

O homem começou a olhar ao redor em busca de ajuda. Não havia ninguém à vista. ele começou a pensar sobre a situação. Ali estava ele ansiosamente perseguindo uma oportunidade única e agora perderia sabe-se lá quanto tempo.

“Talvez eu possa amarrar a corda em algum lugar” , ele pensou. Ele examinou a ponte cuidadosamente, mas não havia como se livrar desse novo fardo.

Então mais uma vez ele gritou sobre a ponte:

— O que você quer?

— Apenas a sua ajuda — veio a resposta.

— Como posso ajudar? Não posso puxar você para cima e não há onde amarrar a corda para eu procurar alguém que o possa ajudar.

— Apenas continue segurando — retrucou o homem pendurado. — isso já é suficiente.

Vendo que os seus braços não conseguiriam segurar por muito mais tempo, ele amarrou a corda ao redor da cintura.

— Por que você fez isso? — perguntou ele de novo. — Você não percebe o que fez? Que motivo você tinha para fazer isso?

— Apenas lembre-se — respondeu o outro — de que minha vida está em suas mãos.

Agora o homem estava perplexo. ele pensou: “Se eu soltar, por toda a vida saberei que deixei esse homem morrer. Se ficar, arrisco-me a perder a oportunidade da minha tão desejada salvação. De qualquer forma, isso vai me perseguir para sempre”.

O tempo passava, e ninguém aparecia. o homem sabia com certeza que logo seria tarde demais para retomar a jornada. Se não partisse imediatamente, não chegaria a tempo.

Por fim, ele bolou um plano.

— Ouça — disse ele ao homem pendurado lá embaixo —, acho que sei como salvar você. ele explicou o plano. o estranho poderia subir novamente se enrolasse a corda a seu redor. A cada volta, a corda ficaria mais curta.

O homem pendurado, porém, não se interessou pela ideia.

— Não sei se aguento por muito mais tempo — avisou o homem na ponte.

— Você precisa tentar — apelou o estranho. — Se você falhar, eu morro.

De repente, o homem teve outra ideia. era uma forma de pensar diferente, até estranha para ele.

— Quero que você ouça com atenção — disse ele — porque estou falando sério.

O homem pendurado sinalizou que estava ouvindo.

— Não vou mais aceitar essa posição de decidir sobre a sua vida; neste momento, entrego de volta a você a decisão sobre a sua vida.

— O que você quer dizer? — perguntou o outro com medo.

— Quero dizer simplesmente que depende de você. Você decide de que forma isso vai acabar. eu serei o contrapeso. Você vai puxar e voltar para cima. Até vou puxar um pouco aqui de cima.

Ele desamarrou a corda da cintura e preparou-se para ser um contrapeso. estava pronto a ajudar assim que o homem pendurado começasse a agir.

— Você não pode estar falando sério — gritou o outro. — Você não seria tão egoísta. Sou sua responsabilidade. o que pode ser tão importante para que você me deixe morrer? Não faça isso comigo.

Depois de uma longa pausa, o homem sobre a ponte por fim pronunciou lentamente:

— Aceito a sua decisão. Ao proferir essas palavras, liberou as mãos e prosseguiu sua jornada sobre a ponte.

Qual a melhor forma de ajudar pessoas que pulam de pontes?

Essa história me faz lembrar dos dilemas da liderança cristã. Você e eu nos tornamos pastores, membros de conselho, líderes de grupos, coordenadores de ministérios e membros ativos de nossas igrejas porque queremos ajudar pessoas que caíram da ponte. Durante anos, puxei pessoas para cima, muitas vezes por um alto preço emocional e espiritual, apenas para descobrir que elas cairiam (ou pulariam) propositadamente de outra ponte no mês seguinte.

Durante anos, relutantemente segurei a corda. uma vez que a corda estava em minhas mãos e elas estavam penduradas, eu me sentia culpado se soltasse. Como poderia? eu era cristão. Jesus não iria puxá-las para cima? Se eu não as puxasse para cima, estaria sendo egoísta? Por quanto tempo teria de deixar de lado as minhas visões, os meus sonhos, desejos, as minhas esperanças e os meus planos? Será que elas eram realmente importantes, já que eu era um servo de Cristo? e onde estavam os outros?

Eu, assim como muitos outros que servem em áreas urbanas ou em outros países, tornara-me ressentido e amargurado com o resto da igreja por não "sofrer" por Deus. Foi preciso muito esforço para que eu assumisse a responsabilidade da minha escolha de caminhar sobre a ponte.

Em uma parábola que Jesus contou, o bom samaritano ajudou apenas uma pessoa na beira da estrada (Lucas 10.29-37). eu sentia como se tivesse quinze de cada vez alinhadas na ponte, cada uma delas colocando uma corda em minhas mãos.

Eu [...] tornara-me ressentido e amargurado com o resto da igreja por não 'sofrer' por Deus.

Em muitos momentos desejei não ver todas aquelas pessoas penduradas na ponte. Apenas saber que estavam ali me faziam sentir como se a corda

estivesse em minhas mãos. Se apenas tivesse evitado ouvir seus problemas, eu não me sentiria tão culpado!

Alguns anos atrás, havia uma mãe solteira com seis filhos menores de 10 anos e de cinco pais diferentes que vivia do outro lado da rua. A minha esposa e eu às vezes lhe dávamos uma folga e cuidávamos das crianças. mas e o dia seguinte? e o outro? e quanto à escola deles? E suas finanças? e quanto a educá-los? e ajudá-los a ter um futuro? Em que ponto seria apropriado parar? este não era o meu bairro? Levei muito tempo para aprender que a cada dia podemos decidir o que gostaríamos ou não de fazer por ela em nome de Cristo.

Quatro casas adiante da minha, vivia um líder de uma igreja e sua família. Por compaixão, eles acolheram uma mãe solteira e seu bebê. A mãe não pagava aluguel nem a alimentação, e lentamente o ressentimento começou a crescer naqueles que a hospedavam. então, sem perguntar, a jovem mãe começou a deixar o bebê regularmente por doze horas na casa enquanto saía com amigos. Eles não aguentavam mais. mas como poderiam colocar a mãe e a criança para fora?

Compreender e respeitar os nossos limites é uma das habilidades e qualidades de caráter mais importantes para o líder no sentido de poder amar a Deus e aos outros a longo prazo. isso é importante em todas as áreas da vida — seja no mercado de trabalho, seja na criação de filhos, seja no casamento, seja no relacionamento dos solteiros com o sexo oposto — mas, principalmente, nessa "nova família", a igreja local em que fomos adotados pela graça de Deus.

Por isso, no centro de muitos problemas na igreja está o conflito sobre como respeitar adequadamente e compreender os limites nessa "nova família" chamada igreja.

1. Questione a igreja sem limites

É preciso que uma igreja tenha muita maturidade para identificar oportunidades e decidir não se aproveitar delas. Cada igreja, assim como cada grupo, ministério e indivíduo têm limites impostos por Deus. Quantos cultos teremos no domingo? e quanto a um culto no sábado à noite? outros estão fazendo isso com sucesso e crescendo. Se somos 200 pessoas, por que não nos tornarmos 400, ou 800, ou 10.000?

Sempre acreditei que o crescimento numérico era a vontade de Deus para toda igreja local. mas não é.

Multiplicando grupos caseiros

Nos primeiros anos, esperávamos que cada grupo caseiro se multiplicasse em um ano. Cada líder deveria ter pelo menos um aprendiz em treinamento. os objetivos eram estabelecidos de acordo com essa determinação. Além disso, cada grupo deveria ter adoração, estudo bíblico, oração, comunhão e alcançar os vizinhos. os grupos se reuniam semanalmente. os líderes e seus aprendizes deveriam participar de reuniões mensais de treinamento. Além das reuniões de oração cedo pela manhã três vezes por semana, nos encontrávamos uma vez por mês para orar durante metade da noite. o ritmo era exaustivo.

Lembro-me de um dos grupos que lideramos. eu estava constantemente preocupado e com pressa, com muitas coisas para fazer em pouco tempo. A esposa do nosso aprendiz sempre parecia estar incomodada com o marido e fazia comentários sarcásticos sobre ele no grupo. Havia outra mulher que fazia comentários críticos e cínicos sobre as outras pessoas durante o estudo bíblico e o tempo de comunhão. e a anfitriã estava cansada de receber todos nós em sua casa todas as semanas. também podíamos prever que as mesmas duas pessoas tomariam quase todo o tempo de compartilhar.

Além disso, não pesamos o impacto de ter uma pessoa com deficiência mental no grupo. Sua limitação era algo a ser conquistado, não um dom a ser recebido. o problema é que não sabíamos como lidar com a situação, de modo que a tratávamos como se fosse normal, como se não fosse mentalmente deficiente.

Algo estava errado. A maioria de nós comparecia todas as semanas para não se sentir culpado. todos estávamos desconfortáveis com a situação. mas não sabíamos como ir além da superfície em nossas reuniões (princípio 1); não conhecíamos a história de cada um — como o passado impactava o presente (princípio 2) e não sabíamos que era bíblico estar quebrantado e admitir o nosso fracasso como grupo (princípio 3). Por fim, víamos os

limites como obstáculos a serem superados, não como um dom a ser recebido (princípio 4). Nós nos sentíamos pressionados a crescer e multiplicar como o restante dos grupos da igreja.

Felizmente o grupo acabou.

Trabalhadores cansados na igreja

Fran era uma líder solteira, dotada e envolvente. ela era como um ímã para pessoas necessitadas e parecia ter dons em muitas áreas — administração, ensino, evangelismo, pastoreio e hospitalidade. A igreja crescia rapidamente, e oportunidades para tocar a vida das pessoas pareciam intermináveis. Dizer "não" não era considerado uma atitude piedosa. Fran raramente dizia não.

O que aconteceu? Assim como o resto de nós que servia na igreja, ela conseguiu manter o ritmo apenas até ter de abandonar a liderança completamente a fim de restabelecer o equilíbrio em sua vida. Ela saiu, mas nós continuamos em frenética atividade, ignorando os ensinos bíblicos sobre limites e restrições. Pagamos um alto preço por isso, tanto pessoalmente como na família.

2. Reconheça que Jesus aceitou os limites humanos

Passei muitos anos como líder tentando ser alguém que não era.

Passei muitos anos como líder tentando ser alguém que não era. Participava de conferências e lia livros que vendiam "pornografia eclesiástica", termo de eugene Peterson. eles prometiam uma igreja livre dos problemas de pecadores comuns como os nossos. os programas e as pessoas mais brilhantes eram os que se destacavam. Se eu simplesmente fosse como os seus líderes, nossa igreja seria igualmente grande e próspera.

O problema é que Deus não me deu as habilidades e capacidades que deu a esses outros líderes. eu tenho outros pontos fortes na tarefa de liderar. A minha falta de disposição em aceitar a realidade me levou por caminhos que Deus nunca pretendeu que eu andasse. Durante anos, tentei seguir um roteiro para a minha vida que não era meu. embora o roteiro precisasse de um ator, eu era a pessoa errada para o papel.

Deus me deu 2, 3 ou, talvez, 5 talentos. ele não me deu 8 nem 10. os meus pais me disseram que eu poderia ser qualquer coisa que quisesse — médico, músico, professor, escritor, atleta profissional. No ensino médio, tentei jogar basquete como michael Jordan. Não consegui. Perdíamos quase todos os jogos.

Mesmo assim, não captei a mensagem. eu não podia fazer qualquer coisa que quisesse. Sim, eu tinha dons e potencial. mas também tinha limites dados por Deus como um dom.

Jesus, limites e guerra espiritual

Até onde sabemos, Jesus não realizou milagres nos primeiros trinta anos da sua vida. ele era um filho, trabalhador dedicado e participava na comunidade e na sinagoga. Aparentemente ele aceitou com alegria os limites impostos a ele por seu Pai celestial.

Aparentemente Jesus aceitou com alegria os limites impostos a ele por seu Pai celestial.

Na época do batismo, ele foi reconhecido por Deus Pai: “tu és o meu Filho amado; em ti me agrado” (marcos 1.11). Depois de cerca de trinta anos de obscuridade, foi confirmado para iniciar um breve ministério público de três anos.

Imediatamente depois do batismo, Jesus foi levado ao deserto para ser tentado pelo Diabo. A essência da tentação era transgredir ou cruzar os limites que Deus pusera ao redor dele. essa continua a ser uma questão central na guerra espiritual para a maioria dos que estão buscando ativamente fazer a obra de Deus.

Jesus teve de aprender a obediência por meio do seu sofrimento (Hebreus 5.8). Nisso está incluído estabelecer limites e ver necessidades que ainda não foram supridas.

Na tentação, o Diabo começou assim: “Se és o Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães” (mateus 4.3). Jesus estava atravessando um momento de fraqueza. ele não comera por trinta dias. É como se Satanás dissesse: “Faça alguma coisa. Se não comer, você morre, e ninguém será salvo. olhe para a sua vida — nasceu em uma gruta, foi refugiado na África, vem de uma família obscura e passou muitas outras dificuldades. Você tem necessidades e desejos que não estão sendo supridos por Deus. Como pode ser o Filho de Deus e ter tantos problemas? Você é um perdedor”.

Jesus aceitou o dom das limitações, e a pedra permaneceu sendo uma pedra. Não apareceu maná do céu, embora ele tivesse poder para fazer isso.

Na segunda tentação, Satanás levou Jesus ao ponto mais alto da cidade santa e lhe diz para saltar lá do alto, demonstrando às multidões que Deus realmente estava com ele. “Deixe que as pessoas o vejam. Deixe que elas vejam que você tem algo diferente. elas pensam que você não é nada, que é um zé-ninguém”. Jesus precisou tomar a decisão de esperar pelo tempo de Deus.

Ele aceitou os limites impostos por Deus e desceu os degraus do templo, e não houve milagre nenhum. ele não faz nada sensacional para provar coisa alguma.

Creio que a terceira tentação está muito perto de nós que servimos na liderança. Jesus é levado a um alto monte, e vê toda a terra: a multidão e o brilho de Atenas, a glória de roma, os tesouros do egito, toda a Jerusalém, a magnífica Corinto, bem como todos os reinos deste mundo. Se Jesus simplesmente ultrapassasse esse limite e se curvasse a Satanás por apenas um momento (depois ele podia se arrepender), o mundo seria salvo, e milhões de pessoas seriam ajudadas naquele momento.

Se Jesus apenas passasse por cima do limite do sofrimento e da cruz impostos por Deus, a obra de Deus seria feita com tanta rapidez! A verdade assustadora é que às vezes podemos cruzar os limites que Deus impôs e acabar fazendo a obra de Deus sem Deus! eu sei do que estou falando.

Limites como uma profunda questão espiritual

Receber o dom dos limites toca o âmago do nosso relacionamento com Deus.

O pecado original da rebelião de Adão e eva contra Deus tratava-se de limites. Deus lhes dera uma liberdade enorme no jardim do Éden. então, sem maiores explicações, Deus estabeleceu um limite para eles. “Coma livremente de qualquer árvore do jardim, mas não coma da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque no dia em que dela comer, certamente você morrerá” (Gênesis 2.16,17). A árvore os confrontava com a autoridade de Deus. eles deviam confiar e se render à bondade de Deus. Deviam curvar-se humildemente diante dos seus caminhos incompreensíveis. As consequências da sua recusa em obedecer permanecem conosco até hoje.

João Batista, por outro lado, é um modelo maravilhoso do que significa aceitar os limites. As multidões, que anteriormente seguiam João para serem batizadas, transferiram sua lealdade para Jesus quando ele iniciou o ministério. As pessoas começaram a deixar João para seguir Jesus. Alguns dos seguidores de João ficaram incomodados com essa mudança dramática nos acontecimentos.

João entendia os limites e respondeu: “uma pessoa só pode receber o que lhe é dado dos céus” (João 3.27). ele podia dizer: “Aceito os meus limites, a minha humanidade, o meu declínio de popularidade. Não sou o centro do universo. Não sou Deus”.

Os limites de Jesus em meio a inúmeras necessidades

Jesus não curou todas as pessoas doentes e possessas por demônios no hospital. ele não construiu uma grande igreja em Cafarnaum quando lhe pediram que ficasse na cidade (marcos 1.21-45). Ele se recusou a deixar algumas pessoas seguirem-no, como o gadareno endemoninhado que fora liberto. ele orou durante toda a noite e escolheu apenas 12 para andarem mais perto dele (Lucas 6.12-16). Sem dúvida, outros ficaram decepcionados. Jesus não corria atrás das multidões quando elas desertavam depois de um ensinamento difícil sobre o seu corpo e o seu sangue (João 6.22-71).

Jesus não foi pessoalmente suprir as necessidades de todos na europa, áfrica, ásia ou Américas. entretanto, no final da vida, ele orou, "[completei] a obra que me deste para fazer" (João 17.4).

A minha falta de entendimento sobre como os limites se aplicavam ao serviço de Cristo quase nos fez deixar o pastoreio.

Por que, então, eu sempre me sentia como se houvesse tão pouco tempo e tanto para fazer? Por que me sentia cronicamente pressionado e inquieto em meu interior? Por que a minha vida tinha tão pouca margem e flexibilidade? Por que parecia que eu nunca "terminava" de suprir necessidades? eu gastava tempo em oração e na Palavra. trabalhava minhas prioridades e a administração do tempo. Participava de diversos seminários para administrar e delegar com mais eficácia. Qual era o problema?

Eu não compreendia o princípio poderoso dos limites como um dom das mãos de Deus.

A minha falta de entendimento sobre como os limites se aplicavam ao serviço de Cristo quase nos fez deixar o pastoreio. Conheço muitas outras pessoas que começaram a servir com entusiasmo, mas depois pararam porque não sabiam andar na ponte com pessoas tentando colocar cordas em

suas mãos ou pessoas gritando lá embaixo. Então resolveram comprar tampões de ouvidos para não ouvir nada enquanto seguiam com sua vida. ou decidiram que a igreja está cheia de hipocrisia e patologia e resolveram nunca mais confiar nas pessoas nem servir a elas novamente.

Os limites são nossos aliados

embora a nossa cultura resista à ideia de limites, é essencial que os acolhamos. eles são como um jardim cercado que protege as crianças. Eles são as mãos de um amigo que nos mantêm ancorados para que não machuquemos a nós mesmos, aos outros e à obra de Deus.

Parker Palmer conta a história de quando lhe pediram para ser presidente de uma faculdade. A princípio, ele ficou muito entusiasmado e reuniu um grupo de amigos de confiança para ajudá-lo a discernir se era da vontade de Deus. Na metade da noite, alguém perguntou: “Por que você gostaria de ser presidente?”. ele respondeu: “Bem, não gostaria de ter de parar de ensinar nem de escrever. Não gostaria da política da presidência, não saber quem são os seus verdadeiros amigos. Não gostaria...” .

A pessoa que fez a pergunta repetiu mais uma vez: “Do que você mais gostaria se fosse presidente?”. Palmer tentou desajeitadamente, “Não gostaria de ter de abrir mão das minhas férias de verão. Não gostaria de ter de usar terno e gravata todo o tempo. Não gostaria...”.

Por fim, proferiu a única resposta verdadeira que possuía: “Acho que o que eu mais gostaria seria ver a minha fotografia com a palavra ‘Presidente’ embaixo”. Finalmente ele percebeu que aceitar aquela posição seria um desastre para ele e a faculdade. Palmer retirou o seu nome da indicação.

Palmer cita a velha história hassídica que revela a nossa tendência de querer viver a vida de outra pessoa em vez da própria e a “importância suprema de ser eu mesmo”. O rabino Zusya, quando já estava velho, disse: “No mundo por vir, eles não me perguntarão: ‘Por que você não foi moisés?’, mas, sim: “Por que você não foi Zusya?’ ”. Como afirmou Kierkegaard, a verdadeira vocação de cada ser humano é “a vontade de ser ele mesmo”.

Aprenda a discernir as suas limitações

• **Observe a sua personalidade.** Você recebe mais energia em estar com as pessoas (extrovertido) ou em realizar tarefas (introvertido)? Você é mais espontâneo e criativo ou controlado e ordeiro? Você é mais despreocupado e descontraído ou tenso e ansioso? em uma escala de 1 a 10 (10 é o máximo), atinjo 10 em ousadia e correr riscos. eu queria ser como robin Hood e conquistar Nottingham por sua grande visão. Ao mesmo tempo, também alcançava 10 em sensibilidade. este aspecto me qualificava a ser um conselheiro ou assistente social, não presidente executivo. Grande parte dessas características foi moldada em minha infância e pela família em que fui criado. Na New Life, gostamos de apresentar o teste 16PF (Fator de Personalidade) para ajudar as pessoas a discernirem melhor a sua personalidade. Os testes Myers-Briggs e Performax-DiSC também são boas ferramentas.

• **Observe em que fase da vida você está.** A fase da vida em que você está também é um limite imposto por Deus. Eclesiastes nos ensina que "para tudo há uma ocasião certa; há um tempo certo para cada propósito debaixo do céu: [...]tempo de plantar e tempo de arrancar [...], tempo de chorar e tempo de rir, [...] tempo de calar e tempo de falar [...]" (eclesiastes 3.1-8).

Criar filhos tem fases. Há um tempo em que precisamos ficar em casa com os filhos pequenos. Depois esses filhos se tornam adolescentes e saem de casa, lançando-nos em uma fase diferente da vida. Há momentos em que, por questões de saúde, a nossa família precisa de nós. Há tempo de prosperidade financeira e tempo de lutas. Há tempo para estudar intensamente e se preparar. Há tempo de grande atividade. Há tempo de chorar uma perda e esperar.

É muito importante que não julguemos as fases de outras pessoas nem imponhamos aos outros a fase em que estamos vivendo. Poucas coisas são

permanentes na vida.

• **Observe a situação da sua vida.** A situação da sua vida também é um limite. Nós envelhecemos fisicamente e descobrimos que o corpo já não pode fazer o que fazia antes. Quando somos jovens e não temos muita experiência de vida, certas portas podem permanecer fechadas para nós. Se temos uma incapacidade física ou emocional ou uma doença, podemos descobrir que isso nos impede de seguir um caminho que planejáramos.

Se você é casado, saiba que Paulo considera o casamento um limite (1Coríntios 7.32-35). o ser solteiro é um tipo diferente de limite. Cada filho, embora seja um presente de Deus, agora constitui um limite de em que, onde e como você usa a sua vida para servir a Deus. Se você tem um filho com necessidades especiais ou pai ou mãe idosos, isso também afeta o curso da sua vida.

• **Observe as suas habilidades emocionais, físicas e intelectuais.** Suas habilidades emocionais, físicas e intelectuais também são um dom concedido por Deus. tenho grande capacidade para trabalhar com pessoas e com situações complexas. Mas, ao mesmo tempo, se trabalho com pessoas o dia inteiro ou por mais de duas horas consecutivas, fico letárgico e deprimido. Preciso de tempo para ler, orar e refletir. também preciso de 3 Ou 5 minutos para fazer a transição de uma reunião para outra na igreja a fim de estar centrado e completamente atento. tenho um amigo pastor que consegue trabalhar de setenta a oitenta horas por semana, seis dias por semana, com facilidade. Deus o abençoe, mas não posso imitá-lo, nem física, nem emocional, nem espiritualmente. É tão libertador para mim como líder pronunciar as palavras “não posso”. Quando não respeitamos os limites de Deus em nossa vida, geralmente acabamos sobrecarregados, estressados e exaustos.

• **Observe as suas emoções “difíceis”.** ira, depressão e raiva, por exemplo, geralmente funcionam como a luz do óleo em nossa vida, informando-nos de que algo não está indo bem no interior do nosso sistema.

Geralmente é assim que Deus me faz parar e consegue captar minha atenção.

• **Observe as cicatrizes e feridas da família em que foi criado.** Elas também são limites dados por Deus. Se formos ver a mão de Deus agindo em nossa história familiar, mesmo nos momentos mais dolorosos, encontraremos pepitas de ouro naquele solo rochoso. Abuso, negligência, abandono, pobreza, opressão e assim por diante podem nos fazer pensar que ficamos para "trás" e estamos sempre tentando recuperar o tempo perdido. Deus vê de forma diferente.

Os limites que herdei da minha família tornam-se dons, uma vez que eu os aceito. Percebo que sou mais dependente de Deus, mais sensível e menos crítico com os outros. Amo mais as outras pessoas quando as encorajo a viverem alegremente dentro dos limites que Deus lhes impôs.

Nicolau — czar da Rússia

Ao 26 anos, Nicolau ii foi empossado czar da rússia, governante de quase um sexto do mundo. um líder relutante, forçado pela morte do pai a assumir um papel para o qual não estava preparado, Nicolau parecia ser o oposto do pai forte e agressivo, a quem ele chamava de um "pai sem comparação". Faltava-lhe a experiência, o modo autoritário e a estatura física majestosa do pai.

Em vez disso, Deus dera a Nicolau um temperamento terno, um profundo amor por sua família e uma natureza sensível. ele era frequentemente acusado de não ter uma natureza de czar porque tinha fala mansa e gentil. um historiador comentou: "No gabinete, a bondade do imperador e sua falta de assertividade foram uma fraqueza [...] com a família [...] elas eram sua força".

As exigências do governo nunca combinaram com a sua personalidade. ele era mais habilitado a ser um alfaiate do que um imperador. ele preferia, inquestionavelmente, estar com a esposa e os filhos em casa ou em uma das residências de verão. enquanto isso, as nuvens negras da Primeira Guerra mundial estavam rodopiando ao redor, bem como a revolução Bolchevique de Lenin de 1917.

Por um senso de dever, ele perseverou, mas, por fim, a rússia czarista desmoronou. Se Nicolau tivesse ousado romper com o roteiro preparado para sua vida e deixado que outra pessoa se tornasse o líder, a história poderia ser diferente.

Fiel ao verdadeiro eu

Maturidade na vida é quando alguém vive com alegria dentro dos limites que Deus lhe impôs.

Faça-se as seguintes perguntas: minha maneira de viver está adequada a minha natureza dada por Deus? ela se adequa a meu verdadeiro eu (usando a terminologia de Thomas merton em seu livro *Seeds of Contemplation* [Sementes de Contemplação])? estou sendo fiel a meus talentos dados por Deus, à minha história singular e a minhas fraquezas?

Maturidade na vida é quando alguém vive com alegria dentro dos limites que Deus lhe impôs. Percebo que a maioria de nós se ressente dos limites — os nossos e os dos outros. esperamos demais de nós mesmos e uns dos outros e muitas vezes vivemos frustrados e irados. muito esgotamento é resultado de dar o que não possuímos. Henri Nouwen resume muito bem o nosso desafio:

> Não existem duas vidas iguais. Com frequência, comparamos a nossa vida com a dos outros, tentando decidir se somos melhores ou piores, mas tais comparações não nos ajudam em nada. temos de viver a nossa vida, não a de outra pessoa. Precisamos beber de *nosso próprio* cálice. É preciso ousar e dizer: “esta é minha vida, a vida que recebi, e é esta vida que tenho de viver, da melhor forma possível. A minha vida é única. Ninguém mais a viverá. tenho a minha própria história, a minha própria família, o meu corpo, o meu caráter, os meus amigos, o meu modo de pensar, falar e agir — sim, tenho a minha própria vida para viver. Ninguém mais tem o mesmo desafio. estou sozinho porque sou único. muitas pessoas podem me ajudar, mas, depois que tudo tiver sido dito e feito, preciso tomar a minha própria decisão de como viver”.

Deus nos convida a viver, a trabalhar de um lugar de descanso. Por isso, procuro cuidadosamente sinais de ter me afastado da vida que Deus me concedeu. estou fora do centro da sua vontade, quando:

- Estou ansioso.
- Estou apressado e correndo.
- Estou com um nó na garganta.
- Estou fazendo coisas demais.
- A minha mente não consegue se aquietar.
- Estou dirigindo rápido demais.
- Não consigo estar realmente presente para as pessoas.
- Fico irritado com tarefas simples da vida, como ter de esperar na fila no supermercado.
- Estou sendo superficial em meu tempo com Deus.

Esses são alguns dos meus sinais de alerta. Você poderá retirar alguns ou acrescentar outros que se aplicam a suas tentações e vulnerabilidades particulares. Acima de tudo, precisamos ser brutalmente honestos conosco quando nos desviamos do centro da vontade de Deus e da vida única que ele nos chamou a viver.

4. Integre o dom dos limites na igreja

Ao conversar com pastores e líderes, percebo que este é o princípio mais difícil de ser aplicado na igreja. Na realidade, uma das maiores tarefas da liderança é ajudar os outros a aceitarem os seus limites. Na New Life, trabalhamos intencionalmente o dom dos limites de pelo menos quatro maneiras: enfatizando que os líderes tenham cuidado de si mesmos, estabelecendo limites para pessoas invasivas, dando liberdade às pessoas para dizerem não e ensinando intencionalmente sobre limites na igreja.

Enfatize o cuidado dos líderes

Assim como todos os princípios de uma igreja emocionalmente saudável, esse também se inicia com a liderança. Procuramos ser um modelo de prioridade, mostrando que a nossa vida pessoal e a nossa família vêm em primeiro lugar, não a igreja. espera-se que a equipe, os membros do conselho e os líderes cuidem de si mesmos e estabeleçam limites baseados em como Deus os moldou e em sua situação familiar.

Compreender o dom dos limites permite que cuidemos de nós. Esse é um grande desafio para aqueles que servem a outras pessoas. Como afirmou Parker Palmer, “Cuidar de si mesmo nunca é um ato egoísta — é simplesmente ser um bom mordomo do único dom que possuo, o dom pelo qual fui posto na terra para oferecer aos outros. Sempre que damos ouvidos ao verdadeiro eu e cuidamos dele como devemos, não fazemos isso apenas por nós mesmos, mas por muitos outros que são tocados por nossa vida”.

Compreender o dom dos limites permite que cuidemos de nós. Esse é um grande desafio para aqueles que servem a outras pessoas.

Isso é tão importante para a saúde da nossa igreja que criamos uma “regra de Vida” para a nossa equipe pastoral que inclui guardar um dia sabático na semana, um dia sozinho com Deus por mês e um compromisso de fazer uma pausa para “tarefas Diárias” (geralmente chamadas de Horas Fixas de oração). Deus possui uma combinação única de atividade e contemplação para cada um de nós. Ele nos fez diferentes uns dos outros. A questão é quanto tempo cada um de nós precisa estar sozinho *com* Deus para que a vida de Cristo flua. Quando somos capazes de ajudar a nós mesmos e aos que estão a nosso redor com esse equilíbrio delicado, estamos tão profundamente enraizados em Deus que o que fazemos *para* ele é marcado por profunda paz e alegria.

Cada membro da nossa equipe e da liderança voluntária sabe que, se a família ou a vida pessoal está fora de controle, pediremos a ele que se afaste da liderança. isso não é uma punição; é um ato de amor e preocupação. o fruto dessa atitude é que agora as pessoas raramente se sentem usadas.

Estabeleça limites para pessoas invasivas

É essencial que a igreja estabeleça e mantenha um clima de amor e respeito por toda pessoa da comunidade. isso exige que, intencionalmente, ensinemos os limites, bem como reabilitemos pessoas invasivas. estou me referindo àquelas pessoas que ocupam espaço demais às custas dos outros, que não permitem que outras pessoas se expressem, que manipulam e usam os outros para os seus próprios propósitos ou que prejudicam a comunidade ao deixar de tratar situações e pessoas de modo bíblico.

Muitas vezes, na igreja, são os membros mais exigentes e que mais reclamam que definem as prioridades. Como células cancerosas, eles matam as pessoas saudáveis ao invadirem seu espaço. São incapazes de aprender com as experiências e não estão dispostos a mudar.

Uma igreja emocionalmente saudável tem uma visão de Deus sobre o seu chamado e as suas características próprias. ela não está tentando ser outra igreja, mas tem seus próprios valores e objetivos. Ela procura agir como Jesus agiu. ele era compassivo com os 12 discípulos, com os líderes religiosos e com as multidões, mas mantinha um senso claro do plano de Deus para a sua vida. Sua grande prioridade não era evitar conflito, mas fazer a vontade de Deus.

Dê liberdade às pessoas para dizerem não

Ensinamos os membros a usarem seus dons espirituais na igreja e a servir em pelo menos um ministério diferente do seu dom. Ao mesmo tempo, aplaudimos algumas pessoas que dizem não, principalmente aquelas que trabalham incansavelmente. Aqueles de nós que se sentem culpados quando veem uma necessidade que não foi suprida precisam de muita coragem e força para não se voluntariarem. Para nós, é negar nossa natureza pecaminosa (que quer ser Deus) e seguir Jesus. É confiar que Deus suprirá aquela necessidade por meio de outra pessoa.

É mais difícil que as pessoas sirvam na New Life agora do que nos anos anteriores? Sim. Sem vergonha, culpa ou pressão, as pessoas sentem-se livres para dizer: “Não, obrigado”. o resultado, porém, é que fazemos as coisas com mais amor. As pessoas são menos irritadiças e briguentas e tendem a servir por mais tempo porque estão motivadas internamente. elas amam e dão amor livremente.

Talvez, acima de tudo, elas se sentem amadas, não usadas para edificar a igreja.

Ensine os limites 101 e 102

Adão e eva foram os primeiros a quebrar as regras. ultrapassaram o limite que Deus estabelecera para eles, comendo da árvore proibida e depois fugindo de Deus. Daquele momento em diante, temos quebrado regras e ultrapassado limites com Deus e uns com os outros. A Queda destruiu pelo resto da história humana o nosso senso de separação, limite e responsabilidade. Desde então, ficamos confusos sobre até onde vai o nosso limite e começa o do outro.

Definindo de forma simples, limites são a percepção de que eu sou uma pessoa separada das outras. eles representam "o que sou eu e o que não sou eu". os limites mostram onde você termina e o outro começa. tendo os limites corretos, sei pelo que sou responsável e pelo que não sou.

Pessoas sem limites sentem-se constrangidas a fazer o que os outros querem, mesmo que isso não seja o que elas querem. elas têm medo de decepcionar alguém ou de ser criticadas. Querem que os outros gostem delas e, com certeza, não desejam ser vistas como egoístas. Você as ouve fazendo as seguintes afirmações:

- "Eu disse que lideraria o ministério da portaria porque o pastor pediu. Sei que não tenho tempo agora com toda a pressão no trabalho e as necessidades da minha família, mas eu não podia dizer não."
- "Tenho de ir à reunião de oração na quarta-feira à noite. As pessoas esperam que eu vá. Sei que o pastor Joe e os outros ficariam decepcionados se eu não aparecesse."
- "Querido, precisamos jantar na casa dos Martinez. Sei que não estamos com vontade e que as crianças vão reclamar porque não há crianças da idade delas para brincarem, mas o que podemos fazer? Você sabe como eles ficariam chateados? eles só estão tentando ser simpáticos."

O problema em cada uma dessas situações é que cada uma dessas pessoas não sabe onde ela termina e a outra pessoa começa. Cada pessoa

não tem uma vida separada da outra. este é o ponto principal a respeito dos limites: “onde eu termino e onde o outro começa?”.

Preciso definir e proteger os meus limites em relação a todos os outros. Nossos limites são testados muitas vezes todos os dias — pelo cônjuge, pelos amigos, colegas de trabalho, membros da igreja, vendedores e filhos. As pessoas simplesmente querem o que querem. Isso não é algo ruim. As pessoas sempre vão exigir coisas de mim e de você, tais como tempo, apoio emocional, dinheiro. isso é normal.

O problema é que as necessidades do mundo são muito maiores do que os meus suprimentos. e preciso discernir qual é a melhor resposta a longo prazo em vez de optar pelo que é mais fácil fazer agora. Por exemplo, recentemente pediram-me para assumir uma liderança importante em um grande projeto de missões internacionais. A pessoa liderando a iniciativa visitou o meu escritório e apresentou muitos motivos para o meu envolvimento. Contudo, o meu suprimento pessoal de tempo e energia é limitado por meu compromisso com Deus, Geri, minhas filhas e com a igreja New Life Fellowship como seu pastor presidente. Dizer sim teria impacto negativo sobre pelo menos um desses compromissos.

Não estabelecer limites geralmente leva a muitos outros problemas, tais como ansiedade, depressão, raiva, pânico e sentimentos de impotência, e manifesta-se mais destrutivamente quando as pessoas permitem que sejam abusadas física, sexual, emocional ou espiritualmente.

Limite 101: Aprendendo a estar juntos, mas separados.

O gráfico seguinte é fácil de ser compreendido, mas extremamente difícil de ser vivido. Cada círculo representa duas pessoas diferentes. Cada uma tem pensamentos, opiniões, sentimentos, valores, esperanças, medos, crenças, habilidades, desejos, coisas de que gosta e de que não gosta. Cada uma delas está dentro de um círculo. Mesmo assim, cada uma está dentro da linha de propriedade da pessoa. É por isso que é tão difícil prestar atenção ao que estamos pensando, sentindo, querendo e assim por diante e nos tornarmos mais e mais conscientes de quem somos.

A Bíblia nos torna uma família para estarmos ligados uns aos outros em relacionamentos de forma tão amorosa que o mundo saberá que Jesus é real e está vivo (João 13.34,35). Contudo, essa ligação com os outros deve acontecer sem que percamos a nossa individualidade e distinção.



Cada um de nós é um indivíduo único criado à imagem de Deus. ele nos coroou de glória e honra (Salmos 8.5). ele imprimiu em nós singularidade, santidade, preciosidade e valor. Cada vida individualmente é um milagre.

Em nossos grupos caseiros, classes de preparação e seminários sobre limites, também ensinamos que a maioria de nós é notória em ultrapassar os limites de outras pessoas. Às vezes não aceitamos um não como resposta, ou dizemos aos outros: “Você precisa fazer isso!”

Ou “Você precisa ver as coisas como eu vejo!” .

Qual é, então, o ponto de equilíbrio entre ser único e estar unido? Como concilio as tensões inerentes à situação?

Limites 102: Respeito em nossa união, embora separados.

O problema com a maioria das igrejas (e casamentos também, a propósito) é que não há separação suficiente. ultrapassei os limites das pessoas mais de uma vez ao fazer julgamentos sobre por que não estavam mais frequentando a New Life ou por que não queriam servir na liderança. Nunca as respeitei o suficiente para lhes perguntar por quê. estava “envolvido” demais com aquela pessoa.

Muitos de nós na liderança também precisam respeitar mais a si mesmos e declarar sem rodeios o que pensam e sentem. Com frequência, permitimos que a nossa individualidade seja diminuída por medo ou por um desejo de “paz”. “Pastor, estou chateado por não haver um culto no meio da semana. eu realmente preciso de um.” Nos momentos melhores, respondo: “Sinto muito por não termos um culto no meio da semana. tente um de nossos grupos caseiros. eles são ótimos”.

Os líderes cristãos com muita frequência permitem que sejam des-respeitados ao deixar que as pessoas falem com eles e sobre eles de modo inapropriado. eles pensam que essa é a “maneira cristã”. mas, para que uma comunidade saudável floresça, é preciso que haja um fundamento de respeito. Por respeito, estou me referindo a como tratamos uns aos outros, não a como nos sentimos em relação ao outro.

temos direito de sermos diferentes, direito de sermos levados a sério, de sermos ouvidos e direito de discordar. tire qualquer um desses princípios, e

você terá relacionamentos dominados por uma ou mais pessoas às custas dos outros.

5. Cresça com os seus limites

Ao mesmo tempo, precisamos nos perguntar com regularidade: Há limites que Deus está me pedindo para quebrar porque são resultado dos meus defeitos de personalidade?

Como mencionei anteriormente, fiquei preso por anos na questão da minha capacidade organizacional como pastor. tomar decisões pessoais, administrar orçamentos, perseverar nos detalhes e escrever descrições de trabalho eram difíceis para mim. eu me sobressaia em compartilhar a minha visão e ensinar. As pessoas me diziam: “Você não possui esses dons, por isso faça aquilo em que é bom e contrate pessoas para os seus pontos fracos. Gaste o seu tempo na Palavra e na oração. Deixe que outros administrem a igreja”.

tentamos diferentes configurações de equipe, contratamos pessoas de fora, de dentro, dividimos o trabalho entre pessoas diferentes.

Nunca dava certo. Nada parecia funcionar a longo prazo. A tensão permaneceu até que me dispus a confrontar os defeitos da minha personalidade.

Embora seja verdade que o meu chamado principal não é ser um pastor executivo, o verdadeiro problema relacionava-se à minha personalidade. eu preferia a parte mais fácil (pregar e orar) à parte difícil de administrar pessoas. eu não gostava de investir o tempo necessário para me preparar para reuniões da equipe e não gostava de lutar com planejamento estratégico. era mais fácil ser impulsivo e “conduzido pela visão” do que olhar para fatos mais duros. Quem gostaria de confrontar um voluntário que não está realizando um bom trabalho, quando podia gastar aquele tempo pregando e recebendo elogios da congregação?

A questão para mim, assim como para muitos pastores presidentes que conheci, não eram as minhas limitações impostas por Deus, mas as minhas

falhas de personalidade. Desde então, formamos uma equipe diretiva para fazer parte desse trabalho. A diferença é que agora não estou cumprindo funções executivas para evitar crescer em Cristo.

6. Veja Deus agir por meio das suas limitações

Antes de terminar este capítulo, preciso enfatizar que Deus às vezes nos levará além dos nossos limites de maneiras sobrenaturais.

• Sara tinha 90 anos, e Abraão já estava sem vitalidade (Romanos 4.19). entretanto, Deus os fez pais de nações.

• Eliseu e Jeremias eram inclinados a ataques de depressão, contudo foram poderosamente usados por Deus.

• Moisés tinha 80 anos quando Deus lhe deu uma tarefa que precisava da força física e emocional de alguém de 40 anos.

Ele também tinha uma dificuldade para falar que, em minha opinião, o desqualificava. Deus via de forma diferente.

• Timóteo, aparentemente medroso e tímido por natureza, foi chamado por Deus para liderar a grande e difícil igreja de Éfeso que era cercada por divisões, problemas e conflitos.

Paulo o lembrou de que Deus não lhe dera espírito de medo (2timóteo 1.7).

Hebreus 11 proporciona um exemplo de heróis bíblicos que, pela fé, conquistaram reinos, fecharam a boca de leões e se tornaram poderosos em batalha, expulsando inimigos estrangeiros (Hebreus 11.32,33). Por isso, precisamos nos perguntar com regularidade: Quais são os limites que Deus está pedindo-me para romper pela fé a fim de que outros possam conhecê-lo e confiar nele, para que eu me torne a pessoa que ele quer que eu seja? e quais limites, externos ou internos, preciso receber como um dom, como um convite de Deus para que eu me renda e confie nele?

Às vezes, pode parecer que viver dentro de limites não é o melhor para a igreja. Parece que obedecer a Deus levaria ao desastre, nosso e dos que estão ao nosso redor. Alguma coisa vai ser feita? Será que a igreja vai

crescer? Se eu ensinar essas coisas, será que todos se tornarão narcisistas egocêntricos que vivem isolados uns dos outros?

O rei Davi era extremamente grato a Deus por toda a sua bondade para com ele. tudo estava indo bem. o seu poder fora con-solidado. Jerusalém fora estabelecida como capital, com a arca da presença de Deus no centro. Davi estava em uma onda de popularidade e publicava regularmente cânticos poderosos e hinos de adoração a Deus.

Ele desejava ardentemente construir um templo para Deus para que as nações conhecessem Deus. o profeta Natã encorajou-o a fazer isso. entretanto, Deus disse "não". Deus estabeleceu um limite claro.

Esse foi um dos momentos críticos da vida do rei Davi e iria qualificá-lo ou desqualificá-lo como verdadeiro rei com um coração em Deus. esses momentos e decisões são igualmente críticos para nós.

Não consigo imaginar a profundidade da decepção ou perturbação de Davi. o que todos os outros reis pagãos ao redor pensariam dele? todos eles haviam construído templos magníficos para os seus deuses. Comparado a eles, Davi parecia tolo e fraco.

A Bíblia diz que Davi sentou-se e orou. Quando acabou, subme teu-se ao limite de Deus, confiando em um plano infinito que ele não podia ver. "o nosso Deus está nos céus, e pode fazer tudo o que lhe agrada" (Salmos 115.3). "As coisas encobertas pertencem ao Senhor, o nosso Deus [...]" (Deuteronômio 29.29). Davi percebeu que Deus é Deus e que ele não era.

Davi lutou com a questão espiritual mais importante para nós se queremos viver fielmente dentro dos limites impostos por Deus: Deus é bom e ele é realmente soberano?

Deus é tão surpreendente que, assim como Davi, não conseguimos nem imaginar para onde está indo e o que está fazendo com a nossa vida e por meio dela. Davi aceitou que o seu conhecimento era pequeno demais para perceber a intenção de Deus. Apenas o tempo revelaria a sua compreensão superficial do que estava acontecendo e por que Deus dissera não a seus

planos. Deus estava pintan-do uma tela maior em um período de tempo maior. Apenas na eter-nidade ele compreenderia.

Enquanto isso, Davi, assim como nós, devia ser fiel aos limites impostos por Deus e preparar os materiais para que Salomão, o seu filho, construísse o templo na próxima geração. isso exigia fé radical e confiança em Deus. Ao mesmo tempo, pessoas em igrejas emocionalmente saudáveis confiam na bondade de Deus ao aceitar os limites como dons e expressões do seu amor. Às vezes isso envolve lamentar a perda de sonhos e expectativas que podemos ter, uma realidade que nos conduz ao próximo princípio de igrejas e discípulos emocionalmente saudáveis: a capacidade de aceitar o luto e a perda.

PriNCíPio 5: ACeite o Luto e A PerDA em igrejas emocionalmente saudáveis, as pessoas aceitam o luto como forma de se tornarem mais semelhantes a Deus. elas compreendem que lamentar nossas perdas é um componente essencial do discipulado. Por quê? Porque é o único caminho para se tornar uma pessoa compassiva como nosso Senhor Jesus.

Encobri minhas perdas durante anos e anos, inconsciente de que elas estavam moldando os meus relacionamentos atuais e a liderança.

Deus procurava alargar a minha alma e amadurecer-me enquanto eu buscava um final rápido para a minha dor. Pastores e líderes, em especial, vivem muitas perdas em razão da sua posição única no corpo de Cristo. Geralmente, nos momentos em que nos perguntamos se estamos retrocedendo espiritualmente, Deus está realizando uma obra mais profunda de transformação em nós.

A alma se expande por meio do sofrimento

No outono de 1991, Jerry e Lynda Sittser, junto com a mãe dele e os quatro filhos do casal com idades entre 2 e 8 anos, estavam viajando de carro em uma área deserta de uma autoestrada na zona rural do estado de idaho. eles haviam visitado uma reserva de índios americanos nos arredores

para um projeto escolar dos dois filhos mais velhos. os amigos os descreviam como uma “família perfeita”.

Parecia que eles viviam “uma vida perfeita”.

Dez minutos depois de partirem de volta para casa, Sittser notou um carro vindo extremamente rápido na direção deles. ele diminuiu a velocidade em uma curva, mas o carro que se aproximava, trafegan-do a uma velocidade de 130km/h, bateu de frente no carro deles.

O motorista estava bêbado. em um instante, Sittser perdeu três gerações — a mãe, a esposa e a filha de 4 anos. mais tarde, ele escreveu: “em um instante, minha família como a conhecera e amara estava destruída”. Sittser ficou sentado naquele carro vendo-as morrer.

O motorista do outro carro acabou sendo declarado inocente e liberado porque não pôde ser provado, sem sombra de dúvida, no tribunal, que era ele (não sua esposa grávida que morreu no acidente) quem estava dirigindo o carro.

Sittser escreveu um livro sobre sua descida a um abismo de luto e dor imensurável que mudou sua vida. Sob o título de *A Grace Disguised: How the Soul Grows through Loss* [Graça escondida: como a alma cresce com a perda], ele escreve: *Perda catastrófica por definição impede recuperação*. *Ela nos transformará ou destruirá, mas jamais nos deixará iguais*. Não há como voltar ao passado [...]. entretanto, não é verdade que diminuímos por causa das perdas — a menos que permitamos que as perdas nos tornem menores, moendo a alma até que não reste mais nada. *A perda tam-bém pode nos fazer crescer*. eu não superei os amados que perdi; pelo contrário, absorvi a perda em minha vida até que ela se tornou parte de quem sou. A tristeza fez morada permanente em minha alma *e a alargou* [...]. uma pessoa aprende a dor dos outros sofrendo sua própria dor, voltando-se para dentro de si, encontrando a própria alma [...]. Por mais dolorosa que seja, a tristeza é boa para a alma [...].

A alma é elástica como um balão. *Ela pode aumentar com o sofrimento*.

Quando eu estava lutando com esse estranho processo chamado luto e sua relação com a espiritualidade, ganhei um livro chamado *Lament for a Son* [*Lamento por um filho*], de Nicholas Wolterstorff, um teólogo e professor de Yale. o pequeno livro está repleto de suas reflexões e lutas por Deus ter permitido a morte de seu filho de 25

Anos, eric, em um acidente praticando alpinismo na áustria.

Ele não tem explicações ou respostas sobre por que Deus permitiu tal tragédia. Quem tem? entretanto, em certo ponto, ele conclui com profunda revelação: "Com as minhas lágrimas, enxerguei um Deus que sofre. Diz-se que ninguém pode contemplar a face de Deus e viver. Sempre pensei que isso queria dizer que ninguém pode ver seu esplendor e viver. um amigo disse que talvez queira dizer que ninguém poderia ver a tristeza de Deus e viver. ou talvez sua tristeza seja seu esplendor".

Deixe que o luto desenvolva a maturidade

Poucos cristãos na América do Norte e na europa compreendem a tristeza e o luto, especialmente no que se relaciona a Deus, a nós e a sua importância vital para viver em uma comunidade saudável.

Mas o grau em que aprendo a lamentar as minhas perdas está diretamente relacionado à profundidade e qualidade do meu relacionamento com Deus e à compaixão que posso oferecer aos outros.

Reflita comigo por um momento sobre o grande número de perdas que acumulamos ao longo da vida. Há perdas devastadoras que incluem, por exemplo, a morte de filhos, a morte prematura do cônjuge, uma incapacitação, divórcio, estupro, abuso emocional ou sexual, câncer irreversível, infertilidade, a destruição de um sonho, um suicídio, alguém que amamos que nos trai ou a descoberta de que um de nossos modelos era uma farsa.

Às vezes nosso senso de perda vem de eventos cataclísmicos que acontecem perto de nós. No dia 11 de setembro de 2001, quando os dois aviões ocupados por suicidas e pessoas inocentes voou em direção aos

maiores prédios da nossa cidade matando quase 3 mil pessoas, nossa comunidade viveu um drama diário por mais de um ano. em situações como essa, normalmente damos permissão de luto às pessoas — pelo menos por um tempo.

Outras perdas são consideradas “insignificantes”, entretanto é igualmente importante lamentar por elas. Quando são escondidas e negadas, elas se acumulam em nossa alma como pedras que nos puxam para baixo. Se permanecerem negligenciadas, nos impedirão de caminhar livre e honestamente com Deus e com os outros.

Estou me referindo ao que alguns chamam de “perdas naturais”.

Você se forma na escola ou faculdade e perde a segurança emocional ou financeira. Sua pele da ju-ventude começa a enrugar com a idade. Você se muda, e antigas amizades se dissipam. os relacionamentos não são o que você esperava. Seus filhos ficam cada vez menos dependentes à medida que crescem. muda a liderança da igreja. Seu grupo caseiro acaba. Sua igreja constrói um prédio novo.

Um avô ou avó morre. um incêndio destrói fotografias preciosas.

Um fiel animal de estimação é atropelado por um carro.

Outras perdas estão mais escondidas e são mais difíceis de classi-ficar, como um natimorto, um aborto voluntário ou involuntário.

A questão mais importante não é calcular onde uma perda em especial se localiza na linha que vai do público ao particular, ou do re-pentino ao gradual. Perda é perda. É a norma da vida, não a exceção.

Deus nos fez únicos. os nossos temperamentos e as nossas histórias são diferentes. o que pode ser uma perda insignificante para você pode ser catastrófica para mim. Cada um de nós responde de forma diferente. Por exemplo, quando um animal de estimação morre, pode ser uma grande perda para um membro da família, enquanto outro é muito pouco afetado por ela.

Quando uma pessoa deixa a igreja descontente, a resposta de diversos pastores da equipe é notavelmente diferente. Alguns de nós sentem profundamente. outros são capazes de aceitar e seguir em frente rapidamente. todos nós fomos feitos de forma singular.

Só porque outras pessoas não são afetadas pela perda da mesma maneira que você é, isso não muda a sua experiência. Geri, por exemplo, lamenta ter de criar as nossas filhas em Nova York, uma cidade com mais de 8 milhões de pessoas. embora haja muitos benefícios em criar nossas filhas nessa cidade densamente povoada, repleta de pessoas do mundo inteiro, ela sabe que elas estão perdendo a rica experiência da vida na pequena cidade do interior que ela pôde viver quando criança. eu não tenho esse mesmo sentimento de perda.

Dois antigos membros da nossa igreja (que agora vivem na Flórida), martin e Carol, estavam noivos e cheios de expectativas para o futuro quando a filha única de martin, de 11 anos, foi assassinada em plena luz do dia. ela estava indo se encontrar com alguns amigos em uma pista de patinação. Já se passaram dezessete anos, e apenas recentemente as autoridades indiciaram o assassino. o cenário da vida deles foi abalado pelo efeito destruidor desse ato absurdo.

Não vivi nenhuma tristeza dessa magnitude em minha vida. entretanto, posso entrar, de algum modo -*las e crescer com elas.*

pelo menos, na experiência deles porque decidi entrar em minhas tristezas e em meus lutos. o que é universal é que todos nós vivemos tristezas e somos convidados a lamentá-las e crescer com elas.

O luto não é uma interrupção eu acreditava que o luto era uma interrupção, um obstáculo em meu caminho de serviço a Cristo. em resumo, eu o considerava uma perda de tempo que me impedia de “remir o tempo” (efésios 5.16) para Deus. “Supere isso”, murmurava silenciosamente para mim mesmo.

“Perdoe e esqueça, é isso que a Bíblia diz... é como Deus age!” eu costumava dizer isso.

Um dos grandes obstáculos do luto, pelo menos para mim, era que eu havia criado as situações que agora causavam tanta dor em mim e em outras pessoas da igreja. estava “colhendo o que havia plantado”. “então, de que adianta ficar triste por causa disso?”, lem-brava a mim mesmo. “Vamos consertar e seguir em frente.” Afinal, que direito eu tinha de sentir tristeza e frustração por causa da confusão que eu causara?

também ficava desconfortável com a minha falta de controle se me permitisse sentir depressão, raiva, tristeza e dúvidas em relação a Deus. Às vezes, eu me perguntava se Deus não soltara a direção do carro da minha vida enquanto ele descia um despenhadeiro. então, eu seguia em frente. incapaz de prantear, encobri minhas perdas durante anos e anos. eu odiava a ideia de perder o controle e ter de esperar tão desamparadamente por Deus. um dos motivos por que resistia a parar com todo ativismo é que não queria encarar a tristeza que me aguardava.

Nós, com frequência, também evitamos as interrupções de Deus, ou seja, as perdas em nossas igrejas.

Por exemplo, a igreja se muda para uma nova região e um novo prédio, entretanto há um grupo de pessoas resistindo à mudança. elas não se sentem bem e interpretam isso como um sinal de Deus de que não deveriam ter se mudado. Contudo, na realidade elas precisavam de tempo e oportunidade para lamentar a saída de um lugar no qual Deus fizera muitas obras maravilhosas. em vez de passarem sala por sala no antigo prédio, lembrando dos jovens que tiveram uma experiência com Deus em determinada sala, dos bebês que foram dedicados e dos casamentos celebrados no pequeno santuário, os sentimentos delas são vistos como rebelião ou falta de disposição para participar do próximo “mover de Deus”. De fato, o que elas precisam é de uma oportunidade para orar, para agradecer a Deus por todas as coisas boas que ele fez e dizer adeus.

Nós celebramos o Dia das mães e esquecemos de ser sensíveis aos casais estéreis ou às mulheres solteiras que consideram esse o domingo mais difícil do ano ao verem os seus sonhos de criança se desvanecerem mais e mais a cada ano.

Pessoas perdem um filho por um aborto, e as admoestamos a voltarem à vida normal o mais rápido possível.

Membros bons e fiéis da nossa comunidade se mudam para longe, e nos sentimos culpados por nossa tristeza e pesar. Compar-tilhamos isso com o nosso grupo caseiro, e as pessoas citam Filipenses 4.4 (“Alegrem-se sempre no Senhor. Novamente direi: Alegrem-se!”) ou 1tessalonicenses 5.18 (“Deem graças em todas as circunstâncias”).

Uma pessoa passa por um divórcio doloroso e rapidamente encontra outra companhia, pensando: “Não é maravilhoso que todas as coisas cooperam para o bem?” (romanos 8.28), sem nunca lamentar a enormidade da perda. Não temos certeza do que dizer ou fazer.

Um jovem de cerca de 20 anos começa a explorar o passado (princípio 2) e, pela primeira vez, encara o abuso e o abandono que sofreu por ter sido um órfão no sistema da cidade por dezoito anos.

Ele é imediatamente encorajado a esquecer e focar a sua intimidade com o seu Pai celestial e a sua nova adoção na família de Deus. Assim, ele acaba perdendo a maravilhosa oportunidade de remover um bloqueio em seu crescimento espiritual e emocional.

Evite o perdão superficial

O perdão não é um processo rápido. Não creio que seja possível perdoar de coração outra pessoa até que tenhamos permissão de sentir a dor do que foi perdido. As pessoas que dizem que o perdão é simplesmente um ato da vontade não compreendem o luto.

Quando Jesus nos perdoa, ele

não diz: “Bem, eles fizeram o melhor que podiam. Não podiam evitar”. ele não é imparcial e isento de emoções. Pelo contrário, Jesus verdadeiramente sente a nossa rebelião, a nossa teimosia, a nossa indisposição de recebê-lo enquanto ele está sozinho, preso na cruz e clama: “Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que estão fazendo” (Lucas 23.34).

O processo de perdão sempre envolve luto antes de largarmos o que estamos segurando — quer você seja a pessoa que concede o perdão, quer a que está pedindo perdão. Lembro-me claramente quando a congregação hispana que pastoreava se dividiu e 200 pessoas que eu pastoreava havia quatro anos deixaram a igreja. eu investira muito amor, suor, energia e oração para estabelecer a congregação. Faltava-me não apenas tempo, espaço e compreensão para lamentar a minha perda, mas descobri que, quanto mais tentava perdoar o líder por pura força de vontade, mais a raiva se intensificava. eu estava seguindo em frente, pregando, ensinando, liderando, edificando a igreja, mas interiormente era oprimido pela culpa de não conseguir perdoá-lo.

Lembro-me de um dos meus membros ter me confrontado com minha própria teologia: “Pastor Pete, você nos ensinou que, a menos que perdoemos nossos inimigos, Deus não nos perdoará nos céus. Por que você simplesmente não o perdoa e segue em frente?”.

Eu estava tão perturbado! Não entendia que pode haver um processo para perdoar. Não compreendia que era importante que primeiro eu reconhecesse a dor para que pudesse perdoar com maturidade, não superficialmente. Não compreendia que era uma jornada e, quanto mais profundo o ferimento, mais longa seria ela.

Não compreendia que perdoar com o coração é algo muito, muito difícil, que geralmente requer um milagre de Deus. Negar a realidade horrível e dolorosa do que ocorreu fazia que emergisse um ressentimento crescente para com a igreja e Deus.

Lewis Smedes resume os perigos do perdão superficial: “Nós não teremos atitudes de cura contra dores injustas até que nos apropriemos da dor que desejamos curar. Não é suficiente sentir a dor.

Precisamos nos apropriar da dor que sentimos: tenha consciência dela, assuma-a, tome-a para si [...].

Preocupo-me com pessoas que per-doam muito rápido. elas tendem a perdoar rapidamente para evitar a dor”.

Compreendo agora por que algumas pessoas em luto cometem pecados inconsequentes. elas não sabem o que mais podem fazer para escapar da dor da situação em que estão. elas não aprenderam a lamentar.

1. Fase um: prestar atenção
como parte do processo de luto

Elizabeth Kiibler-ross criou os famosos cinco estágios de resposta à morte: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação.

Embora esses estágios ajudem, recomendo que aprendamos com o modelo de Davi para responder ao luto e à perda, dividindo o processo em três fases distintas: prestar atenção, esperar durante o confuso período intermediário e permitir que o velho dê lugar ao novo.

Cada uma dessas fases precisa ser compreendida em relação às outras e como parte de algo maior e mais complexo do que aquilo que conseguimos entender plenamente.

Davi, o salmista da lamentação: um homem segundo o coração de Deus
Davi é conhecido por ser um homem segundo o coração de Deus (1Samuel 13.14; Atos 13.22). o que poucos percebem é quanto essas características estão relacionadas a como ele repetidamente prestava atenção à perda, à decepção e às ameaças de morte. Diferentemente do modo com que eu lidei com a dor da traição de minha equipe, Davi falava e cantava todo o tempo sobre suas diversas tristezas.

Por exemplo, Davi tinha profundo amor e respeito pelo rei Saul, embora Saul se sentisse ameaçado pela popularidade de Davi com as pessoas e o

tenha perseguido durante dez ou doze anos.

Davi também era o melhor amigo do filho de Saul, Jônatas. eles tiveram uma bela amizade por muitos anos, baseada em seu mútuo amor por Deus e pela verdade.

Durante o tempo em que Davi permaneceu no deserto, Saul e Jônatas foram mortos em uma batalha contra os filisteus. esse evento marcou o fim do reinado de mais de quarenta anos de Saul e o início do de Davi. Quando Davi ouviu a respeito das mortes, ele não seguiu em direção ao próximo acontecimento no plano de Deus (receber o trono de israel). em vez disso, ele lamentou. ele não podia pensar nos filisteus se regozijando.

Então, ele escreveu um poema — um lamento detalhado, belo e tocante sobre o horror do que ocorrera (2Samuel 1.17-27). “o seu esplendor, ó israel, está morto sobre os seus montes. Como caíram os guerreiros! [...] Saul e Jônatas, mui amados [...]” (2Samuel 1.19,23). ele se angustia sobre a catástrofe por três vezes: “Como caíram os guerreiros!”. Davi, consumido pela dor, dirige-se a Jônatas diretamente: “Como estou triste por você, Jônatas, meu irmão!”.

Ensine o povo de Deus a lamentar Davi até ordenou ao povo unir-se a ele e cantar as lamentações que ele escreveu: “Chorem por Saul, ó filhas de israel!”. Você consegue imaginar? Davi esperava que outros se unissem a ele e derramas-sem o seu pesar com lágrimas pela enorme perda pela qual israel passara. ele reconheceu que algo precioso em israel se fora e nunca retornaria.

Davi também ordenou que essa canção de lamento fosse ensinada aos milhares de homens de Judá (2Samuel 1.18). ele queria que eles aprendessem, memorizassem e cantassem como experiência deles, não apenas de Davi.

Quando foi a última vez que sua igreja cantou um lamento como esse, no domingo na adoração a Deus? Na verdade, quando é que você foi ensinado sobre a importância do luto e da perda e sobre como integrá-los na adoração

a Deus? Quando foi a última vez que você pregou ou ouviu uma mensagem sobre luto ou lamento?

Por que Davi forçava as pessoas a pararem e prestar atenção? Por que ele queria que elas expressassem tristeza pelas mortes de Saul e Jônatas? Por acaso não havia muito trabalho a ser feito agora que haveria uma transição para um novo governo?

Davi compreendeu quanto o luto é indispensável para a maturidade espiritual. Davi sabia que nos tornamos mais profundos se gastarmos tempo para lamentar as nossas perdas antes de seguir em frente. ele sabia como é importante para as pessoas estarem ligadas à realidade e não fugirem da dor.

Na New Life isso significou que precisávamos diminuir o ritmo.

Quando o meu papel como líder da equipe pastoral foi dado a outro, não dei importância. ele era mais capacitado do que eu para liderar e administrar. eu estava certo de que a equipe iria ficar animada. esqueci-me de que depois de muitos anos eles haviam se acostumado à minha liderança e presença em todas as reuniões da equipe.

IgrejaEmocionalmenteSaudavel_3a.indd 219
03/02/2014 13:30:49

Foi uma perda — maior para alguns do que para outros, dependendo de quanto tempo estavam na equipe e da história particular de cada um.

Aprendemos que, quando as pessoas saem da igreja ou se mudam, é importante parar e sentir a perda. Quando um sonho ou uma oportunidade ministerial não se realiza, é essencial que prestemos atenção a nossa vida interior mais profunda e sintamos a decepção diante de Deus. Quando as pessoas têm uma visão de realizar um programa ou ministério novo e não podem, elas precisam lamentar os seus limites e a sua humanidade diante de Deus.

Preste atenção ao livro de Salmos Ao longo da História, Salmos tem sido o livro mais popular da Bíblia, e isso por um bom motivo: há um “salmo

para cada suspiro".

Esse longo livro da Bíblia inclui salmos de adoração, de ações de graças, de sabedoria, de arrependi-mento e até mesmo salmos expressando dúvidas.

A maioria não é nada alegre.

Como escreve Bernhard Anderson, "os lamentos excedem em muito qualquer outro tipo de canções nos Salmos". mais da metade dos 150 salmos são classificados como lamentos. De acordo com a tradição, a maior parte deles foi escrita por Davi.

Os lamentos prestam atenção à realidade de que a vida pode ser difícil, dura e, às vezes, até mesmo brutal. eles comentam a aparente ausência de Deus. eles mencionam quando as circunstâncias parecem mostrar que Deus não é bom. eles clamam a Deus por con-solo e cuidado.

Os lamentos contendem com a lealdade e a fidelidade do amor de Deus (*hesed* em hebraico).

• "Minhas lágrimas têm sido o meu alimento de dia e de noite." (Salmos 42.3) • "Por que devo sair vagueando e pranteando, oprimido pelo inimigo?" (Salmos 43.2) • "Desapareceu para sempre o seu amor [*hesed*]? Acabou-se a sua promessa? esqueceu-se Deus de ser misericordioso?"

(Salmos 77.8,9) • "Puseste-me na cova mais profunda, na escuridão das profundezas. tua ira pesa sobre mim; com todas as tuas ondas me afligiste." (Salmos 88.6,7) Salmos apresenta a difícil questão: Já que Deus é bom e amoroso, por que ele não faz alguma coisa?

Preste atenção à dor muitos de nós assumiram a visão de nossa cultura que nega a dor do luto. talvez o modo mais popular da nossa cultura para não prestar atenção a nossas perdas e dores seja medicando-nos com algum vício. As pessoas usam trabalho, tV, drogas, álcool, comprar ou comer compulsivamente, escapadas sexuais, relacionamentos que não são saudáveis e até mesmo servir na igreja incessantemente, ou seja, usam qualquer coisa para amenizar as dores da vida.

Ano após ano, negamos e evitamos as dificuldades e perdas da vida, as rejeições e frustrações. As pessoas na igreja minimizam seus fracassos e decepções. o resultado para muitos é que hoje, pelo menos na próspera América do Norte, há uma incapacidade geral de encarar a dor, o que levou a um sentimento generalizado de superficialidade e a uma falta de profunda compaixão.

Nossa cultura transformou a tragédia e a perda em algo trivial.

todas as noites, nos noticiários, vemos cenas de crimes, guerras, fome, assassinatos e desastres naturais. eles são analisados e relatados, mas não há lamento.

Nossa capacidade nacional de lamentar está praticamente anu-lada. estamos ocupados demais tentando manter tudo como está e fazendo do nosso jeito. Quando uma perda entra em nossa vida, ficamos bravos com Deus e a tratamos como uma invasão alienígena do espaço sideral. Surpreende que haja tanta depressão em nossa cultura? Surpreende que haja tal explosão de drogas prescritas para depressão e ansiedade?

Essa situação não é bíblica e nega a nossa humanidade comum. os antigos hebreus expressavam fisicamente os seus lamentos ao rasgar as roupas e vestir sacos e cinzas. o próprio Jesus ofereceu orações e súplicas com clamores e lágrimas (Hebreus 5.7). Durante a geração de Noé, a escritura indica que Deus estava afligido com o estado da humanidade (Gêneses 6). Jeremias fez seis confissões ou lamentos em que protestou a Deus contra a sua situação. Depois da queda de Jerusalém, ele escreveu um livro inteiro da Bíblia chamado Lamentações.

“Para tudo há uma ocasião certa; há um tempo certo para cada propósito debaixo do céu”, inclusive “tempo de prantear” (eclesiastes 3.1,4). rejeitar as ocasiões de pranto e tristeza que vêm a nós significa viver apenas metade da vida. o que torna essa atitude especialmente trágica é que Cristo veio nos libertar para vivermos plenamente, não para escaparmos da realidade.

Siga o modelo de lamento de Jesus imagine Jesus, o "homem de dores" (isaías 53.3), nas seguintes situações:

• No túmulo de Lázaro, se Jesus não tivesse chorado (João 11.35), mas, pelo contrário, tivesse dito: "Vamos lá, pessoal!

Por favor, parem de chorar. Controlem-se. Vou cuidar disso".

• E se a sua oração por Jerusalém tivesse sido assim: "Queria reunir vocês como a galinha ajunta os seus pintinhos, mas vocês tomaram sua decisão, voltaram-se contra Deus. isso é muito ruim. Vou seguir em frente sem vocês".

• Ou, se quando Jesus estava na cruz, em vez de clamar "Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste?", tivesse grita-do para a multidão "Deus é maravilhoso! ele será vitorioso!

Louvem-no!".

Hebreus 5.8 nos revela que "ele aprendeu a obedecer por meio daquilo que sofreu". Assim é conosco.

Na escritura, a resposta divina não é nem fugir, nem encobrir.

O modelo e ensino é que devemos lidar honestamente e em oração com nossas perdas e decepções (grandes e pequenas) e com todas as emoções confusas que as acom-panham. A escritura nos ordena a prestar atenção. A lamentação é indispensável para uma espiritualidade completa.

Suspeito que Davi (o salmista) e Jeremias (o autor do livro de Lamentações) compreendiam essa tendência de não deixar que realidades difíceis e dolorosas entrem em nossa vida. Contudo, sabendo quanto as perdas são indispensáveis para mudarmos e crescer, eles escreveram canções e poemas de lamentação para cantarmos de geração em geração.

Preste atenção a mortes do passado Jesus definiu o processo de crescimento nestas palavras: "Se o grão de trigo não cair na terra e não morrer, continuará ele só. mas se morrer, dará muito fruto" (João 12.24). Jesus caracteriza a vida cristã como morte para que uma nova porta possa se abrir para uma vida radicalmente nova.

Contudo, primeiro precisa vir a morte. essa morte inicia-se participando do processo por vezes excruciante de prestar atenção. entretanto, se prestarmos atenção, algo novo irá nascer.

Bianca, por exemplo, era atormentada desde menininha por seus sonhos. ela se recorda de que tinha pesadelos sexuais desde os 11

Anos. ela se debatia e se revirava, sentindo-se suja. era ainda muito jovem para saber que os seus pesadelos eram resultado de anos sendo molestada e estuprada por um parente muito amado.

Ela cresceu sem perceber que era ansiosa, que não se sentia à vontade com a sua sexualidade e com a sexualidade dos outros. Ao longo dos anos, Bianca compartilhou com três pessoas o que acontecera com ela. Ninguém perguntou coisa alguma. uma delas comentou: “Bem, talvez ele estivesse só tentando”.

Ela estava consciente do abuso sexual. ela não o enterrou. ela não precisava se lembrar; ele estava sempre lá.

Em 1989, Bianca começou a trabalhar para o Conselho de educação no maior distrito escolar da cidade de Nova York, em uma escola na qual 95% da população estava abaixo da linha da pobreza.

Os seus pesadelos retornaram como uma vingança. A falta de proteção e segurança na vida de alguns dos seus alunos evocaram imagens horríveis da sua própria infância. Seus sonhos mais uma vez estavam cheios de violência, estupro e ansiedade. A insônia se instalou.

Na época, ela já era cristã havia doze anos, participando fielmente de estudos bíblicos e reuniões de oração. mesmo assim, a sensação de tristeza que sempre permeou sua vida ficou insuportável.

A igreja estava interessada em sua força e em seu serviço. ela era agraciada com tantos dons. mas não conseguia compartilhar que estava morrendo interiormente. Ninguém na liderança apresentara um modelo de vulnerabilidade, fraqueza, confusão ou dor extrema.

tudo era “Louve a Deus, porque ele é bom”.

Ela estava servindo a um Deus em quem não confiava, um Deus que parecia estar distante e que se interessava somente por sua força.

Muitos domingos ela chorava por um longo tempo, imaginando que seus filhos teriam de visitá-la debaixo de algum viaduto porque ela acabaria como prostituta. ela questionava que uma vida tão destruída pudesse ser restaurada. Secretamente, ela se perguntava como Deus podia ter visto aquelas noites de morte e abuso e não agido para protegê-la.

Por puro desespero, Bianca procurou um lugar seguro para falar sobre sua dor, por meio de um amigo que encontrou um conselheiro cristão. Ali ela começou a explorar e lamentar a destruição da sua integridade quando era uma menininha. ela penetrou no caos e na escuridão da morte da sua infância nas mãos desse parente. As comportas foram abertas. As coisas pareciam apenas piorar à medida que seus sentimentos e a ira adormecida explodiram em ódio e depressão.

Ela respondeu a um apelo em sua igreja para pessoas que foram abusadas sexualmente no passado. ela começou a compartilhar o seu inferno com algumas pessoas próximas, amigos em quem confiava no corpo de Cristo. ela parou de trabalhar tanto para conseguir a aprovação de Deus e começou a compreender o amor e a graça do evangelho. esses eventos levaram anos.

Bianca tem um vazio na alma que nunca irá embora. Algo morreu nas mãos de seu abusador que ela não poderá recuperar. Contudo, ela está em uma jornada em direção à restauração. É um processo.

Questões relacionadas a abuso sexual surgem de vez em quando e, às vezes, ela como que paralisa. injustiças com crianças, por vezes, mexem com suas memórias dolorosas.

Bianca, porém, está caminhando, amando e servindo a Cristo.

A sua jornada lhe proporcionou profundidade e clareza no evangelho como poucas pessoas. ela traz ensinos e revelações de muitas formas pequenas e poderosas na New Life — por meio da dança, da participação

em grupos caseiros e dos dons de sabedoria, para que nossa "teologia possa ser clara" como Bianca a descreve.

2. Fase dois: espere durante o confuso período intermediário

Contudo, existe no padrão que Deus estabeleceu para nós na pessoa de Jesus um período "intermediário". É o período entre a cruz da Sexta-feira Santa (ou seja, a morte de Jesus) e o Pentecoste (a revelação do novo dia). os discípulos estavam confusos e espan-tados, mesmo depois da ressurreição. A compreensão que tinham de Deus, dos seus planos e do próprio futuro deles estava passando por uma transformação radical. eles estavam morrendo para o velho a fim de abrir caminho para o novo.

O professor de teologia e escritor Walter Brueggeman disse que os salmos podem ser divididos em três tipos — orientação, desorientação e reorientação. 1) o primeiro tipo são canções de *orienta-*

ção em que desfrutamos de Deus, da criação e das suas bênçãos, deleitamo-nos em sua bondade e desfrutamos de uma maravilhosa sensação de bem-estar e alegria nele. 2) o segundo tipo são canções de *desorientação*, épocas de dor, sofrimento e mudança, escritas quando tudo parece estar desmoronando e nos perguntamos o que está acontecendo. esse é o confuso período intermediário quando, muitas vezes, sentimos dúvida, ressentimento, isolamento e desespero. 3) o terceiro tipo são salmos de *reorientação,* quando Deus aparece e faz algo novo. É nesse momento que a alegria surge em meio ao desespero.

Esses movimentos não são defi-nitivos, mas se repetem inúmeras vezes ao longo da vida. Bianca canta todos os três tipos, repetidamente.

Contudo, de forma concreta, o que isso significa?

Por quase quatro anos, nós na New Life Fellowship Church oramos e economizamos para comprar o prédio que alugávamos havia oito anos. era um clube de mais de 5.500 metros quadrados no centro do Queens, na cidade de Nova York. estrategicamente, parecia perfeito para nossa missão.

tudo estava correndo muito bem, mas, na última hora, uma grande incorporadora apareceu e fez uma proposta que não podíamos cobrir. De repente, deixamos de ter um glorioso futuro com sonhos de servir a Nova York e além e passamos a sem-teto com um período de apenas seis meses para encontrar um novo local. Foi um golpe para a congregação, principalmente para a liderança que investira tanto tempo e energia na compra.

Muitas pessoas ficaram confusas, zangadas, feridas e decepcionadas com Deus. A minha primeira reação foi espiritualizar a situação e controlá-la. eu queria "consertar" a dor dessa interrupção. onde Deus estava? Por que ele não respondera a nossas orações? onde estava a sua resposta a nossas orações?

A igreja entrou em um período de desorientação, uma "noite escura da alma" que durou muitos meses. Lembro-me das palavras de Leighton Ford, um dos meus mentores: "Pete, lembre-se de que o período mais importante é entre os sonhos, não os sonhos em si".

Durante aquele tempo, uma sensação de cansaço, impotência, fracasso e derrota desceu sobre nós. Parecia que nossas orações já não adiantavam. Não conseguíamos mais ver o que Deus estava fazendo, e havia poucos frutos visíveis. Fomos forçados, contra a nos-sa vontade, a esperar.

Outro prédio, maior, mais barato e com mais espaço para estacionamento, foi posto à venda nesse período. oramos com o conselho de presbíteros e percebemos que ele nos afastaria do nosso chamado no coração da parte mais problemática do Queens.

Esperamos.

Ao longo dessa experiência, Deus fez algo profundo em nós. ele removeu mais um pouco da "independência" e "teimosia" e nos levou a um lugar mais profundo de paz e descanso verdadeiros em sua vontade. o acordo da incorporadora com os donos do prédio ruiu, e pudemos comprar o prédio dois anos mais tarde.

Pensamos que a espera fosse um parêntese. mas não era. Deus estava trabalhando, só que não conseguíamos ver.

Às vezes, durante períodos intermediários confusos, nós nos rebelamos em vez de acolher o período de espera em que estamos.

A tentação de fugir de Deus, desistir, cair em desespero é maior quando parece que Deus está ausente. A boa notícia é que, mesmo nesse lugar, Deus nos encontra.

O luto e o discipulado na igreja em primeiro lugar, e mais importante, o modo de integrar esse novo paradigma sobre o luto é *parar* e *prestar atenção* a suas perdas, grandes e pequenas, tanto do passado quanto do presente. Se essa ideia é nova para você, recomendo que separe um dia para estar com Deus e escrever e orar sobre eventos significativos do seu passado que, talvez, você não tenha lamentado. Permita-se sentir. Diminua o ritmo da sua vida. Lembre-se de que as suas perdas não são algo a ser "superado", mas são de grande valor para Deus e sua espiritualidade.

Em segundo lugar, comece a capacitar as pessoas, principalmente aquelas que estão ajudando e servindo, a identificar e refletir sobre perdas na vida delas e dos outros. A igreja está em uma posição única entre todas as profissões de socorro, pode estar com as pessoas em momentos críticos da vida, mortes, casamentos (deixar de ser solteiro, tendências familiares passadas), doenças graves, cerimônias de casamento, divórcios, aposentadorias e mudanças geográficas.

Esses são momentos do discipulado para auxiliar as pessoas a saírem da nossa cultura que amortece a dor e permitirem-se sentir a desorientação em sua vida. infelizmente, muitas pessoas que sofreram abuso no passado nunca tiveram permissão de prantear sua dor.

Em terceiro lugar, ensine os salmos para que as pessoas tenham uma base bíblica e uma estrutura de luto. Preguei uma série de catorze semanas sobre diferentes tipos de canções no livro de Salmos.

Cantamos e estudamos salmos de adoração, salmos de ações de graças, salmos de lamento, salmos de sabedoria, salmos de verdade e salmos sobre os pobres e oprimidos. Depois, convidei todos na congregação para escreverem seus próprios salmos ou poemas com base em suas experiências pessoais com Deus ao longo da vida. Não ficamos surpreendidos quando recebemos um grande número de lamentos escritos para Deus.

Finalmente, no mentoreamento de pessoas, individualmente ou em pequenos grupos, faça uma linha do tempo simples desde o nascimento até o momento atual. Peça a eles que identifiquem e descrevam dificuldades significativas ou acontecimentos tristes em sua vida. em um momento você pode aprender mais sobre a alma dessa pessoa e sua vida com Deus do que poderia em um ano.

Lembre-se da pilha de compostagem Agora, o que me capacita a permanecer fiel em períodos intermediários de desorientação é a verdade poderosa de que Deus usa todas as coisas para o nosso bem, para a sua glória e para o bem dos outros.

John milton em *Paradise Lost* [*Paraíso perdido*] compara o mal da História a uma pilha de compostagem — uma mistura de substâncias em decomposição como excremento animal, cascas de frutas e vegetais, cascas de ovos, folhas mortas e cascas de bananas. Se cobrir isso com terra, depois de algum tempo cheira muito bem.

O solo torna-se rico, um fertilizante natural que é excelente para

cultivar frutas e vegetais, mas você precisa estar disposto a esperar, em alguns casos, durante anos.

O ponto defendido por milton é que os piores acontecimentos da história humana, os que não conseguimos compreender, o próprio inferno, são apenas pilhas de compostagem no maravilhoso plano eterno de Deus. Do maior mal, a morte de Jesus, veio o maior bem. Deus transforma o que era mal em algo bom, sem diminuir o horror do mal.

3. Fase três: Permita que o velho dê lugar ao novo

Algumas pessoas acolhem o luto mais prontamente que outras.

Eu não gosto de prantear. Na verdade, tento evitar. mas os enormes benefícios me encorajam a seguir os passos dos grandes santos de antigamente.

Mudanças que surgem com o choro Alterações surpreendentes e mudanças interiores são resultado de seguirmos esse estranho caminho descendente para o pranto.

E torna-se evidente a razão de Jesus ter ensinado: "Bem-aventurados os que choram, pois serão consolados" (mateus 5.4).

Como resultado do choro, algo novo começa a nascer, ocorre uma mudança:

• Temos mais capacidade de esperar em Deus e de nos rendermos a sua vontade. o lamento rompe algo em nossa vontade temerosa que quer controlar o universo para Deus.

• Ficamos mais gentis e compassivos. A tristeza amolece nossas defensas, e as pessoas nos consideram mais confiáveis.

Henri Nouwen afirma acertadamente que o grau em que lamentamos nossas perdas é o grau da nossa compaixão.

"Não há compaixão sem muitas lágrimas [...]. A fim de tornar-me como o Pai cuja autoridade única é a compaixão, tenho de derramar incontáveis lágrimas e assim preparar o meu coração para receber qualquer um, qualquer que seja a sua jornada e perdoá-lo de coração. Ao absorver nossa própria dor, somos capazes de nos associar à dor dos outros".

• Somos menos invejosos e menos idólatras. Arranca-se da vida a ostentação e o que é supérfluo. Ficamos mais aptos a nos livrar das coisas que não são importantes e que os outros desejam tão desesperadamente.

• Ficamos livres de ter de impressionar os outros. Podemos seguir o plano de Deus com nova liberdade porque já não somos tão motivados a agradar as pessoas.

• Podemos conviver mais confortavelmente com o mistério em relação a Deus e a seus planos. Não temos medo de dizer “eu não sei” e de viver no “desconhecimento santo”.

• Somos caracterizados por maior humildade e quebrantamento.

• Desfrutamos de uma nova e vívida apreciação da santidade na vida como um todo — as estações que mudam, o vento, o cair das folhas, os feriados, outras pessoas.

• Temos menos medo e maior disposição de correr riscos.

• Sentimos a realidade do céu de forma nova, compreen-dendo mais plenamente que somos apenas estrangeiros e hóspedes na terra.

• Ficamos mais sensíveis aos pobres, às viúvas, aos órfãos, aos marginalizados e aos feridos. Nós os compreendemos.

• Sentimo-nos mais à vontade conosco e com Deus.

Lamentar nossas perdas nos transforma de maneiras notáveis e faz o processo valer a pena. Camadas de fingimento são derrubadas.

Algo mais verdadeiro, ou seja, Cristo em nós, lentamente começa a aparecer. Surgem novas possibilidades — para nós e todos aqueles que tocamos com nossa vida.

Magda acolhe o luto e a perda magda é uma mulher filipina de cerca de 60 anos. ela irradia o calor de Cristo de forma extraordinária. Contudo, seu caminho até aqui tem sido longo e árduo.

Quando criança, nas Filipinas, durante a Segunda Guerra mundial, ela testemunhou atrocidades que estarreceram sua alma infantil — fome, tortura, bombardeios. ela se lembra vividamente de que, aos 6 anos, fugiu dos japoneses cruzando montanhas durante semanas. Ao ser entregue para uma tia, sofreu perdas inomináveis.

Casou-se aos 22 anos e deu à luz nove filhos. Desejando proporcionar uma vida melhor para os seus filhos, ela os deixou e mudou-se para os estados unidos para ser enfermeira. Sua esperança era trazê-los dentro de um ano. mas dez anos depois ela ainda estava lutando para conseguir que

sua imigração fosse aprovada. ela viu os filhos, com idades entre 6 e 14 anos, em média, uma vez a cada dois ou três anos. Por fim, todos eles puderam emigrar.

Em 1987, viajando em uma autoestrada de ohio com suas filhas gêmeas e o futuro genro, o motorista dormiu momentanea-mente e bateu. Sua filha de 21 anos, que planejava viajar numa missão para jovens, morreu instantaneamente, bem como o noivo da outra filha. A própria magda esteve em estado crítico por semanas. ela implorou ao médico que a deixasse pelo menos ver um vídeo do velório e funeral da sua filha, mas ele recusou porque ela estava fraca demais.

Então, em 2001, outro filho, com 36 anos, também morreu inesperadamente durante um treinamento físico no exército, deixando a esposa e três filhos. ele estava na marinha americana por dezessete anos e planejava tornar-se pastor quando seu tempo na marinha terminasse.

Magda descreve como sobreviveu a tantas perdas catastróficas: “olho para Jesus na cruz e vejo que ele sofreu mais do que eu. ele suportou tamanha dor e tamanho sofrimento porque amava a humanidade. eu também posso. Quero retribuir alguma coisa.

Deus me fez mais sensível à dor e ao sofrimento de pessoas que experimentaram a morte, e eu posso ser a mão amorosa de Deus.

Peço: ‘Senhor, ajuda-me a dizer o que queres dizer e que eu seja a tua boca e as tuas mãos. então, as pessoas te conhecerão em meio ao sofrimento’ ”.

Hoje ela lidera um grupo para pessoas que estão sofrendo e serve a muitos outros, tanto na igreja como fora dela. ela penetra na dor das pessoas, mostrando-lhes como lamentar devidamente e conectar-se não apenas consigo mesmas, mas acima de tudo com Deus.

Siga a linha que leva à compaixão divina

O caminho do lamento bíblico é um grande dom que podemos oferecer a nós mesmos e aos outros. todavia, sinto com frequência como se isso só

fosse piorar as coisas — como se não devêssemos estar seguindo esse caminho. Permita-me encorajar você a seguir a linha, a seguir o caminho de Deus. ele conduz à vida.

George macDonald, no livro *The Princess and the Goblin* [A princesa e o Goblin] conta a história de uma princesinha de 8

Anos que vivia sozinha em um pequeno palácio em uma grande montanha. Dentro da montanha vivia uma raça de gnomos que odiava o rei (pai da princesa) e seu lamento bíblico e seus descendentes (a princesa). então, eles planejaram raptá-la e destruí-la.

Contudo, a avó da menina sabia que ela corria grande perigo e lhe deu um anel com uma linha presa a ele. A princesa não conseguia ver a linha, mas conseguia senti-la.

— mas, lembre-se — instrui a avó —, pode parecer um caminho muito cheio de voltas, mas você não deve, de modo algum, duvidar da linha.

A linha persistentemente conduz ao oposto do que a princesa espera.

Ela começa por dirigi-la montanha acima até um buraco em total escuridão. À medida que ela rasteja mais e mais para dentro da escuridão do grande buraco na montanha e em meio a passagens estreitas, ela se pergunta: “Será que um dia sairei daqui? ”.

Finalmente, ela é conduzida a um grande monte de pedras. ela grita. Chora. A linha segue em direção às pedras, por isso ela começa a removê-las uma a uma até que encontra o seu bom amigo que estava preso atrás delas. enquanto tentam achar o caminho que leva para fora do labirinto dentro da montanha, ele chega à conclusão de que ela os está levando em uma direção em que nunca escaparão da escuridão.

A princesa sussurra: — Sei disso, mas esse é o caminho que a linha segue, e eu devo segui-la.

Embora siga em direção oposta a seus instintos naturais, a princesa obedece e segue a linha. ela não teme o perigo, mas está contente e calma.

Por quê? ela sabe que a sua sábia avó a está guiando com a linha. Por fim o plano dos gnomos é revelado e destruído.

Como afirmei anteriormente, lamentar segue na direção contrária de nossa cultura. entretanto, ele é a linha colocada por Deus na escritura.

É muito diferente da nossa cultura e muito diferente do modo em que muitos de nós têm vivido com Deus. mas se seguirmos, Deus nos assegura de que derrotará os gnomos em nosso favor e nos conduzirá a novas ressurreições.

Acima de tudo, a igreja, depois de ter aprendido a absorver e crescer com a dor, dará o precioso fruto da compaixão divina para com os outros. A capacidade de acolher as nossas perdas e lamentar nos preparará para amar as pessoas como Jesus amou. então, seremos capazes de moldar a nossa vida eficaz e autenticamente de acordo com a encarnação, o que nos conduz ao próximo capítulo — "Faça da encarnação o seu modelo de amor".

PriNCíPio 6: FAçA DA eNCArNAção o Seu moDeLo De Amor em igrejas emocionalmente saudáveis, as pessoas seguem o modelo de Jesus intencionalmente. elas têm como objetivo amar como ele amou, reconhecendo que a marca indispensável da maturidade espiritual não é reconhecimento, números, dons espirituais nem conhecimento bíblico. A essência de uma vida espiritual genuína é amar — a Deus, a nós mesmos e às outras pessoas. elas se comprometem a seguir as três dinâmicas da encarnação presentes na vida de Jesus a fim de amar as outras pessoas: entrar no mundo do outro, permanecer você mesmo e viver entre dois mundos.

Agora é a hora

Era o ano de 1963. A cidade era Birmingham, Alabama. escolas, banheiros, parques, bebedores e ônibus eram todos segregados pela lei. o reverendo martin Luther King Jr. chegara à cidade para conduzir uma manifestação pacífica, sem violência contra a injustiça social na cidade.

Contudo, o delegado da cidade conseguiu um mandato judicial tornando a marcha ilegal.

Martin Luther King Jr. sabia qual seria o preço de marchar.

Mesmo assim, ele prosseguiu, e foi levado para a prisão. Na terça-feira, 16 de abril de 1963, recebeu uma cópia do jornal de Birmingham.

O jornal continha uma carta de oito pastores e um rabino endereça-da a ele. eles argumentavam que martin Luther deveria ter sido mais paciente. A sua resposta, agora famosa e parte da literatura americana, chama-se “Carta de uma prisão de Birmingham”.

talvez seja fácil para aqueles que nunca sentiram os dardos perfurantes da segregação dizer “espere”. mas, quando você viu um bando de perversos lincharem mães e pais à vontade e afogar suas irmãs e seus irmãos a seu capricho; quando você viu policiais cheios de ódio amaldiçoar, chutar, maltratar e até matar seus irmãos e irmãs negros com impunidade; quando você vê a vasta maioria de seus 20

Milhões de irmãos negros sufocando-se em uma jaula hermética de pobreza em meio a uma sociedade de abundância; quando você de repente descobre a língua travada e a fala gaga ao tentar explicar à irmã de 6 anos por que ela não pode ir ao parque de diversões público cuja propaganda acabou de passar na televisão e vê lágrimas caindo dos seus olhos quando lhe é dito que Funtown está fechado para crianças negras, e vê ameaçadoras nuvens de inferioridade começando a se formar na pequena mente e a vê começar a distorcer a personalidade ao desenvolver um rancor inconsciente contra as pessoas brancas; [...] quando você faz uma viagem e precisa dormir noite após noite no desconforto do carro porque nenhum hotel o aceita; quando você é humilhado todos os dias por placas irritantes dizendo “branco” e “negro”; quando o seu nome passa a ser “neguinho” (não importa a idade) [...] e quando sua mãe e sua esposa nunca são chamadas de senhoras; quando você é perseguido de dia e assombrado à noite pelo fato de ser negro, vivendo constantemente na ponta dos pés, sem saber

exatamente o que esperar em seguida, e atormentado por medos interiores e ressentimentos exteriores; quando está sempre lutando contra uma sensação degradante de “ser um ninguém” — então você entenderá por que achamos difícil esperar.

O objetivo do dr. King era claro: ele estava desesperada e apaixonadamente tentando fazer que os líderes cristãos daquela cidade se colocassem no lugar de um afro-americano. Você já deve ter ouvido o ditado dos índios norte-americanos, “Para entender verdadeiramente outros seres humanos, primeiro precisamos andar uma milha em seus sapatos”. o dr. King entende que primeiro as outras pessoas precisam tirar os próprios sapatos antes de compreender o que é a vida de um afro-americano nos estados unidos em 1963.

Ele está tentando ensinar-lhes sobre encarnação. esta é uma lição difícil de ser aprendida.

Mudança para a cidade Nova York

Com um desejo de encarnar, Geri e eu nos mudamos há quase vinte e cinco anos para Nova York para ali criar nossa família. Demos adeus ao que poderia ter sido uma vida confortável de classe média no subúrbio e mudamos para o mundo complexo, multiétnico e congestionado do Queens.

Na pequena quadra em que vivemos pelos últimos treze anos, tivemos, como vizinhos, viciados em drogas, prostitutas, órfãos, viúvas, viúvos, mães solteiras, um homem de 55 anos que trabalhava como figurante em filmes, afro-americanos, cipriotas, coreanos, chineses, hispânicos, solteiros, casados e aposentados. Durante a maior parte da sua vida, nossas filhas têm sido uma minoria racial na igreja, na escola e na vizinhança.

Nós acreditamos na encarnação de Jesus Cristo, que ele era plenamente Deus e plenamente homem. mas nunca compreendemos realmente o que significava encarnar — até poucos anos atrás. Geri e eu não sabíamos como tratar um ao outro, que dirá com nossos vizinhos e na igreja.

Percebi por experiência que praticamente todos os líderes cristãos que conheci pensam, assim como eu pensava, que compreendem o ministério da encarnação.

São Basílio, bispo de Cesareia no século iV, escreveu: “Anunciações são frequentes e encarnações são raras”. em outras palavras, anúncios arrojados do que Deus está fazendo ou dizendo são comuns. Já pessoas que seguem a humildade de Jesus são muito mais difíceis de encontrar.

Agora, eu entendo a razão; é muito mais custoso e contracultural, mesmo entre os cristãos.

Veja o amor de Jesus como encarnação

O significado de ser um discípulo pode ser mais bem compreendido se relacionado ao insondável mistério da encarnação.

Deus assumiu a carne humana. o infinito Criador e Sustentador do universo limitou-se ao confinamento da História e do corpo humano. “Aquele que é a Palavra tornou-se carne e viveu entre nós” (João 1.14). ou como traduz *A Mensagem*: “A Palavra tornou-se carne e sangue, e veio viver perto de nós”.

Deus invadiu o nosso planeta e transformou-o para sempre.

Deus encarnou. ele assumiu a carne humana de uma forma chocante, concreta, nova e fisicamente tangível. Deus sabia que não havia forma melhor de revelar-se aos seres humanos do que entrando completamente no mundo deles — física e emocionalmente.

Deus se tornou carne e osso por nós. ronald rolheiser ilustra muito bem o porquê: Conheço uma história maravilhosa sobre uma menina de 4 anos que acordou assustada uma noite — convencida de que na escuridão ao redor havia todos os tipos de fantasmas e monstros. Sozinha, ela correu para o quarto dos pais. A sua mãe a acalmou, tomou-a pela mão, levou-a de volta ao quarto, acendeu uma luzinha e tranquilizou a criança com estas palavras: — Você não precisa ter medo, não está sozinha. Deus está no quarto com você.

A criança retrucou: — Sei que Deus está aqui, mas precisava de alguém de carne e osso neste quarto!

Deus sabia que precisávamos da sua carne, não apenas do conhecimento de que ele está em todo lugar. As pessoas hoje estão desesperadas por "carne" — por serem amadas, por alguém que encarne nelas. Por isso pagam 200 até 300 dólares por hora com um terapeuta, alguém que as ame, entre no mundo delas, alguém que se importe.

Hoje, Deus ainda tem um corpo físico e pode ser visto, tocado, ouvido e provado. Como? Por meio do seu Corpo, a igreja, em que ele habita. Somos chamados, em nome de Jesus e pela habitação do espírito Santo, a sermos seu Corpo para as pessoas ao redor.

É mais fácil falar do que fazer uma vizinha veio conversar comigo na época em que estava trabalhando neste manuscrito. ela estava deprimida e tinha pensamentos suicidas. tinha cerca de 25 anos, não terminara o ensino médio, não trabalhava nem tinha vida social. ela se perguntava se ficaria sozinha pelo resto da vida. estava terrivelmente cansada de tudo.

Ela era portadora de uma incapacidade física e estava começando a perceber como estava presa ao ambiente insalubre da sua casa. ela chorou um pouco em nosso sofá.

Quanto mais ela falava e eu escutava, fazendo perguntas ocasionais, mais eu podia ver as partes quebradas, destruídas do seu mundo e sentir a profundidade da sua agonia. eu nem mesmo sabia por onde começar a "consertá-la" e resolver seus problemas.

Mas ela não estava pedindo conselhos. Ansiava que eu me unisse a ela e visse como o mundo era difícil quando me colocava em seu lugar. Para ela, aquele mundo parecia opressivo e assustador. ela queria que eu ouvisse e estivesse disponível.

Ela aceitara Cristo no último ano e agora participava regularmente do estudo bíblico e da igreja. tenho certeza de que o pequeno grupo está alegre

por ela estar lá. Sem dúvida, seus participantes, assim como eu, estão orgulhosos por ela ter se tornado cristã.

No entanto, será que alguém tem alguma ideia do que se passa em sua vida, a dor, agonia, a solidão? Alguém se importa? A pergunta mais ampla é: eu realmente me importo? recordo-me daquela voz pungente que uma vez me disse em tantas palavras: “Pete, enquanto o seu Deus não for afeto, contato e compaixão, acho que vou continuar sendo agnóstico”.

O conflito entre a igreja contemporânea e o ministério da encarnação
Quando me tornei cristão, sentia um peso esmagador para que meus amigos e minha família conhecessem o amor de Deus em Cristo. A mensagem do perdão e do amor incondicional de Deus punha meu coração em chamas.

O que iniciou com tanta pureza, com o tempo ficou parcialmen-te poluído. Aprendi sobre oração, estudo bíblico, evangelismo e sobre fazer discípulos. mais tarde, aprendi sobre liderança, pregação, pastoreio e sobre multiplicar líderes. eu pastoreava pessoas para Cristo da melhor forma que podia e procurava conduzir as pessoas à verdade sobre Deus.

Contudo, a minha ênfase estava em “ir e fazer discípulos” e no crescimento da igreja. eu precisava que as pessoas respondessem.

Não que fossem “troféus”, mas havia algo que eu precisava que elas fossem e fizessem de forma que eu pudesse cumprir a missão de Cristo com mais eficácia. Havia um mundo inteiro lá fora que precisava de Jesus Cristo — igrejas para serem implantadas, pessoas para ser treinadas, pessoas pobres para serem alimentadas.

Ficou difícil distinguir entre amar as pessoas por quem eram *versus* usá-las no que podiam ajudar na missão. Será que eu precisava que essas pessoas se convertessem a Cristo para edificar a igreja ou o meu programa? ou eu poderia me deleitar nelas simplesmente como seres criados à imagem de Deus? eu estava tão profundamente envolvido em fazer a obra de Cristo que ficou impossível distinguir a linha divisória. Seja como for, eu não tinha mesmo tempo para descobrir. Havia tanto a ser feito!

Não me lembro de a encarnação ser apresentada como modelo decisivo do que significa ser um cristão ou como modelo de liderança.

Eu não sabia como fazer, o que significava ou como seria de forma prática. ela não fazia parte do currículo do seminário. A ênfase era *Ficou difícil distinguir* aprender para que eu pudesse ensi-entre amar as pessoas nar a outros. Portanto, "ensinar e *por quem eram* versus instruir", não "ouvir e aprender", *usá-las no que podiam* era o comportamento dominante *ajudar na missão.*

Esperado de líderes treinados. eu entrava no mundo das pessoas apenas o suficiente para transformá-las, não necessariamente para amá-las.

A distinção pode parecer pequena, mas na realidade é enorme.

Antes de morrer, o sacerdote católico Henri Nouwen pôs em palavras a luta que creio ser de muitos de nós. Há uma voz que diz para ser bem-sucedido e realizar. essa voz foi a que Nouwen disse ter atendido durante a maior parte da vida. ele ensinou em Notre Dame, Harvard e Yale. em média, escrevia mais de um livro por ano. Seu cronograma de pregações e ministério ameaçava constantemente sufocar sua vida espiritual. A outra voz era a de Deus, dizendo-lhe que ele era amado incondicionalmente. ele não tinha nada a provar. essa voz lhe dizia que o objetivo do ministério era reconhecer a voz do Senhor, sua face e seu toque em cada pessoa que encontrasse. Somente nos últimos dez anos de vida, disse ele, ele realmente ouviu essa segunda voz. Para Nouwen, a transição ocorreu quando ele resignou ao posto de professor de Harvard e aceitou uma posição como pastor da Comunidade de L'Arche para pessoas mentalmente incapacitadas, perto de toronto, no estado de ontário, Canadá.

Com as múltiplas demandas e a pressão constante sobre a nossa agenda superlotada, fica difícil ouvir essa segunda voz.

Faça mais do que apenas entrar
no mundo físico da outra pessoa

Passei três anos na equipe da InterVarsity Christian Fellowship, uma organização cristã que trabalha com afro-americanos e hispanos, participando de igrejas em que eu fazia parte da minoria e tentando entender o mundo deles.

Passei quatro meses nas Filipinas trabalhando com estudantes universitários no início da década de 1980 e um ano na Costa rica, América Central, em 1985. A minha compreensão da encarnação naquela época aplicava-se, na maioria, a contextos transculturais.

Eu ia, imergia totalmente na cultura e tornava-me "um" com as pessoas. Quando Geri e eu nos mudamos para a Costa rica, nós, de fato, encarnamos. Comíamos a comida deles, arroz e feijão três vezes por dia e carne uma vez por semana. Aprendemos a língua deles.

Celebrávamos os seus costumes e tradições e vivíamos em uma comunidade pobre como as pessoas comuns. o nosso quarto era pequeno e espartano. morávamos com uma família grande, sacrificando nossa privacidade e necessidade comum de espaço. A casa ficava em cima de uma carpintaria que cuspia serragem pelos buracos do piso às 6 da manhã em ponto de segunda a sábado.

Deixamos nosso mundo física e culturalmente. Deixamos o que nos era confortável e familiar. Geri dizia com frequência: "isso é difícil, e tudo o que fiz foi deixar os estados unidos. Jesus trocou o céu pela terra!" .

Na época, porém, não compreendíamos os princípios da saúde emocional como estão descritos neste livro. isso limitava severa-mente a nossa habilidade de entrar no mundo de alguém.

• Não sabíamos olhar além da superfície da nossa vida.

Como poderíamos compartilhar coisas que nunca exploráramos?

• Éramos incapazes de articular as respectivas histórias da nossa infância e como elas impactaram o nosso presente. Como iríamos sondar e explorar a jornada singular de outras pessoas quando não consideráramos seriamente a nossa própria?

• Não estávamos andando em quebrantamento e vulnerabilidade. estávamos sobrecarregados de defesas.

• A nossa falta de compreensão dos limites fez-nos ir além do que Deus pedira, levando muitas vezes ao ressentimento para com os outros.

• E não sabíamos como lamentar com as pessoas em suas dores e perdas. Nunca havíamos pranteado as nossas próprias perdas.

Aprender a encarnar é o sexto princípio de igrejas emocionalmente saudáveis porque ele pressupõe progresso nos outros cinco.

À medida que estou amadurecendo nos cinco primeiros princípios é a medida em que serei capaz de amar.

As três dinâmicas da vida encarnada

Em um nível, a encarnação nos chama a sair de nossas zonas de conforto literais, físicas, para encontrar as pessoas onde elas estão.

Por esse motivo, nossa igreja permanece em uma área densamente povoada como é elmhurst, Queens. Sessenta por cento de nossa comunidade não tem seguro de saúde. muitas pessoas vivem abaixo da linha da pobreza. essa situação nos levou, ao longo dos anos, a investir grande quantidade de tempo, energia e dinheiro na criação de uma clínica médica, uma dispensa de alimentos e uma variedade de outros ministérios para servir à comunidade. também enfatizamos a questão de levar o ministério para as ruas, quer na forma de eventos de adoração, quer na forma de atividades para crianças, quer na forma de eventos para alcançar pessoas.

Esse nível, entretanto, é na realidade o aspecto mais fácil da prática da encarnação. A vida de Jesus nos ensina as três dinâmicas do que significa encarnar a fim de amar outras pessoas: entrar no mundo do outro, permanecer você mesmo e viver entre dois mundos.

todas as três, embora distintas, ocorrem simultaneamente. então, para que a verdadeira encarnação ocorra, seja com um vizinho, colega de trabalho,

colega com quem discordamos, seja com o cônjuge, os pais ou um filho, todos os três componentes precisam estar presentes.

1. Entre no mundo do outro

Nossa experiência em direção à encarnação mais autêntica e dramática aconteceu inesperadamente.

Na verdade, aprendi quando tínhamos dez anos de casados. Geri e eu aprendêramos uma técnica simples para ouvir, chamada escuta recíproca. (Aprendi algo semelhante na faculdade, mas não apliquei.

Agora, eu entendo a razão: é simples de entender, difícil de fazer.) o objetivo é criar uma estrutura segura, respeitável, para que duas pessoas compartilhem honesta, livre e, espera-se, mais claramente.

A escuta recíproca é simples. uma pessoa tem a vez e fala umas poucas frases de cada vez. Não segue adiante. em seguida, quem estava ouvindo repete exatamente o que acabou de ser dito. A pessoa que está ouvindo tenta entrar no mundo da que está falando, deixando de lado as perguntas, os planos, as defesas e simplesmente tenta compreender a experiência da outra pessoa.

Quando aprendemos essa técnica, por um lado pareceu robótica e infantil. A princípio, não conseguíamos segui-la sem nos defender ou ficar zangados. mas, gradualmente, aprendemos e crescemos.

Consigo lembrar-me da semana em que Geri e eu encarnamos com sucesso na vida um do outro. Depois de oito anos de comunicação rápida como uma metralhadora em que terminávamos as frases um do outro, olhamos um para o outro, surpresos. Nunca nos sentíramos tão amados e valorizados um pelo outro.

À medida que isso amadureceu, ficou claro para nós que estávamos experimentando um pouquinho do reino de Deus na terra, uma prova do seu amor. Como pudera ser tão cego ao elemento indispensável para amar as pessoas: ouvir?

Annie Dillard conta a história de um grupo de exploradores ingleses em busca do Polo Norte nos anos 1800. eles sabiam que a jornada duraria de dois a três anos, mas mesmo assim o veleiro carregava apenas uma pequena carga de carvão para doze dias. em vez de levarem mais carvão, cada navio separou lugar para uma bibliote-ca de mais de 1.200 volumes, um órgão que tocava 50 canções, louças para os oficiais e os trabalhadores, taças de vinho e talheres de prata. eles não levavam roupas especiais para o ártico, exceto os uni-formes da marinha real. Quando os esquimós os encontraram con-gelados, os homens estavam todos vestidos, puxando um bote salva-vidas cheio de prata de lei e chocolates.

Eu me sentia igualmente tolo. tinha um excelente treinamento teológico e prático. tinha experiência em implantar igrejas em zonas urbanas, era pastor de uma igreja em crescimento e tinha uma ampla experiência transcultural. mas não tinha o carvão! Não sabia ouvir de forma que pudesse sentir o que outra pessoa estava sentindo. Geralmente ouvia apenas uma parte do que era dito e adaptava a minha resposta em vez de entrar no mundo do outro. Como muitos outros, com frequência estava ocupado demais contrariando, corrigindo, julgando ou refutando para, de fato, entender o que as outras pessoas queriam dizer ou estavam sentindo — ainda mais se estivesse com pressa ou estressado.

Faça este pequeno teste sobre escutar. Circule todas as declarações que pode afirmar.

1. esforço-me para entrar na experiência de vida de outra pessoa.
2. Não presumo saber o que a outra pessoa está tentando co-municar.
3. os meus amigos mais chegados diriam que ouço mais do que falo.
4. Quando as pessoas estão bravas comigo, sou capaz de ouvir a versão delas sem me aborrecer.
5. As pessoas compartilham as coisas comigo porque sabem que eu ouço.
6. Não escuto apenas o que as pessoas dizem, mas também presto atenção aos sinais não verbais, linguagem corporal, tom de voz, entre

outros.

7. Dou total atenção às pessoas quando estão falando comigo.

8. Sou capaz de refletir e respeitar com empatia sentimentos de outra pessoa com empatia.

9. estou consciente de meus principais mecanismos de defesa quando estou sob estresse, tais como ceder, culpar, resolver problemas prematuramente ou ficar distraído.

10. estou ciente de como a família em que fui criado influenciou o meu estilo de ouvir atual.

11. Peço explicação quando não entendo com clareza algo que outra pessoa está dizendo em vez de tentar preencher as lacunas.

12. Nunca presumo nada, principalmente algo negativo, a menos que seja afirmado claramente pela pessoa que está falando.

13. Pergunto quando estou ouvindo em vez de tentar adivinhar ou fazer suposições.

14. Não interrompo nem procuro brechas para expressar a minha opinião quando alguém está falando.

15. Quando estou ouvindo, tenho consciência de coisas que me fazem ficar irado, aborrecido, temeroso ou nervoso.

Se você marcou 12 ou mais, é um ótimo ouvinte; de 8 a 11, é muito bom; de 5 a 7, é bom; de 4 ou menos, é fraco — "você está em apuros". Se quiser ser muito corajoso, depois de avaliar-se, peça a seu cônjuge ou a um amigo chegado para o avaliar como ouvinte.

Você poderá se surpreender.

David Augsburger resumiu muito bem: "Ser ouvido está tão próximo de ser amado que para a maioria das pessoas a diferença é quase imperceptível".

Aprenda a ouvir, aprenda a estar presente os evangelhos estão repletos de relatos das interações de Jesus com a pessoas — mateus, Natanael, uma prostituta, Nicodemos, um cego, a mulher samaritana e muitos outros.

Quando o jovem rico foi até ele, Jesus “olhou para ele e o amou”. ele ouvia. estava presente, nunca com pressa ou distraído. ele gastava tempo para explorar a história.

Quando foi a última vez que alguém disse a você: “Vou dizer uma coisa sobre os cristãos — eles são ótimos ouvintes! Nunca vi um grupo de pessoas mais interessadas em conhecer o meu mundo, curiosas, fazendo perguntas — escutando-me!”. As pessoas que entram no mundo de outras estão disponíveis e presentes. um dos meus pensamentos favoritos a respeito é de Henri Nouwen: importar-se significa acima de tudo estar presente um para o outro.

Por experiência sabemos que aqueles que se importam conosco estão presentes para nós. Quando escutam, escutam você. Quando falam, falam com você. A presença deles é uma presença que cura porque o aceitam nos seus termos e o encorajam a levar a sua vida a sério.

A encarnação no discipulado da igreja A primeira e, sem dúvida, a mais importante mudança ocorrida na New Life relacionada a esse princípio foi ensinar as pessoas a ouvir intencionalmente.

Assim como muitas pessoas, ouvi muitos sermões sobre a necessidade de ser pronto para ouvir e tardio para falar (Provérbios 17.27,28; tiago 1.19). mas ouvir não é algo natural para ninguém que conheci até agora. Poucos de nós já viveram a experiência de ser verdadeiramente ouvidos.

Quando comecei a ouvir — ouvir realmente — as histórias e o coração das pessoas, muitas delas choraram. elas se sentiram valorizadas, preciosas e amadas. inicialmente era difícil não dar conselhos ou reagir quando ficava desconfortável. Contudo, gradualmente, aprendi a não deixar uma resposta jorrar antes de ter encarnado em algum nível.

A seguir apresento três exercícios básicos sobre ouvir e falar que ensinamos em retiros, encontros de liderança, grupos caseiros e classes de preparação. esses exercícios formam agora uma parte indispensável da nossa vida como igreja comunitária comprometida, acima de tudo, em amar.

Escutar e encarnar em primeiro lugar, ensinamos a ouvir e encarnar, preparando as pessoas para assegurar que observem as diretrizes. A seguir apresento uma explicação-modelo: ***Como começar...***

Decida quem vai falar primeiro e quem vai ouvir primeiro.

Quando for a sua vez de falar...

1. Fale usando declarações com "eu" (em vez de com "você").

Em outras palavras, fale sobre *os seus próprios* pensamentos, sentimentos e desejos.

2. Faça declarações curtas.
3. Pare e deixe que a outra pessoa parafraseie o que você disse.
4. inclua sentimentos em suas declarações.
5. Seja honesto, direto, claro e respeitoso.

Quando estiver ouvindo...

1. Dê total atenção a quem está falando (não fique pensando sobre a sua réplica).

2. Coloque-se no lugar de quem está falando (sinta o que está sentindo; depois se afaste).

3. evite julgar ou interpretar.

4. reflita com a máxima precisão sobre o que ouviu e depois fale (paráfrase).

5. Quando achar que a pessoa terminou, pergunte: “Quer dizer mais alguma coisa?”.

6. Quando ela tiver terminado, pergunte: “De tudo o que você me disse, qual é a coisa mais importante para eu me lembrar?”.

talvez você queira definir um tempo-limite entre sete e dez minutos para quem for começar. ou talvez prefira seguir em frente até seu parceiro dizer: “Não, não tenho mais nada a dizer”.

Validação

O segundo exercício de escuta que ensinamos é chamado simplesmente de “validação”. Validação não é necessariamente concordar com a outra pessoa, mas dizer algo do tipo: • “Percebo por que você viu as coisas dessa maneira [embora eu não concorde].”

• “Da sua perspectiva isso faz sentido.”

• “Entendo isso.”

• “Isso faz sentido.”

Novamente o segredo é dizer com sinceridade, entrando verdadeiramente no mundo da outra pessoa.

É preciso muita humildade. imagine Josefina vindo até você, embora nos últimos três meses ela não tenha aparecido na reunião de comunhão das mulheres nem na igreja. ela explode, frustrada: “Sentime muito rejeitada por você. Você nunca me abraçou antes ou depois das reuniões como fazia

com as outras mulheres". Você poderia dizer: "isso é ridículo. essa ideia nunca passou pela minha cabeça" e assim entregar o problema de volta para ela. A validação diz: "Vendo da sua perspectiva, percebo que pode ter se sentido assim". essa atitude exige humildade.

Explorar

Explorar, em palavras simples, é agir como um repórter de boas notícias e fazer perguntas. "Conte-me mais. Ajude-me a entender.

Como você chegou a essa conclusão?" o objetivo é deixar de lado qualquer desejo de responder, defender-se ou corrigir a outra pessoa. isso é especialmente desafiador quando você está se sentindo atacado, incomodado, temeroso ou irado. explorar testa sua capacidade de evitar colocar-se na defensiva. Novamente, você não deve pensar sobre o que vai falar em seguida, mas estar atento ao mundo e realidade da pessoa.

Por exemplo, imagine que você liderou a reunião do grupo caseiro e uma pessoa se aproxima e diz: "Puxa, Henry, não consegui aproveitar nada da reunião desta noite". A sua primeira reação provavelmente será arrancar a cabeça da pessoa, verbal ou fisicamente. explorar exige que você pergunte com calma: "isso é interessante. Diga-me por que foi uma noite infrutífera para você".

A maioria dos cristãos, principalmente os que estão na liderança, fala muito mais do que ouve. Seguir uma dessas técnicas para ouvir pode ser extremamente difícil. É por isso que muitas vezes provi-denciamos uma terceira pessoa para servir como mediadora nos estágios iniciais quando as pessoas estão aprendendo essas práticas.

Fora nosso modelo de encarnação como liderança, nada fez que esse princípio se espalhasse por nossa igreja mais poderosamente do que as técnicas de escuta acima, técnicas aparentemente enfadonhas e humilhantes.

2. Permanecer você mesmo

O grande desafio da encarnação, para a maioria de nós, é perma-necermos nós mesmos e não nos perder quando entramos no mundo de

outra pessoa. Agir assim é ser como Jesus. o apóstolo João registra que, antes de Jesus lavar os pés dos discípulos, ele “sabia que o Pai havia colocado todas as coisas debaixo do seu poder, e que viera de Deus e estava voltando para Deus” (João 13.3). Jesus nunca deixou de ser Deus quando assumiu a forma humana e se tornou um de nós.

Na New Life, há pessoas de mais de 65 países diferentes. Quase um terço é composto por afro-americanos e indianos. outro terço é de asiáticos (chineses, coreanos, indonésios, filipinos etc.). o resto são hispanos, judeus, europeus orientais, africanos e americanos. Faço parte da segunda geração de ítalo-americanos. embora eu seja chamado a entrar no mundo de outras pessoas, é necessário que eu não perca o meu “eu” dado por Deus no processo.

Essa segunda dinâmica talvez seja o princípio mais difícil e desafiador de aplicar, se queremos ser um discípulo de Jesus maduro emocional e espiritualmente. Sem ele, tornamo-nos um camaleão como Leonard Zelig.

Woody Allen, em seu filme chamado *Zelig*, traça a vida de um camaleão humano chamado Leonard Zelig. Zelig se torna uma celebridade na década de 1920 em razão do seu poder e da sua habilidade singular de se parecer e agir como quem quer que esteja perto dele — negro, indiano, obeso, chinês, escocês. Seja lá com o que for, Zelig se parece. esse camaleão humano não tem identidade ou “eu” próprio.

Ele se parece como quem está perto dele. ele brinca com o boxeador Jack Dempsey. Aparece em um palanque com Hitler em Nuremberg.

Zelig assume qualquer personalidade forte com quem esteja. Com os chineses, ele parece que veio da China. Com os rabinos, ele miraculosamente deixa crescer uma barba e cachos de cabelo. Com os psiquiatras, ele repete os jargões e bate no queixo como se fosse um homem sábio. No Vaticano, ele faz parte da comitiva clerical que acompanha o papa Pio xi. Como um camaleão, ele muda de cor, sotaque e forma como muda o mundo ao seu redor. ele se conforma a qualquer lugar.

Ele só quer estar seguro, encaixar-se, ser aceito, ser apreciado. ele é famoso por não ser ninguém, por ser uma pessoa que não existe.

Às vezes, identificamo-nos *demais.* Por medo, deixamos de declarar nossas preferências e ponto de vista e nos perdemos no processo.

Lembre-se de que Jesus é o nosso modelo. ele se tornou plenamente homem, mas permaneceu plenamente Deus.

A seguir apresento alguns exemplos que o ajudarão a ter uma visão do que significa de forma prática permanecer você mesmo.

Donna e Allison

Havia duas mulheres amigas em nossa igreja que reconheceram que havia tensão no relacionamento delas. Donna estava aborreci-da com Allison. Sempre que ela pedia a Allison para fazer alguma coisa, “parecia” que Allison sempre se recusava. mas, quando Allison sugeria uma atividade, Donna sempre estava disposta e disponível. Finalmente, Donna, chateada, frustrada e zangada, con-frontou Allison.

Allison, porém, aprendera lentamente a “respeitar a si mesma”. No passado, ela sempre saía com Donna para não se sentir culpada. ela se sentia uma pessoa “ruim” por dizer não. Agora, ela estava respeitando a si mesma o suficiente para perceber que podia dizer sim ou não. ela reconheceu que era introvertida e que não era capaz de estar tanto com as pessoas como Donna, que era altamente extrovertida.

O que ela fez então? Primeiro, ela ouviu com simpatia as decepções, tristezas e ira de Donna, sem reagir ou se defender. Depois que Dona se sentiu ouvida, Allison, fiel a si mesma, honrou os seus sentimentos e desejos, dizendo: “Allison, aprecio muito a sua amizade.

Gosto de estar com você. Apenas preciso ter liberdade de dizer não”.

Digamos que Donna não respondeu favoravelmente. Se, então, Allison abandona o seu eu e começa a sair com Donna o tempo todo, ela provavelmente acabará ressentida, e o relacionamento poderá acabar de qualquer maneira. Amar a ela e a Donna adequadamente exige que Allison faça o trabalho árduo de respeitar a si mesma.

Wilson e Jack Wilson era líder de um grupo caseiro, e era difícil discordar dele.

Ou era do jeito dele ou não era (embora ele não percebesse isso).

Jack participava do grupo de Wilson havia um ano, mas estava pronto para uma mudança. ele queria se unir à equipe do coral de adoração da igreja e começar relacionamentos novos. em uma quinta-feira à noite depois

do grupo, ele compartilhou os seus planos com Wilson. A resposta de Wilson foi clara: “Se você deixar esse grupo, estará fora da vontade de Deus”. Para Wilson, era uma questão bíblica: Jack tinha incapacidade de sustentar relacionamentos mais estreitos no corpo de Cristo.

Nem é preciso dizer que essa foi uma situação muito difícil para Jack. o que significaria para ele seguir Jesus e ser um modelo de encarnação na situação? Geralmente, o que acontece é que ou ele desapareceria do grupo e da igreja para evitar a dor, ou pelo menos manteria algum relacionamento com Wilson.

Jack, felizmente, já aprendera alguma coisa sobre encarnação.

Por isso, primeiramente ele ouviu os temores e sentimentos de Wilson em relação à segurança e ao desenvolvimento espiritual dele. era difícil para Jack, uma vez que ele não concordava com algumas das conclusões e avaliações de Wilson. mas ele ouviu respeitosamente e não reagiu. em segundo lugar, ele permaneceu com as suas convicções, respeitando os próprios desejos e interesses legítimos. ele agra-deceu a Wilson por tudo que ele aprendera no grupo e pelo relacionamento deles. ele considerou seriamente tudo o que Wilson compartilhou. Depois ele compartilhou que esperava visitar o grupo ocasionalmente. Jack perguntou se poderiam fazer uma espécie de despedida com o grupo. mais uma vez, Wilson não ficou satisfeito, mas decidiu respeitar Jack e sua decisão.

Será que não deveríamos ter uma reunião de oração como...

— Pastor — pronunciou ela com firmeza —, precisamos de uma poderosa reunião de oração na terça-feira à noite. Deus se move em resposta à oração. recentemente visitei uma igreja que edificou todo o ministério dela a partir daquela reunião de oração.

Você deveria primeiro estabelecer o ministério da oração e depois o de grupos.

Sentime encurralado na mesma hora. o tom de voz dela sugeria mais uma exigência do que uma sugestão. eu costumava me sentir culpado, defensivo

e zangado quando as pessoas vinham falar comigo sobre ideias radicalmente diferentes, como essa que estava fun-cionando tão bem em outra igreja.

O que eu poderia dizer? Quem não crê na necessidade de oração?

Contudo, a realidade era que a visão que Deus me dera desde o início da New Life fora de um sistema forte de grupos pequenos descentralizados por toda a cidade de Nova York. De fato, nós tínhamos reuniões menores de oração, semanais, mas não com a igreja toda. A maior parte de nossas orações conjuntas estava acontecendo em contextos menores, não tão vistosos. Nosso foco permanecia nos grupos e em integrar os ritmos da espiritualidade contemplativa em nossa vida diária.

Como poderia me manter firme com essa mulher que me en-frentava com tanta firmeza?

Parei um pouco e perguntei a mim mesmo: “Deus, o que me pediste para fazer como líder? Como queres que eu conduza esta igreja? Como ajo em relação a esta conversa? Senhor, o que podes estar tentando me ensinar? Como posso acalmar o coração dela em relação à oração e, ao mesmo tempo, conversar com ela sobre a forma imperativa com que falou comigo?.”

3. Pratique a terceira dinâmica: Viva entre dois mundos

O fruto de uma espiritualidade madura é ser uma presença da encarnação para outra pessoa. era assim para Jesus. Creio que é assim para todos os seus seguidores.

Jesus, durante sua encarnação na terra, era plenamente Deus em perfeita comunhão com seu Pai. ele também era plenamente humano e passou pelo sofrimento e a morte. ele pairava entre dois mundos: céu e terra. A vida teria sido muito mais fácil para Jesus se ele tivesse permanecido no céu com o Pai. este mundo, para Jesus, não era seguro. mas, ao entrar em nosso mundo, ele permitiu que o sofrimento e a dor entrassem na vida dele. ele

não foi entendido nem reconhecido. ele morreu uma morte solitária e exposta na cruz, literalmente pendurado entre dois mundos.

Em uma palavra, era confuso.

Jesus disse: “o discípulo não está acima do seu mestre, nem o servo acima do seu senhor” (mateus 10.24). Você e eu podemos não morrer literalmente em uma cruz como Jesus, mas morreremos de outras formas quando encarnarmos. É preciso tempo, energia e, quase sempre, um rompimento com o nosso mundo livre de riscos.

Quando decidimos encarnar, pen-demos entre o nosso próprio mundo e o mundo de outra pessoa. Somos chamados a permanecer fiéis a quem somos, a não perder a nossa essência, ao mesmo tempo que entramos no mundo de outra pessoa. todavia, podemos estar certos de que, assim como a encarnação e a morte de Jesus trou-xeram vida, assim a nossa decisão de fazer o mesmo também resultará em vida ressurreta e muito fruto em nós e nos outros.

Os últimos passos de um homem Permita-me ilustrar essa ideia com um filme de 1995 chamado *Os últimos passos de um homem.* irmã Helen Prejean era uma freira que vivia e trabalhava nos projetos habitacionais São Thomas em Nova orleans quando recebeu um convite para se corresponder com uma pessoa no corredor da morte. o que acontecera fora que o homem condenado, matthew Poncelet, junto com um amigo, encontrara um casal de adolescentes, Loretta e David, em um campo em uma sexta-feira depois de um jogo escolar. Loretta foi estuprada. David e Loretta foram deixados no campo, com um tiro na cabeça.

Inicialmente a irmã Helen se pergunta se a declaração de Poncelet de que é inocente pode ser verdadeira. matthew afirma que seu amigo é quem cometeu o estupro e os assassinatos. A princípio ele não procura irmã Helen para ser a sua conselheira espiritual, mas quer que ela o defenda para que consiga escapar da pena de morte.

Irmã Helen entra no mundo dele e descobre que não é um mundo nada bonito. matthew não possui um caráter amável. ele é racista e elogia Hitler por ter feito o seu trabalho muito bem.

Ele chama as mulheres de “vadias” e fala sobre como gostaria de mandar pelos ares os prédios do governo. matthew informa a irmã Helen que saiu perdendo por não ter casado e não fazer sexo. ele não desperta simpatia.

Apesar de tudo, irmã Helen permanece firme em suas convicções.

Ela insiste repetidamente que ele se acerte com Deus, confessando os seus pecados. ela tenta fazer que ele assuma a responsabilidade pelo que fez. o progresso é lento, muito lento.

Ao mesmo tempo, irmã Helen começa um relacionamento com as famílias de luto. ela entra num mundo de imensa perda e dor. os pais dos adolescentes mortos estão irados, e as pressões aumentam para que a irmã retroceda em seu envolvimento com matthew. eles traçam uma linha na areia. “Você não pode ser amiga daquele assassino e esperar ser nossa amiga também”, diz o pai de um deles ao pedir à irmã que saia da casa deles. “Se você realmente se importa com esta família, desejará que a justiça seja feita.”

Os jornais noticiam as visões racistas e nazistas de matthew e em seguida mencionam irmã Helen. os colegas de trabalho dela também reclamam que ela está negligenciando o trabalho nos projetos São Thomas. “Você se importa mais com ele do que com suas aulas”, diz um deles.

Ela pende entre o céu e a terra, no trabalho brutal e injusto da encarnação. ela está pendendo entre o seu mundo, o mundo do assassino condenado, o mundo dos pais dos adolescentes mortos e o mundo dos seus colegas de trabalho.

Quando o pai do menino morto pergunta a irmã Helen como ela tem fé para fazer o que faz, ela retruca: “Não é fé; é trabalho”. ela não desiste. Com o tempo, matthew começa a baixar a guarda. Finalmente, às 23h38,

pouco antes da execução, à meia-noite, ela lhe pergunta: “Você assume a responsabilidade pelas duas mortes?”.

Chorando, ele admite a culpa pela primeira vez. Poucos minutos depois, ele diz: “obrigado por me amar. Nunca ninguém me amou de verdade”.

Irmã Helen relembra a caminhada deles em direção à execução.

“Aquela caminhada foi a primeira vez em que toquei nele. olhei para baixo e vi as suas correntes arrastando-se sobre o brilhante piso de cerâmica. A cabeça dele estava raspada, e ele vestia uma camiseta branca, limpa. Quando o levaram para a sala de execução, inclinei-me e beijei suas costas.

“— matthew, ore por mim.

“— Vou orar, irmã Helen.”

Enquanto ele é amarrado à cadeira onde será injetada a solução letal, ela diz a ele para olhar para o rosto dela e diz: — Assim, a última coisa que você verá antes de morrer será o rosto de alguém que o ama.

Ele faz isso e morre com amor em vez de amargura.

O fruto de escolher a encarnação Aprendemos com os grandes teólogos da história da igreja que a encarnação é um mistério. Compreendemos apenas uma porção ín-fima da sua imensidão e do seu significado.

Sentando, com os olhos fechados, reflito sobre a experiência de perguntar às pessoas: “Como é ser você? estar em seu lugar?”.

Estou ciente da verdade de que, quando saímos de nós mesmos e vivemos brevemente no mundo de outra pessoa, nunca retornamos a nossa vida da mesma forma. Deus nos transforma à imagem do seu Filho nesse processo.

Aprendemos a morrer para as partes feias de nós mesmos. os nossos pés se mantêm no chão.

Cura e transformações ocorrem na vida das pessoas sem que sai-bamos como (cf. marcos 4.26-29). Deus concede frutos — trinta, sessenta e a cem

por um — tanto em nós como na igreja. Como Jesus prometeu, ceifaremos muito mais do que temos conhecimento.

Estabeleça amar como seu alvo

tornar a encarnação uma prioridade rompe com a prioridade da igreja e com a definição de sucesso. Deixa de ser simplesmente fazer mais, "consertar" as pessoas ou arranjar o mundo de uma forma que consideremos que glorifique a Deus. trata-se de amar.

Jonathan edwards (1703-1758), um dos pregadores e teólogos mais conhecidos dos estados unidos, lembra-nos de que Paulo diz que é possível agir no poder do espírito por meio de milagres e dons espirituais e não ser realmente cristão (1Coríntios 13.1-3). Você pode edificar um grande ministério para Deus — fazendo milagres por meio de grande fé, sacrificando tudo o que tem e movendo-se nos dons espirituais — e não ser realmente um seguidor de Jesus Cristo. ele nos lembra de que Paulo considera essas coisas como sendo "nada" (1Coríntios 13.2,3). Considere Judas, Balaão, Saul e as palavras de Jesus no Sermão do monte em mateus 7.21-23.

Além disso, o nível de poder e dons atuando por meio da vida do cristão tem pouca relação com maturidade espiritual. Paulo também defende claramente que você pode usar os dons espirituais e ainda ser praticamente um bebê espiritual. o sinal da atuação do espírito é o amor sobrenatural, não os dons ou resultados bem-sucedidos. esse amor exige uma atuação sobrenatural da graça no coração.

No céu, diz edward em seu último sermão sobre 1Coríntios 13, o amor é uma constante que permanecerá para sempre. No céu amare-mos uns aos outros perfeita e completamente, sem limites. Quando vivemos esse amor radical (definido em 1Coríntios 13.4-7), estamos vivendo no autêntico reino de Deus. isso não pode ser imitado nem pelo Diabo nem por esforços humanos. É completamente celestial. edwards apresenta uma das mais belas descrições do céu fora da escritura: Céu [é] uma palavra de amor; pois Deus

é a fonte de amor, assim como o Sol é a fonte de luz. Portanto, a presença gloriosa de Deus nos céus enche o céu com amor, assim como o Sol, colocado no meio do céu visível em um dia claro, enche o mundo de luz. o apóstolo nos diz que "Deus é amor"; e, portanto, percebendo-o como um ser infinito, segue-se que ele é uma fonte infinita de amor [...]. A deidade, por assim dizer, torna-se uma infinita e imutável emoção de amor procedendo tanto do Pai e do Filho [...]. e lá essa fonte gloriosa flui para sempre em correntes, sim, em rios de amor e alegria, e esses rios aumentam para um oceano de amor em que a alma dos redimidos pode banhar-se com doce alegria, e o coração, por assim dizer, é inundado de amor!

Não quero esperar até chegar ao céu para ver uma igreja como essa! Não precisamos. Creio que Deus deseja iniciar uma revolução copernicana no discipulado do século xxi, tanto nos estados unidos como em todo o mundo. É assumir o compromisso não apenas de ver crescimento numérico, mas, acima de tudo, uma mudança qualitativa em nós e em nossa formação espiritual.

Esse é o caminho para experimentar mais do céu na terra. A jornada começa agora mesmo, expandindo gradual e poderosamente da sua vida, depois da igreja, até atingir o mundo que sofre ao nosso redor. mas irá exigir que você diminua radicalmente o ritmo da sua vida e lidere com integridade, que é o último princípio de igrejas emocionalmente saudáveis.

PriNCíPio 7: DeSACeLerAr PArA LiDerAr Com iNteGriDADe No final das conferências sobre espiritualidade emocionalmente Saudável, Geri e eu, geralmente, pedimos aos pastores e líderes que completem a seguinte frase: "estou começando a perceber que...". estas são algumas das respostas mais comuns: • se a verdade não está na minha vida, não deveria estar nos meus sermões.

• tenho negligenciado minha vida interior.

• tenho aberto mão da minha caminhada com Jesus para administrar a minha congregação e tenho enfraquecido meu casamento no processo.

• meu estoicismo é, na realidade, uma autoproteção, e isso re-baixa a pessoa que Deus quer que eu seja.

• preciso ter mais consciência de mim.

• chega de "deixar as coisas irem acontecendo"; saúde emocional exige disciplina e muito trabalho árduo.

• preciso dar mais prioridade ao tempo com Deus e confiar a ele o resto.

• minha congregação precisa de práticas emocionalmente saudáveis se quisermos amadurecer como uma família de fé.

• estou espiritualmente seco, andando com o tanque vazio.

Preciso diminuir o ritmo e ter um dia sabático.

• sou mais inseguro e avesso a conflitos do que admito.

• explorar o passado não é viver no passado.

• assumo as coisas pessoalmente quando não é minha responsabilidade pessoal.

• o mundo seguirá sem mim, mas eu não posso seguir sem Cristo.

Com quais destas declarações você se identifica? Quantas são verdadeiras na sua vida hoje? isso nos leva a nosso princípio final e fundamental da saúde emocional — diminuir o ritmo para liderar com integridade.

Quatro conversões

A minha primeira conversão ocorreu quando me tornei cristão aos 19 anos de idade. Foi o clímax de um período de dois anos perscrutando a alma em que me perguntava: "Não há nada mais na vida, além disto?". estudar e buscar prazer deixaram-me vazio até que finalmente me rendi a uma jornada ao meu interior. Deus usou esse período da minha vida para me preparar para uma revelação de Jesus como Senhor, de que a vida é ele. Comecei uma jornada espiritual que por fim me levou a me tornar um pastor.

Dezessete anos mais tarde, a minha segunda conversão aconteceu como resultado da dor, depressão e traição que acompanharam a divisão da igreja

hispana descrita no capítulo 1. ela foi precedida por dois anos de trabalho interior em que se tornou evidente que não havia lucro em ganhar o mundo inteiro se fosse perder a minha alma (marcos 8.36). Aprendi que saúde emocional e maturidade espiritual não podem ser separadas, que maturidade se trata de amor e caráter, não de dons ou conhecimento. Por fim, percebi a vocação do casamento como sendo central para a minha formação espiritual.

Isso me lançou em uma nova jornada de saúde emocional. Floresci espiritual, emocionalmente e nos relacionamentos. Geri e eu começamos a ensinar os princípios de saúde emocional, e Deus transformou inúmeras vidas e casamentos. Depois de sete anos vivendo esses princípios, escrevi-os na primeira edição deste livro.

A minha terceira conversão ocorreu entre 2003 e 2004. Percebi que ainda havia alguma coisa faltando. Apesar da nossa jornada na saúde emocional, a vida das pessoas permanecia sobrecarregada com atividade e estresse. muitas pessoas continuavam a viver da espiritualidade de outras pessoas e permaneciam dispersas, fragmentadas e des-centralizadas. o meu maior desejo era que as pessoas vivessem apaixonadas por Jesus e em comunhão com ele para que pudessem amar os outros.

Iniciando em 1996, passei sete anos explorando a espiritualidade contemplativa, principalmente o monasticismo. isso culminou em um período sabático de quatro meses, em que Geri e eu vivemos no ritmo do silêncio, solidão e de guardar o sábado. Vivemos em diversas comunidades monásticas de tradições católica romana, ortodoxa e protestante.

Deus nos encontrou de maneiras profundas. reconheci que ainda estava muito agitado e que a minha primeira missão era buscá-lo acima de tudo e não ser um pastor/líder (v. Salmos 27.4). A relação entre atividade e contemplação na minha vida sofreu uma mudança sísmica. Aprendi sobre a necessidade do silêncio e da solidão para a formação espiritual, e sobre quanto ainda precisava diminuir o ritmo para estar com Deus. também

cheguei a uma nova consciência do meu coração teimoso que preferia a minha vontade à vontade de Deus, principalmente em relação à New Life. Percebi quanto do nosso plano estratégico procedia de um fundamento errado. Parei de esperar no Senhor por uma igreja crescente e comecei simplesmente a esperar no Senhor por ele mesmo.

A minha quarta conversão aconteceu em 2007. Ao longo dos anos, pastores de igrejas grandes me perguntaram: “Como você aplica a saúde emocional à liderança de uma organização complexa, com contratações e demissões, conselhos e pessoas para administrar?”. eu respondia: “Não tenho ideia. Não cheguei a isso ainda. imagino que não seja o meu chamado descobrir!”.

Por quase vinte anos, eu, junto com o nosso conselho, tentei encontrar caminhos para proporcionar liderança executiva para preencher essa lacuna a fim de que eu pudesse permanecer como visionário, líder presidente. A nossa igreja crescera bastante, mas repetidamente batíamos em uma parede. experimentáramos apenas um sucesso limitado em integrar saúde emocional e práticas espirituais contemplativas à administração da igreja.

Como eu tinha muitas coisas para fazer (por exemplo, sermões, reuniões do conselho, administração, crises), eu corria de uma área a outra da liderança. Às vezes, eu evitava reuniões que seriam difíceis. eu passava por cima da “verdade” quando ela era desagradável.

Evitava discussões sobre o desempenho de alguém quando este não era satisfatório. Preferia não fazer perguntas difíceis nem falar com ousadia quando havia algo claramente errado. Não concedia a mim mesmo o tempo necessário antes das reuniões para ter clareza nos objetivos e planejamentos e para estar atento e em oração.

Não me dava o tempo para permanecer centrado e cumprir meus compromissos. Não gastava tempo para examinar dados dolorosos de que as coisas poderiam não estar indo tão bem como imaginava.

Por fim, inúmeros acontecimentos convergiram para preparar-me para essa quarta conversão de integridade na liderança e pessoalmente. Finalmente admiti a verdade: o maior empecilho para que a New Life Fellowship se tornasse no que Deus desejava que ela fosse não era nenhuma outra pessoa ou fator; era eu. As questões estavam no meu interior, não na equipe ou na igreja como um todo.

Isso me levou a outro olhar doloroso sobre áreas inexploradas do meu *iceberg.*

O fato de evitar gastar o tempo necessário com planejamentos ou para seguir os detalhes de um projeto devia-se ao meu caráter, não a uma combinação de dons. A questão de aprender as habilidades para ser um líder diferente não era difícil de aprender. era uma questão muito mais de superar os meus medos. Aprendi que ser mal entendido, perder amizades e ter algumas pessoas que saíram da igreja é menos importante do que perder a minha integridade. Aprendi a buscar a verdade, sem me importar para onde isso me levaria. o resultado foi uma igreja, uma liderança e um Pete Scazzero livres de uma maneira inimaginável para mim poucos anos atrás.

Deus, o arqueólogo divino

À medida que progredimos na vida cristã, descobrimos que esse é um processo sem fim. retrocedemos, quebrando algum poder destrutivo do passado. então, mais tarde, Deus nos faz retornar à mesma questão em um nível mais profundo. Suspeito de que mais conversões esperam por mim nos próximos anos.

Thomas Keating compara a obra de Deus em nós a um *tell* ou sítio arqueológico no oriente médio em que uma civilização é edificada sobre outra no mesmo lugar. os arqueólogos escavam, nível após nível, cultura após cultura, história abaixo. o espírito Santo é como um arqueólogo divino escavando as camadas da nossa vida.

A intenção do espírito é investigar a história completa da nossa vida, camada após camada, jogando fora o lixo e preservando o que há de valor

que era apropriado a cada estágio do nosso desenvolvimento humano [...]. Por fim, o espírito começa a cavar no leito da rocha da nossa vida emocional mais remota [...]. Por isso, ao prosseguir em direção ao centro onde Deus está de fato nos aguardando, podemos sentir naturalmente que estamos piorando. isso nos adverte de que a jornada espiritual não é uma história de sucesso nem se trata de ser promovido.

É muito mais uma série de humilhações do falso “eu”.

Deus usa eventos e experiências desorientadores para realizar uma obra interior profunda.

Cada jornada espiritual nos leva às mais duras realidades da nossa vida, aos monstros dentro de nós, às nossas sombras e fortalezas, a nossa carne obstinada e aos nossos demônios interiores. É primor-dial que compreendamos esses inimigos dentro de nós ou iremos inevitavelmente projetá-los nas outras pessoas.

Cultivando a integridade

Integridade com Deus

A maioria de nós está com pressa, lutando para usar da melhor forma cada minuto livre que temos. terminamos o dia exaustos com as infinitas necessidades das nossas igrejas. então nosso “tempo livre” fica cheio com mais exigências em uma vida que já é sobrecarregada. Lemos sobre a necessidade de descansar e recarregar, mas não podemos parar.

É como ser viciado, apenas não em drogas ou álcool, mas em atividades e realizações. Nosso corpo físi-co parece não poder se livrar da adrenalina para diminuir o ritmo.

tememos que muitas coisas possam desmoronar. Por isso simplesmente seguimos em frente. Assim como moisés, elias, João Batista e Jesus, cada um de nós deve, de alguma forma, adaptar um “deserto” em meio a nossa vida para cultivar o relacionamento pessoal com Jesus. É

Uma ilusão imaginar que podemos liderar as pessoas em uma jornada espiritual que nós mesmos não fizemos. Quando negligenciamos nosso relacionamento com Deus, nenhum programa poderá substituir a superficialidade e obstinação que inevitavelmente seguirão.

Cultivar uma vida intencional com nosso Senhor Jesus exige tempo intencional — para estar em silêncio, para a oração, meditação na escritura e leitura. mas estamos cercados por infinitas distrações e vozes que nos tiram da posição de estarmos sentados aos pés de Jesus. entretanto, essa é a nossa única esperança de ver além das ilusões e do fingimento do nosso mundo e proporcionarmos liderança para os que estão ao redor.

Ao longo da história da igreja, um dos sete pecados capitais era descrito como indolência ou “falta de cuidado”. ele se referia não apenas à preguiça, mas a estar ocupado com as coisas erradas. Somos excessivamente ativos porque não podemos suportar o esforço exigido por uma vida de

reminiscência e solidão com Deus. Por isso, os pais do Deserto, os primeiros monges que viveram nas áreas desérticas do oriente médio durante os séculos iV e V, não tinham paciência para o ativismo, mesmo para as atividades santas, a menos que fossem regadas por uma rica vida interior com Deus. eles advertiam repetidas vezes sobre estar envolvido em atividades para Deus antes do devido tempo. eles nos oferecem uma advertência providencial.

Bernardo de Claraval (1090-1153), o abade de um monastério cisterciense na França, foi talvez o maior líder e escritor cristão de seus dias. Quando seu filho espiritual eugênio iii tornou-se papa no século xii, Bernardo ficou muito preocupado de que a vida interior do papa não fosse suficiente para enfrentar o nível de responsabilidade que agora carregava. Bernardo agora se afligia com as demandas colocadas sobre eugênio. ele o aconselhou: “Afaste-se das demandas, para que elas não o distraiam e o seu coração se endureça. Se você não fica horrorizado com essa possibilidade, é porque já está acontecendo [...]. Vocês foram comprados por um preço.

Não se tornem escravos de homens.”.

Quando nossa vida *com* Deus não é suficiente para sustentar o nosso trabalho *para* Deus, também estaremos lutando contra nossa integridade. meu treinamento ensinou-me a alcançar pessoas para Cristo, a trazer crescimento para a igreja, a engajar-me em missões globais, a usar os meus dons ao limite. também aprendi sobre tempo de quietude e dias a sós com Deus. Contudo, a ênfase era para fora e para cima em direção ao crescimento externo, não para dentro e para baixo em direção à minha alma.

Contudo, o trabalho *para* Deus que não é nutrido por uma profunda vida interior *com* Deus acabará contaminado. Nosso senso de valor e validação gradualmente passa do amor de Deus por nós em Cristo para nossas obras e desempenho. A alegria da vida com Cristo lentamente, quase imperceptivelmente, desaparece.

Para agarrar-me à minha integridade, comecei a introduzir ritmos monásticos em minha vida.

Por exemplo, praticava o ofício Divino como forma de estruturar os meus dias. Planejava meus dias ao redor de três ou quatro pequenos momentos para parar, centrali-zar-me, ler a escritura e ficar em silêncio.

O termo "ofício Divino" difere-se do que chamamos hoje de devocional ou tempo de quietude. o fundamento do ofício Divino não é tanto voltar-se para Deus para conseguir algo, mas separar tempo para *estar com Alguém*. trata-se de estabelecer um ritmo de estar com Deus todos os dias.

O rei Davi, o profeta Daniel, judeus devotos dos tempos de Jesus e os próprios discípulos em Atos, todos tinham como prática três ou quatro períodos de oração por dia. o próprio Jesus provavelmente seguiu o costume judeu de orar em períodos determinados durante o dia.

todos esses líderes perceberam que se afastar das exigências do dia para estar com Deus era a chave para criar uma familiaridade simples e contínua com a presença de Deus no restante do dia. É o ritmo de parar que faz da prática da presença de Deus uma possibilidade real.

O grande poder que há em separar pequenos períodos de tempo para oração pela manhã, no meio do dia e à noite infunde um profundo senso do sagrado, de Deus, no resto das atividades do dia.

todo o tempo é dele. o ofício Divino, se praticado com consistência, realmente, elimina qualquer divisão entre o sagrado e o secular na nossa vida.

Integridade com você mesmo Liderar uma igreja pode ser uma violência contra a sua alma. As infinitas necessidades que rotineiramente se lançam contra nós deixam-nos exaustos e irritados. Quem tem tempo para desfrutar de Jesus, do cônjuge, dos filhos ou da própria vida? Presumimos que vamos recuperar o sono em algum outro momento, que o tempo necessário para suprir a alma e relaxar virá mais tarde. Poucos de nós têm tempo para diversão e *hobbies*.

Se vamos separar tempo para cuidar de nós, por vezes vamos precisar dizer um sonoro não aos que estão ao redor. Durante anos, não me concedia o dom do silêncio, a menos que já tivesse cuidado dos que estavam perto de mim. Não importava se a minha alma estava seca e o meu espírito esgotado. eu era o pastor e tinha que ser forte.

Era desumano. inevitavelmente, fiquei ressentido. o fardo de Jesus parecia duro e pesado, não leve e suave como ele prometera (mateus 11.30).

Jesus é um modelo de cuidado de si saudável. Com o peso do mundo nos seus ombros, nós o vemos descansando e aproveitando o que os outros lhe oferecem antes de ir para a cruz (João 12.1-8).

Quantos de nós permitiriam que alguém gastasse um ano de salário conosco? Não nos consideramos tão valiosos.

Em sua grande obra *Loving God* [Amando a Deus], Bernardo de Claraval descreve os quatro estágios de amor: 1. Amar a nós mesmos para o nosso próprio bem.

2. Amar a Deus por seus dons e bênçãos.

3. Amar a Deus por ele mesmo.

4. Amar a nós mesmos por causa de Deus.

O grau mais elevado de amor para Bernardo era simplesmente amar a nós mesmos como Deus ama — no mesmo grau, da mesma maneira, com o mesmo amor. Amamos o ser que Deus ama, a essência, a imagem e semelhança de Deus em nós que foi distorcida pelo pecado. Bernardo reconheceu que não existe amor maduro sem uma base de amor-próprio. Somente à luz do amor de Deus podemos amar a nós mesmos corretamente. e, se não soubermos o que é cuidar de nós, não poderemos amar os outros como devemos.

Essa é uma palavra excelente para nós, líderes, hoje, uma vez que muitos de nós carregam ressentimentos por darem mais do que Deus lhes pediu. Dever incessante pode destruir o nosso relacionamento com Jesus, a única fonte de vida e alegria duradoura.

Como líderes cristãos, um dos nossos maiores desafios é administrar a nós mesmos. Como ter comunhão com as pessoas se não tenho comunhão comigo? Como posso ter um relacionamento saudável com os outros se não tenho um relacionamento saudável comigo? Como posso ter intimidade com você se não tenho intimidade comigo?

Uma das chaves da nossa liberdade é, creio, a redescoberta de guardar um dia sabático como prática central da formação espiritual.

Guardar um dia sabático se trata de aceitar o convite de Deus para parar, descansar, desfrutar e contemplá-lo por um período de vinte e quatro horas toda semana. A nossa cultura não sabe nada sobre separar um dia inteiro (vinte e quatro horas) para descansar e deleitar-se em Deus. Assim como muitos, sempre considerei essa prática opcional, extra, não algo absolutamente essencial ao discipulado.

Jesus nos lembra de que não fomos feitos para o sábado, mas o sábado foi dado por Deus como um dom para nós (marcos 2.27). eu amo o sábado. Na verdade, quanto mais desfruta dele interiormente, mais você ama o dom! Geri e eu com frequência comentamos um com o outro: “Como é que nós já lideramos sem o sábado? Não surpreende que pastorear uma igreja parecia tão violento para a nossa alma!”.

Para mim, isso significa parar das 19 horas de sexta-feira às 19

horas de sábado, mesmo que o meu sermão ainda não esteja pronto (alguma vez ele está?). evito computadores, *e-mails* e trabalho relacionado à igreja. Passo a maior parte da sexta-feira fazendo outras atividades, como limpar a casa, consertar o carro, lavar roupas e pagar contas. tirar essas coisas do caminho me permite desfrutar com alegria do sábado.

O sábado nos chama a inserir o fazer nada em nossa agenda toda semana. Nada mensurável é realizado. eu alimento a minha alma.

Faço o que me dá vida. Paro com todos os “devo” e “preciso”. De acordo com os padrões do mundo, isso é ineficiente, improdutivo e inútil.

entretanto, é um dos dons mais fundamentais concedidos a nós por Deus para que possamos cuidar de nós mesmos.

A intenção máxima de Deus é que nossos outros seis dias de trabalho/atividade sejam inspirados pelas qualidades bíblicas do sábado — parar, descansar, deleitar-se e contemplar Deus. É desse lugar de descanso que nosso trabalho deve fluir.

Integridade no casamento Poucas pessoas estão dispostas a admitir o triste estado de muitos casamentos de pastores e líderes. A revelação poderia potencialmen-te abalar, pelo menos a curto prazo, algumas das igrejas que mais crescem.

As melhores conferências denominacionais e de liderança, bem como seminários e escolas, não nos treinam para termos casamentos que revelam o céu. ignoramos as pressões e os riscos exclusivos do ministério, presumindo erroneamente que teremos um casamento maravilhoso naturalmente se trabalhamos na obra de Deus.

O apóstolo Paulo entendeu que ministramos com base em quem somos. ele fez da qualidade do casamento uma exigência indispensável para a liderança da igreja, quando afirmou: “ele deve governar bem sua própria família, tendo os filhos sujeitos a ele, com toda a dignidade. Pois, se alguém não sabe governar sua própria família, como poderá cuidar da igreja de Deus?” (1timóteo 3.4,5). ele sabia que nossa capacidade de aplicar a Palavra ao nosso casamento é uma das coisas mais difíceis de fazer.

Esquecemos o princípio bíblico: Como anda o casamento do líder, assim anda a igreja. Se estamos preocupados demais para investir na nossa família, não conse-guiremos liderar uma igreja saudável. Se você é casado, sua primeira vocação é o seu cônjuge e depois os filhos que Deus concedeu a você.

Essa aliança tem prioridade sobre o ministério da igreja e as pessoas. esse é o único voto que você fará na terra. Como bem expressou mike mason: o problema com a maioria dos casamentos em crise é que os dois estão

tentando realizar coisas demais no mundo e, no processo, assim como marta em Lucas 10.42, eles negligenciam a “única coisa necessária”.

Depois do amor de Deus, a “única coisa” que é de longe a mais importante na vida de qualquer casal é o casamento deles [...]. Pois o casamento nada mais é do que um compromisso para a vida toda de amar apenas uma pessoa — de fazer o que for preciso para amar completamente uma pessoa.

Catorze anos atrás, Geri e eu assumimos o compromisso de investir no nosso casamento como prioridade da nossa vida depois de Cristo. Nosso calendário começou a refletir essa mudança. encontrávamos tempo exclusivo e sem interrupções todos e dias e semanas para estarmos plenamente presentes um para o outro. e estabe-lecemos o hábito de regularmente passar uma noite fora num hotel nas redondezas.

Paulo refere-se à união em uma só carne entre marido e mulher como uma sombra da união de Cristo com sua noiva, a igreja (efésios 5.31,32). Nosso casamento deve proclamar e refletir a nossa união com Cristo. Nossa união matrimonial deve ser um retrato, uma experiência de receber e dar o amor de Deus.

Isso tem enormes implicações no nosso discernimento da vontade de Deus, nas nossas prioridades e nos nossos limites. Por exemplo, cada vez que me comprometo a escrever um livro, Geri e eu conversamos sobre isso primeiro, uma vez que inevitavelmente ela será impactada por isso. Se ela disser: “esta não é uma boa hora para tal compromisso”, eu postergo. Amo e sinto o chamado de Deus para a New Life Fellowship Church. estou aqui há mais de vinte e dois anos.

Entretanto, se ela sentir que é tempo de Deus de sair de Nova York, receberei isso como parte do chamado de Deus para mim. em poucos meses, iniciaremos um terceiro culto no domingo à noite. Pregarei e participarei apenas uma vez por mês. uma das exigências para que a nossa igreja desse esse passo foi a formação de uma equipe de pregação. Sem ela,

reconhecemos que a qualidade do nosso casamento e da nossa família sofreria mais do que Deus desejaria.

É claro que a tentação de comprometer a integridade da nossa família permanece. mas como a nossa teologia do casamento como uma vocação — como um chamado e uma missão específica de Deus — aprofundou-se com o passar dos anos, essa tentação tem diminuído.

Integridade na liderança Durante anos, o conselho da nossa igreja, na sua revisão anual da minha função, perguntou-me como me sentia na minha posição de pastor presidente.

“Amo pregar, ensinar, passar uma visão e discipular as pessoas”, eu respondia, “mas Deus não me deu o dom da administração ou de conduzir uma organização. isso é frustrante”.

Eu continuava evitando tomar decisões pessoais, gerenciar a equipe e voluntários, escrever descrições de funções, tirar tempo para planejar as reuniões ou levar adiante detalhes de projetos. Via claramente as coisas que precisavam ser feitas, mas queria que outra pessoa as fizesse. “isso não é para mim”, dizia a mim mesmo.

Finalmente, uma série de acontecimentos convergiu para quebrar essa paralisia de vinte anos.

Primeiro, cheguei a um ponto de profunda frustração. o trabalho interno da nossa equipe não refletia as mensagens que eu pregava.

Não podia mais pregar um estilo de vida que a liderança da igreja não estava vivendo.

Nessa mesma época, Geri também desabafou: “Pete, acho que é uma questão de coragem, coragem da sua parte. Não estou culpando você. É difícil fazer o tipo de mudanças necessárias. tudo o que sei é que você está na posição para fazer isso, mas não está fazendo. Não está enfatizando os nossos valores de espiritualidade emocionalmente saudável com a equipe na medida necessária.

Você está zangado e ressentido. temos uma ótima igreja, mas...”.

Ela parou e, então, lançou a bomba.

“Acho que se trata de você. Você pode não ter o que é preciso para fazer o que tem de ser feito. talvez o seu tempo tenha acabado e outra pessoa precise aparecer e liderar.”

Fui exposto. embora palavras dela tenham doído, eu sabia que havia verdade nelas. Verdade seja dita, eu tinha medo de ser mal interpretado, de perder amizades, de que pessoas saíssem da igreja, de acabar com o nosso ímpeto. Passei o dia seguinte com Deus e as minhas anotações.

Sim, quero que apareça outra pessoa que “coloque a casa em ordem”, que faça o trabalho sujo de contratar, demitir, redirecionar e liderar a igreja através das mudanças dolorosas que estão adiante de nós. o meu pecado estava sempre diante de mim. eu via o que precisava ser feito. eram necessárias mudanças na nossa equipe ministerial. Algumas pessoas-chave não estavam encaixando-se adequadamente. outras não estavam desempenhando bem os seus papéis.

Eu preferia fazer as coisas fáceis como pregar e ensinar, mas a minha integridade estava em jogo. o impacto na igreja estava começando a aparecer. era hora de parar de tentar liderar a distância, parar de somente passar a visão e dar os passos para implementar os meus valores em todos os níveis da igreja. Finalmente, Deus tinha a minha atenção.

Duas semanas depois, incorporei formalmente a descrição de tarefas cabíveis ao pastor executivo à minha vida, determinado a aprender o papel. Cancelei compromissos para pregar fora da New Life, disse não a um possível contrato editorial e inscrevi-me em uma série de aconselhamento excelente para vasculhar os meus bloqueios “abaixo do *iceberg*”. Comecei a pregar menos, e passamos deliberadamente a ser uma equipe de ensino.

Durante o ano seguinte, descobri que as habilidades para realizar o trabalho executivo da igreja não eram difíceis de aprender. A verdadeira dificuldade estava em tirar tempo, meditar cuidadosamente “diante do Senhor”, reunir coragem para conversas difíceis e seguir todo o processo.

eu estava caminhando agora sobre a dolorosa e confusa verdade que poria em liberdade a New Life e eu.

Logo percebi que não gostava de sair de uma reunião e entrar em outra sem uma consciência de Deus. eu precisava de alguns minutos para fazer a transição de uma reunião para outra e comecei a separar esses minutos. eu dizia que a minha vida era Deus, mas com frequência dividia a liderança nas categorias sagrada e secular.

Eu dizia que tudo na vida era santo, mas tratava as funções executivas e de planejamento da liderança pastoral como menos significativas e sagradas do que a oração e preparar sermões.

Comecei a dizer não a novos compromissos se não finalizasse antes o que já estava fazendo. e, cada vez mais, passei a iniciar as reuniões com dois ou cinco minutos de silêncio para me ajudar a me aquietar diante de Deus. eu precisava disso!

Parte da minha integridade como pastor presidente relacionava-se à formação de uma cultura de liderança que vivia o que pregava. Portanto, desenvolvi uma "regra de Vida" para a nossa equipe pastoral. A palavra "regra" provém da palavra grega *trellis*. o propósito da regra de Vida para a nossa equipe pastoral era articular uma combinação única de práticas espirituais que proporcionariam a estrutura e a direção de que precisávamos para atentar e lembrar de Deus em tudo o que fazemos. essa regra está incluída como anexo. encorajo-o a ler e meditar sobre ela.

tornamos pública a nossa regra de Vida aos membros da igreja para que eles saibam que tipo de vida procuramos viver. Logo depois, os presbíteros seguiram o exemplo e desenvolveram a sua própria regra de Vida. em seguida, todos os membros da igreja também passaram a ter uma regra de Vida intencional.

Iniciando a jornada

Você pode estar pensando: "Pete, isso exigiria que eu mudasse completamente o meu modo de trabalhar no ministério. Quem é que tem

todo esse tempo para diminuir o ritmo? As coisas nunca serão realizadas assim!”.

Algumas poucas coisas essenciais precisam ser esclarecidas para que você possa seguir em frente.

Primeiro, você precisa render-se a Deus em confiança em vez de tentar ansiosamente fazer as coisas acontecerem. tanto a nossa carne como a nossa cultura alimentam o medo e o esforço próprio. Adão e eva trabalhavam e desfrutavam das suas realizações no jardim legitimamente. mas deviam parar e abrir mão da árvore do conhecimento do bem e do mal. eles deveriam confiar na bondade e no amor de Deus. e nós também. A falha em agir assim é a essência do pecado. Você e eu podemos mudar. Lembre-se do ensinamento de Jesus: “Para o homem é impossível, mas para Deus todas as coisas são possíveis” (mateus 19.26).

Em segundo lugar, o ponto principal não é transformar sua igreja, mas permitir que Cristo transforme você. À medida que sua vida interior é transformada, seu mundo exterior também mudará. integridade significa andar na verdade, a começar pelo que se passa no seu interior. esse tipo de honestidade exige grande coragem. Cristo entregou a vida dele criando um ambiente seguro de amor para nós, para que possamos ter um relacionamento genuíno e autêntico com ele.

Por fim, reconheça e aceite os seus limites. eles são um presente.

Você e eu não somos Deus. Não estamos no comando do mundo; ele está. Deus nos convida a relaxar, a desfrutar do fato de não estarmos encarregados do mundo, de que, mesmo quando morrermos, o mundo continuará sem nós.

Permita-me concluir convidando-o a iniciar esta empolgante jornada nos sete princípios de igrejas emocionalmente saudáveis.

Estes princípios são: 1. olhe abaixo da superfície.

2. Quebre o poder do passado.

3. Viva em quebrantamento e vulnerabilidade.

4. receba o dom dos limites.

5. Aceite o luto e a perda.

6. Faça da encarnação o seu modelo de amor.

7. Diminua o ritmo para liderar com integridade.

Este é o caminho para experimentar mais do céu na terra em nossa missão como pastores e líderes. A jornada começa agora mesmo, expandindo gradual e poderosamente da sua vida, depois da igreja, até atingir o mundo que sofre ao nosso redor.

PArte 4

PArA oNDe VAmoS DAQui?

PróximoS PASSoS em Direção À NoVA FroNteirA Do DiSCiPuLADo em certo sentido, somos todos como lagostas. A fim de crescer, a lagosta tem de se livrar da casca protetora velha e dura para que uma nova casca maior possa crescer. esse processo de abandonar a casca velha é chamado de muda. ela faz isso 25 vezes nos primeiros cinco anos de vida e uma vez por ano depois que se torna adulta.

É um processo feio e sujo. Sob pressão, a casca velha e dura se rompe. então, a lagosta fica de lado, flexiona os músculos e sai da casca rachada. Por um curto período — entre a saída da casca antiga e o endurecimento da nova —, a lagosta fica desprotegida, vulnerável aos elementos.

Igualmente, o nosso crescimento à semelhança de Cristo exige que nos livremos da casca protetora velha e dura e que permitamos que Deus nos leve a um lugar novo nele. É óbvio que ler um livro como este não assegura que uma pessoa ou igreja passará por esse processo. ele exige um comprome-timento de fazer o trabalho duro — um dia depois do outro.

Desejamos que todos na igreja cresçam à maturidade de Cristo, e isso inclui a saúde emocional. infelizmente, nem todos na igreja New Life Fellowship decidiram ir muito abaixo da superfície. isso é arriscado e assustador. A pregação estabelece um ambiente de segurança e graça que permite às pessoas irem além, mas isso não é suficiente.

Se você conseguir trabalhar em você mesmo, então, ao interagir com os outros, a igreja mudará. resumindo, se fizer o trabalho duro de permitir que Deus o transforme, todo o sistema mudará. este é o caminho que recomendamos: A jornada do pastor/líder **EsPiRiTuAlidAdE EMoCionAlMEnTE sAudávEl** ciclo dE vida do pastor/lídEr *1. Inicie a jornada* A coisa mais importante que podemos fazer é comprometermo-nos com a mensagem em nossa vida e aplicar pessoalmente os poderosos temas bíblicos explorados neste livro. Você deu este primeiro passo. Parabéns! Você também pode usar o livro complementar, disponível em língua inglesa, *Emotionally Healthy Church Workbook, Revised and Expanded Edition* (2010) [A igreja emocionalmente saudável, Livro de exercícios, edição expandida e revista] em seus momentos a sós com Deus. Visite www.emotionallyhealthy.org e comece a ler *Emotionally Healthy Spirituality* (Nelson, 2006) [*Espiritualidade emocionalmente saudável,* Hagnos, 2013]. esse livro é uma continuação que integra de forma única a espiritualidade contemplativa com a saúde emocional como meio indispensável para a genuína transformação em Cristo. Lembre-se de que lideramos com base em quem somos.

2. Apresente à liderança (Espiritualidade emocionalmente saudável em pequenos grupos) reúna um grupo pequeno dos líderes principais para trabalhar este tema e proporcione a seus líderes a experiência de ir "além da ponta do *iceberg*" em sua espiritualidade. isso serve a dois propósitos.

Primeiro, proporciona tempo e espaço para que você se aprofunde no material. em segundo lugar, permite que você introduza esses novos temas bíblicos a um grupo essencial antes de levar o assunto a toda a igreja.

3. Uma vida desacelerada e mais saudável / Novas habilidades uma espiritualidade emocionalmente saudável exige abandonar comportamentos prejudiciais, moldando e desfrutando de uma vida mais saudável. Você desejará aprender novas habilidades e agir de modo diferente como líder, tanto pessoalmente como em casa. Diminua o ritmo para ter mais tempo

para descansar, estar com Deus e com o seu cônjuge. Comece a explorar e experimentar guardar o sábado e o ofício Divino a fim de criar o hábito e o espaço em sua vida para que possa habitar em Cristo com mais consistência.

4. Introduza "Espiritualidade emocionalmente saudável"

para toda a igreja (iniciativa para toda a igreja) esta campanha de nove semanas para toda a igreja introduz cada líder, grupo caseiro, classe da escola dominical e cada culto de adoração aos poderosos conceitos da saúde emocional.1 Visite <www.

willowcreek.com> para encomendar o material para a campanha da igreja emocionalmente saudável [*Emotionally Spirituality Church Campaign Kit*]. esse material lhe proporcionará notas de ensino, materiais promocionais e de treinamento, DVD introdutório, um DVD para grupos menores, um livro de exercícios contendo oito sessões para grupos pequenos e um devocional de oito semanas que ajudará as pessoas a cultivarem intencionalmente o seu próprio relacionamento pessoal com Jesus.

5. Integre: Espiritualidade emocionalmente saudável e Regra de vida para a igreja À medida que guiar a sua igreja nesta jornada, lembre-se de que o processo é lento, não um conserto rápido. Jesus passou três anos em tempo integral com 12 pessoas e apenas 11 foram até o fim.

Além disso, elas precisaram de uma injeção de poder do céu para viver o que receberam!

Pense sobre criar uma regra de Vida para a sua liderança, o seu conselho ou para a congregação. talvez você queira pregar uma série de sermões relacionados que edifique esses assuntos poderosos ou oferecer recursos adicionais a sua igreja. Para uma lista de sugestões mais completa em língua inglesa, visite: www.emotionallyhealthy.org/resource/nextsteps.asp A decisão agora é sua. Jesus perguntou ao homem paralítico de João 5.6: "Você quer ser curado?". ele faz a mesma pergunta a cada um de nós.

integrar espiritualidade emocionalmente saudável a nossas igrejas significará grandes mudanças em nossa vida. Peça a Deus revelação e coragem para dar os passos que ele colocar a sua frente. o impacto na vida das pessoas será profundo, libertador e transformador.

Contudo, lembre-se: a mudança começa com você.

ANexo iGreJA NeW LiFe FeLLoWSHiP

EQuiPe PAStorAL — reGrA De ViDA *Nossas diretrizes para convivência* Cremos que o nosso ministério se desenvolve por meio de um chamado de Deus para nos separarmos do mundo com o propósito de oração. É por estar com Jesus que lideramos outras pessoas com um coração compassivo no cumprimento de nossa missão como igreja local. Assim como Davi, queremos pastorear o povo de Deus com "coração íntegro" e "com mãos experientes" (Salmos 78.72).

Entretanto, reconhecemos que a liderança revela o melhor e o pior em nós. De muitas formas, o crisol do ministério pastoral "apresenta-nos a nós mesmos". Afirmamos, como escreveu Parker Palmer, que "um líder é alguém com poder para projetar tanto sombra como luz em algumas partes do mundo e na vida de pessoas que habitam ali [...]. um bom líder precisa estar muito ciente da interação entre sombra e luz interior, a fim de que o ato da liderança não cause mais mal do que bem".

Em tal função, comprometemo-nos com a "regra" seguinte para nos manter centrados no Senhor Jesus e em seu chamado para nossa vida. Como escreveu Bento, 1.500 anos atrás, o propósito é que nosso "modo de agir deveria ser diferente dos caminhos do mundo; o amor de Cristo deve vir antes de qualquer outra coisa" (*Regra de São Bento* 4.20,21).

***Nosso ser* (*caráter*)** em essência, somos chamados a buscar a Deus acima de todas as coisas (Salmos 27.4), ou seja, sermos contemplativos e, daí, desenvolver o nosso ministério ativo. Ao mesmo tempo, como equipe pastoral na igreja New Life Fellowship, reconhecemos que Deus nos

chamou para levarmos Jesus Cristo à nossa cidade e ao mundo por meio do serviço em diferentes áreas.

Com liberdade sob sua graça, determinamo-nos a servir de modelo das qualidades de liderança estabelecidas pelo apóstolo Paulo em 1timóteo 3 — ser irrepreensível, moderado, respeitável, apto para ensinar, hospitaleiro, amável, pacífico, não apegado ao dinheiro e que governe bem a sua própria família ("Pois, se alguém não sabe governar sua própria família, como poderá cuidar da igreja de Deus?", 1timóteo 3.5). Quer casados, quer solteiros, ministramos com base em nos-so estado civil; se somos casados, a nossa aliança de casamento tem precedência sobre o trabalho na New Life Fellowship.

Somos como "anciãos que ensinam", enquanto nosso Conselho de Presbíteros serve como "anciões que governam". Por isso, procuramos servir de modelo para o rebanho de Deus do tipo de vida que Cristo deseja que o seu povo viva: "Cuidem de vocês mesmos e de todo o rebanho sobre o qual o espírito Santo os colocou" (Atos 20.28).

Consideramos a vocação de pastor como um chamado elevado e uma responsabilidade dada por Deus. Assim como ensinou Gregório de Nazianzo em cerca de 370 d.C., "É grande, de fato, a responsabilidade do ofício pastoral, e ninguém deveria entrar nesse ofício sem examinar profundamente as suas intenções e capacidade, sem ter lutado contra o chamado frente às exigências sagradas do ofício e da fragilidade da humanidade".

O nosso objetivo, como equipe pastoral, é ser um organismo vital com um espírito satisfeito. embora vivamos em um mundo repleto de necessidades incessantes, desejamos servir a Deus com um "espírito tranquilo e alegre" de uma forma pacífica e harmonio-sa — não agitada, febril ou confusa. Não nos consideramos perfeitos, de forma alguma; reconhecemos os momentos em que foi difícil viver nossa "regra de vida", mas nosso compromisso é com a honestidade e a franqueza, pedindo ajuda

quando precisamos e vivendo em quebrantamento e contrição de coração (Salmos 51.17).

Ao mesmo tempo, queremos compreender quem somos e quem não somos, nossos limites e potenciais. o chamado pastoral envolve liderar por meio do potencial singular que Deus nos deu. Desejamos que todos os membros da equipe da New Life Fellowship de-sempenhem papéis condizentes com seu autêntico ser e sua família.

Como pastores, líderes e servos deste rebanho em especial, devemos regularmente perguntar a nós mesmos: Quais limites de minha natureza dada por Deus preciso receber como dom? Há limites diante de mim que Deus está me pedindo para quebrar porque são resultado de meus defeitos de personalidade ou de meu "falso eu"?

Esses limites e potenciais são um dos meios que Deus usa para falar conosco e revelar o papel que estamos capacitados a assumir na obra que fazemos para ele na New Life. esse discernimento do espírito Santo vem, cremos, de conselhos sábios, de olhar para si mes-mo e daqueles com autoridade sobre nós.

Aquilo que fazemos **(** ***atividade*****)** Ao usar os seus talentos dados por Deus, os nossos membros trabalham e servem como voluntários motivados por um senso de paixão e missão. Nós também trabalhamos e servimos motivados por um senso de paixão e missão; todavia, atuamos em um relacionamento dual com o conselho da New Life Fellowship e a congregação como "funcionários". Na verdade, temos pelo menos três funções na comunidade da New Life Fellowship: somos membros da família, líderes na família da igreja e funcionários. esses papéis carregam desafios ao nos relacionarmos uns com os outros e com a New Life Fellowship.

todos os anos, somos separados pelo Conselho de Presbíteros para servir ao corpo na New Life Fellowship de maneira única. tra-balhemos tempo integral ou meio expediente, recebemos um salário para desempenhar esse

chamado especial livres das restrições de outro emprego. o corpo como um todo nos sustenta financeiramente para que possamos nos dedicar a servir ao corpo — orando, pastoreando e equipando os santos para a obra do ministério (efésios 4.11,12). esse é nosso privilégio e alegria.

Cada pessoa que é chamada e convidada a fazer parte da equipe da New Life é valorizada como um presente de Deus. Ansiamos por ver cada um dos membros da equipe crescendo e frutificando em suas respectivas funções.

Ao mesmo tempo, o conselho de presbíteros é responsável pela administração dos recursos da igreja em nosso ambiente dinâmico e variável. o nosso chamado de Deus para a liderança pastoral poderá durar a vida inteira, não obstante nosso serviço na New Life Fellowship.

Entretanto, reconhecemos que as necessidades e os desejos da igreja podem mudar com o tempo. Por isso, nossa posição como funcionários está sujeita à direção de Deus para a igreja, a seus recursos e à eficácia da nossa liderança. Além disso, cada um de nós está sujeito a revisões periódicas da sua função, do seu cargo e do seu contrato.

Regra de vida específica

A seguinte "regra de Vida" expressa nossas diretrizes deliberadas para manter Deus no centro de tudo o que fazemos — para buscar o "amor de Cristo" acima de tudo mais. em uma cultura que não respeita o ritmo de Deus para a vida, procuramos viver um equilíbrio entre oração, descanso, trabalho e comunidade. essa "regra"

Oferece diretrizes para o tipo de liderança que buscamos personifi-car, bem como um fundamento para a cultura de relacionamentos que queremos edificar e viver.

Oração

1. Escritura. Nossa vida é edificada na Palavra de Deus. ela é nosso alimento e fonte principal de revelação de Deus.

Passamos tempo todos os dias com a escritura, buscando a face de Deus, habitando em sua presença e orando sua Palavra.

2. Silêncio e solitude. Junto com incorporar silêncio e solitude em nossa rotina diária, passamos pelo menos um dia por mês em silêncio com Deus.

3. Ofício Divino. Nada deve estar acima da obra de Deus (regra de São Bento). Fazemos uma pausa para estar com Deus de duas a três vezes por dia a fim de nos lembrar dele, passar tempo em comunhão com ele, preferencialmente com a escritura, em silêncio, meditação e oração.

4. Estudo. Crescemos constantemente e prosseguimos aprendendo sobre Jesus, bem como sobre nossos valores especiais (saúde emocional, espiritualidade contemplativa, reconciliação) e área específica do nosso chamado em Cristo.

Descanso

5. Dia de descanso. todas as semanas, separamos um período de 24 horas para guardar o sábado do Senhor, estrutu-rando nosso tempo ao redor das quatro características do sábado bíblico: Parar, Descansar, Deleitar-se e Contemplar.

também separamos pelo menos metade de um dia por semana para realizar as "tarefas" normais da vida e limitar o nosso trabalho na New Life Fellowship. Confiamos que Deus edificará a sua igreja e guardamos o sábado como uma disciplina de formação essencial em nossa vida.

6. Simplicidade. Planejamos um percentual a ser dado (usando o dízimo como diretriz mínima) ao ofertar à obra de Deus na New Life Fellowship. Administramos os nossos recursos materiais de uma forma que honre a Deus e evite as armadilhas e tentações da cultura ocidental (por exemplo, dívidas, jogos de azar etc.) à medida que vivemos os princípios básicos de nosso Curso de Bom Senso (isto é, doar, economizar, equilibrar um plano de gastos e planejar).

7. Passatempos e recreação. temos uma vida além da New Life Fellowship para termos equilíbrio e saúde. reconhecemos as épocas e os

ritmos da liderança e o ano da igreja e planejamos intervalos compensatórios de acordo. Nós inse-rimos a “diversão” saudável em nosso discipulado e tiramos férias todos os anos para permitir que o solo da nossa vida seja refeito e receba de Deus novos “nutrientes” ao tirarmos pequenos períodos sabáticos com os quatro princípios de parar, descansar, deleitar-se e contemplar.

Trabalho

8. Serviço e missão. outra questão crítica para um serviço saudável é ter expectativas claras e realistas. É vital mantermos uma discussão aberta sobre as expectativas e permitir modificações no percurso à medida que nos adaptamos aos desafios do nosso ambiente que está sempre mudando. Junto com nossos supervisores e com o conselho de presbíteros, atualizamos regularmente as nossas funções e os nossos objetivos para atender aos desafios. então, em tudo o que fazemos como líderes pastorais, podemos continuar a levar outras pessoas a Cristo. Dessa forma, “todo o corpo, ajustado e unido pelo auxílio de todas as juntas, cresce e edifica-se a si mesmo em amor, na medida em que cada parte realiza a sua função” (efésios 4.16).

9. Cuidado com o corpo físico. entendemos que o cuidado com o nosso corpo físico também faz parte do nosso discipulado. Procuramos cuidar regularmente do nosso templo corporal com hábitos de alimentação saudáveis, exercícios e quantidade suficiente de sono, respeitando os nossos limites dados por Deus.

Relacionamentos **10. Saúde emocional.** estamos comprometidos com um modelo de formação espiritual que inclui a pessoa como um todo, inclusive o componente emocional, como pessoas que levam a imagem de Deus. Acolhemos as habilidades e os comportamentos que enfatizam nossa teologia sobre o amor (1Coríntios 13). em nossos relacionamentos, procuramos falar diretamente, com clareza, respeito e honestidade.

Nosso objetivo é encarnar como Cristo e ouvir com atenção. evitamos fazer suposições sem as conferir primeiro.

Negociamos nossas diferenças e esclarecemos as expectativas em todos os nossos relacionamentos. e, assim como Cristo, procuramos estar disponíveis, principalmente diante da ansiedade, nossa ou de outras pessoas.

11. Família. Cremos no valor equivalente do chamado de Deus para solteiros e casados. Concordamos com a escritura a respeito do dom de ser solteiro para a liderança (1Coríntios 7.25-40). tanto Jesus como Paulo eram solteiros. Ao mesmo tempo, entendemos os limites e grandes potenciais da aliança de casamento para nosso trabalho e decisões pessoais.

Desejamos casamentos de qualidade por meio dos quais podemos ministrar aos outros. Se somos casados, o nosso cônjuge faz suas próprias escolhas e possui suas necessidades e seus desejos independentemente de nós. Nós asseguramos essa ideia. Nossa expectativa em relação ao casamento e à vida familiar é de honestidade e transparência com aqueles que Deus estabeleceu como autoridade sobre nós.

12. Comunidade. Nosso papel como membros da família, líderes da família da igreja e funcionários carregam em si um desafio único. esse relacionamento complexo exige graça, maturidade, sabedoria e discernimento. encorajamos todos os membros da equipe a relacionarem-se com pessoas maduras fora da New Life Fellowship; esses relacionamentos podem ser com um diretor espiritual, um mentor, um conselheiro ou um amigo maduro, dependendo das necessidades especiais da pessoas e do período de vida com Deus.

Ao embarcarmos nesta jornada, vamos relembrar da excelente introdução de São Bento a sua regra (Prólogo 49): “Não sejam in-timidados imediatamente pelo medo e fujam da estrada que leva à salvação. Pode parecer estreita no começo. mas, à medida que progredimos no caminho da

vida em fé, correremos na trilha das ordenanças de Deus, com nosso coração transbordando com o inexpri-mível regozijo do amor".

BiBLioGrAFiA Allender, Dan, and tremper Longman iii. **Cry of the Soul: How Our emo-tions reveal Our Deepest Questions about God** . Dallas: Word: 1994.

Chittister, Joan. **Wisdom Distilled from the Wisdom of Saint Benedict today**. San Francisco: Harper San Francisco, 1990.

Cloud, Henry. **Changes That Heal: How to Understand Your Past to en-sure a Healthier Future**. Grand rapids: Zondervan, 1992.

Cloud, Henry, and John townsend. Limites: Quando dizer sim, quando dizer não. São Paulo: Vida, 1999.

Crabb, Larry. Oração: o refúgio da alma. São Paulo: Vida, 2008.

Dawn, marva, and eugene Peterson. **O Pastor desncessário**. São Paulo: mundo Cristão, 2001.

Ford, Leighton. **The attentive Life: Discerning God's Presence in all Things**. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2008.

Foster, richard. **De dentro para fora: sua vida pode mudar para valer se estiver disposto a começar**. Belo Horizonte: Betânia, 1992.

Friedman, edwin H. **Generation to Generation: Family Process in Church and Synagogue**. New York: Guilford, 1985.

Gire, Ken. Janelas da alma. São Paulo: Vida, 2003.

Goleman, Daniel. **Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente**. rio de Janeiro: objetiva, 1996.

Howatch, Susan. **Glittering Images**. New York: Alfred A. Knopf, 1987.

Lerner, Harriet. ***T*he Dance of anger: a Woman's Guide to Changing the Patterns of Intimate relationships**. New York: HarperCollins, 1997.

MacDonald, Gordon. **Ponha ordem no seu mundo interior**. Belo Horizonte: Betânia, 1988.

Manning, Brennan. **abba's Child: The Cry of the Heart for Intimate Be-longing**. Colorado Springs, Co: NavPress, 1994. revised edition, 2002.

Mason, mike. **O mistério do casamento**. São Paulo: mundo Cristão, 2005.

McGoldrich, monica. ***Y*ou Can Go Home again: reconnecting with Your Family**. Scranton, PA: Norton, 1997.

Merton, Thomas. **New Seeds of Contemplation**. New York: New Directions, 1987.

Mueller, Wayne. **Sabbath: Finding rest, renewal, and Delight in our Busy Lives**. New York: Bantam, 1999.

Nouwen, Henri J. m. **In the Name of Jesus: reflections on Christian Leadership**. New York: Crossroad/Herder & Herder, 1989.

— . **The return of the Prodigal: a Meditation on Fathers, Brothers and Sons**. New York: Doubleday/Image, 1994.

Palmer, Parker. **a Hidden Wholeness: The Journey toward an Undivided Life**. San Francisco: Jossey-Bass, 2004.

— . **Let Your Life Speak: Listening for the Voice of Vocation**. San Francisco: Jossey-Bass, 2000.

Peterson, eugene, **Under the Unpredictable Plant: an exploration in Vocational Holiness**. Grand rapids: eerdmans, 1992.

Richardson, ronald. **Creating a Healthier Church: Family Systems Theory**. minneapolis: Augsburg, 1996.

Rolheiser, ronald. **The Holy Longing: The Search for Christian Spirituality**. New York: Doubleday, 1999.

Scarf, maggie. **Intimate Worlds: Life inside the Family**. New York: ran-dom House, 1995.

Scazzero, Geri, eu desisto. São Paulo: Vida, 2014 (no prelo).

Scazzero, Peter. **The Daily Office**. Barrington, iL.: Willow Creek Publishing, 2009.

— . **espiritualidade emocionalmente saudável: desencadeie uma revolução em sua vida com Cristo**. São Paulo: united Press; 2013.

— . Various teachings are available at www.emotionallyhealthy.org. Sittser, Gerald. **a Grace Disguised: How the Soul Grows through Loss**. Grand rapids: Zondervan, 1995.

Stephens, r. Paul. **Doing God's Business: Meaning and Motivation for the Marketplace**. Grand rapids: eerdmans, 2006.

Swenson, richard. ***T*he Overload Syndrome: Learning to Live within Limits**. Colorado Springs: NavPress, 1998.

— **Margin: How to Create the emotional, Physical, Financial, and time reserves You Need**. Colorado Springs: NavPress, 1992.

Wolterstorff, Nicholas. **Lamento por um filho**. Viçosa: ultimato, 1997.

AGrADeCimeNtoS

tenho pensado, refletido e lutado para integrar saúde emocional e espiritual por quase quinze anos com minha melhor amiga e esposa, Geri. Aprendemos juntos essas lições de Deus ao longo de vários anos. muitas das revelações deste livro são dela.

tenho tentado trabalhar essas verdades bíblicas em nossa família com nossas quatro filhas em meio a nossa cidade, igreja e bairro multiétnico e internacional. Obrigado Maria, Christy, Faith e Eva.

Este livro também é consequência da nossa participação na New Life Fellowship Church no Queens, Nova York, onde tenho sido pastor pelos últimos vinte anos. Crescemos juntos nos bons e maus momentos. obrigado, família da New Life, por sua vulnerabilidade e por confiar a mim suas preciosas histórias. Vocês são muitos para que eu possa mencionar os nomes aqui. Quero expressar minha gratidão à equipe, aos presbíteros, líderes e família da New Life — principalmente àqueles que têm estado comigo desde o início.

O que posso dizer da sua paciência e bondade? obrigado.

Agradeço também a Ron Vogt e ao Recovery Hope por nos lançarem nesta jornada e a Leighton Ford, que tem sido meu mentor por quase duas décadas. também estou agradecido a Peter e Carol Schrek e manfred

Brauch, professores no programa Doctor of mi-nistry do Seminário Teológico Palmer. Deus usou vocês para levar este livro ao nível seguinte por meio do seu exemplo notável de como integrar o amor pela escritura com a saúde emocional. Agradeço especialmente a Dan Shin por sua assistência no questionário sobre maturidade emocional/espiritual.

Por fim, sou especialmente agradecido a você, Warren Bird, por seu trabalho duro e seu dom em administração e organização que mantiveram este projeto, e a mim, em movimento do início ao fim.